Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Informação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Frederico Ramos Oliveira

A CIRCULAÇÃO DA FÉ NA MÍDIA SOCIAL:
crenças em reelaboração

Goiânia
2015

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Informação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Frederico Ramos Oliveira

A CIRCULAÇÃO DA FÉ NA MÍDIA SOCIAL:
crenças em reelaboração

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Comunicação, Cultura e Cidadania.

Linha de Pesquisa: Mídia e Cultura.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Signates

Goiânia
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

(Responsável: Filipe Reis)

O48c

Oliveira, Frederico Ramos.

A circulação da fé na mídia social [manuscrito] : crenças em reelaboração / Frederico Ramos Oliveira. - 2015.

186 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Signates.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, 2015.

1. Mídia Social. 2. Fé. 3. Crenças. 4. Corpo I. Título.

CDU: 316.77

Frederico Ramos Oliveira

A CIRCULAÇÃO DA FÉ NA MÍDIA SOCIAL:
crenças em reelaboração

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação para obtenção do título de Mestre em Comunicação, aprovada em 17 de setembro de 2015 pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Luiz Signates
Universidade Federal de Goiás
Orientador;

Prof. Dr. Daniel Christino
Universidade Federal de Goiás
Professor Convidado;

Prof. Dr. Alberto Moreira
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Professor Convidado.

Goiânia
2015

sistema de bibliotecas ufg

UFG

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **[X] Dissertação** **[ ] Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Frederico Ramos Oliveira				
E-mail:	freddroliveira@gmail.com				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? [**X**]Sim [ ] Não					
Vínculo empregatício do autor					
Agência de fomento:				Sigla:	
País:	Brasil	UF: GO		CNPJ:	
Título:	A circulação da fé na mídia social: crenças em reelaboração				
Palavras-chave:	Religiosidade. YouTube. Sentido religioso. Comunicação.				
Título em outra língua:	Faith circulation in social media: a reelaboration of beliefs				
Palavras-chave em outra língua:	Religiousness. YouTube. Religious meaning. Communication.				
Área de concentração:	Comunicação, Cultura e Cidadania				
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	17/09/2015				
Programa de Pós-Graduação:	Mestrado em Comunicação				
Orientador (a):	Prof. Dr. Luiz Antônio Signates Freitas				
E-mail:	signates@gmail.com				
Co-orientador (a):					
E-mail:					

3. Informações de acesso ao documento:

Liberação para disponibilização?[1] [X] total [ ] parcial

Em caso de disponibilização parcial, assinale as permissões:

[ ] Capítulos. Especifique: _____

[ ] Outras restrições: _____

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O Sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Frederico Ramos Oliveira

Assinatura do (a) autor (a)

Data: 20/10/2015.

[1] Em caso de restrição, esta poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Todo resumo e metadados ficarão sempre disponibilizados.

Agradecimentos

Os falantes da língua portuguesa decidiram expressar sua gratidão em termos de obrigação. Dizer “obrigado” é garantir que, um dia, você retribuirá aquele favor. Prefiro não assinar esta promissória, ciente que nunca conseguirei pagá-la. Deste modo, falo em graças que recebi e pelas quais fui abençoado. É até um conceito religioso, o que combina com o objeto desta pesquisa.

Afinal, graça é favor imerecido e certamente tenho sido abençoado. E não há papel no mundo que comporte a contagem destas bênçãos. Caso alguma delas fique de fora, peço que perdoe meu esquecimento que, certamente, não reflete ingratidão.

Tento traçar, em poucas linhas, aquilo que enche um coração de alegria.

Em primeiro lugar, sou grato a Deus, princípio e fim de todas as coisas. Suas bênçãos e amor sem fim se manifestam de muitos modos. Um deles, minha família. Ao meu pai, Osdilson, minha mãe, Lourdes, a minha irmã Nurayme: eu sinceramente não tenho condições de retribuir tanto amor, carinho e paciência. Estendo minha eterna dívida aos meus avós, meus tios e tias que estiveram sempre apoiando em todo empreendimento.

Aos amigos, que também sacrificaram-se para apoiar-me, toda a gratidão. Érick, Lorena, há quase uma década sempre perto; Michael, sempre companheiro até mesmo no sofrimento das transcrições, Karol, Lucy e Jéssika, aguentado as ausências, aos Lucas, pelo apoio de muitos modos. Danielly, consegui terminar! Obrigado pelo apoio. Fernanda, sempre dando forças e orando por mim e também a Rafael, a amizade em regime de EaD mais profícua e verdadeira que há. Rafa, nunca conseguimos começar a sessão dos clássicos ou outros planos, mas acho que temos certeza que é só porque o tempo certo de Deus para tanto ainda não chegou.

Daqueles que conheci no mestrado, registro a amizade intensa, verdadeira e a que sou muito grato da grande Jan, com quem dividia sempre as angústias do mestrado. Ao querido Filipe, que me inspira com tanta dedicação e por saber onde quer chegar. Ao estimado Yuri, principalmente pelo humor e pela sensação compartilhada de que as coisas estavam difíceis e ao Bruno, amigo pra todas as horas. Todos, a seu tempo colunas que me sustentam. Também o carinho e abraços quentinhos de Arendelle, onde Elcha e Yasmim sempre auxiliariam e ainda auxiliam.

Agradeço também ao professor Luiz Signates, que tão generosamente dispõe seus conhecimentos e dedica seu tempo a auxiliar aqueles a quem dá aulas. Este trabalho é o que é por causa de meu orientador. Também estendo os meus

agradecimentos aos professores Alberto Moreira e Daniel Christino que, desde a qualificação, apontam dicas e soluções muito úteis.

Estendo meus agradecimentos também à professora Dayse Pires, da Faculdade de Letras, que é irmã em Cristo, grande apoio e amizade desde a graduação. Aos professores Juarez Maia e Rosana Borges, que já na graduação moviam esforços para auxiliar-me. Também a professora Flora Ribeiro, que me orientou a iniciar o mestrado. Ainda, à professora Suely, tão humana e que não mede esforços para ajudar quem solicita algo. Inúmeras vezes ela contribuiu durante estes dois anos, embora não sei se tenha se dado conta disto. Ainda, à professora Andrea Santos, que tem contribuído em novas caminhadas.

Agradeço, por fim, à sociedade brasileira, que há muito financia meus estudos. Fui aluno do sistema S, sou estudante de uma universidade federal desde 2009. Também fui tutor da Universidade Aberta do Brasil e recebi apoio em projetos por parte da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. Certamente entendo a urgência e a necessidade de manter e lutar em prol de uma educação pública, gratuita e de qualidade. E posso dizer que, apesar dos problemas, há também excelência em muitos resultados.

Ao término desta tentativa de anotar todas as bênçãos recebidas, tenho certeza que esqueci de muitos nomes. Peço perdão e agradeço novamente à Deus por tanta misericórdia e graça ministrada a mim, que certamente não mereço. Em especial, pelos milagres que Ele conduziu para que eu conseguisse defender este trabalho.

A todos vocês, a gratidão imensa do meu coração.

Existe uma teoria que diz que, se um dia alguém descobrir exatamente para que serve o Universo e por que ele está aqui, ele desaparecerá instantaneamente e será substituído por algo ainda mais estranho e inexplicável.

* * *

Existe uma segunda teoria que diz que isso já aconteceu.

Douglas Adams, em *O Restaurante no fim do Universo*

A CIRCULAÇÃO DA FÉ NA MÍDIA SOCIAL: CRENÇAS EM REELABORAÇÃO

Frederico Ramos Oliveira

A mídia social é um espaço importante em nossos tempos, no qual surgem novas comunidades. A religiosidade tem participado destas comunidades e tem sido transformada pela economia destas mídias sociais. A partir da análise de conteúdo de dez vídeos do gênero *vlog* e seus comentários, aponta-se para a existência de dinâmicas específicas de legitimação no YouTube. O conteúdo religioso concede certa legitimidade ao *vlogger* religioso, contudo, também se depende de outros elementos para sua manutenção, como o modo como se fundamenta, a proximidade entre o conteúdo e as ideias do usuário e a aparência do vlogueiro. O *vlog* é um gênero do YouTube que agenda discussões, mas também é agendado. Oferece condições de um debate qualificado, quando os interlocutores concordam em obedecer a uma ética da comunidade. Neste espaço, o conteúdo religioso não somente é divulgado, mas discutido e reelaborado. Um fato social é problematizado, forja ideais éticos que influenciam a formulação de interditos, reelaborações e intervenções. Estes são aspectos da circulação do sentido religioso no YouTube.

Palavras-chave: Religiosidade. YouTube. Sentido religioso. Comunicação.

FAITH CIRCULATION IN SOCIAL MEDIA: A REELABORATION OF BELIEFS

Frederico Ramos Oliveira

Nowadays, social media has become an important social space in which emerges new communities. Religiousness participates in these communities while is transformed by these social media's economy. By content analysis of ten videos from vlogs, and their comments, it appoints that there are some specific dynamics to legitimate someone on YouTube. Religious content contributes sharing legitimacy to its preachers, as the religious vlogger. However, it also rely on other elements as how one presented his own argument, if it is similar to user's ideas, and the way a vlogger looks. A vlog is a YouTube gender and spread a debate about a theme, but also can be record after a community call. It offers specific conditions for a qualified discussion when the youtubers agree to obey the community ethic. In the social media, the religious content is publicized, discussed and is elaborated again. An act of reflection about social facts creates some ethic ideals. They change what is considered forbidden and how this notion is conceived and how it is questioned. This are some aspects of religious meaning circulation in YouTube.

Keywords: Religiousness. YouTube. Religious meaning. Communication.

Lista de figuras

Figura 1 - Layout da página de vídeos do YouTube.....46
Figura 2 - Circulação do sentido religioso no YouTube.....133

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Participação geral por confissão religiosa. 51
Gráfico 2 - Participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre vida privada (geral). 85
Gráfico 3 – Participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre ansiedade e depressão.....85
Gráfico 4 – Participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre sexualidade 86
Gráfico 5 – Teor dos comentários feitos nos vídeos sobre vida privada (geral). 86
Gráfico 6 – Teor dos comentários feitos nos vídeos sobre ansiedade e depressão. 87
Gráfico 7 – Teor dos comentários em vídeos sobre a sexualidade. 87
Gráfico 8 - Participação por confissão religiosa nos vídeos que discutem as relações entre religião e sociedade. 108
Gráfico 9 - Teor dos comentários em vídeos que discutem as relações entre religião e sociedade 108

Lista de quadros

Quadro 1 - Vídeos analisados.....50
Quadro 2 – Formas de fundamentação percebidas na análise. 58
Quadro 3 - Sentidos sobre as questões psicológicas e sua circulação. 101
Quadro 4 - Sentidos sobre a sexualidade e sua circulação. 101
Quadro 5 - Sentidos sobre a vida pública do religioso. 127

Sumário

INTRODUÇÃO 14

1 – MODERNIDADE, TRADIÇÃO RELIGIOSA E MÍDIA 17
1.1 Um projeto ambivalente 17
1.1.1 Narradores em extinção e os novos portadores da tradição 19
1.1.2 Racionalização e desencantamento 21
1.2 Algumas hipóteses 26
1.3 Por que a comunicação? 29

2 – MÍDIAS SOCIAIS, LEGITIMAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDO 34
2.1 Das mídias sociais 34
2.1.1 O YouTube 37
2.2 Proposta metodológica 48
2.2.1 A análise de conteúdo 52
2.2.2 Práticas metodológicas complementares 53
2.2.3 Os *vlogs* 55
2.3 O debate no YouTube 57
2.3.1 Formas de argumentar 57
2.3.2 Citações 65
2.3.3 Restrição identitária 67
2.3.4 Outras dinâmicas 68
2.4 Aspectos da legitimação dos *vloggers* 69
2.4.1 Fundamentação 69
2.4.2 Proximidade 73
2.4.3 Aparência 74
2.4.4 Legitimações complexas 75

3 – DAS CASAS DE VIDRO AO YOUTUBE 77
3.1 Identidade e autenticidade 78
3.2 Hipervisibilidade e controle 80
3.3 A ambiguidade em relação ao corpo 83
3.3.1 Ideais 88

3.3.2 Interdições 89
3.3.3 Reelaborações 91
3.3.4 Intervenções 97
3.4 Considerações da análise 99

4 – RELIGIÃO E SOCIEDADE 105
4.1 A vida pública do religioso 105
4.2 Análise dos vídeos 107
4.2.1 Ideais 109
4.2.2 Interdições 113
4.2.3 Reelaborações 117
4.2.4 Recomendações 121
4.3 Imagem da Igreja Protestante 122
4.3.1 Falta de cuidado com o fiel 122
4.3.2 Contradição entre pregação e ação 124
4.4 Aplicabilidade da ética cristã 125

5 – CRENÇAS EM REELABORAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS 129

Referências bibliográficas 138

Anexos .....
Anexo A – Bíblia Freestyle – #45 – Ansiedade e depressão .....
Anexo B – Bíblia Freestyle - #46 – Missão Integral .....
Anexo C – Bíblia Freestyle – Rapidinha #11 .....
Anexo D – Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja .....
Anexo E – Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico .....
Anexo F – Fabiana Bertotti – Crente tem depressão? .....
Anexo G – Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação .....
Anexo H – Fabiana Bertotti – O cristão e a política .....
Anexo I – Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais .....
Anexo J – Fabiana Bertotti – Você é um crente legal? .....

INTRODUÇÃO

Na década de 1930, Walter Benjamin afirma que o narrador, aquele que porta experiências e as transmite para outras pessoas, estava em extinção. O narrador é o camponês, que de sua vivência na região, traz à tona a experiência acumulada por sua memória. Outro tipo de narrador é o marinheiro, que por suas viagens pelos mares, também adquiriu sabedoria, mas em locais diferentes.

O que Benjamin descrevia era a supressão das experiências autênticas na modernidade por outros modelos de transmissão da tradição. Destacava-se a informação, produto da mídia; sendo que essa última se apropriaria da tradição, a reincorporando em outros contextos e a ancorando em outros territórios. Deste modo, a tradição manteve-se na modernidade, em uma dinâmica complexa que envolve ressignificações e negociações diversas. Apesar disto, uma certa nostalgia e sensação de incompletude parece um sintoma crônico do projeto moderno.

Pouco tempo após o vaticínio de Benjamin, um outro modelo de sociedade começava a se constituir. Os fatores de seu surgimento são discutidos, mas poucos contestam o imperativo de visibilidade que hoje toma conta da vida social. Combine-se à hipervisibilidade as mídias sociais, que, embora não completamente democratizadas, já trazem novas possibilidades ao usuário. Não somente se consome informação, mas também se produz.

As fronteiras entre o privado e o público continuam sólidas, mas cada vez mais transparentes. Como os muros de vidro, que permitem que se veja o interior e o privativo, mas mantém sua cisão. Paradoxalmente, o acesso a questões da vida privada é cada vez mais fácil, mas somente às coisas que se deseja publicar. Experiências sociais são compartilhadas, mas agora quem narra é mais protagonista que narrador.

A tradição também encontra destaque nos tempos de visibilidade. Nas mídias sociais, o padrão da hipervisibilidade estimula a confissão e a assunção pública da religiosidade. Os diversos sentidos religiosos estão cada vez mais disponíveis, para que possam ser experimentados, assumidos ou rejeitados. Em uma dinâmica que já tem sido estudada, até mesmo instituições religiosas têm adentrado às mídias e à internet social e permitido o acesso do conteúdo religioso de outras formas.

A disposição dos diversos conhecimentos humanos – a filosofia, a religião, a ciência e o senso comum – tem um papel essencial na formatação de um modelo de

sociedade e das subjetividades. Formam uma economia de sentidos com dinâmicas e reflexos pouco previsíveis. Em tempos de disponibilidade e visibilidade agigantadas, as ambiências que se formam a partir destes conhecimentos são cada vez mais híbridas e negociadas. Mas, o que ocorre quando isto se dá no espaço de uma mídia social?

Esta dissertação pesquisa a circulação dos sentidos religiosos dentro do YouTube. Nascido na Web 2.0, a plataforma rendeu-se ao modelo social (Web 3.0) e envolve uma comunidade de mais de um bilhão de usuários e pelo menos 61 idiomas. A terceira mídia mais usada no Brasil, o YouTube tem no *vlog* um de seus gêneros mais eficazes. Com aparência de intimidade, é tecnicamente mais fácil de ser produzido e envolve uma abordagem direta ao espectador.

Aqui procura-se compreender melhor as dinâmicas envolvidas na circulação, interpretação e reelaboração de sentidos religiosos em *vlogs* desta rede social. O usuário que posta em seu canal um vídeo com conteúdo religioso é legitimado pela tradição que procura representar e divulgar? Quais dinâmicas envolvem a legitimação e a circulação de sentido no YouTube?

O primeiro capítulo discute o ambíguo projeto moderno e suas implicações no deslocamento do religioso para outras instâncias, como a mídia. A tradição é apropriada por esta, que a reorganiza. E, na contemporaneidade, com uma presença da mídia nas interações humanas cada vez mais constante, a sociedade parece se reencantar. No entanto, é um processo secular, que resulta de diversos fatores.

No segundo capítulo são discutidas as dinâmicas de legitimação nas mídias sociais, considerando especialmente os *vlogs* religiosos do YouTube. Apresenta-se ainda a proposta metodológica que guiou esta pesquisa. A partir de critérios específicos, se analisa 10 vídeos de três canais religiosos (Bíblia Freestyle, Dois Dedos de Teologia e Fabiana Bertotti) e 625 comentários, procurando compreender dinâmicas específicas de legitimação e a economia de sentidos naquela mídia social. Ainda se apresenta uma análise da imagem dos *vloggers*. O segundo capítulo também aborda as condições do debate e modos de argumentar no YouTube. Apontam-se ainda dinâminas presentes na legitimação naquela mídia social.

O terceiro capítulo debruça-se sobre a relação entre o projeto da hipervisibilidade, a construção da identidade, formas de controle e discurso religioso nas mídias sociais. A partir da análise de cinco vídeos e seus comentários, se demonstra os sentidos relacionados à experiência de si e ao tratamento do corpo.

Procura-se observar em que sentidos o conteúdo religioso nas mídias sociais influencia questões privadas de fiéis e não-religiosos.

Por sua vez, o quarto capítulo discute as negociações que existem na relação entre religião e sociedade secular. A partir da análise de outros cinco vídeos e seus comentários, destaca-se como religiosos e não-religiosos veem o relacionamento destas duas instâncias. Segue-se uma análise da imagem da Igreja Protestante, a partir do que é expresso nos comentários.

O último capítulo faz um apanhado geral desta dissertação e discute os resultados de pesquisa. A relação entre os autores e o que foi percebido na análise é apontada. Por fim, discute-se no que a análise demonstra dinâmicas da religião na contemporaneidade e em sua participação nas mídias.

1 – MODERNIDADE, TRADIÇÃO RELIGIOSA E MÍDIA

A sociedade sem narradores a que Benjamin se referia não era alheia à tradição, mas sim, deficiente em experiências autênticas. É fruto do projeto moderno, que, por sua vez, nasce de um contexto plural. Este capítulo se propõe a apontar alguns caminhos teóricos que embasam esta dissertação.

1.1 Um projeto ambivalente

A sociedade medieval guarda pouca semelhança com a dos tempos atuais. Troeltsch (1912) a define como civilização eclesiástica, aludindo à crença na imediata revelação divina e na Igreja Católica como encarnação da mesma. Deste modo, o poder temporal era influenciado pela religião, já que se entendia que esta era a intervenção imediata do divino no mundo dos homens. A modernidade, segundo o autor, é uma racionalidade que se opõe a civilização eclesiástica.

O projeto moderno, porém, é ambíguo[1] e negociador de sentidos. Embora rejeite-se o pensamento medieval de desprezo às coisas deste mundo e cresça a preeminência de uma racionalidade secularizada (TROETLSCH, 1912), não se despreza a tradição. A relação entre tradição e modernidade, segundo Thompson (1998), é complicada e paradoxal, estando distante de uma simples antítese. Existem apropriações que o projeto moderno faz destas tradições e a própria modernidade mitificou-se e formatou outro modelo social, não sem conflitos e perdas.

A modernidade é fruto de um contexto plural. A formação dos estados nacionais europeus, a discussão humanista e iluminista, diversas outras correntes filosóficas e contextos sociais, aliados a uma tradição ressignificada. O Renascimento, as navegações, a imprensa, as revoluções burguesas, a Revolução Francesa e muitos outros fatores formataram o novo projeto. Thompson (1998) destaca alguns elementos envolvidos na formação da sociedade moderna.

Na economia, a superação do feudalismo, o acúmulo do capital e sua aplicação para melhoria dos sistemas de produção e do número de mercadorias produzidas, assim como aumento nos trabalhadores assalariados. Deste modo, foram sendo criadas as condições sociais que levariam à completa mudança das relações de produção e, por consequência, das relações sociais. A Revolução Industrial surge

[1] Ao tratar a modernidade como um projeto ambivalente, aponta-se que o projeto moderno não teve os mesmos resultados nas culturas em que foi introduzido. Deste modo, é possível falar em modernidades múltiplas, que divergem em alguns pontos daquilo expresso no projeto moderno.

dentro de um sistema econômico capitalista e os novos métodos de produção por ela introduzidos permitiram um exponencial aumento de capacidade produtiva. Neste contexto, manteve-se a estabilidade da propriedade privada. (THOMPSON, 1998).

Por sua vez, o estado nacional é outra característica da modernidade. Em contraste com a Europa medieval, que era politicamente fragmentada, o número de unidades políticas foi reduzido pela força de guerras e outros meios de controle de inimigos externos e internos. Surgiram tributos com caráter impositivo, a fim de financiar a unidade política que nascia. Cada unidade política acabou criando seus próprios métodos de administração e governo e, deste modo, alcançou sua soberania. Não se pode esquecer, também, do projeto expansionista das grandes potências. (THOMPSON, 1998).

A identidade nacional, por sua vez, seria forjada por meio de diversos símbolos e em processos complexos. A intenção era juntar populações diversas que haviam sido incorporadas à força em uma mesma unidade política através de um sentimento de identidade nacional. O nacionalismo, o fortalecimento das línguas vernáculos promovido pela imprensa e outras bandeiras contribuíram para que este sentido de pertencimento fosse formado. (THOMPSON, 1998).

Por fim, Thompson (1998) destaca como a modernidade alterou a organização do poder simbólico. O declínio da influência da Igreja Católica Apostólica Romana é consequência de diversos fatores como o fortalecimento dos estados nacionais e a Reforma Protestante, que fragmentaram a autoridade religiosa. Por outro lado, instituições de ensino e conhecimento secularizados expandiram-se, e a ciência desvinculou-se da tutela da Igreja.

Thompson destaca a importância do advento da imprensa e das tecnologias da comunicação. Segundo o autor, estes avanços tiveram grande influência na formatação de um projeto cultural da modernidade.

> Os modelos de comunicação e interação se transformaram de maneira profunda e irreversível. Estas mudanças, que incluem o que chamaríamos de ‘mediação da cultura’, tinham uma base cultural muito clara: o desenvolvimento das organizações da mídia que apareceram primeiramente na segunda metade do século XV e foram expandindo suas atividades a partir de então. (THOMPSON, 1998, p. 49).

Diante deste contexto, o homem assume o centro, entendendo-se como senhor de si e arquiteto de suas possibilidades. A busca pela racionalização da vida se fortalece, tendo consequências na forma como a tradição religiosa era vista e,

também, forjou um modelo de ciência. Por outro lado, a ambiguidade do projeto moderno não ficou sem consequências. A seguir, são apresentados algumas destas.

1.1.1 Narradores em extinção e os novos portadores da tradição

Em 1933, Walter Benjamin vaticina a morte do narrador. Para ele, a narração estava em vias de se extinguir, dada a incapacidade de se narrar apropriadamente. Segundo Benjamin (1987), a narração é fruto da experiência que passa de pessoa para pessoa (tradição oral). Tem geralmente um senso utilitário – uma moral implícita, ou outra função – e o narrador é um homem que sabe dar conselhos.

Para Benjamin (1987), se hoje a descrição do que é o narrador soa antiquada, é porque as experiências são cada vez menos comunicáveis. Em outras palavras, a narrativa é a expressão da experiência pessoal comentada para outras pessoas. O conhecimento narrativo carregaria consigo a sabedoria, que não é nada mais que o "conselho tecido na substância viva da existência", conceitua Benjamin (1987, p. 200). Por sua vez, a morte da narração seria consequência da ascensão do romance e da informação.

O romance está intimamente ligado a imprensa, ao livro. Não procede da tradição oral, ou da experiência, ao contrário da narrativa. É a expressão do *ethos* burguês e tornou arcaico qualquer expressão de narração. Benjamin (1987) ainda acusa a informação, como forma que ameaça a narrativa. Segundo o autor, até mesmo o romance entra em crise após o advento da informação.

Enquanto a autoridade do saber estava validada mesmo quando não fosse experimentada por quem nela acreditava, a informação parte de uma noção de verificação imediata de plausibilidade. "Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio", aponta Benjamin (1987, p. 203). A informação tem forte vínculo com o presente e com a atualidade e deve ser plausível, verossímil e verificável. (BENJAMIN, 1987; SIBILIA, 2008). Caso alguma destas exigências sejam rompidas, não tem valor.

Por outro lado, a narração trata o extraordinário e o miraculoso, mas não revela o contexto psicológico da ação. Deste modo, a interpretação é mais livre que naquilo que é somente informado. No entanto, em função do caráter do romance e da informação, o narrador que se baseava na tradição oral estava em vias de se extinguir. (BENJAMIN, 1987).

Thompson (1998) destaca quatro aspectos da tradição. Para o autor, ela forma uma estrutura mental que permite entender o mundo (aspecto hermenêutico) e ser um princípio do passado que orienta para ações e crenças do presente (aspecto normativo). Pode servir como um modelo para o exercício do poder (aspecto legitimador). Por fim, fornecem elementos simbólicos para que se forme tanto a identidade individual como coletiva (aspecto identificador).

O simples descarte da tradição, num processo de modernização compulsório e acelerado, pode levar ao fundamentalismo, como lembra Habermas (2013). Enquanto as perdas ocasionadas pela modernidade foram 'compensadas' em outras culturas[2], a modernização acelerada não apresenta consolo ao declínio das formas tradicionais. Ainda de acordo com Habermas, "o mais decisivo é que se bloqueia, por meio dos sentimentos de degradação, a transformação espiritual que se expressaria politicamente na separação entre religião e Estado". (2013, p. 3).

Deste modo, o projeto moderno não conseguiu abrir mão da tradição. No entanto, a colocou em novos contextos e a ancora em outras unidades territoriais diversas da de origem. (THOMPSON, 1998). A morte do narrador benjaminiano parece descrever este processo. É também o resultado de uma mídia que difunde e usa a tradição, enquanto a despersonaliza. Uma mídia que assume o papel de substrato 'material' da tradição. (THOMPSON, 1998).

O narrador benjaminiano era o responsável por manter a tradição. Com o advento "dos meios de comunicação, a formação e a transmissão da tradição se tornou cada vez mais dependente das formas de comunicação que perderam o caráter face a face", descreve Thompson (1998, p. 172). Estas formas mediadas garantiriam uma continuidade temporal sem a necessidade da reconstituição oral. (THOMPSON, 1998).

Talvez esta seja uma das explicações possíveis à presença de conteúdo religioso na mídia e, até mesmo, o fato de muitas igrejas possuírem seus próprios veículos de comunicação. É preciso considerar, no entanto, que esta presença reconfigura não somente as formas de exercício religioso, mas também a própria

[2] Habermas (2013) explica que nem mesmo a Europa (berço do projeto moderno) está livre de sentimentos ambivalentes quando estão em debate questões como engenharia genética (e, recentemente, na França, o casamento gay). Isto é fruto de uma dialética inconclusa do processo de secularização ocidental.

tradição. Thompson (1998) destaca algumas consequências da transmissão da tradição pela mídia e não nas interações face a face, como antes.

Uma delas seria uma desvalorização dos ritos. Como a atualização da tradição por meio destes não é mais o único elemento de reconstituição, eles têm sua importância reconfigurada e se atualizam. Mas, como lembra Thompson (1998), este processo não exclui que a tradição também se perpetue nas interações face a face. Até mesmo porque os produtos da mídia podem agendar algumas destas relações.

Thompson (1998) ainda descreve uma dinâmica de despersonalização e repersonalização da tradição. Como esta é agora mediada, se desvincula da figura do narrador que a pregava. Adquire certa autoridade e autonomia, cuja existência independe de indivíduos que encarreguem-se de a transmitir para as próximas gerações. Por outro lado, a mídia eletrônica – especialmente a TV e, atualmente, as mídias sociais – poderiam, com algumas limitações, renovar a ligação entre a autoridade da tradição e quem a transmite. (THOMPSON, 1998).

Em outras palavras, trazer parte da aura de narrador a estes indivíduos. Isto se realizaria, contudo, por meio de uma interação mediada, o que implicaria em algumas perdas. É possível dizer que parte da autoridade tradicional, como postulou Weber, seja delegada aquele que prega a tradição. No entanto, tal autoridade será questionada por aqueles que receberam a tradição por outras fontes.

1.1.2 Racionalização e desencantamento

A racionalidade moderna e seu modelo científico deslocaram o lugar da tradição. O narrador é substituído pela informação, que é qualificada e, caso não resista às tentativas de falseamento, é descartada prontamente. A tradição perde grande parte de seu aspecto hermenêutico, que o mito científico tenta assumir – sem, contudo, muito sucesso.

Neste contexto de ressignificação da tradição e valorização da racionalidade científica, a influência da religião no mundo social se modifica. A desvalorização do mágico está ligada à formatação do novo modelo de sociedade e um ideal progressista. São processos que são refletem o projeto da modernidade e também têm consequências para a própria modernidade. A superação do modelo medieval e a formação de uma sociedade da ‘razão’.

Troeltsch (1912) aponta um engajamento moderno em opor-se à civilização eclesiástica, substituindo os ideais desta por outros que podem ser logicamente

discutidos. É a civilização cartesiana, em que as respostas devem resistir às possibilidades de refutação e assentar-se em certezas verificáveis. O senso religioso é deslocado da esfera pública para o mundo privado. “A infabilidade divina e a intolerância eclesiástica deram, necessariamente, lugar a tolerância e ao relativismo humano”, conforme Troeltsch (1912, p. 19, tradução do autor[3]).

Comenta Fergusson que

> a preeminência social das igrejas desapareceu em uma cultura mais plural que estima as escolhas individuais de estilo de vida e tende a perceber o compromisso religioso como algo agora restrito a um domínio privado ou subcultural. A antiga opção da ascese tem sido descrita pejorativamente como a ‘tentação sectária’. A igreja pode manter sua identidade encurralando seus membros em subgrupos fortemente definidos nos quais eles são socializados nos modos das autênticas formas de vida cristã. (FERGUSSON, 2004, p. 4, tradução do autor[4]).

Weber (2000) percebe, na modernidade, a partir de uma ascese intramundana característica do protestantismo, a formação do espírito capitalista[5]. Para o autor, este era um dos reflexos do desencantamento do mundo, processo que Weber vê como pré-condição para o *ethos* protestante. O desencantamento envolveria a hierarquização das religiões e a racionalização do mundo pela ciência e técnica. (PIERUCCI, 2003). Deste modo, o mundo é destituído de um caráter mágico que lhe era imanente.

Habermas[6] aponta que

---

[3] ”Divine infallibility and ecclesiastical intolerance necessarily give place to human relativity and toleration”. (TROELTSCH, 1912, p. 19).

[4] “The social pre-eminence of churches has disappeared in a more pluralistic culture that esteems individual life-style choices and tends to perceive religious commitment as now restricted to a private or subcultural domain. The former option of withdrawal has been described pejoratively as ‘the sectarian temptation’. The church can maintain its identity by corralling its members into tightly defined subgroups within with they are socialized in the ways of authentic Christian life forms” (FERGUSSON, 2004, p. 4)

[5] Comenta Pierucci (2003) que “o asceta intramundano é um racionalista” (p. 97). O autor explica que tal característica exige do fiel o abandono do que é irracional, então rejeita-se a magia na ascese intramundana. O que importam são ações, assim as graças divinas não têm tanto valor na economia de sentidos do protestantismo pesquisado por Weber. “O asceta intramundano é um racionalista prático todo dia, não de segunda a sábado, mas de segunda a segunda”, como explica Pierucci (2003, p. 99).

[6] Embora exista um olhar objetivado e despersonalizante sobre a natureza, não se descrevem seres humanos deste modo. Para Habermas (2013), isto é fruto de autocompreensão pré-científica que têm os sujeitos que conseguem falar e agir. As ações do ser humano não são analisadas apenas em sua origem ou descritas: elas também podem ser justificadas porque são orientadas para um fim. “A crença cientificista em uma ciência que possa um dia não somente complementar, mas *substituir* a autocompreensão pessoal por uma autodescrição objetivante, não é ciência, é má filosofia. Mesmo o senso comum esclarecido cientificamente não será privado por nenhuma ciência de, por exemplo, julgar

> se olharmos com Max Weber para o começo do “desencantamento do mundo”, vemos o que está em jogo. Na medida em que a natureza se torna acessível à observação objetivante e à explicação causal, ela é despersonalizada. (HABERMAS, 2013, p. 9).

A instrumentalização do mundo reflete um novo modo de entender o mundo, que surge da ciência que naturaliza o mundo social, de modo diverso daquele da religião. (PIERUCCI, 2003). É preciso considerar que a ciência, por sua composição, não trabalha com um imperativo teleológico, um “dever ser”, restringindo-se a um aspecto ontológico – as coisas como de fato são. Deste modo, o projeto científico falha quando tenta forjar uma visão de mundo que dê sentido à existência.

Surge a noção de progresso, que de certo modo procura suprir tal lacuna. Um progresso a ser alcançado na técnica, e não no senso ético. Outro aspecto do desencantamento é que a religião se intelectualiza. A superação do animismo por uma hierarquização do sagrado – a instituição religiosa tem as chaves dos céus, passa a administrar a graça divina e a distribuir de acordo com regulamento próprio – reflete uma separação de mundo material e espiritual. No calvinismo, tal situação avança: apenas os eleitos recebem a graça divina e a igreja deixa o papel de intermediária entre mundo espiritual e temporal e torna-se apenas a congregação dos santos. (PIERUCCI, 2003; WEBER, 2000).

Weber (2000) chega a denunciar um protestantismo de fachada, com caráter mais ético que salvífico. A ascese intramundana coloca a confirmação da salvação do fiel nas ações deste. O desligamento dos prazeres do mundo e o envolvimento naquilo para que se foi vocacionado eram exigências da nova ascese. Isto culmina numa valorização do trabalho como modo de desligar-se do mundo, auxiliar o próximo e, assim, glorificar a Deus.

Pierucci (2003) aponta que o asceta intramundano é racionalista, o que levaria à rejeição da magia neste tipo de ascese. Como os sinais da eleição – ações e características específicas, como a piedade, por exemplo - é que importam, as graças divinas teriam sido desvalorizadas neste exercício da religião protestante. Cria-se ainda uma relação entre o ‘bom testemunho’ do fiel e a glória de Deus. (WEBER, 2000).

---

como devemos lidar com a vida humana pré-pessoal sob descrições da biologia molecular que tornam possíveis as intervenções da engenharia genética”. (HABERMAS, 2013, p. 13-14, itálico no original).

Hoover (2006) aponta um momento religioso contemporâneo em que cada vez menos pessoas dizem pertencer a uma denominação, mas não necessariamente ateus ou agnósticos. Para o autor, esta geração sente maior responsabilidade por suas vidas espirituais e religiosas que seus pais. De algum modo, é possível relacionar o projeto do *ethos* protestante à religiosidade contemporânea. Contudo, é preciso considerar que diversos elementos estão envolvidos neste fenômeno.

Habermas (2013) pontua que a secularização não é um jogo em que a ciência só torna-se vitoriosa à custa da perda da religião, em um resultado sempre favorável ao projeto moderno. É preciso considerar que a ciência não consegue reproduzir com qualidade o aspecto hermenêutico da tradição. Deste modo, as instituições do ambivalente projeto moderno – sendo a religião protestante uma delas – promoveram reorganizações que garantiram sua manutenção, ainda que sobre outras condições. Não é possível falar em um desencantamento totalitário, assim como não se têm condições para apoiar a ideia de um reencantamento.

1.1.2.1 A religião se reorganiza

Uma das instâncias que passaram a abrigar a tradição foi a mídia, segundo Thompson (1998). Este processo não é tão somente fruto do projeto moderno como, em certa instância, foi uma apropriação da própria religião. O surgimento da prensa de Gutemberg foi acompanhado do apoio da Igreja Católica, que via nas novas técnicas de reprodução textual a possibilidade de produzir cópias de trabalhos teológicos, liturgia e da Bíblia. A expansão das impressoras por toda a Europa dificultou o controle sobre o que era difundido e, como consequência, surgiria o Índice de Livros Proibidos[7]. (THOMPSON, 1998).

Por sua vez, os reformadores também utilizaram-se da imprensa, que é uma das causas do sucesso da Reforma Protestante. As 95 teses de Lutero só tiveram tanta penetração porque foram distribuídas na língua vernácula. Segundo Thompson (1998), se acredita que toda a Alemanha tenha conhecido o documento em uma quinzena e a Europa inteira conheceria as teses em dezembro daquele ano (1517). Um continente iletrado que teve acesso às informações do mundo impresso através

[7] Index librorum prohibitorum, promulgado inicialmente em 1559, com revisões e atualizações contínuas. O índice teve efeito por cerca de quatro séculos. (THOMPSON, 1998).

da leitura em voz alta em cafés, em reuniões públicas para discutir questões sociais e toda uma série de novas relações sociais fortalecidas pela imprensa.

A mídia impressa tornou-se ainda estratégica na evangelização de outros países. Segundo Campos (2004), o início das atividades de grupos protestantes no Brasil foi marcado pela chegada de missionários que divulgavam livros religiosos, distribuíam Bíblias e literatura protestante por grande parte do país. Com o advento das mídias eletrônicas, os evangélicos – primeiramente nos Estados Unidos e depois pelo mundo – iniciam uma ocupação do espectro eletromagnético e estimulam a Igreja Católica a fazer o mesmo.

Mudanças no padrão de consumo e as novas técnicas e estrutura da mídia a encaminharam a uma segmentação demográfica e classista, como aponta Hoover (2006). O declínio de um modelo de mídia dominante foi acompanhado pelo aumento de produtos e formas midiáticas disponíveis, direcionadas a um público específico. Deste modo, aumenta o número de canais especificamente religiosos ou que usam o conteúdo religioso com interesses espirituais ou outros propósitos.

As mídias sociais não são alheias a este processo. A religião tem participado também nestas, mas não é apenas uma estratégia institucional. No YouTube, os *vlogs* e canais religiosos são dirigidos por leigos e clérigos. É este o objeto desta pesquisa.

Thompson (1998) demonstra que há consequências neste processo. Klein (2006), por exemplo, comenta que até mesmo o protestantismo, por definição iconoclasta, tem aderido às imagens midiáticas: a aparência e o modo de falar das lideranças parece cada vez mais importante em sua legitimação. Mas estas não são as únicas consequências do processo. Thompson (1998) apontava que a tradição se tornaria cada vez mais dependente da mídia para se manter / propagar.

A mídia é uma dimensão necessária e inescapável da vida moderna. Para Hoover (2006), esta se tornou uma língua franca e espaço comum da experiência e prática social e cultural. Ele entende que a mídia provê recursos simbólicos para a religiosidade e espiritualidade contemporâneas. “Há bastante evidência que demonstra que a mídia passou a definir os termos através dos quais ideias e interesses espirituais e religiosos são formados, moldados e comunicados”, disse Hoover (2006, p. 284, tradução do autor[8]).

[8] “There is much evidence here that the media have come to define the terms through which religious and spiritual interests and ideas are formed, shaped, and conveyed”.

O autor ainda aponta que as indústrias de mídia e a difusão (*broadcasting*) imaginaram o conteúdo religioso de modo sem precedentes. Parte disto em função da segmentação da audiência e de uma mídia cada vez mais presente. No final do século XX, começa a se discutir uma mídia menos “monolítica” e mais responsável a atender o interesse público. Assim, explica Hoover, a mídia secular não realiza a inspeção que antes realizava ao religioso, embora surjam uma diversidade de programas e serviços midiáticos que envolvem tal conteúdo. (HOOVER, 2006).

Quando isto se alia a uma diversidade de questões sociais e culturais no mundo da religião, emerge um mercado religioso midiático mais extenso. Hoover (2006) demonstra que a mídia secular tem respondido por parte do conteúdo religioso difundido por diversos meios. É possível dizer que, de certo modo, até mesmo as mídias confessionais tem alterado sua lógica e produzindo conteúdos em gêneros e formatos que parecem mais secularizados. Hoover (2006) descreve uma convergência entre mídia e religião.

“A mídia, com a linguagem própria e a lógica econômica que a caracterizam, já é a maior fonte de informações sobre a religião”, concorda Moreira (2008). O autor discute o deslocamento do religioso, que pode refletir a transformação da religiosidade. As funções da religião no campo cultural estariam sendo assumidas por outras instituições e instâncias sociais, do ou para o mercado. Novos especialistas (seculares) sobre a religião ascendem e disputam lugar com os sacerdotes.

Estes especialistas também operam o aspecto hermenêutico da tradição, mesmo sem partilhar seu ideário. São jornalistas, terapeutas, cientistas, escritores e outros profissionais. É o culto ao corpo, à eficiência administrativa, ao esporte e às celebridades. (MOREIRA, 2008).

Deste modo, a aparente revalorização do conteúdo religioso não é um processo contraditório às orientações do projeto moderno. O “reencantamento” é secular, tendo em vista que não é uma volta ao modelo eclesiástico de sociedade definido por Troeltsch. A preeminência das religiões nas questões civis não é reconquistada. É a partir desta noção que este trabalho caminha.

1.2 Algumas hipóteses

A sociedade sem narrador a que Benjamin se referia não era alheia a tradição, mas sim carente em experiências autênticas. As histórias do romance burguês e as informações que estampavam os jornais podiam até ser verdadeiras, mas não

envolviam um caráter coletivo e utilitário tão forte como a narração. Uma espécie de nostalgia acompanhou a modernidade e, na intenção de superar tal sentimento, surge uma tendência de valorizar das questões do mundo privado, que é, em certo sentido, desvelado.

Esta ambiguidade do projeto moderno manifesta-se na apropriação da tradição pela mídia e passa a ser elencada por conveniência. Ritos se desvalorizam, se despersonaliza e repersonaliza a tradição, que ganha certa independência de seus narradores. Neste processo, o sentido religioso também perde parte de sua eminência, deslocando-se da vida pública para questão da vida privada.

As instituições religiosas também se reorganizaram, assumindo outras estratégias e fazendo também uso da mídia. Em um contexto em que a mídia torna-se dimensão inescapável da vida moderna (HOOVER, 2006), estar presente nela é garantia de visibilidade. Cabe apontar também que a mídia passa a reproduzir conteúdos antes restritos a religião, operando um aspecto hermenêutico.

Após o Panótico, surgem os muros de vidro como ideia arquitetônica. Keen (2012) afirma que vive-se um tempo de hipervisibilidade. O social tornou-se palavra de ordem e a visibilidade é símbolo de poder e *status* na contemporaneidade. As imagens de si assumem uma importância que supera a do ser, tornam-se recursos de avaliação e controle; o mundo privado tem recebido cada vez mais espaço através da mídia. Por hipervisibilidade, Keen refere-se "ao homem que é sua própria imagem no mundo digitalmente conectado está ao mesmo tempo em todo lugar e em lugar algum" (2012, p. 22).

A visibilidade, no entanto, é ambígua: é difícil dizer até onde é fruto da autonomia do sujeito e até onde não é fruto de uma conjuntura que acaba exercendo controle sobre o mundo privado. Nesta nova sociabilidade, as redes tornaram-se suporte – que resiste ao tempo e subverte o espaço – para os pensamentos íntimos, agora acessíveis ao mundo. E, conforme Keen (2012), é por este caminho que se quer conduzir a mídia: ao império do social em que a solidão é ‘eliminada’. E, quanto mais se é visível, parece que maior é a dificuldade em ser percebido.

Atuando sobre a vida privada, a hipervisibilidade também reconfigura a vida social e as condições de discussão e debate de temas. Nasce – e também reflete – de um modelo de mídia e sociedade. A hipervisibilidade não é uma ruptura, mas sim um estágio do projeto moderno. O social parece viver seus tempos áureos e

transforma instituições e, também, a tradição. O conteúdo religioso tem sido influenciado pelo hipervisível de diversas formas.

A partir dos *vlogs* religiosos do YouTube e os comentários esta pesquisa procura observar qual é o papel deste tipo de conteúdo naquela mídia social. Procura-se conhecer também as dinâmicas de legitimação aos *vloggers* e conteúdos e, por fim, o que isto diz acerca do papel do religioso em nossos dias.

Diante do que foi exposto neste capítulo, traçam-se algumas hipóteses. No decorrer desta dissertação, estas propostas serão debatidas.

A primeira hipótese é a que as mídias sociais têm dinâmicas próprias e complexas de legitimação. Quando há conteúdo religioso envolvido, este empresta parte de sua autoridade a quem o defende. Esta autoridade, no entanto, está dentro dos limites da comunidade religiosa. Por outro lado, quando se desrespeita o *ethos* da comunidade do YouTube, nem mesmo a autoridade emprestada da religião resiste. É importante observar, ainda, que a legitimidade que vem da tradição pode ser facilmente perdida, quando se defende algo muito progressista. Por fim, esta autoridade reflete a segmentação do público do YouTube.

A segunda hipótese é que as mídias sociais assumem tanto um caráter de agenda como confessionário. Nelas, o privado é exposto, sem que seu acesso deixe de ser restrito – continua sendo controlado por quem deseja expor sua privacidade, que define quem, como e por quanto tempo pode acessar o privativo. O autêntico o os comentários testemunhais são valorizados fortemente no YouTube.

O protagonismo do mundo hipervisível é percebido naquela mídia social a partir dos vídeos e comentários. Desvela-se o privado, que se agiganta. Há contudo, que se pensar se este desvelamento não pode refletir uma tentativa de propagar a tradição, um compartilhar das experiências buscando assumir o papel do extinto narrador. Uma sede pela experiência do autêntico que, diante das condições de produção do testemunho confessional nas mídias sociais, não é saciada. Mas, se o narrador benjaminiano não é resgatado, outro tipo de narração – o narrador personagem – mantém seu espaço e revigora o projeto da hipervisibilidade.

A terceira hipótese compreende que a religiosidade tornou-se uma responsabilidade pessoal, restrita ao mundo privado do indivíduo. No entanto, o conteúdo religioso ainda pretende-se universalista, envolvendo também instâncias da vida social. Deste modo, a religião ainda discute questões do mundo social, sua

organização política e milita em favor de suas posições. Aqui não se refere apenas às instituições, mas, especialmente ao papel de cada fiel neste 'agendamento' religioso.

Por fim, a quarta hipótese aponta que as condições de diálogo no YouTube estão muito ligadas a condições estabelecidas pela própria comunidade. Entende-se que o debate é rico e abrangente, mas é entrecortado pelas dinâmicas envolvidas na postagem de respostas, pelo envolvimento de diversos usuários, layout daquela mídia, entre outros temas. O que se acredita é que os vídeos têm caráter agendador e o debate a que levam estende-se não somente no YouTube ou na internet, mas também fora dali. Ainda, percebe que determinadas formas de argumentação e tipos de usuário não são bem recebidos naquela comunidade.

Também se crê que, quando é do interesse de determinado grupo em um debate, se apela ao fato do conteúdo ser segmentado e se questiona porque o interlocutor está consumindo aquele tipo de conteúdo, se não participa do mesmo grupo. Mas, como se sabe se alguém faz ou não parte de um grupo específico? A partir de seus comentários, suas postagens em seu canal e outras marcas. Existiriam elementos e discursos que demarcam a identidade de grupo.

Mas, por que realizar esta pesquisa na comunicação?

1.3 Por que a comunicação?

Existe uma dificuldade relativa a constituição da comunicação como ciência. Não diz respeito à constituição do campo, já que para Braga (2001), estas são restrições arbitrárias. Martino (2001) já havia destacado que a Lógica e a Filosofia, embora alheias à ciência, não perdem com este afastamento. O problema que envolve a comunicação, contudo, é a falta de definição de um objeto de estudo.

Nas bancas de revista, as manchetes denunciam o desastre da falta de comunicação para a vida conjugal. A troca de informações entre computadores é, para alguns, comunicação. Também entram na lista a relação entre instituições e seus *stakeholders*, a interação com seres metafísicos, a relação entre mídia e 'receptor', aquilo que o 'corpo-mídia' transmite e até mesmo a simples conversa. Assim, não se comunicar – ou assumir que não se sabe comunicar[9] – tornou-se angustiante.

[9] Vem à mente o comentário de Descartes (2001) sobre o fato de todos assumirem-se capazes de julgar. Conforme o autor, seria inverossímil que todos estivessem errados. Então, aqueles que assumem que têm a capacidade de comunicar-se são, de fato capazes. Há um potencial para se comunicar. A questão, então, é: todos exercem esta habilidade de se comunicar?

Braga alerta que “a comunicação, espalhando-se como objeto por todas as áreas, estando em todas as pautas, não está em lugar nenhum”. (2001, p. 14). É preciso escolher angulações e objetos que identifiquem a área. Para Braga, é específico da comunicação um modo de olhar. Enquanto nas outras áreas ela é um processo a partir do qual intenta-se algo (uma visão instrumentalizada apenas), no estudo comunicacional procura-se apontar como a comunicação organiza e decorre dos objetivos e objetos do humano. (BRAGA, 2001).

Uma possibilidade de resolver este problema seria uma revisão crítica das teorias já propostas, aliada a uma tentativa de adaptação a realidade atual. Não somente uma revisão bibliográfica, mas operada a partir de uma compreensão da constituição do campo científico no contexto em que cada teoria surgiu. Quando se fala em adaptação, não se propõe uma atualização, mas sim que se verifique o que ainda faz sentido, comprove-se a falibilidade das proposições.

A noção de comunicação a partir da qual este trabalho se desenvolve é a de que ela é a circulação de sentidos entre enunciação e reconhecimento. É caracterizada por algum nível de reciprocidade e operada a partir e dispositivos tecnosimbólicos. A comunicação está restrita a esta circulação, não sendo possível exercer julgamentos e interpretações subjetivas, tampouco futurologias. Para entender esta proposta, é importante considerar alguns apontamentos de Saussure e Benveniste.

Segundo Saussure (2006), a língua é diferente da linguagem. A língua pode ser percebida quando uma imagem auditiva liga-se a um conceito. Uma parte da linguagem exterior ao indivíduo, social, que não pode ser por ele criada ou modificada. É um contrato social, que é aprendida na infância. É homogênea, constituída pela união do sentido e de uma imagem acústica, partes psíquicas.

O signo linguístico, aponta Saussure (2006), é a união de um conceito e imagem acústica, respectivamente, significado e significante. O significante é arbitrário em relação a seu significado, não havendo necessariamente uma ligação com o mundo atual[10]. No entanto, depois que começa a materializar o conceito, raramente muda. Isto não demonstra, contudo, imutabilidade do mesmo.

“O signo está em condições de alterar-se porque se continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha [...] o princípio de alteração se

[10] Mundo em oposição ao virtual.

baseia no princípio de continuidade", explica Saussure (2006), para quem a língua é uma instituição social. O autor destaca que ela manifesta-se em uma realidade social. Benveniste (1976) diria que Saussure transformou a ciência da linguagem e que todo linguista o deve algo.

Benveniste lembra que a terapia psicanalítica opera a partir do que é enunciado, dos discursos do paciente. Uma terapia de linguagem, que pelo "fato de ser verbalizada e, assim, assumida por aquele que fala de si mesmo; a sua expressão é a da linguagem; a relação do analista ao sujeito, a do diálogo", diz Benveniste (1976, p. 83). O universo da palavra, como aponta o linguista, é a subjetividade.

O autor aponta que a língua "fornece o instrumento de um discurso no qual a personalidade do sujeito se liberta e se cria, atinge o outro e se faz reconhecer por ele". Ainda, é uma "estrutura socializada, [...] um sistema comum a todos" (BENVENISTE, 1976, p. 84). É um instrumento de organização social e do mundo, relativa a noção do atual e refletindo esta atualidade. Já a linguagem seria o discurso, que tanto traz uma mensagem como é instrumental.

É preciso destacar distinções entre o sentido na língua e na linguagem. Em relação a língua, trata-se do fato que todo significante está relacionado a um significado. Em relação à linguagem, que, conforme Benveniste (1976), se refere ao mundo dos objetos, é preciso considerar que

> cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. Ora, dizer qual é o *referendum*, descrevê-lo, caracterizá-lo especificamente é uma tarefa distinta, frequentemente difícil, que não tem nada de comum com o manejo correto da língua. (BENVENISTE, 1976, p. 137).

A enunciação é uma proposição, que pode apenas preceder ou complementar outra. Está envolvido um contexto e só existe quando há um verbo, por dar coesão e atualizar este enunciado. (BENVENISTE, 1976). Brait (2007) destaca que a enunciação envolve a constituição da subjetividade e a intersubjetividade. O autor lembra a proposta de Benveniste de apontar que pessoa e verbo estão indissociáveis, seja qual for o idioma. O "eu" é quem enuncia a um "tu", intersubjetividade que constrói o diálogo. Brait (2007) ainda comenta que o discurso e a palavra são, para Benveniste, locais para representação do sujeito e do outro e do diálogo a partir da subjetividade.

Como manifestação de uma virtualidade no mundo atual, a língua adquire caráter de performance, o que manifesta seu aspecto comunicacional. Afinal, "o

caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que o típico do nosso simbolismo e o fundamento da tradição linguística". (BENVENISTE, 1976, p. 65).

Zumthor (2007), como se verá adiante, aponta que uma performance atualiza sentidos que estavam restritos ao virtual. A partir desta noção, Oliveira e Signates (2014) discutiram o aspecto comunicacional da ascese, fundando em seu caráter performático. Neste sentido, já que é possível ver o ato enunciativo como manifestação de um sentido presente apenas no mundo virtual e sua materialização, é possível perceber aí seu caráter comunicacional.

Esta noção permite o estudo da comunicação dentro da religião. Isto porque a religião é um lugar em que a formação de sentidos é entremeada – e influenciada – por toda uma lógica do campo. Nela os choques de sentido têm maior clareza e força. A economia da formação de sentidos na religião é permeada de hierarquias, refrações e cismas. Os limites da comunicação para consenso são restritos e a tensão das fronteiras é algo sempre experimentado fortemente.

Por um lado, as divergências doutrinárias parecem não apagar o sentimento de comunidade, já que todos responderam do mesmo modo a uma questão essencial (ver BAUMAN, 2003). No entanto, o senso comunitarista não resiste a toda transgressão de fronteiras, sendo frágil. Faz-se crescente um fundamentalismo, ao mesmo tempo que certas normas são "afrouxadas" pelas instituições. Movimentos "desigrejados" crescem, enquanto desacredita-se nas instituições religiosas.

Em suas modificações a religião não apenas construiu outros sentidos, mas seus próprios sentidos foram influenciados pela agenda social. Temas como a homossexualidade tornaram-se discutíveis pelo cristianismo – até então, entendida apenas como pecado – e diversas dinâmicas comunicacionais alteraram-se. É nesta transformação de sentidos que a dissertação assenta-se.

Como visto neste capítulo, o religioso foi deslocado do lugar que ocupava na sociedade medieval e assumiu novos espaços na modernidade, tornando-se uma questão do mundo privado. Um destes espaços foi a mídia, que tanto apropria-se como é apropriada pelas religiões. Isto é fruto de uma série de reorganizações sociais e da religião e aponta diversas possibilidades. Por outro lado, as ambiguidades do projeto moderno levaram a uma experiência do mundo privado cada vez mais transparente e midiatizada.

Até aqui se discutiu a ambiguidade do projeto moderno e o lugar que o religioso tem ocupado neste modelo. O próximo capítulo discute o processo de legitimação nas mídias sociais, tendo foco nos *vlogs* religiosos do YouTube. Ainda se apresente a proposta metodológica que fundamenta este trabalho e as imagens dos vlogueiros analisados. Também discute-se acerca dos aspectos de legitimação no YouTube.

2 – MÍDIAS SOCIAIS, LEGITIMAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDO

Até aqui, foi discutida a relação entre o projeto moderno e os novos lugares que a religião ocupa na mídia. Apontou-se como a religiosidade se manifesta na mídia e é tecida por essa. Discute-se agora a primeira hipótese apresentada. Que fatores estão envolvidos na legitimação do *vlogger* religioso do YouTube?

A partir da análise dos vídeos, aponta-se aspectos relacionados ao debate e a legitimação no YouTube. Ainda, as diferentes formas de argumentar naquela mídia social, os modos como se cria conteúdos e restrições. A análise demonstra que a legitimação de um *vlogger* depende de como ele fundamenta seus vídeos, a proximidade daquilo que ele diz com o que o usuário acredita e a aparência do mesmo.

2.1 Das mídias sociais

Vive-se em dois espaços físicos diferentes entre si e acessíveis por dispositivos diversos. “A nuvem informacional que nos envolve” é o espaço ciber, em contraste com o espaço pelo qual circulamos corporalmente. Nesta situação, a vida “escoa não mais na mera sequencialidade temporal em locais físicos determinados, mas a isso se sobrepõe o escoamento da vida na intermitência do tempo em espaços reticulares”, aponta Santaella (2013, p. 137). O porvir pode ser registrado com grande precisão temporal, o que torna algumas ferramentas, como as mídias sociais, como registros contínuos desta vida.

Santaella (2013) destaca que a internet se configura hoje como um cérebro digital global. Relações, interesses, intenções, gostos, desejos e afetos registrados nas plataformas das redes sociais são transmitidos publicamente. Percebe-se ainda que mudanças no que se espera e em como se comporta na virtualidade têm manifestado-se também no mundo presencial (atual). Santaella lembra que as mídias sociais já são consideradas o quarto grande marco na evolução dos computadores, antecedidas pelos semicondutores, pelo computador pessoal e por interfaces gráficas, como as que permitiam o acesso à internet.

Santaella e Lemos (2010) apontam um processo no qual as redes sociais tornam-se multiplataforma e passaram a ser acessadas em diferentes interfaces. A partir de Hornik, as autoras apontam três momentos das redes sociais. As redes monomodais 1.0 são aquelas que trabalham com a instantaneidade e com a conversa em tempo real entre os usuários, como o MSN. Já as monomodais múltiplas 2.0 são

aquelas que reúnem em uma mesma interface *chats*, comentários, fóruns, mensagens privadas, indexação personalidade, mural, entre outros. É o caso do Orkut.

As redes multimodais 3.0 têm múltiplas redes, plataformas e funcionalidades integradas. Permitem o acesso móvel, através de aplicativos ou sites específicos. O rastreamento da localização geográfica também é característica deste modelo, assim como o acesso em todos os lugares através de conexões de internet móvel. As informações dos usuários compõem bancos de dados que preveem ações, gostos e apresentam ofertas personalizadas. (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

"A evolução das redes 3.0 traz um deslocamento temporal radical em direção à experiência midiática de um presente contínuo: na era da mídia *always on* o passado importa pouco, o futuro chega rápido e o presente é onipresente", dizem Santaella e Lemos (2010, p. 61, itálico no original). A velocidade e continuidade das condições gera um desinteresse pelo que ocorreu há dois minutos, explicam as autoras. O que interessa é o que está ocorrendo agora.

Neste contexto,

> as tecnologias de comunicação digital, especialmente aquelas do tipo P2P (*peer to peer*, de igual para igual), as comunidades móveis, a blogosfera, a explosão das RSIs [redes sociais de informação] e as mensagens em tempo real produzem como propriedade emergente a mente coletiva, um tipo de inteligência gerada pela interação entre os agentes em comunicação. Trata-se, evidentemente, de uma inteligência que vem ganhando em complexidade na mediada em que passa das formigas, dos cardumes e dos pássaros para os seres humanos, sendo estes a epítome da complexidade e cujas múltiplas interações resultam em capacidades cognitivas amplificadas pelo pensar, agir e sentir em rede. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 25).

. Santaella e Lemos (2010) também demonstram uma interdependência entre as atualizações de interface e estrutura e novos modos de sociabilidade.

> Nesse contexto fica difícil determinar com precisão onde começa e termina a inteligência humana (dos usuários e desenvolvedores) e onde começa e termina a artificial (em suas miríades de aplicativos móveis, intricados e sensíveis). [...] Nas redes sociais móveis, inteligências humanas e artificiais atuam em uníssono em um grande corpo híbrido de micromensagens, que permeiam tempos e espaços, culturas e códigos, esferas e redes" (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 128-129).

Esta inteligência coletiva pode moldar o mundo atual. Keen (2012) destaca que as democracias do século XXI são transformadas – e continuarão sendo – pelas mídias sociais. Santaella (2013) destaca o ciberativismo, o uso político destas redes para a defesa de causas diversas. A autora salienta que estas mídias são utilizadas

por grupos com diversas orientações políticas e intenções. Também tem relevância os perfis de usuários.

Os perfis nas mídias sociais assumem um caráter de extensão humana, segundo aponta Santaella (2013). Tais mídias não incentivam o anonimato, mas trabalha possibilidades de intercambiar identidades. Neste processo surgem outras expectativas e experiências. Dar-se a conhecer é intenção corriqueira, atrelada à vontade de gerar tráfego a partir de conteúdos próprios ou replicados. Cada vez mais "as pessoas se reconhecem e se relacionam principalmente por temáticas", lembra Santaella (2013, p. 116).

"A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões", explica Recuero (2011, p. 24). É um estudo que aborda o surgimento de estruturas sociais, sua tipologia, composição e interações Está muito mais ligada a uma forma de estudar estas mídias do que apenas ao modo como elas se configuram. Estas mídias se organizam em redes, entre outras razões porque seu suporte – a internet – também é deste modo organizado.

A discussão sobre as redes é profícua e apresenta extensa bibliografia, como apontam Santaella e Lemos (2010). De acordo com as autoras, é comum tratar a sociabilidade de três polos distintos: os laços sociais, trocas simbólicas e meios que promovem mediação de interações. Contudo, a abordagem de redes é vítima de dois equívocos comuns. Ou se confunde com a estrutura em si (redes de telecomunicação, por exemplo), ou com as redes sociais.

Para Santaella e Lemos, as redes sociais "costumam se restringir às relações sociais de atores humanos individuais, de acordo com critérios de frequência, distribuição, homogeneidade, proximidade etc." (2010, p. 28). Por sua vez, Recuero (2011) define uma rede social como o conjunto de atores e suas conexões. Os atores podem ser pessoas, instituições ou grupos e as conexões são os laços que mantêm entre si.

Contudo, a proposta metodológica desta dissertação não se propõe a analisar a estrutura social destas redes. Alguns indícios da organização dela poderão ser percebidos, mas não são aquilo com o que este trabalho se preocupa. Cabe considerar que as redes sociais são relações, que podem ocorrer dentro ou fora das interfaces destas mídias sociais. Neste sentido, Alves (2014) aponta que

> no ciberespaço, as redes sociais estão contidas nas mídias sociais, pois uma plataforma ou mídia pode reunir diversas redes sociais, que, por sua vez,

> existem independentemente da mídia. [...] O termo mídia social se refere a todo tipo de conteúdo criado colaborativamente ou, ao menos, de forma independente dos meios tradicionais, como rádio, televisão ou impresso. Esse conceito vem sendo muito utilizado no âmbito empresarial, para explicar o conteúdo gerado por determinada organização para seu público a partir do uso das plataformas de mídias sociais disponíveis na Internet. (ALVES, 2014, p. 48).

Como esta dissertação procura discutir a circulação de sentido e não a estrutura – topologia das relações sociais, entre outros tipos de pesquisa – das redes, opta-se por utilizar a expressão "mídia social". Há uma questão envolvida nesta noção. Toda mídia, por definição, é social. Neste trabalho, a expressão mídia social se refere às plataformas que permitem que o usuário poste seu próprio conteúdo e se organizam em comunidades.

São mídias que não tem um controle centralizado facilmente percebido[11] e onde o usuário tem uma autonomia restrita pelos padrões da comunidade. Elas têm se tornado o espaço por excelência de uma sociedade que experimenta tempos hipervisíveis. Outra característica é a segmentação, fenômeno que surge das próprias dinâmicas de postagem de conteúdo naquela rede social. Quem posta algo o faz por ter interesse naquele tipo de produto.

Destaca-se ainda a segmentação do conteúdo – como lembra Hoover (2006) - que encontra nas mídias sociais um espaço privilegiado. Comunidades reúnem-se na internet em torno de um interesse comum, estabelecendo suas próprias economia de legitimidade e influência.

2.1.1 O YouTube

Com mais de um bilhão de usuários, o YouTube está presente em 75 países e disponível em 61 idiomas. São 300 horas de vídeos postadas por minuto (YOUTUBE, 2015). É a terceira mídia social mais usada no Brasil, em que participam 17% dos brasileiros que têm acesso à internet. Perde apenas para o Facebook – com 83% - e o WhatsApp - 58%. (BRASIL, 2015).

Sua história retoma o mito – cada vez mais venerado na sociedade ocidental - de jovens empreendedores que, de suas garagens, revolucionaram o Vale do Silício, o modo de entender (e fazer) o mundo e tornaram-se multimilionários. É de modo

[11] Embora alguns autores afirmem que não há um controle central destas mídias, é preciso considerar que se exercem sim ferramentas de controle de diversos tipos. O Facebook, por exemplo, tem uma série de algoritmos que restringem que postagens o usuário vê em sua timeline.

semelhante que Burgess e Green (2009) sintetizam a história desta mídia social. Tal mito reflete-se na cultura do YouTube, tendo grande influência na ideia de celebrização Do It Yourself (Faça você mesmo).

O YouTube é uma plataforma de postagem de conteúdo, mas não o produz. Há algumas ações da empresa neste sentido, que não têm o impacto das produções enviadas pelos usuários. Para Burgess e Green (2009), um elemento importante naquela mídia social é o vídeo amador. Segundo os autores, este conteúdo gera mais envolvimento, sendo mais comentado e respondido do que produtos provenientes de outras mídias e postados no YouTube.

Outro ponto interessante é a relação entre os usuários com a mídia tradicional. Há quem publique no site produções originalmente feitas para a televisão, cinema ou gravação em CDs e DVDs. Este é o 'conteúdo replicado', em classificação proposta por Burgess e Green (2009). Ainda há a citação de conteúdo, fragmentos de material compartilhados por usuários para atrair atenção para a parte mais importante de um programa". (BURGESS; GREEN, 2009, p. 74). Ela gera o 'conteúdo híbrido'.

Já o 'conteúdo próprio' é a produção destinada diretamente a um canal do YouTube. Destaca-se o *vlog*¸ formato com grande força naquela mídia social. É tecnicamente mais fácil de ser produzido e aborda diretamente o espectador. Segundo Burgess e Green (2009), o modelo traz a aparência de intimidade e seu conteúdo estimula a participação de quem assiste por meio da rede social do YouTube.

O *vlog* é um gênero e formato de produção audiviosual que tem grande força no YouTube. Burgess e Green (2009) destacam seu caráter testemunhal e intimista, com produção e edição mais veloz: "em particular, as próprias regras básicas formais das entradas de vlogs – um rosto em close, uma câmera e um pouco de edição – são usadas como base para a criatividade e inovação coletivas" (2009, p. 95). Contudo, tal modelo tem se transformado e sofisticado cada vez mais.

Dornelles (2014) aponta como características do *vlog* seu caráter informativo e de entretenimento, com estratégias para aproximar seu produtor do espectador. Também é "Cada vlogger, da mesma forma que os bloggers, retrata um recorte do contexto cotidiano conforme sua própria visão do real. Conforme a própria experiência e vivência no cotidiano", aponta Dornelles (2014, p. 22).

Este trabalho considera *vlog* a produção de vídeos com algumas características específicas relacionadas a sua produção técnica. Um número limitado de autores, o uso predominante de plano médio nas gravações (corte da cintura para

cima) e periodicidade podem ser apontadas. Ainda, o discurso dos *vloggers* simula uma conversa entre eles e seus espectadores. O *vlog* ainda está ligado a algumas dinâmicas de legitimação e circulação de sentido específicas das mídias sociais, que esta pesquisa procura compreender melhor.

2.1.1.1 Celebrização, popularidade e autoridade

É possível afirmar que toda instância social envolve legitimação. O legítimo é aquilo que é consensualmente considerado adequado a determinadas características essenciais que conferem credibilidade. O líder está sempre submetido à aprovação do coletivo, em ao menos alguma instância. Até mesmo em sistemas não democráticos.

A discussão sobre legitimidade é profícua e envolve autores com diversas tendências. É possível apontar, segundo Cella (2005), uma corrente que defende um conceito positivista de legitimidade e, também, aqueles que questionam tal proposição. Este positivismo parte de uma percepção que a legalidade é fator legitimador, o que coloca a fundamentação do direito em questão. Cella (2005) aponta que Weber é um dos maiores representantes do positivismo jurídico.

Para Weber (2004), a legitimidade é construída a partir de três tipos ideais. Há uma relação 'evolutiva' entre estes modelos, em que a legitimidade técnica é aquela do regime mais racional. A primeira forma de legitimação é a tradicional. É o caso das monarquias, em que o novo rei recebe o poder em virtude de sua filiação.

Existe ainda a legitimidade carismática, em que o carisma de um líder atraí a aceitação de seus postulados e do regime que organiza. (WEBER, 2004) É um modelo intermediário de racionalidade, muitas vezes - erroneamente - atribuído às lideranças religiosas (especialmente pentecostais e neopentecostais). Como discutido adiante, tal apontamento muitas vezes reflete desconhecimento e preconceito em relação aos grupos religiosos.

Por fim, Weber (2004) postula a legitimidade técnica, aquela ligada ao reconhecimento da habilidade técnica do líder de um regime em governar. É a legitimação mais racional, pois parte de uma garantia de condições técnicas para o sucesso. É importante observar que Weber trabalha com tipos ideais, modelos puros que são propositalmente pensados sem hibridizações.

Importa salientar o papel que tem o consenso sobre os atributos que legitimam a liderança nesta legitimação. Talvez se possa dizer que o sistema monárquico

(legitimação tradicional) é o que menos depende deste consenso. Afinal, o príncipe apenas precisa que se concorde que ele é realmente filho legítimo do rei, o que o garante herdar o trono[12].

Lideranças carismáticas e técnicas, por sua vez, estão mais dependentes do reconhecimento do carisma e da capacidade de especialista. Neste tipo de legitimação, o consenso a respeito destas características é necessário.

A proposta de Weber é uma espécie de redução da sociedade em arquétipos, útil para a análise ampliada das relações sociais. Na prática, estes modelos se interpolam e são reorientados pelas características específicas de cada campo. Segundo Cella (2005), o modelo weberiano considera que cada tipo de legitimação (tradicional, carismático ou técnico) envolve características e contextos diversos. A legitimidade torna-se conceito critério para que os tipos de dominação sejam diferenciados.

"É pela crença na sua legitimidade que uma dominação se mantém independentemente do motivo específico e subjetivo de cada um dos dominados para obedecer aos mandamentos que lhes são impostos", explica Cella (2005, p. 7). Contudo, Weber acaba por tornar a legitimidade reflexo de procedimentos, como demonstra Cella: "é *procedimento formal concreto* que vai permitir uma identificação do que é ou não legal e, por sua vez, é a crença naquilo identificado como legal que residirá a legitimidade desse tipo de dominação". (2005, p. 8, itálico no original). Disto resulta um conceito de legitimidade tautológico.

"Segundo Weber, o Estado de direito obtém sua legitimação, em última instância, não da forma democrática de formação política da vontade, mas somente de premissas do exercício de dominação política conforme ao direito", critica Habermas (1997, p. 102). O autor aponta que o modelo weberiano falha em considerar que apenas leis e regras, a legalidade do procedimento, são suficientes para explicar a legitimidade. Habermas (2012) demonstra que a legalidade pode apontar para uma

[12] Os modelos monárquicos transformaram-se historicamente, em um processo que tem conduzido a efetiva redução dos poderes do monarca. Do absolutismo à monarquia parlamentarista, as imagens que legitimam o rei transformaram-se. Maquiavel em *O príncipe*, por exemplo, apontava que o monarca tinha de ser "forte" o suficiente para, conforme o caso, aplicar a força e a punição. Afinal, o temor agregaria mais respeito do que o amor dos súditos ao rei. Com as mudanças promovidas a partir das revoluções iluministas e a consequente influência da esfera pública burguesa (THOMPSON, 1998), a importância do monarca se reduz e este é submetido à Constituição. Atualmente, a maioria das monarquias do mundo é parlamentar e, mesmo assim, o rei tem de assumir atributos não só da legitimidade tradicional, mas também algo dos modelos carismático e técnico.

legitimidade, mas não a substitui. Diz ainda que a legitimação por legalidade do modelo weberiano conforma-se

> às prescrições procedimentais na constituição estatutária do direito, na jurisdição e na aplicação do direito. [...] A crença na legalidade só pode gerar legitimidade se a legitimidade da ordem jurídica que fixa o que é legal já está pressuposta. E não há caminho que leve à saída desta circularidade. [...] A crença na legalidade de um procedimento não pode gerar legitimidade *per se*, ou seja, em virtude de uma constituição estatutária. (HABERMAS, 2012, p. 463).

A legitimidade de direito depende da garantia que os juízos sejam imparciais, a partir de procedimentos específicos. É preciso, contudo, que estes sejam normatizados juridicamente, aponta Cella (2005). Para Habermas (1997), o direito é uma ordem legítima do mundo da vida, reproduzindo-se junto com cultura e outras estruturas de personalidade por meio de atos comunicativos. É um sistema de saber e de ação, proposições e também interpretações normativas

Como comunidade, o modelo social de internet também envolve legitimações. Uma das características da internet hoje, segundo Keen (2012), é a circulação de imagens de si em uma escala jamais vista. É uma cultura que envolve certa capitalização social (RECUERO, 2011) e outra lógica de celebrização (BURGESS; GREEN, 2009). Celebrização[13], popularidade e autoridade são legitimações concedidas nas mídias sociais, após se cumprir 'exigências' específicas.

Burgess e Green (2009) dizem que o YouTube se fortaleceu a partir da celebrização DIY (*Do It Yourself*, ou "Faça você mesmo"). A plataforma é uma mídia de massa que abre seu acesso aos anônimos e, a partir disto, é possível que a pessoa comum transgrida seu mundo social para o mundo midiático.

Como explicam Burgess e Green[14],

---

[13] Por celebrização se refere a dinâmica de aumento do capital social de usuários das comunidades virtuais, nos moldes do "faça você mesmo". Envolve a popularidade, autoridade e reputação dos usuários das mídias sociais. Em alguns casos, estas novas celebridades são convidadas para fazer produtos audiovisuais em outras mídias. É o caso do *vlogger* Felipe Neto, do canal "Não faz sentido", que após o sucesso trabalha em canais de TV, escreveu um livro e tem uma produtora própria. A celebrização, como explica o texto deste capítulo, é tanto uma dinâmica como um mito que envolve as mídias sociais.

[14] Os autores fazem referência a abordagem que Nick Couldry faz sobre a celebridade DIY em sua obra *Media Rituals: A Critical Approach*. Conforme Burgess e Green (2009), Couldry explica que na mídia massiva o cidadão comum só pode tornar-se celebridade quando tem acesso a possibilidades de se representar na mídia de massa, fazendo a transição do 'mundo comum' para o 'mundo da mídia'. Esta dinâmica, entretanto, apenas reproduz a distância entre o cidadão comum e a celebridade, mas de modo disfarçado, naturalizado. Podemos compreender que, de certo modo, a celebridade é meritória: sua fama é 'mitificada' como resultado de uma habilidade específica em algo. Logo, se a fama estiver

> a promessa de que *Youtubers* talentosos mas não descobertos podem saltar de seus "mundos comuns" para o genuíno "mundo da mídia" está profundamente enraizada no YouTube em si, e evidenciada em várias iniciativas e concursos no YouTube para a descoberta de talentos" (BURGESS; GREEN, 2009, p. 44, itálico no original)

Keen comenta que uma cultura das celebridades de massa "industrial foi de tal forma virada de pernas para o ar pelas redes sociais como Facebook, LinkedIn e Twitter que a fama foi democratizada e nos recriamos como celebridades inventadas". (KEEN, 2012, p. 31). No entanto, estas novas celebridades não deixariam sua dependência das mídias tradicionais, segundo Keen (2012). No entanto, é mais correto dizer que há uma relação de complementaridade entre as diversas mídias, em uma lógica em que uma alimenta-se daquilo que é produzido em outra.

A popularidade *online*, por outro lado, não é suficiente para a manutenção da nova celebridade[15]. Isto porque, como discutem Burgess e Green (2009), as dinâmicas da 'velha' indústria de mídia ainda têm bastante importância na celebrização. O sucesso destas novas celebridades também é percebido "por sua habilidade subsequente em atravessar os mecanismos de contenção da velha mídia – o contrato de gravação, o festival de cinema, o piloto de televisão, a campanha de publicidade", explica Burgess e Green (2009, p. 45).

A popularidade está relacionada à audiência, segundo Recuero (2011). Depende da posição ocupada pelo ator dentro de uma mídia social. Pode ser medida pela quantidade de visualizações, comentários e compartilhamentos em vídeos, assim como o número de inscrições em determinado canal. Não diz, contudo, sobre a qualidade das conexões entre o popular e seus seguidores, constituída, geralmente, por laços fracos. (RECUERO, 2011).

Recuero (2011) alerta que a popularidade não necessariamente se relaciona com a autoridade, mas sim com uma reputação. A reputação seria "a percepção construída de alguém pelos demais atores sociais sobre o comportamento dos

---

relacionada a determinada habilidade, todos podem ser famosos se, usando as ferramentas 'livres' da internet – vista como grande libertadora e promotora de possibilidades – apresentar suas habilidades bem treinadas. Será que vislumbra-se, em nossos dias, uma ascese laica, que busca refinar as habilidades para, por meio da fama, 'vencer na vida' a partir da celebrização?

[15] A popularidade online também não é democrática. Como lembra Keen (2012), apenas 0,05% dos usuários têm mais de dez mil seguidores no Twitter e 22,5% são responsáveis por 90% da atividade daquela rede social.

demais", diz Recuero (2011, p. 109). Pode ser uma construção intencional, produzida a partir de postagens específicas. O gerenciamento de imagem em redes sociais, por exemplo, opera tal construção.

Já a autoridade é a influência efetiva de um usuário em sua rede, considerando-se a sua reputação, diz Recuero (2011). Não resultaria apenas da tentativa de parecer íntimo ou popular em determinada mídia. Parecem operar lógicas específicas de legitimação em cada mídia social. De forma equivocada, alguns autores apontam a liderança religiosa como uma legitimação tão-somente pelo carisma. Alguns elementos participam da construção da legitimidade religiosa e não apenas o carisma. É claro que este tem sua relevância na economia religiosa. Apesar disto, as religiões tem todo um sistema que tecniciza seus líderes. Um dos elementos utilizados é o ascetismo.

Valantasis (1995) explica que o asceta é empoderado dentro da religião. O ascetismo é uma prática voltada à uma audiência e busca a assunção de uma nova subjetividade. É uma *perfomance* e produz novos ambientes simbólicos alternativos e relações sociais. (VALANTASIS, 1995). "O asceta pode empoderar-se – uma espécie de especialização válida nos limites da comunidade religiosa. Esta também pode determinar qual é o correto desempenho em relação à outra coisa, apontar padrões almejáveis", comentam Oliveira e Signates (2014). Estes atos performáticos manifestam a assunção de outra identidade e novos modos de ser visto socialmente.

Zumthor (2007) discute a relação entre a performance e a coloca como elemento da criatividade particular, um momento em que quem a realiza assume a responsabilidade de seu ato. É um ato comunicativo que, agindo através do rito, é uma reatualização do mito que envolve a vivência e posicionamento públicos. O sagrado se reconstrói para o fiel e para os outros. (OLIVEIRA; SIGNATES, 2014).

Dentro das mídias sociais, o ato performático também existe e é exercido de diversos modos. Está diretamente ligado a construção de diversas manifestações da legitimidade – celebrização, popularização e autoridade são algumas delas. Na lógica do YouTube, o vídeo amador - cuja legitimidade está intimamente associada à sua suposta autenticidade - assume um caráter de performance. Funciona como garantia que a legitimidade atribuída ao *youtuber* não é injusta: ele produziu autenticamente, fez uma performance. Não sendo um produto comercial ou falseado, ele é digno das consequências de sua produção (sejam elas críticas ou elogios).

O que é produzir autenticamente? Em *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin afirma que sempre foi tecnicamente possível reproduzir a arte. Contudo, a cópia não possui o “aqui e agora” e a “existência única” do original, que é onde desdobra-se a história daquela peça. A autenticidade de uma obra está ligada ao aqui e agora de seu original. Não é tecnicamente reprodutível. (BENJAMIN, 1984).

A obra autêntica está ligada à reprodução manual e não perde, por isto, autoridade. A reprodução técnica pode até melhorar as condições da obra – ampliá-la, corrigir cores que se esvaneceram. Não ganha, no entanto, a aura que circunda o original. Isto porque, “a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico”, diz Benjamin (1984, p. 168).

Um aspecto importante na autenticidade é a materialidade da obra, já que esta incorpora a história pela qual ela passou. A passagem de uma existência única para uma existência serial ainda transforma modos de pensar e produzir arte. A fotografia, por exemplo, é extremamente reprodutível e faz com que a ideia de autenticidade das cópias não tenha sentido. Para Benjamin (1984), esta transformação na arte desloca sua fundamentação: do ritual à política. Trata-se do surgimento de uma arte que funda-se na possibilidade de ser reproduzida maciçamente, pois este é seu objetivo. (BENJAMIN, 1984).

Praticamente nenhuma manifestação audiovisual poderia ser considerada original nos termos de Benjamin, considerando que ele funda a ideia da autenticidade da obra de arte em seu modo e propósito produtivo. Neste sentido, é preciso destacar que a noção de autêntico tem assumido, em nossos tempos, outros contornos. Burgess e Green (2009) destacam que a autenticidade é um elemento importante nos *vlogs* do YouTube e um de seus indícios é a qualidade técnica da produção - amadora ou profissional - dos vídeos.

O autêntico nos *vlogs* é a pressuposição de que um canal e seus vídeos têm alguma ligação com o mundo atual (em oposição ao mundo virtual), uma instância de testemunho histórico. A ideia de autenticidade deixa de estar ligada a ideia de produção única e cultuável. Passa a ser considerada também para obras em série, ou que estão corriqueiramente expostas, mas que têm uma relação de causalidade com a vida pessoal de seu produtor. Trata-se da ideia de que o *vlogger* está sendo verdadeiro em seus depoimentos e comentários de seu cotidiano.

Sibilia comenta que “a aura se deslocou da obra para o artista, e esse brilho que ainda emana com tanto vigor da figura do autor contagia a obra, mesmo que esta seja qualquer coisa” (2008, p. 176). A autora destaca que as escritas de si também têm capacidade de produzir auras, mas que tal potência se dá a partir dos autores.

Deste modo, é preciso dizer que a produção autêntica no YouTube é uma avaliação surgida a partir de uma relação do espectador com o *vlogger*. Se são informações plausíveis e atuam como performance – no sentido de atualizar aquilo que é do mundo virtual -, considera-se autêntico, mesmo que falseado. Cabe destacar, contudo, que estas avaliações se modificam quando algum elemento denuncia uma contradição entre o modo como o *vlogger* se apresenta e sua vida atual. Esta discussão será retomada adiante.

2.1.1.2 As páginas dos vídeos no YouTube

A – Barra de Ferramentas

A barra de ferramentas está presente em todas as páginas do YouTube e é padrão nos sites dos serviços da Google. Ela está visível sempre, já que acompanha a rolagem da página. Na Figura 1, é destacada como parte A.

O primeiro elemento da barra é o logotipo do YouTube. Quem clica nela é direcionado à página principal do sítio. Na sequência, um botão permite acesso ao menu – apenas em páginas específicas do YouTube. Por fim, há uma caixa de pesquisa com suporte a teclado virtual.

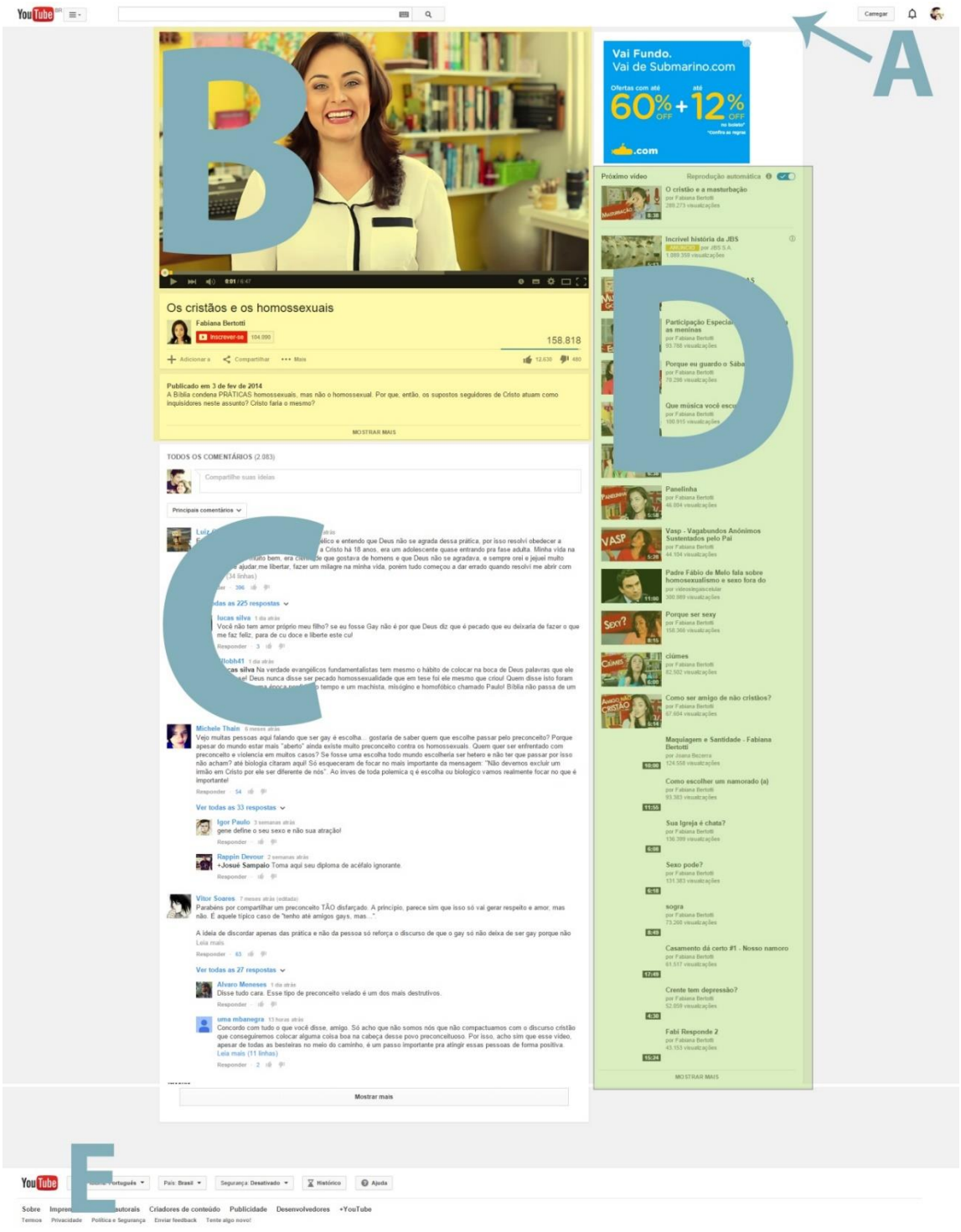
Do lado direito da barra, há uma opção que permite que se carregue vídeos na plataforma. Caso o usuário esteja conectado a uma conta do Google, a barra também apresenta um botão que permite ver as notificações do Google + e, em seguida, miniatura da foto de perfil da conta, em que pode se modificar as configurações desta. Quando o usuário não está conectado, há apenas a opção “Fazer login”.

B – Player de vídeo

O player é, sem dúvida, a seção mais importante da página. É em volta dele que a história e a comunidade do YouTube se desenvolveu. É o primeiro elemento na coluna esquerda da página. Oferece as opções “tocar/pausar”, “ir para o próximo vídeo” – disponível desde que a plataforma criou a reprodução automática -, “volume”,

“assistir mais tarde”, “legendas”, “detalhes”, “modo teatro” e “tela inteira”. Há ainda uma barra que mostra que partes do vídeo já foram reproduzidas.

Figura 1 - Layout da página de vídeos do YouTube.



Fonte: Captura de tela editada pelo autor.

“Assistir mais tarde” envia o vídeo a uma playlist personalizada, que pode ser acessada posteriormente, quando o usuário tiver disponibilidade para assisti-lo. As “legendas / closed caption” estão disponíveis apenas em alguns vídeos. Utilizam-se do sistema de transcrição de áudio da Google e, por isto, só são encontradas em vídeos em que há falas logo no início. Permite também a tradução para outro idioma.

“Detalhes” permite ativar ou desativar a reprodução automática de vídeos. Novo recurso da plataforma, cria uma lista de conteúdo semelhante a ser exibido ao usuário, sem que este precise clicar para assistir. Em "detalhes" ainda é possível ajustar a velocidade de reprodução e a qualidade do vídeo (alguns vídeos estão disponíveis em Full HD (1080p). Há ainda o "modo teatro" e "tela inteira", que alteram o layout da página, ampliando a área do player.

Abaixo do player há o título do vídeo, o canal em que foi publicado, o número de visualizações e inscrições, Existe também a possibilidade de adicionar o conteúdo a determinada playlist, de compartilhar em outras mídias sociais e incorporar em sites. Ali também se encontra "mais ações", que permite que se denuncie conteúdo impróprio e também, que se acesse a transcrição do vídeo - disponível para os vídeos que possuem legendas. O número de "gostei" e "não gostei" também está disponível nesta seção.

Logo abaixo, a data de publicação do vídeo, sua descrição, a categoria escolhida pelo autor e, também, a licença de copyright a que está submetida.

C - Comentários

A área de comentários é, provavelmente, uma das mais movimentadas do YouTube. Com a integração da plataforma ao Google +, os comentários podem ser postados como atividades nos perfis daquela mídia social. Há uma contagem do número de respostas ao vídeo e, em seguida uma caixa de texto que permite a postagem de comentários. Um botão permite selecionar todos as respostas, por ordem cronológica de postagem – os mais recentes primeiramente – ou apenas os principais.

Quando um usuário comenta, é possível que outros avaliem o comentário com as opções “gostei” e “não gostei”. Além dos *likes*, é possível responder aquela

postagem com outro comentário. As respostas ficam recuadas à direita, recurso da plataforma para as diferenciar do comentário que as motivou[16].

D – Lista de vídeos

O YouTube apresenta vídeos relacionados ou semelhantes ao assistido e disponibiliza miniaturas destes na lista, que fica à direita na tela. Cada miniatura, além de um *still* do vídeo, apresenta seu título, o nome do canal que o publicou e o número de visualizações.

O primeiro vídeo da lista é o que será exibido em seguida, caso a reprodução automática esteja ativada. Este recurso pode ser desativado na própria lista, em botão específico. No fim da lista, a opção “Mostrar mais” apresenta outros vídeos que são semelhantes ou relacionados ao que está sendo assistido.

E – Rodapé

No rodapé é possível acessar uma série de botões que permitem diversas ações. É possível configurar o idioma em que o site é exibido, o país, habilitar a pesquisa segura (controle parental - Safe Search do Google) assim como acessar o histórico e as páginas de ajuda. Também se pode acessar páginas que apresentam a plataforma, a sala de imprensa do YouTube, termos de acesso e política de direitos autorais, dentre outros.

2.2 Proposta metodológica

Quando se considera as características do YouTube, é possível desenhar uma proposta metodológica que atenda às dificuldades que se apresenta. Como se objetiva perceber a compreensão e reelaboração de sentido na construção de legitimações, é preciso tecer uma metodologia que permita esta pesquisa.

Cada modelo metodológico envolve possibilidades, mas também reduções. O estudo em redes sociais, como lembra Recuero (2011), considera a relação entre atores. Também há uma preocupação com a topologia das redes, as ações dinâmicas etc. No entanto, como expresso anteriormente, este trabalho não procura ser um

[16] Esta pesquisa considerou, em sua análise, apenas os quinze primeiros comentários após selecionada a opção “Principais comentários”. Nos comentários que foram respondidos, as dez primeiras respostas foram selecionadas para o *corpus*. Confira a metodologia na página 37.

estudo da estrutura das redes, mas do sentido. A estrutura das redes participa na construção de sentido?

É possível dizer que sim. Neste sentido, se procurou estabelecer estratégias que procuram equilibrar esta ausência. No entanto, decidiu-se por alternativas e não pela aplicação de um estudo estruturado em redes sociais. O cronograma inicial da pesquisa precisaria ser alterado de modo que inviabilizaria a realização da mesma. Também estaria envolvida uma quantidade maior de dados e a revisão de grande parte da fundamentação teórica e, até mesmo, da questão problema.

A proposta desta pesquisa é discutir a relação entre os vlogueiros religiosos e quem assiste seus vídeos em dois focos. Em um primeiro momento, se procura compreender o que legitima os *vloggers*. Depois, a pesquisa se propõe a apresentar o discurso dos vídeos, compará-los entre si e observar as dinâmicas que provocam nos comentários. E, claro, as dinâmicas que os comentários provocam nestes canais.

O trabalho ainda elenca dois grandes temas. O primeiro, “a vida privada do cristão”. Segue-se “a religião e a sociedade”. A partir da análise de dez vídeos (cinco por tema) e de comentários postados, se traça uma análise. Por fim, há também uma discussão da imagem da igreja protestante e modos de argumentar entre os usuários do YouTube, a partir dos comentários analisados.

O primeiro passo foi a seleção dos canais religiosos. Após uma pesquisa, foram selecionados oito, considerando-se sua visibilidade (número de visualizações, comentários, vídeos que tornaram-se virais etc.). Em função de replanejamento da pesquisa, reduziu-se o escopo para três canais, do gênero *vlog*. Os critérios para esta nova seleção foram o número de visualizações, se comentários eram permitidos e com pelo menos 80% de conteúdo próprio entre as postagens. Foram selecionados os canais Bíblia Freestyle (de Ariovaldo Jr.), Dois Dedos de Teologia (Felipe Cruz e Yago Martins) e Fabiana Bertotti.

Os vídeos publicados de janeiro de 2014 a fevereiro de 2015 foram separados e catalogados em grandes temáticas. A fim de atender às discussões desta pesquisa, selecionou-se aqueles que discutiam a “vida privada do cristão” e “religião e sociedade”. Por vida privada, se discute questões como o tratamento do corpo, da sexualidade, a relação com problemas físicos e mentais etc. “Religião e sociedade” aborda as diversas relações entre sociedade secular e igreja.

Os vídeos que não se adequavam a tais categorias foram descartados. Algumas das produções do Bíblia Freestyle foram excluídas porque eram reproduções

de entrevistas de Ariovaldo Jr. a canais de TV ou pregações e mesas redondas em eventos religiosos e agrediam o estatuto do *vlog*. Após esta etapa, considerando-se o número de visualizações e comentários, escolheu-se 30 vídeos. O escopo foi reduzido para dez vídeos, através de sorteador online (random.org). No Quadro 1, estão listados os vídeos escolhidos.

Quadro 1 - Vídeos analisados

Tema	Canal[17]	Título do vídeo	Duração
Vida privada do cristão	BF	#45 – Ansiedade e depressão	8'01"
	FB	Crente tem depressão?	4'30"
	FB	O cristão e a masturbação	8'38"
	FB	Os cristãos e os homossexuais	6'48"
	DD	O homossexual na igreja	30'44"
Religião e sociedade	BF	#46 – Missão integral	5'01"
	FB	O cristão e a política	10'22"
	BF	#Rapidinha 11 - Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?	10'11"
	DD	Religião e política no estado laico	31'27"
	FB	Você é um crente legal?	4'46"
		TOTAL	2h 00m 28s

Produzido pelo autor.

A lista inicial do sorteio continha trinta postagens, sendo dez de cada canal. No entanto, para procurar certo equilíbrio entre as produções, apenas os dois primeiros vídeos do canal Dois Dedos de Teologia selecionados pelo sorteador online foram considerados, com o cuidado de serem de temáticas diversas.

Após a seleção, seguiu-se a transcrição dos vídeos em formulário específico, presente no apêndice desta dissertação. Também se coletou comentários de cada um

[17] Na Tabela 1, os nomes dos canais estão abreviados. BF é o *vlog* Bíblia Freestyle, DD, o canal Dois Deso de Teologia e FB se refere ao canal de Fabiana Bertotti. Salienta-se ainda que os vídeos foram listados em ordem alfabética e não ordem sorteada. As temáticas estão na ordem que aparecem na pesquisa.

destes vídeos. A opção “principais comentários”[18] do YouTube foi selecionada. Após, os primeiros quinze comentários foram copiados para formulário específico, também encontrado no apêndice. Quando o comentário era respondido, foram consideradas as quinze primeiras respostas. Esta quantidade (15) representa, em média, mais de 10% dos comentários postados na maior parte dos vídeos. Quinze também é o número médio de comentários apresentados na página do YouTube, sem que se selecione a opção “Mostrar mais”.

Deste modo, foram selecionados 625 comentários e respostas, para 2h de vídeo. É uma média de 62,5 comentários por vídeo, com participação de 420 pessoas – cabe salientar que alguns usuários comentam em mais de um vídeo. A partir dos comentários, se estabeleceu uma estratégia para traçar o perfil de quem comenta. Quando um usuário assume sua posição religiosa na sua resposta, foi classificado como “religioso”.

Aqueles que dizem não ter religião ou serem agnósticos ou ateus foram considerados “não religiosos”. Já o usuário cujo comentário não dá mostras nem de uma confissão específica nem de não-crença, foi considerado na categoria “não identificado”. Encontrou-se o seguinte perfil:

Gráfico 1 - Participação geral por confissão religiosa.

Produzido pelo pesquisador.

[18] Ver página 34.

Outra classificação foi criada em relação ao conteúdo do comentário: “concorda”, “discorda”, “neutro /não relacionado”. Por “concorda”, entendem-se comentários que em seu teor não questionam a proposta central do vlogger. Os que discordam estão classificados na categoria “discorda”. Em “neutro /não relacionado”, todos os comentários que ampliam o assunto sem questionar a posição dos *vloggers* ou que colocam outros assuntos em discussão.

2.2.1 A análise de conteúdo

A metodologia utilizada na análise destes comentários foi a análise de conteúdo (AC). Um método caracterizado pela empiria e exploração, tem diversas escolas e interpretações. Segundo Franco (2005), ela parte da mensagem, que pode ser verbal, gestual, figurativa, documental, silenciosa ou provocada. Esta mensagem expressa determinado significado e sentido. (FRANCO, 2005).

“A relação que vincula a emissão das mensagens [...] estão, necessariamente, vinculadas às condições contextuais de seus produtores”, comenta Franco (2005). Assim, a mensagem reflete, pela forma que o sujeito se inscreve no texto, o modo como este se vê e percebe os processos discursivos com que lida. (FRANCO, 2005).

Conforme a autora, a linguagem é entendida pela análise de conteúdo como construção real de toda sociedade e também, expressão da existência humana. Tal recurso cria representações sociais num dinamismo entre linguagem, pensamento e ação. (FRANCO, 2005). Fonseca Jr. (2009) aponta que este modelo exige que o pesquisador considere os dados como elementos básicos. Assim, é preciso esclarecer que elementos estão sendo objeto de análise e seus critérios de escolha.

Importa aqui distinguir significado e sentido para a análise de conteúdo. Lembra Franco (2005) que o significado de um objeto “pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação” (p. 15, com itálico no original). Enquanto isto, o sentido é um significado “pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas” (FRANCO, 2005, p. 15).

O contexto dos dados é, portanto, preocupação desta metodologia. Isto porque cada mensagem é considerada em seu contexto. O contexto também se refere ao contexto de análise: a partir de que ciência aqueles dedos sertão observados. (FONSECA JÚNIOR, 2009).

As inferências são importantes para a análise de conteúdo. Afinal, tal metodologia busca observar quais inferências são realizadas e, então, analisar causas e influenciadas, conforme possível. O analista utiliza os dados que coleta para inferir logicamente conhecimentos que superam o conteúdo manifesto das mensagens. (FRANCO, 2005).

Fonseca Jr. (2009) ainda lembra a importância de considerar que o conhecimento do pesquisador participa da construção das inferências. Estas, por sua veze, são vistas como aquilo que a análise de conteúdo tem como tarefa. Por fim, alerta para a importância de registrar o objetivo das inferências e que se estabeleçam condições para a validação dos resultados.

Qual é o método da análise de conteúdo? Franco (2005) aponta que a primeira etapa do processo é a descrição. Esta é uma enumeração das características do texto, que serão resumidas após um tratamento. O segundo processo é a interpretação, processo que significa as categorias apontadas. Este processo só é possível por meio das inferências. (FRANCO, 2005).

Fonseca Jr. (2009) aponta como etapas a pré-análise, que é o planejamento e sistematização de ideias iniciais, assim como estabelecimento de uma estrutura de análise. A próxima etapa da análise é a exploração do material. Nesta fase se faz a análise propriamente dita, aplicando as regras formuladas na etapa anterior. Seu sucesso depende da qualidade dos procedimentos da pré-análise.

Por fim, explica Fonseca Jr. (2009), se faz o tratamento de resultados e a interpretação dos mesmos. Este processo pode envolver a quantificação estatística de figuras e elementos que se repetem no texto. A partir destes dados, o pesquisador pode, então, realizar inferências.

2.2.2 Práticas metodológicas complementares

A análise de conteúdo permite que se colete os temas mais presentes e também peculiaridades dos comentários. Contudo, não considera todas instâncias envolvidas na circulação de sentido. Para contribuir na análise, elencam-se outras ferramentas que certamente podem completar lacunas. Uma delas é a auditoria de imagem.

“A auditoria de imagem é um instrumento ou metodologia para avaliar a presença e a imagem de uma organização junto a determinados públicos ou à opinião pública, de maneira geral”, diz Bueno (2009). Não é apenas um procedimento

quantitativo, mas que considera principalmente aspectos qualitativos. É importante saber como se fala de alguém ou de algo e tentar compreender quais são os reflexos disto.

Bueno (2009) destaca que é preciso definir os objetivos da auditória de imagem. Nesta dissertação, se pesquisa a imagem dos vlogueiros e da igreja protestante para compreender com mais clareza a legitimação dos *vloggers* e o que se percebe sobre o evangelicalismo brasileiro. Como amostra se elenca os comentários dos vídeos, colhidos em conformidade com as regras expostas anteriormente.

Segundo Bueno (2009), tal análise começa na definição de públicos de interesse. Nesta dissertação, são os religiosos e não-religiosos que comentam nos *vlogs* analisados. A partir daí, explica Bueno (2009), métodos qualitativos e quantitativos são utilizados para observar como estes públicos veem uma organização ou instituição específica. No caso deste trabalho, selecionam-se comentários relacionados à imagem da igreja protestante e também dos *vloggers*. Em seguida, aplica-se a análise do conteúdo de tais comentários, apontando categorias e temáticas presentes.

Cabe salientar que a auditoria é uma ferramenta complementar neste trabalho e, deste modo, procura contribuir e não suplantar a análise aqui realizada com a aplicação de outras metodologias. Deste modo, seus resultados serão apresentados em paralelo aos da análise de conteúdo e comporão os dados usados nas considerações de cada capítulo.

Após esta definição metodológica, é possível proceder a análise do conteúdo dos *vlogs*. Como apontado anteriormente, três canais foram selecionados: Bíblia Freestyle, do pastor Ariovaldo Jr., Dois Dedos de Teologia, de Felipe Cruz e Yago Martins e, por fim, o de Fabiana Bertotti. Cada um deles discutiu em seus vídeos assuntos da vida privada e pública do religioso. Antes, contudo, aponta-se como estes *vloggers* se apresentam.

2.2.3 Os *vlogs*

2.2.3.1 A Bíblia Freestyle de Ariovaldo Jr.

Ariovaldo Jr. é pastor da Igreja Sal da Terra Manifesto em Uberlândia. É conhecido em todo o país, entretanto, por causa da Bíblia Freestyle. Sua paráfrase do texto bíblico é publicada em um site da internet (http://bibliafreestyle.com.br/), sendo um capítulo por dia reescrito pelo também *vlogger*. A Bíblia Freestyle é escrita em parceria com o também pastor evangélico Guilherme Burjack, que já foi pastor batista na cidade de Goiânia e hoje pastoreia a Comunidade Sal da Terra, também na capital goiana. Ariovaldo é acusado por muitos evangélicos de cometer "sacrilégio" com o texto bíblico.

Torcedor do Sport Club Corinthians Paulista, o pastor renomeou as epístolas de Paulo aos coríntios como I e II Corinthians. A versão do primeiro capítulo da carta, publicada em 20 de maio de 2015, começa assim:

> 1 CORINTHIANS 1
> Paulo, truta de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, e o mano Sóstenes, mandando uma letra esperta pros Corinthianos, separados junto com toda a Fiel que chama pelo nome de Jesus Cristo. Ele é Senhor de todos nós! Um salve pra galera aí! (BÍBLIA FREESTYLE, 2015).

A tradução da Nova Versão Internacional – que é rejeitada por alguns segmentos pela acessibilidade que teria – é mais formal:

> Paulo (chamado apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus), e o irmão Sóstenes,
> À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:
> Graça e paz da parte de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.
> 1 Coríntios 1:1-3. (BÍBLIA ONLINE, s/d).

Em sua página do Facebook, se descreve como "pastor, teólogo do mundo real, palestrante desmotivacional, tradutor freestyle das Escrituras, admirador do Ensino Reformado e portador de TDAH com a bênção de Deus!". (ARIOVALDO JR., 2015). Ariovaldo certamente não se encaixa no estereótipo do pastor evangélico. Tatuado, usa um *piercing* em seu nariz, indica músicas como "How can I go on?" - cantada por Freddie Mercury e Montserrat Caballe – como canções espirituais. É casado e, segundo um vídeo, já foi diagnosticado com depressão e teve de fazer tratamento.

2.2.3.2 Dois dedos de teologia com Felipe Cruz e Yago Martins

Felipe Cruz e Yago Martins são representantes do movimento reformado protestante. Embora não seja uma organizado ou representado por uma instituição, se refere a uma crescente adoção do calvinismo e sua filosofia por evangélicos de outras denominações que não a Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil (IPB) que, historicamente, é reduto desta vertente teológica. Cabe considerar que a maior parte das igrejas protestantes no Brasil é adepta do arminianismo – doutrina que defende, entre outras questões, o livre-arbítrio do homem.

O vídeo de apresentação[19] do Dois Dedos de Teologia reproduz um adágio popular entre alguns grupos protestantes – e reproduzido por Ariovaldo Jr. em seu vídeo "#46 – Missão integral". "Teologia é como o vinho. Produzido na Europa, adulterado nos Estados Unidos e consumido no Brasil". Os *vloggers* têm o hábito de fazer diversas citações de filósofos e teólogos durante seus vídeos. O propósito do canal, explicam os *vloggers*, é dar seus "pitacos" sobre teologia.

2.2.3.3 Fabiana Bertotti

A *vlogger* apresenta-se como cristã adventista, casada e escritora independente – atualmente, assinou contrato com uma editora –, que em alguns momentos aproveita para divulgar seu livro. Fabiana ainda dá palestras e conselhos pedidos por e-mail, Facebook ou YouTube. Nasceu na Bahia, mas, segundo a vlogueira, muitos questionam sua naturalidade, pela facilidade de reproduzir sotaques.

Diz-se organizada, o que, segundo a vlogueira, pode ser percebido pelas playlists de seu canal. Em outro vídeo, salienta que já fez terapia. Fabiana utiliza este testemunho como argumento para sustentar seu ponto de vista no vídeo "Crente tem depressão". Em "O cristão e os homossexuais" diz que, embora discorde da "prática homossexual", ela diz ter amigos gays, que estes são muito queridos e os apoia, como a qualquer ser humano.

[19] https://www.youtube.com/watch?v=HTiCx5QbSos

2.3 O debate no YouTube

Para discutir as características do debate do YouTube, é importante entender quem pode participar de sua comunidade. Uma das primeiras exigências para participação em comunidades virtuais é ser alfabetizado, segundo Burgess e Green (2009). Estes campos têm regulamentos próprios que qualificam ou não determinada pessoa como seu legítimo usuário[20].

> Ser “letrado” no contexto do YouTube, portanto, significa não apenas ser capaz de criar e consumir o conteúdo em vídeo, mas também ser capaz de compreender o modo como o YouTube funciona como conjunto de tecnologias e como rede social. Para nossos objetivos, o que conta como “alfabetização” é algo menos parcialmente específico à cultura do próprio YouTube. Competências individuais e conhecimentos são necessários, mas nem todos eles podem ser importados de outros lugares. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 101).

Hartley (2009) aponta que os jovens são a geração mais apta a compreender as formulações da cultura da internet social. Burgess e Green (2005) afirmam que a maioria dos usuários ‘líderes’ das comunidades virtuais é jovem. Há que se considerar, no entanto, que, pelo menos no Brasil, eles são a maioria dos usuários da internet, o que ajuda a desconstruir o mito de sua aptidão nata às tecnologias e mídias sociais. (IBGE, 2012; BRASIL, 2015).

Pode-se dizer que a alfabetização está relacionada ao comportamento na internet. Neste sentido, alguns usuários atraem para padrões específicos de postagens, o modo como se refere a alguém na mídia social etc. Percebe-se que o modo como se fundamenta determinada proposição tem grande importância na economia de sentido do YouTube.

2.3.1 Formas de argumentar

A partir da análise feita, foi possível identificar que três tipos diversos de argumentação eram utilizados com frequência para fundamentar ou questionar os

[20] “Para atuar efetivamente como participante na comunidade do YouTube, não basta simplesmente importar convenções aprendidas da prática criativa de outros lugares, nem as competências culturais exigidas para executá-las (por exemplo, da produção profissional de televisão). O “sucesso” (mensurado por meio da adesão de um grande número de assinantes leais, ter seus vídeos “recomendados” ou receber milhões de visitas por vídeo) parece ser angariado ao se explorar de maneira eficiente essas competências específicas no site. Isso requer um reposicionamento do que denominamos alfabetização digital e quais habilidades apontadas como alfabetizadoras são adquiridas, compartilhadas e aprendidas em um contexto de comunidades de conteúdo criados por usuários como é o YouTube.”. (BURGESS; GREEN, 2009).

sentidos religiosos que circulam naquela mídia social. Usuários utilizaram-se de ataques, citações ou restrições, que dependem de premissas. O Quadro 2 faz um breve resumo de cada uma destas estratégias, detalhadas adiante.

Os ataques são agressões diretas e deliberadas feitas a um usuário ou a sua argumentação a partir de determinada premissa. Apenas os *haters* e *trolls* parecem não estar relacionados a uma premissa. Citações são o uso de elementos diversos para fundamentar algo, também a partir de uma premissa. Já a restrição está ligada à noção de identidade comunitária.

Quadro 2 – Formas de fundamentação percebidas na análise.

Tipo	Premissa	Características	Reelaborações
Ataque	Ortografia	Crítica ao modo como outro usuário escreve, alegando falta de conhecimento ou capacidade de debater algum assunto por conta de uma ortografia "inadequada". Dirigida a quem escreve fora dos padrões da norma culta.	Crítica a esta argumentação, alegando preconceito linguístico, solicitação para que se enfoque no aspecto semântico e não sintático da linguagem. Empiria.
	Ad Hominem	Trata-se da ação de questionar argumentos a partir de seus autores, mas não sua fundamentação. Apontado na dialética erística.	Argumento é questionado como falacioso, insuficiente e preconceituoso.
	Inteligibilidade	Alega-se que o interlocutor não tem capacidade intelectual para entender ou realizar determinado debate ou que se está jogando "pérolas a porcos".	Argumento é questionado como insuficiente e preconceituoso. Alega-se que quem o usa tem "medo de argumentar"
	Ridicularização	Busca descrédito do interlocutor por sua ridicularização. Depende do apoio de outros usuários, para que não se torne apenas um hater.	Argumento é questionado como insuficiente e preconceituoso. Também pode ser respondido com outra ridicularização, ou ataque por inteligibilidade. Empiria.
	Hating	Comentários negativos e virulentos, sem um motivo expresso, em conteúdo que recebeu avaliações positivas. Não é necessariamente direcionado a um tipo específico de usuário.	Denúncias, moderação de comentários, respostas depreciativas, ignorar tal atitude.
	Trolling	Comentários postados com o propósito de criar discussões e causar brigas. Não é	Denúncias, moderação de comentários, respostas depreciativas, ignorar tal atitude.

		necessariamente direcionado a um tipo específico de usuário.	
Citação	Doutrinária (Bíblia)	Apelo à doutrina religiosa. Tem mais efeito quando destinado a outro usuário que tenha interpretação semelhante.	Citação de outras fontes, como ciência e outros documentos disponíveis. Ridicularização, questionamento da inteligibilidade. Empiria.
	Moral	Apelo à construções éticas. Pode ou não ser doutrinário. Não é necessariamente direcionado a um tipo específico de usuário.	Citação de outras fontes, como ciência e outros documentos. Apelo à ideia de diversidade. Empiria.
	Ciência	Apelo ao conhecimento científico. Geralmente utilizado para desconstruir posições doutrinárias ou morais. Em alguns casos, é usado para apoiar determinada posição doutrinária ou moral.	Questionamento da ideia de ciência e suas condições de produção. Citação de outras fontes de conhecimento e/ ou científicas. Desconsideração dos argumentos. Empiria.
	Filosofia	Apelo ao conhecimento filosófico. Geralmente utilizado para desconstruir posições doutrinárias ou morais, embora também possa ser utilizado para as apoiar.	Questionamento da proposição filosófica. Citação de outras fontes de conhecimento e/ ou filosofia. Desconsideração dos argumentos. Empiria.
	Empiria	Testemunho de uma situação específica da vida de um usuário, sua generalização e aplicação como um modelo.	Questionamento da qualidade do texto perante outra fonte. Citação de outras fontes de conhecimento. Ridicularização da ideia. Apelo à diversidade. Empiria.
Restrição	Identidade comunitária	Alega-se que determinado usuário não tem direito de comentar – e sequer assistir – determinado vídeo por pertencer a outro grupo ou comunidade.	Argumento é considerado como insuficiente. Usuário fundamenta sua participação com outro elemento: uma preocupação moral, por exemplo. Empiria.

Produzido pelo autor.

2.3.1.1 Ataques

2.3.1.1 Ataque ao modo como se escreve

Em um contexto em que a relação dos atores é toda mediada, o que se escreve dá condições para se avaliar o interlocutor. Dada a ausência de informações que, numa interação face a face estariam presentes, as pessoas são julgadas e percebidas pelo modo de escrever, o que escrevem e o que postam. (RECUERO, 2011). Deste modo, se exerce vigilância sobre o uso da linguagem.

Em artigo sobre a escrita na internet, Bisognin e Finatto (2012), apontam que se fazem algumas críticas infundadas ao “internetês”, depreciações apressadas que surgem do estranhamento às novas formas de apropriação da língua. Este seria um dialeto social, uma variante tão somente da língua escrita e utilizada apenas na web. Cabe considerar, porém, que se tenta exercer poder através da vigilância de como se fala.

Fernanda couto
Eu não me masturbo porque não gosto, não porque uma Igreja ou Jesus está me vigiando. Cara, to vendo seu canal, cheio de vídeo aulas bacanas, porque tu ainda tem esses pensamentos atrasados? Idade Média já passou.

Marcio de Silva
+Fernanda couto Ráaaaa!! Pegadinha do Mallandro, cara... ié, ié!! Salci fufu, cara! (Você acreditou? Huehueheuheuheu)

Fernanda couto (1 like)
UDHFUKDFKDJHF avi, olha, eu achei que era sarcasmo assim que li, mas aos poucos eu achei que era verdade mesmo, afinal, tem tanto fanático que fala umas coisas assim também '-' aliás, *achei estranho tu escrever tão certinho daí ljflkjdlkfjfkld*. (Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação. Itálico do autor).

mxkt77
+Carlos Amaral
Olha mais um cheio de peito...
Como estou com pressa vamos esquecer o gerúndio e falar já no bom português da velha pátria:
Primeiro, começa por escrever com pontuação; maiúsculas quando te referes a Cristo, o Pai ou o Espírito Santo, citações com aspas, espaços depois da pontuação, etc. Estamos entendidos? *É que um tipo que escreve palavras de "sete e quinhentos" como "exegese" e "hermenêutica", e não sabe redigir um texto, é grave!* (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais. Itálico do autor).

> **Fabiano Perez (1 like)**
> RS RS RS Onde você foi alfabetizado?? Me conta!!! RS RS RS
>
> **João Paulo**
> +Fabiano Perez bom argumento!
>
> **Fabiano Perez**
> RS RS RS Não importa a argumentação! Rs RS RS O importante é você continuar escrevendo assim! Rs RS RS Desculpe... é difícil parar de rir... Rs RS RS. (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

Nos excertos acima, se percebe que a vigilância ao modo como se escreve como uma estratégia de argumentação. Está envolvida, ainda, a construção de estereótipos a partir do modo como alguém se expressa. Para Fernanda Couto, o fanático religioso escreve mal e tem ideias atrasadas. Já o usuário mxkt77 desconsidera a erudição que seu interlocutor (Carlos Amaral) alega ter, já que Carlos constrói suas frases no gerúndio e erra na pontuação.

Interessante notar que mxkt77 ainda repreende seu interlocutor porque este não utilizou inicial maiúscula para se referir ao divino. Até onde esta é uma crítica a supostas transgressões à norma culta da variante brasileira da língua portuguesa e onde inicia-se uma apropriação da linguagem para empoderamento? Para o religioso monoteísta, faz sentido grafar Deus com inicial maiúscula, caracterizando o divino como aquele que está acima de todos os outros. Contudo, para o politeísta ou para o ateu, não tem sentido esta construção.

Importa destacar que a forma participa da construção do conteúdo. O modo como se diz algo reflete-se no que se diz. Ainda, a reivindicação de uma forma específica aparentemente elenca um conteúdo identitário. Uma luta pela significação "correta" de cada enunciado.

2.1.1.2 Ataque *ad hominem*

A dialética erística, discutida por Schopenhauer a partir de textos aristotélicos, é utilizada pelos usuários. O ataque ao homem é a desconstrução de determinado argumento a partir da desvalorização de seu autor. No excerto abaixo, percebe-se uma crítica a tal atitude:

> **India Capitalista Opressora (9 "gostei")**
> +Orlando Bellei Falácia de ad hominem. Ao invés de questionar nomes, questione argumentos. É tão idiota sua falácia quanto dizer que eu não devo argumentar com judeus ou negros. [...] (Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja).

Também se ataca por desvalorização do interlocutor quando se questiona sua inteligibilidade ou o ridiculariza. Contudo, é preciso destacar que cada um destes ataques está relacionado a uma categoria diferente, como apresentado adiante.

2.1.1.3 Ataque à inteligibilidade do interlocutor

Nos excertos anteriores, percebe-se que um usuário questiona a inteligibilidade do oponente que não escreve corretamente. No entanto, não é porque se acredita que ele é realmente incapaz de entender. Se fosse isto, não haveria razão para avisar ao interlocutor que este tem problemas na escrita e, assim, é incapaz do debate: acreditar-se-ia que ele também não conseguiria entender o que se escreve. Ao que parece, é apenas uma estratégia de desvalorizar a argumentação alheia.

Tais ataques, contudo, também podem estar ligados a ideia de que o interlocutor não tem conhecimento:

> **Marllom Oliveira**
> Infelizmente não irei interagir com você, Lucas. Devido a sua falta de conhecimento vejo que és duro de coração e não compreenderia minha explanação.
>
> **lucas soares**
> Ta com medo de argumentar é?
>
> **Marllom Oliveira**
> Sim, Lucas. Seremos julgados de acordo com o conhecimento que temos e aprendi que não devo entregar minhas pérolas à porcos.
>
> **lucas soares**
> +Marllom Oliveira Agora você partiu pra ignorância...me comparando a um porco?? Vocês crentes são a escória mesmo. (Bíblia Freestyle – Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

Há ainda quem critique esta postura. É o caso de Édipo Hikari, que comenta: “O que acho mais engraçado é as pessoas debaterem com fantasma... mandar o outro estudar não é argumento”. (Bíblia Freestyle – Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

Uma outra maneira de desconsiderar a inteligibilidade alheia traveste-se de preocupação com o direito autoral. No vídeo “O homossexual na igreja”, o usuário Tamisson Reis defende seu comentário desta acusação. “Copiando e colando? Deixe de ser preguiçoso, uma simples pesquisa no google para verificar que meu parágrafo nada tem de ctrl c + ctrl v”. (Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja).

2.1.1.4 Ataque por ridicularização

Uma estratégia que também é usada é ridicularizar a argumentação do interlocutor. Contudo, quem busca ridicularizar seu 'oponente' precisa ser apoiado por outros usuários. Caso não tenha este apoio, torna-se apenas um *hater*. O excerto a seguir expressa esta dinâmica. No caso, os *vloggers* respondem com a mesma estratégia.

> **Vinicius Teixeira (3 "gostei")**
> A liberdade de expressão permite que qualquer idiota fale qualquer bosta...
>
> **Dois Dedos de Teologia (2 "gostei")**
> +Vinicius Teixeira Percebi isso no momento em que você comentou
>
> **Jesse Peartree**
> O mais engraçado é falar do que não sabe, sem fundamento e querendo privar pessoas de serem felizes somente por uma ideologia religiosa e preconceituoso, mas amém... Somos livres em Cristo.
>
> **deivid jhones**
> +Vinicius Teixeira Verdade cara. Apaga! (Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja).

2.1.1.5 *Haters* e *trolls*

O *hating* e o *trolling* designam atitudes desvalorizadas pela comunidade do YouTube. A primeira fundamentação refere-se a postagem de comentários virulentos sem motivo aparente. Já a segunda ocorre quando alguém (um *troll*) posta comentários deliberadamente com o propósito de criar discussões e causar brigas.

Definir quem é *troll* ou não é papel da comunidade, trata-se de um "julgamento" social. Em alguns casos, se atribui esta alcunha a usuários que discordam de alguns pontos mas, para seus interlocutores, não argumenta de forma adequada. O excerto abaixo apresenta parte desta dinâmica.

> **Allan Maron (61 "gostei")**
> Defecou pela boca. Tentou ser imparcial e acabou sendo uma homofobica escrota.O mundo ta assim uma desgraça por conta de pessoas como vc.
>
> **EUDES JUNIOR (16 "gostei")**
> Tu queria que ela fosse imparcial, ou a favor do homossexualismo? Ela é cristã e só deu a opinião na qual eu concordo e compartilho...
>
> **Pâle enfer (3 "gostei")**
> +EUDES JUNIOR crente fazendo crentice...

> **zedasilva3 (editada pelo usuário)**
> +EUDES JÚNIOR Troll não se responde. Se ignora e deixa morrer de fome...
> (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

O *hater* também é mal visto. É uma espécie de internauta engajado em comentar negativamente – com expressões virulentas, beirando o ódio – qualquer conteúdo que têm recebido avaliações positivas. Tanto o *troll* como o *hater* rompem as condições de diálogo, já que ignoram o princípio da retidão moral. Para Habermas (2013), esta é uma das exigências do ato comunicativo. Contudo, se deve considerar que a atitude destes usuários pode refletir o descontentamento com as regras de uma comunidade, ou apenas uma tentativa de romper com o diálogo.

De qualquer modo, *trolls* e *haters* estão envolvidos nas dinâmicas das comunidades virtuais. Podem criar conflito, que "pode gerar hostilidade, desgaste e ruptura da estrutura social", segundo Recuero (2011). Ainda de acordo com a autora, outras dinâmicas das comunidades na internet são a cooperação, a competição, agregação e ruptura, adaptação e auto-organização.

O conflito também é construtivo para a comunidade virtual, pois pode gerar adaptações. A economia simbólica dos internautas já encontrou seu modo de lidar com *trolls* e *haters*. Além das reorganizações institucionais[21], os usuários respondem a estes com sua maior ferramenta de poder: a linguagem. Deste modo, tornam-se comuns expressões pejorativas a tais categorias de usuário, como "*haters gonna hate*"[22].

Talvez a resposta comunitária – a reação dos próprios usuários – seja mais eficiente do que uma ação institucional dos sites. Por outro lado, reflete uma sensação de que *trolls* e *haters* já fazem parte da economia cultural da internet. Burgess e Green (2009) argumentam que muitos usuários relutam em moderar ou apagar os comentários, porque tal ação seria contraditória à liberdade da cultura participativa (que é um dos princípios da Web 2.0).

---

[21] Burgess e Green (2009) lembram das políticas de edição de conteúdo da Wikipedia, da moderação de comentários em blogs, mas lembram que é necessário "que um enfoque apropriadamente sofisticado seja adotado para equilibrar a livre comunicação com a qualidade do site como espaço de comunicação", dizem (BURGESS; GREEN, 2009, p. 129).

[22] Odiadores vão odiar, em tradução livre. Outra variação da frase, "haters gonna hate and potatoes gonna potate" (algo como "odiadores vão odiar, e batatas vão ser batatas") já é explicada pelo Urban Dictionary (2014) como um modo de dizer que você não pode impedir que as pessoas façam o seu melhor – mesmo que o melhor seja odiar. Sendo assim, só se pode deixar que os odiadores odeiem.

Não é o caso de Fabiana Bertotti. Em seu *vlog* é possível perceber que alguns comentários foram moderados. Nos vídeos, contudo, Fabiana convida os usuários a comentar o que acham. A reação dos *youtubers*, contudo, não é tranquila.

> **Maxson Mackenzie (1 like)**
> CENSURA nessa porra desse topíco DONA CRETE? achei que os voces fossem mais democraticos e ainda restasse um pouco de dignidade, continua a hipocrisia de sempre.Um comentario que nao tinha nada pra ser censurado, e foi deletado. HIPOCRITA como sempre !! (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

Em um vídeo mais recente – não analisado nesta pesquisa – a *vlogger* diz que gosta muito da participação de quem a assiste nos comentários. Diz que, embora não consiga ler tudo, tenta responder a maior parte possível. No vídeo, Fabiana explica porque começou a moderar comentários. Afirma que gosta dos comentários,

> mesmo que você não concorde comigo e eu também não concorde com você, mas conseguimos discutir com educação e respeito, e acho que isto é fundamental. Eu nunca tinha apagado as coisas do meu... os comentários aqui embaixo, no YouTube, nem no blog porque eu achava que 'ah, deixa todo mundo, deixa brigar comigo, me xingar e tudo...'. Mas de um tempo para cá, eu disse NÃO! [ênfase]. O espaço é meu, eu não preciso deixar as pessoas me xingarem, as pessoas faltarem com a educação. Isto não significa que você não possa discordar. Pode e deve porque em um lugar onde todo mundo está com a mesma opinião, tem muita gente sobrando. Mas às vezes as pessaos simplesmente vêm para atacar, para xingar, falar coisas assim tão chulas que, tipo, o canal é meu né?, eu apago, comecei a apagar alguns, não consegui todos porque tem muito vídeo. [...] Eu fiquei pensando assim um tempo, nossa, porque a pessoa gasta o tempo dela em vir aqui, xingar. Se eu não gosto de uma pessoa, não vou perder meu tempo precioso com ela. Tem gente que não gosta de você e quer xingar, quer brigar. (Fabiana Bertotti – Crente mi mi mi).

Fabiana destaca, em sua fala, que o canal é sua propriedade e, deste modo, ela ditaria algumas regras. É uma posição polêmica numa mídia social, mas certamente apoiada pelos fãs dela. Dentre os *vlogs* analisados nesta pesquisa, ela foi a quem mais recebeu críticas. Contudo, é defendida – direta e indiretamente - por vários usuários.

2.3.2 Citações

2.3.2.1 Citações doutrinárias

Este tipo de fundamentação aparece diversas vezes nos vídeos analisados. Está ligada a legitimação dos *vloggers* religiosos. Suas proposições são avaliadas pela fidelidade à interpretação bíblica do usuário. O excertos abaixo aponta tal dinâmica.

> **silas rodrigo**
> Parabéns mais uma vez, ótimo raciocínio.
> Porém, me desculpem, mas agora estou assistindo seus vídeos com certo receio de o dois dedos de teologia quase não ter fundamento bíblico, agora fica parecendo que são aqueles tradicionais modernos evangélicos que hora usam a Bíblia e hora não usam, de acordo com o que creem, como no vídeo a respeito do casamento gay e esse. Creio ser mais consistente ter base bíblica do que outra coisa qualquer ou pensamento moderno... Por que ser contra o casamento gay de acordo com a Bíblia? Religião e Política de acordo com a Bíblia...
> Valeu... (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

2.3.2.2 Citações científicas ou filosóficas

É comum recorrer ao conhecimento filosófico e científico para embasar uma argumentação. O que se percebe não é apenas um apelo a autoridade, mas também uma estratégia para debater e convencer o interlocutor a partir de uma linguagem comum. Isto parece corroborar aos apontamentos de Habermas (2013).

> **Wallace Goulart Gaudie Ley (2 "gostei")**
> Então vai falar isto pro Leandro Quadros:
> http://novotempo.com/namiradaverdade/videos/na-mira-da-verdade-especial-depressao/
> De verdade não sei pq perco tempo com discussões na internet! Só doido meo pai! (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?).
>
> **Josué Sampaio (14 "gostei")**
> Vc quer uma explicação cientifica que prove que Deus existe? Pois esta explicação já foi da por um filosofo que se julgava ateu chamado Renê Descartes. (Fabiana Bertotti – O cristão e a homossexualidade).
>
> **Júlio Bastos (12 "gostei")**
> +Nerokaroki Talvez você não saiba, mas há pessoas com noções diferentes sobre realidade. E não digo eu, mas caras importantes, desde datas a.C. até hoje, como Platão, Agostinho e Kierkegaard.
> Você parece seguir a escola de Barão d'Holbach, mas Marx é mais popular e também fala algo a respeito. (Fabiana Bertotti – O cristão e a homossexualidade).

2.3.2.3 Citações empíricas

Trata-se do uso do conhecimento do senso comum, defendendo argumentos com experiências de vida. Pode corroborar ou descontruir sentidos, como mostra o excerto abaixo. Importa considerar que o critério de verdade do senso comum é a autoridade de algo, conferida pela experiência. Enquanto isto, a autoridade religiosa parte do divino.

> **Lídia Azevedo (159 “gostei”)**
> Idependente de ser pecado ou não gostaria de discordar em alguns pontos. Eu sou de familia evangélica tive essa mesma criação. Desde criança(10 anos) me masturbo e sempre ouvi da minha mãe que era pecado, que não podia, que eu nao ia ser sexualmente plena depois etc e nada disso me impediu de me masturbar. Hoje sou casada sou MUITO feliz sexualmente, tenho 0 dificuldades para atingir um orgasmo. Enquanto muitas das minhas amigas que se reprimiam e nao se tocavam tem problemas pra isso, nao conseguem gozar e o casamento vai muito mal por isso. (Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação).

2.3.3 Restrição identitária

Apela-se ao fato que o YouTube possibilita a segmentação de conteúdo. Neste sentido, argumentam os religiosos, não há porque alguém que discorda acessar um vídeo de um canal cristão para criticá-lo. Esta dinâmica permite pressupor que o *vlog* não é para o não crente, estando disponíveis apenas aqueles que aceitam a mensagem. Contudo, o religioso pode questionar por ter motivos “espirituais” para fazê-lo.

Há um repúdio ao “neoateu” ou “ateu militante” por parte de religiosos. Justifica-se tal repúdio com um argumento próximo ao de Ariovaldo Jr. em “Rapinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?”. Argumenta-se que se alguém não acredita em unicórnios pela falta de lógica pressuposta em sua existência, não teria motivos de esforçar-se em refutar aqueles que tem tal fé. A crítica dos “ateus militantes” seria, assim, perda de tempo.

> **Adriano Fonseca (7 “gostei”)**
> Putz, o pior de tudo é que ateístas vem feder no canal Biblia Freestyle, aliás, devem ser os tais neoateistas, crias de Richard Dawkings, que dedicam suas vidas a combater o teismo. [...] De boa meus amigos, não querem acreditar em Deus, vao ver um video de algum filosofo ateu ou ler Nietzsche, nada melhor que cada um na sua e com os seus, respeitar a liberdade alheia é um valor admirável em qualquer religião (ou não-religião). [...]. (Bíblia Freestyle – Rapinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

> **Kaio Vilas Boas (4 “gostei”)**
> [...] O que parece é que algumas pessoas vêm munidos com uma tonelada de argumentos pré-prontos, e independente do que o vídeo está passando, eles só querem "metralhar" suas ideologias e insatisfações.
> Que tal prestar atenção no que o vídeo está falando, antes de ficar promovendo debates que não vai levar a lugar nenhum?

2.3.4 Outras dinâmicas

> **Victor Hugo S. Costa (2 “gostei”)**
> Fabiana, admiro sua paciência em lidar com tantos comentários desnecessários e desprovidos de bases sólidas (científicas). Quanta gente ignorante e cheia dos palpites. Gente, vai estudar, por favor! Antes de abrir a mente para abordar uma temática que você não tem um conhecimento profundo. [...]. (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?).

> **Flávio Carlos Rosario Santos (2 “gostei”)**
> +Antonio Ferreira de Almeida OW srsr vai mesmo gastar energia .. mimimimi por isso ?? depois de um super apoio e demonstração de carinho ?? (Fabiana Bertotti – O cristão e o homossexual).

Nos excertos acima, percebe-se uma relação de cooperação com a vlogueira Fabiana Bertotti. Como lembra Recuero (2011), trata-se de um processo que forma estruturas sociais. Pode surgir por interesses pessoais, pelo capital social que está envolvido ou os objetivos de um grupo. Nos comentários, percebe-se também cooperação entre usuários.

> **Bíblia Freestyle (8 “gostei”)**
> Tá online o vlog dessa semana, sobre ANSIEDADE E DEPRESSÃO.
>
> **Kaio Alencar**
> Cara queria q vc falasse sobre tatuagem e pinces em um dos seu videos, com bases bíblicas e tudo mais. Agradeço desde já
>
> **Thiago Candido**
> +Kaio Alencar Ja tem parceiro e um dos 1º
>
> **Lucas Macena**
> +Kaio Alencar Se não me engane é o vídeo 10 do vlog. (Biblia Freestyle - #45 – Ansiedade e depressão).

Como se vê, é praxe quem segue os *vlogs* fazer seus pedidos. As mídias sociais reestruturam a teoria da agenda. Quem assiste os vídeos também sugere temas e o papel da comunidade no agendamento de temas é tão forte como o do *vlogger*. Afinal, no YouTube, todos podem o ser.

Recuero (2011) ainda aponta como dinâmicas de comunidades virtuais a agregação e ruptura. São, respectivamente, a entrada de novas pessoas no grupo, ou a saída de alguns usuários. No vídeo “#45 – Ansiedade e Depressão”, do canal Bíblia Freestyle, há um comentário do tipo. “Melhor vídeo sobre o assunto que já assisti! Ganhou um inscrito!”, disse o usuário Felipe Rodrigues.

A adaptação e auto-organização também se fazem presentes nas comunidades digitais. No YouTube, estão em vigência regulamentos daquela e de

outras mídias sociais. Escrever em maiúsculas, por exemplo, é considerado ofensivo tanto na plataforma como em outros lugares da internet. “Pare de usar caixa alta, fica muito feio isso”, é a repreensão de Felipe Maschio a outro usuário. (Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação).

A comunidade do YouTube tem construído suas normatizações sociais e certamente os vídeos amadores (especialmente os *vlogs*) tem contribuído nisto. É talvez um fenômeno que mostre que as mídias sociais estão, cada uma, constituindo-se em um novo campo, criando seus próprios métodos para lidar com as pressões internas e externas.

2.4 Aspectos da legitimação dos *vloggers*

As dinâmicas de celebrização, popularização e legitimação do YouTube envolvem a comunidade daquela mídia social. Dentre deste contexto estão os *vlogs*, cuja disponibilidade na plataforma não é suficiente para garantir que sejam acessados e ganhem influência. Quais elementos estão relacionados a legitimação – a conquista de autoridade[23] - do vlogueiro religioso?

A partir da análise dos comentários feitos nos canais, foi possível apontar elementos que participam da legitimação dos *vloggers*. Três elementos se destacam: a fundamentação do vídeo, proximidade do conteúdo e, por fim, aparência. Cabe destacar que estes aspectos nem sempre aparecem demarcados ou “puros”, mas sim, manifestam-se em conjunto. Um comentário pode criticar a fundamentação de um conteúdo, criando relações entre ela e a aparência do *vlogger*, por exemplo. A seguir, cada uma destas categorias é apresentada.

2.4.1 Fundamentação

Trata-se de uma categoria relacionada a argumentação dos vídeos e que está ligada à credibilidade informativa de um canal do YouTube. Aqui se consideram os recursos argumentativos, o conhecimento empírico dos *vloggers* sobre o tema e suas fontes de informação. É preciso considerar que, como aponta Benjamin (1987), a informação precisa ser plausível, sendo desconsiderada quando é falseada. O

[23] Recuero (2011) define autoridade como a influência efetiva de um usuário em sua rede, considerando-se a sua reputação, como explicado na página 43.

discurso deve ser racional, ter sentido lógico, defendido com informações de fontes específicas.

Quando um *vlogger* desrespeita esta condição – ou este “contrato de leitura” -, perde parcela de sua credibilidade informativa perante algum grupo. Nos vídeos analisados, a credibilidade informativa se relaciona aos recursos de argumentação, a uma correta hierarquização e encadeamento da informação apresentada, as fontes consultadas e o conhecimento empírico. São fatores complementares que participam neste aspecto da legitimação.

Em relação aos recursos argumentativos, há uma preocupação dos usuários tanto com a forma como conteúdo e intencionalidade. Em relação à forma, prevalecem as preocupações com uma argumentação que não se utilize de falácias ou sofismas. Pode-se tentar convencer o outro, contudo, de forma “honesta” e que tenha em si caráter de veracidade. De modo semelhante, se avalia se o conteúdo não ofenderia intencionalmente alguém ou determinado grupo social.

> **Rafael Jacy Nunes (editado pelo usuário)**
> Conheci o canal de vocês, o dois dedos de teologia, a pouco tempo. Também sou "teologando", curso o 5º período de teologia na UNASP (Universidade Adventista de São Paulo) e virei "fã de carteirinha" de vocês. Gente equilibrada, seria, embasada e que procura ser honesta intelectualmente é algo raro hoje em dia. Principalmente, para falar de teologia e afins. Sobre este vídeo em particular, não saberia ser mais claro e pontual!
>
> Grande abraço! GOD bless u! (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

> **Vitor Soares (editado pelo usuário – 62 “gostei”)**
> Parabéns por compartilhar um preconceito TÃO disfarçado. A princípio, parece sim que isso só vai gerar respeito e amor, mas não. É aquele típico caso de "tenho até amigos gays, mas...". [...]. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

> **Eli Vieira[24] (254 “gostei”)**
> "Não estou dizendo que eu seja a favor de práticas homossexuais. Mas eu tenho amigos gays que não vivem em práticas homossexuais."
> Que interessante. É basicamente a mesma opinião do Silas Malafaia expressada com retórica fofinha. Ignorando é claro que para uma pessoa homossexual não é apenas sexo que faz falta, mas também relacionamentos, amor. [...]. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

[24] É o mesmo geneticista que, após a polêmica entrevista de Silas Malafaia a Marília Gabriela, gravou vídeo – que tornou-se viral - refutando a argumentação do pastor evangélico.

Os excertos acima apontam que os fatores percebidos na análise são complementares e a intencionalidade[25] parece ter maior importância. Contudo, a agressão a qualquer um destes elementos pode reduzir a credibilidade do *vlogger.* Ainda importa dizer que o modo como cada um destes fatores é percebido e avaliado por quem assiste pode depender de quais grupos sociais pertence, crenças prévias, escolaridade e outros. O que a análise pontua é que as diferenças no modo como quem assistiu ao vídeo percebe determinado conteúdo são frutos dos diversos perfis sociais, históricos e culturais.

O que o geneticista Eli Vieira considerou preconceito velado transmitido deliberadamente em um ato de homofobia, é visto de outro modo por usuários evangélicos, por exemplo. Dentre estes, se encontra a afirmação de que o vídeo de Fabiana Bertotti é um ato de amor aos gays. Outra subcategoria de avaliação percebida foi a hierarquização e encadeamento de informações. Os comentários abaixo demonstram esta avaliação:

> **Sergio Mendes (14 "gostei')**
> Show de desinformação e ignorância!
>
> **Gilberto Oliveira (6 "gostei")**
> Sempre que cristãos tentam falar sobre sexo ou coisas do tipo da merda!
>
> **Heginaldo (1 "gostei")**
> O que esperar de alguém que põe um livro na frente de necessidades fisiológicas? (Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação).
>
> **Guilherme Rodrigues (3 "gostei")**
> Muito bacana, vale sempre muito apena ver seus vídeos, muita informação necessária para viver em um evangelho cheio de clichês. (Bíblia Freestyle - #45 – Ansiedade e depressão).

Observa-se que não só a informação deve ser verdadeira, útil, mas também deve estar encadeada em uma sequência lógica (que pode ser hierarquizada). O que é verdadeiro varia conforme o perfil do respondente. Se para muitos evangélicos que comentaram a masturbação é prejudicial espiritual e fisicamente, um dos excertos acima critica o que Fabiana diz – e também, por consequência, as fontes a que ela recorreu. Estrutura-se até mesmo um preconceito em relação à classe que Fabiana representa.

Aqui se percebe uma dinâmica interessante. Embora os autores dos comentários a descredibilizem como fonte confiável de informação – ou fonte de

[25] No sentido de retidão normativa, como Habermas (2012) postula.

“desinformação” -, entendem que Fabiana representa / reflete de grande parte dos evangélicos por ser também desta religião. Quem dá à *vlogger* este papel neste caso, não são os religiosos, mas sim aqueles que não demonstraram confissão religiosa em seus comentários. Tal estratégia funciona como crítica ao discurso de Fabiana.

O comentário feito por Guilherme Rodrigues no *vlog* de Ariovaldo Jr. também demonstra que para quem comentou há a informação útil e aquela que, por alguma razão, não tem valor. Seja porque é composta por clichês ou sofismas, seja porque foi divulgada fora de seu contexto, a informação sem valor também tira a “credibilidade informativa” do *vlogger.* Mas, de que modo pode-se garantir uma informação verdadeira?

A consulta às fontes de informação corretas é um caminho. Tais fontes são diferentes para cada perfil de comentarista. A análise encontrou alguns tipos de rejeição às fontes, aliada aos modos de argumentação apontados anteriormente (Quadro 2 e 3.1.1 Formas de argumentar). Importa lembrar que uma fonte de informação pode ter valor diverso para cada grupo ou usuário:

> **Thaís Reghin (18 “gostei”)**
> Nao condeno os homossexuais, mas se vc acredita NA BÍBLIA, vai ter CLARAMENTE que a prática homossexual é pecado, assim como: mentir, roubar, se achar mais santo que os outros, ENFIM... se vc nao acredita na bíblia (palavra de Deus) entao nem há o que dizer.
>
> **Eli Vieira (32 “gostei”)**
> Thaís, você esqueceu de incluir fazer tecidos de duas fibras diferentes e comer frutos do mar. As duas coisas são chamadas de "abominação" no Levítico, junto com homossexualidade. Mas tem muito cristão que não lê a própria Bíblia e pratica a incoerência com suas ordens arbitrárias e irracionais.
>
> **Gustavo Don (10 “gostei”)**
> +Léo Pires Homossexualidade não é uma escolha e muito menos uma doença, então por que deve ser considerada pecado? Não tem lógica. Se amar não é pecado, e o que sinto por um outro homem é amor, por que isso é pecado? Eu acredito que é uma interpretação errada da biblia. Homossexualidade nunca foi pecado!
>
> **Léo Pires (2 “gostei”)**
> +Gustavo Don Também Acredito nisso que é uma interpretação errada pela bíblia,mas fazer oque né? (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).
>
> **silas rodrigo**
> [...] Creio ser mais consistente ter base bíblica do que outra coisa qualquer ou pensamento moderno... Por que ser contra o casamento gay de acordo com a Bíblia? Religião e Política de acordo com a Bíblia...
> Valeu... (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

As fontes “incorretas” também podem ser as doutrinas de outra denominação religiosa. Fabiana Bertotti sofre críticas de alguns usuários que assistem seu *vlog* por sua ligação com a Igreja Adventista de Sétimo Dia.

> **Igor Mattioli (editada pelo usuário)**
> [...] Não estou defendendo ninguém, só realmente comentando. Até por que sendo um vídeo de uma cristã adventista (que considera livros e dogmas da Ellen White, que é a profetiza deles) não se trata só de Bíblia (alguns casos claro). [...]. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

Por outro lado, há quem considera que a confissão religiosa da *vlogger* não interfere, porque vê proximidade entre o que creem e o que ela defende. A proximidade é, conforme a análise, um elemento importante na legitimação e autoridade de quem tem um *vlog* religioso.

> **Cláudio Zandonadi Soares (editada pelo usuário - 7 “gostei”)**
> A paz! Muito bons seus vídeos.
> Embora atinja na maioria das vezes um público "feminino", eu sou meio viciado em Vlogs e gostei dos seus vídeos! Muito edificantes.
> E embora eu veja muitas críticas aos "adventistas" (e eu sou assembleiano, rs), acho que a "placa" da igreja não importa e todos nós servimos á um único Deus.
> Parabéns pelo trabalho.
> Deus abençoe! (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?).

2.4.2 Proximidade

Pelo que se percebe na análise, a autoridade dos *vloggers* está relacionada ao quão próximo é o conteúdo de sua fala daquilo que outros usuários pensam. Assim, o que se propõe é avaliado pelos comunitários que definem em que grau tal afirmação concorda com seu pensamento ou se este é agredido.

Entre os religiosos, é comum observar se o que o *vlogger* fala não é contra doutrinas em que acredita. Em alguns casos, isto os leva a questionar se o dono do canal está, de fato, agindo como um verdadeiro cristão.

> **Guilherme França (10 “gostei”)**
> Fabi, gosto de muitas mensagens suas, mais do que outros evangelicos da internet.
> Porém como Cristão tenho que exortar quando há um erro bíblico.
> [...]
> É bíblico que a depressão é falta de fé.
> É bíblico que teremos ela. (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?)

> **Castro Castro (editada pelo autor do comentário)**
> Se a depressao ataca os crentes para que serve DEus Fabiana? Crente que tem DEus e feliz demais. jamais tem depressao ou doencas... voce como crista tem que ver alguns pontos em seus videos e cuidado com que vai falar. (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?)

Há de se considerar, entretanto, que a discordância não é um elemento que desconstitui totalmente a autoridade de um *vlogger*, como mostram os excertos abaixo:

> **Jaqueline dos Anjos Marcos (editada pelo autor do comentário)**
> Oi Fabi, tudo bem? Gosto muito dos seus vídeos, mas há alguns pontos em que discordamos (claro! Deus fez cada um de nós únicos, né? kkkkkk). [...] (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?)

> **Thiago Lima**
> Parabéns a vcs pelos debates..nem tudo eu concordo, porem gosto do modo como vcs tratem os temas de um jeito leve, flexível e sem medo. (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

2.4.3 Aparência

Com menor importância, a aparência é um elemento que participa da legitimação do *vlogger*. Relaciona-se a dois aspectos: a aparência moral (testemunho) e a física. Tais comentários estão ligados a sensação de intimidade que trazem os *vlogs*. É a aparência moral ou a aparência física que tem mais importância? Isto depende do usuário.

Contudo, há de se considerar que a aparência tem importância menor que a forma como alguma proposição é fundamentada ou a proximidade do conteúdo e do *vlogger*. É importante apontar que os comentários podem ser neutros, depreciativos ou positivos. Também se destaca a inter-relação entre conteúdos e avaliações da aparência moral e física. É difícil, inclusive, separar os julgamentos morais daqueles a respeito da forma física, já que eles se relacionam nos comentários analisados.

Ariovaldo Jr., do Bíblia Freestyle, recebe comentários sobre sua aparência física e gostos pessoais (julgamento relacionado à ideia de proximidade). Em seu caso, estas avaliações não parecem apontar intervenções ou críticas.

> **Fernando Matias**
> que cabelo de bicha é esse? AUHHAUAEIAEIA. (Bíblia Freestyle - #45 – Ansiedade e depressão).

> **Natan Alves (2 “gostei”)**
> É Corintia?? Taí o porque do Stress!! (Bíblia Freestyle - #45 – Ansiedade e depressão).
>
> **Isabela Henriques (3 “gostei”)**
> Socorro, o piercing do seu nariz ta torto e eu só consegui olhar pra ele! HAHAHAHAHA...
> Maldito toc. (Bíblia Freestyle – Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

Com Fabiana Bertotti, a relação já é diferente. Enquanto alguns seguidores destacam sua “alegria” e modo de falar de fé (aparência moral) como exemplo a ser seguido, outros a criticam sua aparência física. Um dos usuários que comentou, o Bispo Jean Lima, valoriza o testemunho da *vlogger.* “Quando eu crescer quero ter SEU estilo CRISTÃO. muito de Deus viu Moça. PARABÉNS!”. (Fabiana Bertotti – Você é um crente legal?).

Há ainda comentários neutros, como o de Shion Uchiha em “Você é um crente legal?”. [Ela é] ”a cara da katy perry :3”, disse. Já o usuário Anjo semface usa a aparência física para criticar Fabiana em “O cristão e a masturbação”: “ela usa um quilo de maquiagem para que ? Aparecer sex ?Kkkkkkkkkkk”. Outro comentário é lacônico. Jordel Lima diz “[...] eu comia a autora do video,mas como nao posso..... toc,toc meu bem.... kkkk”.

Em “O homossexual na igreja”, Rogerson Salles Pereira comentou sobre Felipe Cruz e Yago Martins: “a fotinho de perfil de você realmente da pra achar que vocês são um casal! Kkkkk”. Contudo, a maior parte de comentários está relacionada a fundamentação e à proximidade. Isto demonstra que a aparência tem valor?

2.4.4 Legitimações complexas

A primeira hipótese apresentada foi que as mídias sociais têm dinâmicas próprias e complexas de legitimação. As considerações de Burgess e Green (2009), Recuero (2011) e até Hoover (2006, no que diz respeito à segmentação da mídia) apresentam elementos que corroboram esta posição. Mas, é possível dizer que o conteúdo religioso empresta a autoridade a quem o divulga?

Parcialmente, sim. Percebe-se isto quando um *youtuber* valoriza Ariovaldo Jr. por facilitar sua vida cristã e ajudar a viver um “evangelho sem clichês”. Também quando se valoriza o “equilíbrio” e “embasamento teórico” para discutir teologia de Felipe Cruz e Yago Martins. Ainda quando alguém destaca que pretende atingir o

patamar e o “estilo cristão” de Fabiana Bertotti. Qualidades específicas são percebidas nos *vloggers* e os garantem legitimação.

Este processo, como demonstrou a análise, é complexo. Envolve o modo como se argumenta, a proximidade ao conteúdo divulgado e a aparência física e moral do *vlogger*. Estes aspectos manifestam-se com pesos diferentes para diversos usuários e em combinações diversas. É pré-requisito um respeito mínimo às regras de debate no YouTube.

Cabe apontar ainda que é uma legitimidade que se restringe a comunidade religiosa e depende da manutenção de uma espécie de contrato entre vlogueiro e quem o assiste. As cláusulas variam. Defender uma posição religiosa que diverge daquela de quem acompanhar o *vlog* pode fazer com que parte desta legitimidade seja retirada. Isto porque, em grande parte, a tradição é que legitima.

Este capítulo discutiu as mídias sociais e suas características. Neste contexto, foi apresentado o YouTube, assim como se discutiu a celebrização, legitimidade e popularidade nesta plataforma. A proposta metodológica desta pesquisa também foi discutida, assim como os procedimentos e ferramentas utilizadas. Em seguida, apontou-se alguns elementos presentes no debate no YouTube e aspectos da legitimação dos *vloggers*.

A relação entre a hipervisibilidade das mídias sociais e a construção da identidade em relação ao controle do corpo e das experiências de si é discutida no próximo capítulo. Ainda se discutem dinâmicas na circulação de sentido em relação à vida privada do religioso.

3 – DAS CASAS DE VIDRO AO YOUTUBE

Benjamin destaca a adoção de um outro padrão arquitetônico nas casas de Paris, em ensaio produzido em 1933 (*Experiência e pobreza*). As “casas de vidro”, segundo Benjamin (1987), eram compostas por um material que destrói a aura de mistério e desvelava o privado, em oposição à arquitetura burguesa. A partir desta observação, Sibilia (2008) comenta que esta proposta buscava eliminar qualquer opacidade, dando visibilidade e transparência a todas as coisas, inclusive ao homem.

Benjamin (1987) ressalta também as tendências de decoração que questionavam a abundância de mobília e bibelôs, que poderia levar a uma espécie de alheamento em relação a tradição e algumas questões do homem privado. Keen (2012) já denuncia uma “obsolescência da pessoa privada”, processo em voga em nossos dias que deve culminar com o esquecimento das características humanas. Desconsideradas a simples nostalgia e a falsa oposição entre virtual e atual, é possível perceber tendências que corroboram alguns destes apontamentos.

A visibilidade tornou-se, para Keen (2012), símbolo de poder e *status* em nossos tempos. Mas o que torna-se visível? O mundo privado que, embora ganhe expressão, não se torna público, mas sim publicado. Neste modelo de sociedade, a mídia social é

> o romance confessional que estamos todos não apenas escrevendo mas também coletivamente publicando para que todos os outros vejam. Todos nos tornamos *wikileakers* – em versões menos famosas e não menos subversivas de Julian Assange – das nossas próprias vidas e agora também da vida dos outros. (KEEN, 2012, p. 31).

O hipervisível tem reconfigurado subjetividades. Segundo Sibilia (2008), toda subjetividade é necessariamente encarnada em um corpo, assim como embebida em uma cultura intersubjetiva. Deste modo, o que se é depende fundamentalmente da cultura em que se está inserido. A própria transparência do mundo privado é um reflexo disto.

A construção de si é um processo cada vez mais aberto. Relações tradicionais também são colocadas em discussão e, diante disto, está o homem a construir seu futuro. Aliam-se neste processo também o agendamento midiático, bem como também contribuem fortemente fatores socioculturais e emocionais.

Thompson aponta que

> com o desenvolvimento das sociedades modernas, o processo de formação do self se torna mais reflexivo e aberto, no sentido de que os indivíduos dependem cada vez mais dos próprios recursos para construir uma

> identidade coerente para si mesmos. Ao mesmo tempo, o processo de formação do self é cada vez mais alimentado por materiais simbólicos mediados, que se expandem num leque de opções disponíveis aos indivíduos e enfraquecem – sem destruir – a conexão entre a formação e o local compartilhado" (THOMPSON, 1998, P. 181).

Neste sentido, Hall (2005) afirma que o indivíduo moderno é cheio de conflitos e contradições com aquilo que interpreta como sua identidade. No entanto, ele não compreende a si como um ser de várias personalidades, mas como uno. Isto porque o *self*, como lembra Thompson, é "um projeto simbólico que o indivíduo constrói ativamente" (2005, p. 183). É uma narrativa que se altera com o tempo e em que participam experiências simbólicas vividas pelo indivíduo.

O desenvolvimento midiático transformou a organização do *self*, enquanto disponibiliza materiais simbólicos que, a partir da reflexão do sujeito, acabam contribuindo pela narrativa de si - mesmo que pela negação a estes conteúdos. (THOMPSON, 2005). Assim, não é estranho ao indivíduo dividir-se em sua identidade cidadã e a religiosa (como lembra Habermas, 2013), mesmo quando contradizem-se levemente.

3.1 Identidade e autenticidade

Rolnik (1997) diz que, atualmente, estão disponíveis 'perfis padrões' de identidades. "Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade", explica Rolnik (1997, p. 5). Ao contrário do que propõem os profetas da pós-modernidade, o modelo moderno de identidade parece suportar as pressões em torno de si, enquanto se assume como a representação apriorística. A pressão externa - em não adaptar-se a determinado modelo -, somada a uma forte desestabilização, influencia uma cultura que se identifica a partir de *kits* midiáticos.

É aqui que TV e outras mídias apresentam modelos padrão de identidade a serem assumidos. É a celebridade sertaneja que lida muito bem com suas raízes e é moderno o suficiente para andar em seu Camaro amarelo, que traz um modelo que, na próxima ventania, será arrasado. Rolnik (1997) cita a literatura de autoajuda, o crescimento evangélico, entre outros perfis-padrões.

E, diante das diversas possibilidades, ser restrito a uma reivindicação indentitária seria o politicamente correto enquanto se luta contra a globalização das identidades, explica Rolnik (1997). O homossexual precisa ter orgulho da cultura gay,

o religioso precisa de certo fundamentalismo em relação à sua identidade. Por outro lado, este é um pensamento que pode vir a ser taxado de conservador, no sentido em que restringe as possibilidades identitárias. (ROLNIK, 1997).

É importante considerar que uma comunidade organiza-se em torno de uma identidade essencial comum (BAUMAN, 2003). Podem haver hibridizações em relação a outros aspectos, mas a defesa da resposta comum comunitária é quase inegociável. No entanto, é possível perceber que cada vez mais identidades "locais" misturam-se com elementos globalizados, em uma complexa economia que não envolve paradoxos, mas complementaridade. A obrigação de ser autêntico, no entanto, parece pouco negociável.

O autêntico é aquele que parece ter uma só identidade nos mundos virtual e atual (KEEN, 2012). Assumir um *fake* é transgredir e romper normas sociais nas comunidades online, segundo aponta a moral de Zuckerberg[26]. O YouTube não está distante desta realidade. Um dos elementos de legitimação naquela comunidade é justamente a aparência de autenticidade.

Burgess e Green (2009) destacam o vídeo amador, cuja legitimidade está ligada a sua suposta autenticidade. É possível dizer que o autêntico assume caráter de performance. É uma garantia que a legitimidade atribuída a um *youtuber* não é injusta, mas apoiada na autenticidade da performance. Este valor é vigiado pela comunidade.

Segundo Zumthor (2007), uma performance pode concretizar, realizar, trazer algo reconhecido virtualmente ao mundo atual[27]. Segundo o autor, "performance não é uma soma de propriedades de que se poderia fazer um inventário e dar a fórmula geral. Ela só pode ser apreendida por intermédio de suas manifestações" (2007, p. 42). Seria um ato de comunicação que atualiza a cultura, que manifesta expectativas culturais em atos no mundo atual. (ZUMTHOR, 2007).

Assim, a performance é percebida em sua recepção. Quando um vídeo materializa as expectativas da comunidade do YouTube em relação à sua

[26] Keen comenta acerca de uma frase do criador do Facebook, Mark Zuckerberg: "Você tem uma identidade. Ter duas identidades é um exemplo de falta de integridade", foi o que Zuckerberg – que, claro, quer possuir e lucrar com essa identidade única – observou em 2009. No entanto, a noção utilitária que ele tem de identidade, assim como a ideia de Sheryl Sandberg de "autêntica identidade", elimina qualquer ambiguidade e sutileza – a humanidade inquantificável – da condição humana. (KEEN, 2012, p. 71)

[27] Mundo atual é aquele em oposição ao mundo virtual.

fundamentação, produção, atualidade[28] e respeito às condições de debate naquela mídia social, é considerado autêntico. Este é um valor muito importante na avaliação de um *vlog*. A performance audiovisual deve materializar expectativas como intimidade, verdade e adequação ao YouTube, dentre outros.

Burgess e Green (2009) citam *Lonelygirl15*, que atraiu a atenção dos usuários e da imprensa para seus vídeos confessionais, com qualidade técnica e riqueza narrativa. Diante destas características, a autenticidade dos vídeos passou a ser questionada. Em algum tempo, descobriu-se que o *vlog* era um projeto experimental de cineastas. O *vlog* é um gênero da produção cultural legítimo no YouTube enquanto utiliza-se de perfis reais (autenticidade) que estabelecem conexões com outros participantes "reais"[29].

Pode-se apontar, contudo, que a ideia de autenticidade não está ligada apenas ao YouTube. É um pressuposto do DIY (*Do It Yourself*) e da cultura das mídias sociais. Keen (2012) as compara ao Autoícone[30], apontando para a transferência das experiências pessoais para outro local. A mídia social é "aquela zona permanente de autoexposição de nossa nova era digital onde [...] publicamos coletivamente o retrato de um grupo em movimento da humanidade", define Keen (2012, p. 10).

3.2 Hipervisibilidade e controle

Keen (2012) vê no imperativo da hipervisibilidade uma atualização do Panótico, modelo arquitetônico que caracterizou a sociedade disciplinar descrita por Foucault. Estaríamos encarcerados na "casa de inspeção digital" (2012, p. 21). Assim como no Panótico, o preso nunca tinha consciência se estava ou não sendo observado. (KEEN, 2012).

---

[28] Aqui, em oposição à virtualidade. A noção de autenticidade está ligada aos laços de determinado conteúdo com a identidade atual de quem o produz. Se, de algum modo, em algum momento, percebe-se contradição performática entre conteúdo e atualidade do *vlogger*, sua credibilidade como algo autêntico é trocada por uma recepção diferenciada.

[29] "Lonelygirl15 violou a ideologia de autenticidade associada à cultura do DIY, sendo ao mesmo tempo absolutamente consistente com o modo como o YouTube funciona", explicam Burgess e Green (2009, p. 51).

[30] Jeremy Bentham é "um morto que tem vivido em público desde seu falecimento em junho de 1832". É assim que Kleen (2012, p. 9) introduz o Autoícone, uma caixa de madeira e vidro que exibe o cadáver do filósofo utilitarista Jeremy Bentham, nos corredores do University College em Londres. Antes de seu falecimento, doou seu corpo e sua bengala à universidade, com a exigência que fossem expostos. O corpo exposto de Bentham é uma espécie de metáfora que conduz à discussão da hipervisibilidade, um conceito que será aplicado nesta dissertação e apresentado em tempo.

As casas de vidro surgem após o Panótico, o que aparenta refletir uma mudança no modo de se pensar o mundo arquitetonicamente. É a visibilidade do privado, enquanto tenta marcar as tênues fronteiras com o mundo público. É um convite a partilhar parte da experiência privada, sem que o acesso deixe de ser controlado.

Uma invenção de Jeremy Bentham, o Panótico é uma ideia arquitetônica que permite a gerência de todos os presentes num edifício. É uma construção circular de aposentos pequenos, ligados entre si e à vista de uma guarita, onde um inspetor podia ou não estar olhando. O preso, no entanto, nunca sabia se estava ou não sob as vistas do inspetor naquele instante. (FOUCAULT, 1987; KEEN, 2012).

A discussão sobre o Panótico é ampliada por Michel Foucault em Vigiar e Punir, obra em que se discute a sociedade disciplinar, seus modos de vigilância e punição. Foucault (1987) faz uma releitura dos sistemas punitivos e interpreta seus significados sociais. Para ele, as instituições operam vigilâncias e punições com a proposta de formarem corpos dóceis. Conforme Sibilia (2002), o modelo disciplinar opera por moldes, busca uma adequação às normas, massifica e cria indivíduos. Portanto, tem a carteira de identidade como símbolo. O homem está confinado, seu regime de trabalho é rigidamente controlado e a prisão busca a formação de operários. Para resistir, greves e passeatas são funcionais

Deleuze (1992) comenta que a sociedade disciplinar apontada por Foucault surge no século XVIII e alcança seu apogeu no início do século XX, quando começa a declinar. Era caracterizada pelo confinamento: da casa para a escola até a prisão (construída como um Panótico), sendo esta última, meio de confinamento por excelência. Este modelo social tinha como característica a organização do tempo e do espaço para a formação de força produtora (corpos dóceis).

Contudo, segundo Deleuze (1992), uma crise generalizada tem afetado e transformado todos os modelos de confinamento. A internação hospital é substituída por atendimentos a domicílio, a prisão em Panótico, por vigilância eletrônica (câmeras, tornozeleiras e outros). Da ideia de confinamento (molde), caminha-se cada dia mais para uma noção de controle (modulações).

Enquanto em uma sociedade disciplinar sempre se recomeça – da escola a fábrica), a sociedade de controle nunca termina algo – a ideia de formação permanente, por exemplo. Ainda segundo Deleuze (1992), a assinatura (individualidade) e o número de identidade (“massa”) são substituídas, na sociedade

controle, pelas posses financeiras. O lugar de alguém em uma sociedade é relativo ao seu poder econômico.

Neste sentido, o capitalismo desloca sua preocupação com as formas de produção (o confinamento da fábrica) para modelos menos rígidos (teletrabalho, por exemplo) focados em metas. O homem confinado é substituído pelo homem endividado. Formas de controle que são dificilmente percebidas. A internação hospital, por exemplo, é substituída pelo atendimento preventivo corriqueiro. (DELEUZE, 1992).

Sibilia (2002) destaca a emergência destes novos modos de vigilância, onde a noção de acesso é mais importante que a ideia de propriedade. Por sua vez, Keen (2012) crê em um modelo de vigilância mais eficiente, que se utiliza também das mídias sociais. Nelas, o próprio indivíduo informa sua localização, seus pensamentos e desejos. Vigiados por *cookies*, recebem anúncios que satisfazem tais vontades, enquanto os endividam.

As mídias sociais ainda formam comunidades que realizam certo patrulhamento de seus comunitários. Quando a religião está envolvida, não é uma situação diferente. Não apenas os fiéis realizam a vigilância de seus irmãos, mas também a própria instituição. “As novas práticas dão conta de um desejo de evasão da própria intimidade, uma vontade de se exibir e falar de si. [...] [É] um anseio de exercer a técnica da confissão, a fim de saciar os vorazes dispositivos que têm ‘vontade de saber’”, diz Sibilia (2008, p. 27).

Quando formulado por Foucault (2001), o poder pastoral referia-se a uma série de dispositivos criados pela Igreja Católica para revelar e silenciar comportamentos conforme seu interesse. Utilizando-se da confissão sacramental, que garantia, a partir da revelação do comportamento inadequado expiação de parte da culpa - pela vergonha do fiel em se expor -, se desenvolveu esta forma de poder que fortalecia sacerdotes.

Um modelo que é reflexo da sociedade urbanizada, o poder pastoral garantiu ao sacerdote lugar de honra no imaginário católico. Desenvolvem-se entre pastor e ovelha laços morais fortes, que influenciam a vida privada e a ação pessoal de cada indivíduo. Para evitar a danação, a ovelha deixava-se conduzir pelo pastor. (FOUCAULT, 1990). Para Albuquerque Jr. (2011) as instituições religiosas também adentraram as mídias para exercer uma forma atualizada deste poder.

Sibilia (2008) destaca ainda que a técnica da confissão também foi apropriada por outras atividades humanas como técnica para saber verdades sobre os homens. “Na justiça, na medicina e na pedagogia, nas relações familiares e afetivas, a confissão difundiu-se por toda parte”, aponta Sibilia (2008, p. 72). Ela aponta que a prática está não naturalizada que poucas vezes é compreendida como dispositivo de poder, como formulou Foucault. É um “mecanismo de sujeição dos homens, tendente à sua constituição como sujeitos compatíveis com um determinado projeto histórico de sociedade”, diz a autora. (SIBILIA, 2008, p. 72).

Keen (2012) e Sibilia (2008) demonstram como as mídias sociais tornaram-se espaços para confissão de vontades e, deste modo, se consolidam como instâncias de controle. As imagens que divulgamos de nós mesmos nestas mídias acabam por formatar ideais a serem seguidos e interdições. As próprias comunidades virtuais se vigiam a partir de valores construídos socialmente.

Até aqui, discutiu-se a crescente visibilidade do mundo privado, a influência deste modo na construção de si, o papel do autêntico e, por fim, os mecanismos de vigilância e controle que participam desta configuração social.

3.3 A ambiguidade em relação ao corpo

O corpo é tratado de modo ambíguo no cristianismo, especialmente no católico. Gélis (2008) explica que há momentos em que se exalta a corporeidade - a encarnação do Messias, suas chagas (embora elas também exaltem o sofrimento e rejeição ao corpo), momentos em que o divino manifesta-se materialmente - e outros em que esta é execrada - a carne é corruptível. Enquanto há o corpo pecador, há o corpo santo de Adão e Eva antes da queda e, também, a exaltação do corpo – glorificado - dos fiéis salvos por meio de sua transformação na segunda volta de Cristo.

É importante destacar a ascese, que é exercida sobre o corpo e tem relevância nas diversas vertentes da religião cristã. São performances que desvelam a subjetividade, que adapta-se às diferentes pressões que sofre por parte de suas próprias pulsões, da comunidade religiosa e do resto da sociedade. A performance ascética também corporifica o mito religioso, enquanto fortalece seus laços indenitários e define a si mais claramente. (OLIVEIRA; SIGNATES, 2014).

Neste sentido, as possibilidades da religião estão na performance, que, como dito adiante, atualiza algo existente na virtualidade. A ascese – e outras performances

– é onde tensões entre o dogma – que institucionaliza, que legisla – e a profecia – que é a instância de problematização e reelaborações – se dão. (OLIVEIRA; SIGNATES, 2014, p. 501). Em outras palavras, o rito religioso tem a capacidade de manifestar sentidos e expectativas, assim como reelabora estes.

A permanência em uma comunidade religiosa de um fiel após determinado ato performático é fruto da resultante destas forças. Daí surgem aparentes paradoxos, como a permissão em usar bebida alcóolica na ceia em comunidades que defendem a abstenção destes líquidos. As reelaborações (profecia), interdições e intervenções (dogma) surgem daí. Nesta complexa trama de tensões, negociar asceses e alterar subjetividades é, muitas vezes, o caminho mais fácil. (OLIVEIRA; SIGNATES, 2014).

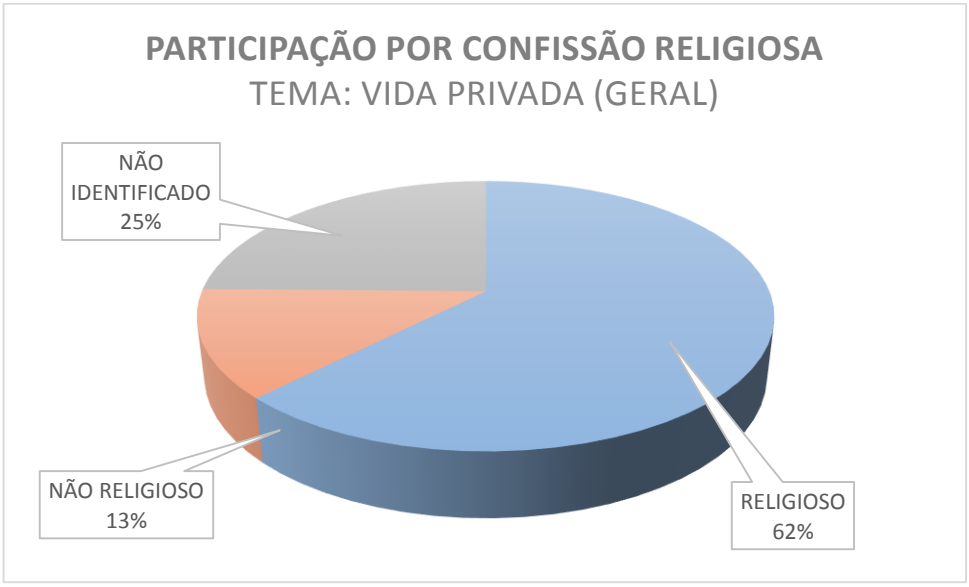
O corpo também é discutido nos *vlogs*. Procura-se compreender aqui como circulam os sentidos religiosos sobre o corpo nos canais e seus comentários. Foram selecionados cinco vídeos que tratam de questões relacionadas. Do canal de Fabiana Bertotti, "Crente tem depressão?", "O cristão e a masturbação" e "O cristão e os homossexuais". Do vlog Bíblia Freestyle, o vídeo "#45 – Ansiedade e depressão". Representando o canal Dois Dedos de Teologia, "O homossexual na igreja".

Também compõem esta análise 432 comentários, produzidos por cerca de 232 pessoas[31] – uma média de 1,77 comentário por respondente. A seleção destes atendeu as determinações estabelecidas como metodologia desta dissertação, que foram apresentadas anteriormente. A classificação dos autores dos comentários em "religioso", "não identificado" ou "não religioso" também atendeu estes critérios. O Gráfico 2 apresenta a confissão religiosa de quem comentou os cinco vídeos aqui analisados.

Quando se compara o perfil de usuários que comentaram os vídeos sobre ansiedade e depressão e aqueles que fizeram o mesmo nos vídeos sobre sexualidade, se percebe outro público. Enquanto nos vídeos sobre ansiedade e depressão predominam religiosos, os de confissão religiosa não identificada são maioria quando o tema tratado é a sexualidade. Já o Gráfico 3 e 4 demonstram a participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre ansiedade e depressão e sobre sexualidade, respectivamente.

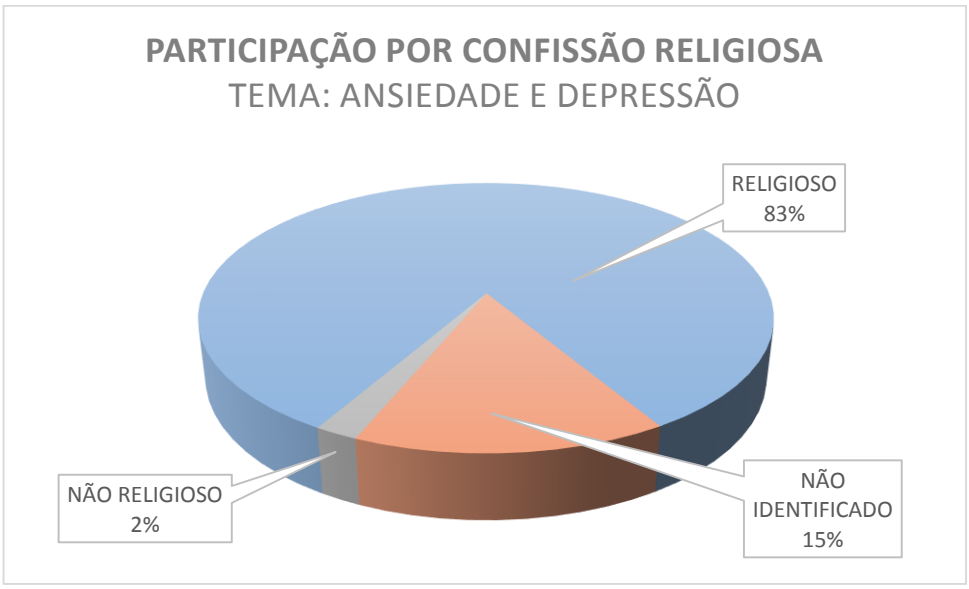
[31] É preciso considerar que alguns dos usuários responderam em mais de um vídeo.

Gráfico 2 - Participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre vida privada (geral).



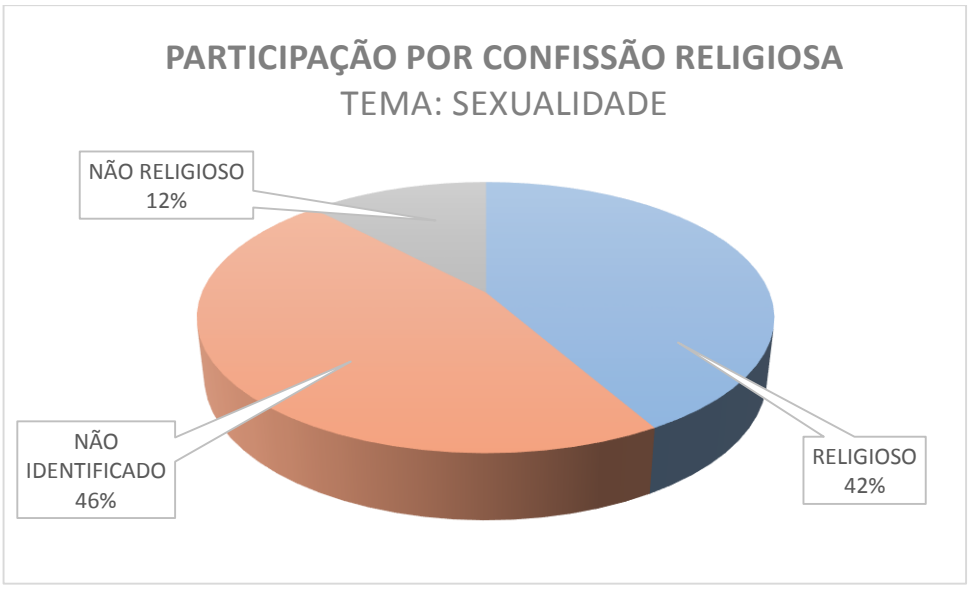
Produzido pelo pesquisador.

Gráfico 3 – Participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre ansiedade e depressão



Produzido pelo pesquisador.

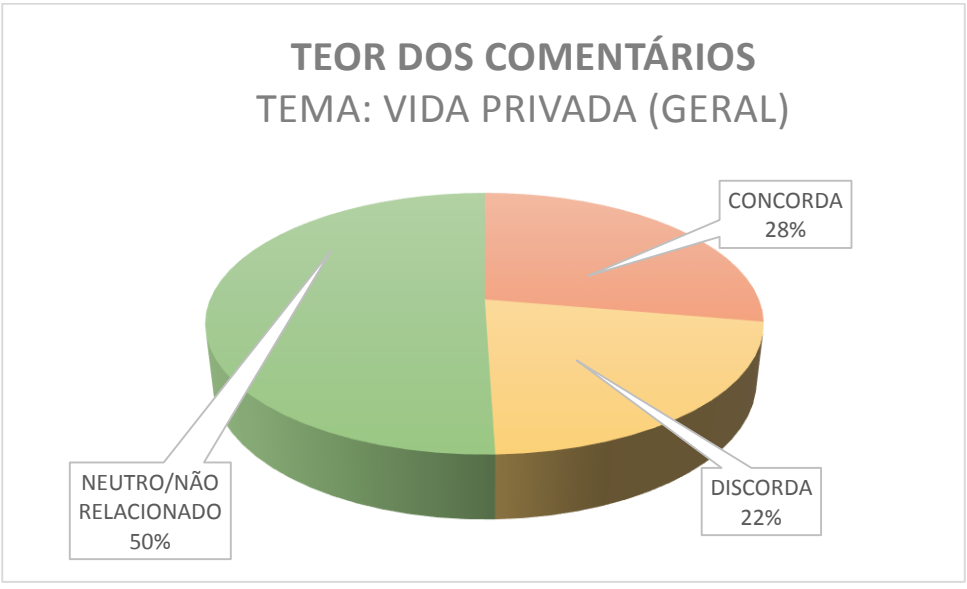
Gráfico 4 – Participação média por confissão religiosa nos vídeos sobre sexualidade



Produzido pelo pesquisador.

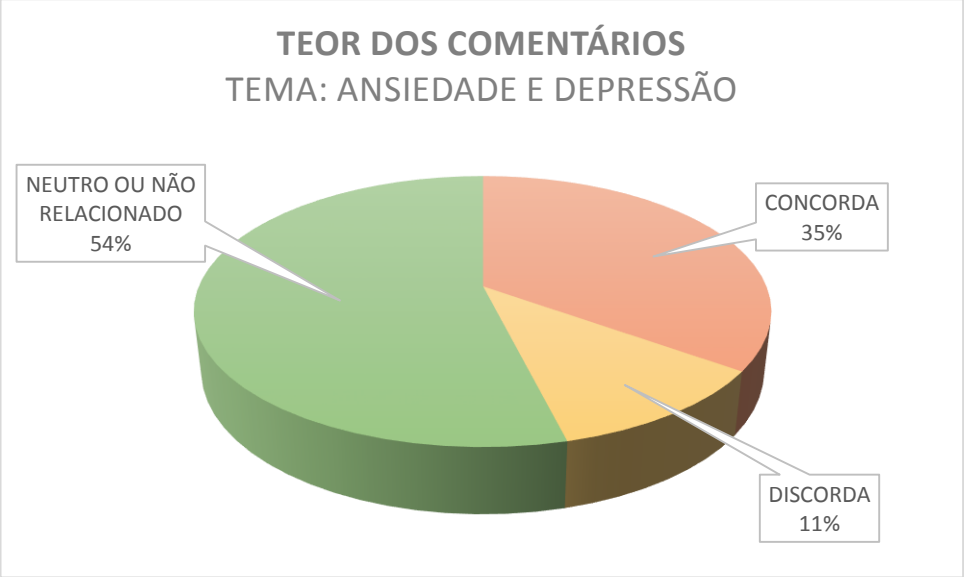
Nos gráficos 5 a 8, o teor geral dos comentários e o teor por temáticas destes vídeos.

Gráfico 5 – Teor dos comentários feitos nos vídeos sobre vida privada (geral).



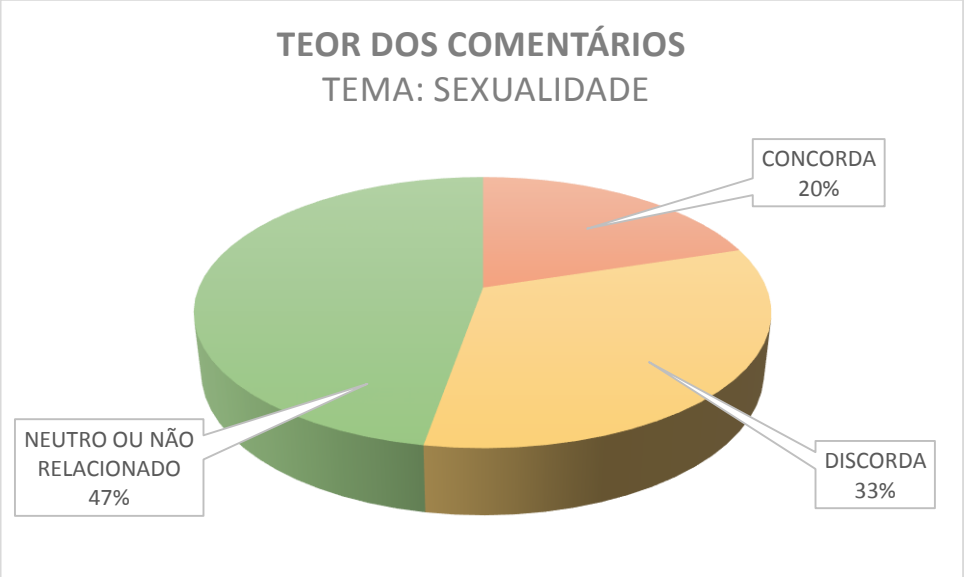
Produzido pelo pesquisador.

Gráfico 6 – Teor dos comentários feitos nos vídeos sobre ansiedade e depressão.



Produzido pelo pesquisador.

Gráfico 7 – Teor dos comentários em vídeos sobre a sexualidade.



Produzido pelo pesquisador.

A análise identificou alguns aspectos relacionados a circulação do sentido. É possível perceber que comportamentos e fatos sociais são problematizados, o que leva a formação de ideais. Estes ideais estabelecem – e são influenciados também – por interdições, que normatizam comportamentos e operam formas de vigilância. A partir de reelaborações semânticas, tais proibições são transgredidas e surgem comportamentos desviantes. Eles são percebidos pelas formas de vigilância e sofrem

intervenções. Cada um destes elementos formais – e também semânticos – tem uma inter-relação e se influenciam direta e indiretamente.

3.3.1 Ideais

Há uma relação muito próxima entre interdições e ideais. Um ideal é uma construção semântica que estabelece imperativos, a forma mais aceitável moralmente de se viver dentro de um grupo social. Toda restrição reflete a existência de um modelo ideal de moralidade e influencia tal padrão. Esta dinâmica é percebida tanto em usuários religiosos como aqueles que não expressam confissão religiosa.

Um ideal surge após uma contextualização, seguida por problematização de comportamentos ou fatos sociais. Assim, o ideal diverge em cada segmento social. Nos vídeos sobre questões psicológicas e sexualidade, tal dinâmica se manifesta. A saúde mental é apresentada como um ideal, em especial por influência da confissão positiva. O interessante é que, neste caso específico, os *vloggers* colocam-se contra um modelo ideal, apresentando reelaborações (que, por si, apontam para outra formatação deste ideal). Destaque para a construção semântica “verdadeiro cristão”, vista de modo diferente a partir de cada ponto de vista.

A partir da confissão positiva, expressa por alguns usuários, o verdadeiro cristão é livre de moléstias e doenças. Para alguns espectadores que comentaram, a ausência de problemas e doenças caracteriza o crente que vive em total comunhão com o divino. Para os vlogueiros e outros usuários, é aquele que enfrenta o sofrimento como algo enviado por Deus para o fazer crescer. Contestam que o que caracteriza o cristão de verdade é seu sucesso neste mundo. Mais uma vez, a existência de um antônimo, de um moralmente reprovável, é outra característica percebida.

Se há o crente verdadeiro, há o crente nominal, o que não está realmente “entregue” a Deus. Percebe-se, por meio dos comentários, que há entre os usuários a concepção que há o crente que realmente está “entregue” a Deus, em oposição ao “crente nominal”. Quais as características de cada um destes modos de ser? Isto varia conforme quem comenta. Há aqueles que defendem que o “verdadeiro crente” é obrigatoriamente feliz, enquanto outros destacam os desafios e a presença do sofrimento. Em alguns momentos, nota-se exaltação ao prazer conquistado na renúncia e até mesmo no sofrimento.

Os *vlogs* e comentários fazem diversas proposições sobre o ideal, sendo que algumas destas destacam-se. A sexualidade correta, segundo Fabiana Bertotti, é

descrita como “conjunção carnal”, algo “rico e cheio de significado”, “entre homem e mulher”, exclusivo para casados, “atividade a dois” com “cumplicidade e prazer mútuo”. É também um “descobrimento mútuo” e presente de Deus para os casais.

Deste modo, Fabiana coloca o sexo em extrema oposição de valor com a masturbação e a homossexualidade. Enquanto essas são prejudiciais, aquele é o plano de Deus para o homem. Diz ainda que, embora seja instinto, a pulsão sexual não deve dominar o homem. Assim como controlamos a vontade de evacuar, explica, também conseguimos controlar tais desejos. Por fim, exorta os espectadores a buscarem pensamentos elevados, esperar o tempo de Deus para o relacionamento sexual.

O sexo e o prazer são legítimos ao cristão, explica a *vlogger*¸ mas sob condições corretas e teriam sido criados pelo próprio Deus. Percebe-se, na análise, a forte presença de um ideal religioso relacionado a restrição e repressão da sexualidade. É possível sentir prazer, mas dentro das regulamentações específicas: é preciso ser casado, heterossexual e ser sentido com outra pessoa. O prazer solitário é visto como egoísta e deturpador da vontade divina.

. Cabe salientar ainda outro aspecto. Felipe Cruz e Yago Martins (Dois Dedos de Teologia) dizem que, em tempos “pós-modernos”, dizer que a moral de alguém é inadequada é algo entendido como discurso de ódio. Deste modo, defendem a existência de um ideal. Ideal este que não é negociável mesmo diante da construção de si de alguém. Um exemplo: Felipe e Yago dizem que, mesmo se a homossexualidade é uma condição congênita, isto não a faz lícita. Deste modo, seria necessária a renúncia a ela. Quem renuncia pode, de acordo com a vontade de Deus, se livrar dos desejos pelo mesmo sexo. Contudo, pode enfrentar também lutas por toda vida, segundo dizem.

A mensagem que os *vloggers* do Dois Dedos de Teologia deixam para a igreja é que se acolha o homossexual como ser humano, criado por Deus. No entanto, dizem que não se deve acreditar que este nasceu gay, já que isto seria uma falácia. Como se percebe, Fabiana e o Dois Dedos concordam que a homossexualidade é pecado e em regime de repressão a sexualidade

3.3.2 Interdições

Próximas aos ideais, as interdições são restrições coletivas a condutas individuais. São proposições que normatizam a vida pública e privada, apresentadas

como alertas, conselhos e ordens. Pressupõem modos de vigiar o cumprimento destas interdições, mas não exercem punições ou restrições por si mesmas. No entanto, cabe salientar que elas apontam consequências nefastas para aqueles que as descumprem.

É importante lembrar que, conforme Bauman (2003), uma comunidade forma-se a partir de uma mesma resposta a uma questão essencial. Não é resistente a toda transgressão de fronteiras, tendo certa fragilidade. Na análise, foram identificadas interdições doutrinárias e relacionadas à forma como determinada ação é exercida.

3.3.2.1 Interdições doutrinárias

Estão relacionadas a fundamentação dogmática ou doutrinária. Deste modo, se sustentam conforme os argumentos que a fundamentam e em quem as considera verdadeiras. São normalmente questionadas com reelaborações doutrinárias, por revisão da interpretação, reelaborações científicas ou simples descrédito. Cabe salientar que, na análise, estas interdições foram tanto defendidas quanto criticadas por *vloggers* e seus espectadores. Deste modo, não é possível atribuí-las como dinâmica específica de determinado grupo.

Pode-se citar como exemplos os argumentos em defesa da repressão da sexualidade ligados à doutrina religiosa. Fabiana Bertotti diz que embora a prática da masturbação seja defendida por muitas pessoas, não deve encontrar apoio nos cristãos. Isto porque eles são diferentes do mundo e nem tudo é lícito e conveniente para eles. Percebe-se um diálogo constante entre interdições e ideais: quem é “moralmente correto” não toma tais atitudes.

Já Felipe Cruz e Yago Martins (Dois Dedos de Teologia) argumentam que a homossexualidade, embora seja um comportamento que é mal visto socialmente, não é um pecado especial, sendo tão grave como qualquer outro. Apesar disto, os *vloggers* apontam que pode haver consequências diferentes relacionadas à prática da homossexualidade. O vídeo ainda diz que a sexualidade é construída e sua corrupção – no caso, o fato de alguém ser gay – é fruto do pecado original.

Outro exemplo está presente no vídeo “Crente tem depressão?”, de Fabiana Bertotti. O interessante, neste caso, é que o *vlog* posiciona-se contra uma forma de intervenção doutrinária apontando reelaborações. Fabiana aponta que se incomodou com um depoimento que recebeu de uma jovem. A mãe da garota sofria discriminação

em sua igreja por ser vítima da depressão, uma doença que seria fruto de falta de oração e de fé. Então, produz o vídeo procurando refutar tal perspectiva.

Acerca das interdições doutrinárias é possível dizer que, por estabelecem contato próximo aos ideais, formatam uma ética comunitária e podem operar formas específicas de vigilância.

3.3.2.2 Interdições pela forma

São proibições ligadas ao modo como algo é culturalmente feito, ligadas a uma instância pragmática da ação. Normalmente, a abordagem é pejorativa e descaracteriza algo como puro ou como exequível. Contudo, tal proibição também tem alcance limitado: apenas os que fazem a mesma problematização e assumem o mesmo ideal aceitam-na. Um exemplo é o modo como Fabiana Bertotti apresenta a masturbação.

A *vlogger* utiliza os seguintes termos para a descrever: “feita escondido”, “ato solitário que banaliza o sexo”, “tem grande prejuízo”, “meleca a mão; meio decadente”, dentre outros. Para Fabiana, a masturbação também é algo rápido e sem qualidade,é feita de modo “afeito, quase matando-se com as mãos”. Define a prática como “usar as mãos ou outro objeto para se acariciar, se excitar sexualmente e chegar ao orgasmo”. Masturbação, salienta Fabiana, é muito diversa do sexo.

Segundo Fabiana, a prática é feita privativamente não por ser algo íntimo, mas sim por ser errado. Ela ainda aponta que não adianta se masturbar para manter-se virgem, visto que a virgindade está muito mais ligada à pureza sexual, de mente e de intenções. Ela aponta ainda que a prática causa dependência, pode retirar o prazer sexual da penetração em uma mulher e alterar a personalidade de quem a faz (consequências para quem faz o que é interditado).

Como toda interdição aponta um ideal e uma intervenção, Fabina Bertotti aponta que é possível abandonar o hábito de masturbar-se fugindo da tentação. Uma das armadilhas, segundo a vlogueira, é a pornografia, que estimula o desejo sexual.

3.3.3 Reelaborações

Diante da interdição e vigilância de comportamentos buscando um ideal, alguns discursos procuram questionar a argumentação que proíbe determinadas ações. É característica uma abordagem diferenciada de um tema interditado pela doutrina,

forma ou outro fator. A reelaboração pode responder dentro da mesma fundamentação que a proibição ou a partir de outros argumentos. Participa, de certo modo, numa transformação dos fatos sociais observados na contextualização / problematização que forma a noção do ideal. Deste modo, influencia no que é moralmente aceito ou desejável.

3.3.3.1 Reelaboração doutrinária

Elenca argumentos e conceitos religiosos para responder ou combater uma posição doutrinária. É uma resposta para a própria comunidade religiosa e sua recepção dependerá de alguns fatores, entre eles, a abertura de determinado grupo a discutir algum dogma. Os exemplos abaixo mostram como isto aparece na análise:

> **Bruno Augusto**
> **[...]** Todo cristao passa por momentos dificeis e estes momentos tem 2 finalidades: provar ou aperfeiçoar a fé, exemplo é o deserto q serve para provar o cristao (Dt cap 8) e vemos Paulo falando do espinho na carne, o tormento, as nossas fraquesas, que nos fazem aperfeiçoar! (FB – Crente tem depressão?)

Bruno Augusto faz, em seu comentário, uma crítica a confissão positiva, a partir de elementos religiosos. Ariovaldo Jr., que também faz uma crítica neste sentido em seu vídeo "#45 – Ansiedade e Depressão, aponta que até cristãos podem ser tocados "pelas pressões da vida", neste mundo caído. No entanto, o sofrimento teria o papel de colocar o cristão no lugar dele e fazê-lo compreender que a glória vem de Deus e não de si. Assim, os religiosos não estariam livres da angústia, sofrimento, perseguição e depressão. A partir de conceitos religiosos, se questiona a teologia da prosperidade e confissão positiva.

Ariovaldo faz tal comentário a partir do texto de Paulo em II Coríntios – o texto não é citado, mas provavelmente, trata-se do segundo capítulo. É interessante o diálogo entre o que diz Ariovaldo e o papel da ascese. Lembra Valantasis (1995), que define a ascese como "uma série de performances dentro de um ambiente social dominante que pretende inaugurar uma nova subjetividade, diferentes relações sociais e um universo simbólico alternativo" (op. cit., p. 797, tradução do autor).

3.3.3.2 Reelaboração científica

Ocorre quando, a partir do conteúdo científico, questiona-se a validade das interdições religiosas. Sua validade depende da fundamentação do argumento perante a própria ciência. Em “Crente tem depressão?”, Fabiana Bertotti responde a quem acha que depressão é falta de fé com argumentos científicos e pragmáticos. A depressão pode se originar, conforme Fabiana, por traumas, momentos difíceis na vida, alterações químicas e, também, pode ser provocada por decisões da própria pessoa. Muitos usuários que comentaram o vídeo corroboram a opinião da *vlogger* sobre a origem fisiológica da depressão.

Bruno Augusto comenta o vídeo, dizendo que a depressão é considerada cientificamente como “doença da alma”, porque não haveriam problemas fisiológicos que a causam. Embora pareça que ele defende a posição da *vlogger*, está, na verdade, questionando-a. Para Bruno, a verdadeira causa da depressão é espiritual e remédios têm efeitos paliativos. O comentário do usuário demonstra como funciona uma tentativa de refutação da reelaboração científica.

Embora tenha usado reelaborações científicas, Fabiana é acusada de forjar dados quando fala sobre masturbação. As críticas apresentam aspecto de reelaboração científica – e, também, refutação moral. Questiona-se ainda a existência de “médicos cristãos” e o fato de reprovarem a prática da masturbação. É o caso de Bruno – NeoSpace, que aponta que a *vlogger* não apresenta estudos científicos e seria apenas mais uma “religiosa doutrinada”. Maucon Rodrigues critica Fabiana por ter citado os ‘médicos cristãos’, “como se os livros de medicina deles ou a própria medicina fossem diferentes”.

Ele também alega que os argumentos da vlogueira não fazem sentido biologicamente, já que a estrutura do pênis estaria preparada para sofrer pressão. Alega ainda que a masturbação não atrapalha o sexo, mas sim auxilia. “Pedir pra um adolescente não pensar em sexo, culpando-o de impureza por isso é mais nojento do que Felicianos da vida dizendo que ‘Deus criou o homem e a mulher’ e por isso sou um homofóbico filho da puta”, critica Maucon.

Um dos usuários (Nërokaroki) classifica como irresponsável e criminosa a posição de Fabiana Bertotti sobre a masturbação. Ele alega que sexo é natural e necessário, tem importância biológica na renovação de tecidos e reprimir isto é potencialmente patológico e doentio. A este argumento, Júlio Bastos comentou que o imperativo religioso tem mais força que um imperativo biológico, estando ligado à

felicidade das pessoas. Nërokaroki rebate, dizendo que o imperativo religioso não é real. A isto segue-se uma discussão entre os usuários sobre o que é realidade.

3.3.3.3 Reelaboração causada por contradição performática

É a argumentação que elenca choques entre a moral e as atitudes de determinado grupo como razão para desacreditar seus ideais e interdições. Um argumento comum entre os usuários não evangélicos para desconstruir o discurso de Fabiana Bertotti sobre masturbação é acusar os crentes de hipócritas.

Situação semelhante aparece nos comentários de “O cristão e os homossexuais”, também de Fabiana Bertotti e em “O homossexual na igreja”, do Dois Dedos de Teologia. Alguns usuários apontam que, se a homossexualidade é pecado, outras práticas dos evangélicos também são. Deste modo, denunciam uma interpretação parcial e hipócrita do texto bíblico. O excerto abaixo demonstra esta situação. Destaca-se a participação de Eli Vieira, geneticista que fez um vídeo que se tornou popular em que refutava Silas Malafaia:

> **Thaís Reghin (18 “gostei”)**
> Nao condeno os homossexuais, mas se vc acredita NA BÍBLIA, vai ter CLARAMENTE que a prática homossexual é pecado, assim como: mentir, roubar, se achar mais santo que os outros, ENFIM... se vc nao acredita na bíblia (palavra de Deus) entao nem há o que dizer.
>
> **Eli Vieira (32 “gostei”)**
> Thaís, você esqueceu de incluir fazer tecidos de duas fibras diferentes e comer frutos do mar. As duas coisas são chamadas de "abominação" no Levítico, junto com homossexualidade. Mas tem muito cristão que não lê a própria Bíblia e pratica a incoerência com suas ordens arbitrárias e irracionais.
>
> **Ronni Ross (19 “gostei”)**
> +Thaís Reghin Mas minha querida, diante do seu raciocínio seria pecado também usar roupas feitas de algodão e poliéster, comer fruta de uma árvore com menos de três anos, raspar a barba e outras mil cláusulas deficientes de qualquer fundamento lógico. Está tudo no mesmo livro que você retirou a informação de que ser gay é pecado, por que então você escolhe rejeitar e aceitar apenas o que lhe convém? Quanta hipocrisia, ''Jesus'! (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).
>
> **Diego Diniz (1 “gostei”)**
> Homosexualidade eh pecado assim como comer marisco tbm é! Assim como se os filhos desobedecerem devem ser apedrejado até a morte ! Jesus quando veio a terra não falou nada sobre a homossexualidade!
>
> **Orlando Bellei**
> +Diego Diniz E olha que na época dele havia muitos viu! Kkk. (Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja).

3.3.3.4 Reelaboração por revisão de interpretação

Outra forma de reelaboração acontece a partir da discussão e reinterpretação de doutrinas ou da Bíblia. Um exemplo é o excerto abaixo:

> **Gustavo Don (10 "gostei")**
> +Léo Pires Homossexualidade não é uma escolha e muito menos uma doença, então por que deve ser considerada pecado? Não tem lógica. Se amar não é pecado, e o que sinto por um outro homem é amor, por que isso é pecado? Eu acredito que é uma interpretação errada da biblia. Homossexualidade nunca foi pecado!
>
> **Léo Pires (2 "gostei")**
> +Gustavo Don Também Acredito nisso que é uma interpretação errada pela bíblia,mas fazer oque né? (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

3.3.3.5 Reelaboração por empiria

Uma das estratégias de reelaboração encontradas na análise foi o comentário testemunhal. Pode, também, corroborar algo proposto ou uma argumentação religiosa. Entre os cinco vídeos analisados neste capítulo, são encontrados onze depoimentos postados no canal de Fabiana Bertotti, quatro no de Ariovaldo Jr. Há também o depoimento dos próprios *vloggers.*

Fabiana afirma que apenas quem passou pela depressão ou teve familiares ou amigos nesta situação tem compreensão de quão grave é a doença e aponta que já fez terapia. Ariovaldo conta em seu vídeo que foi diagnosticado com depressão há três anos e sua primeira reação foi rir do diagnóstico, dizendo "pô cara, aqui é Coríntia, eu sou homem, eu não essas coisas, essas frescuras aí". Após o tratamento, ao qual aderiu após muita resistência, o *vlogger* aponta que aprendeu sobre a gravidade da doença.

Entre quem testemunha, são doze casos de religiosos que sofreram ou sofrem com depressão. Quem depõe, costuma orientar quem tem a doença a permanecer acreditando na intervenção divina. Contudo, diversas outras proposições aparecem nos depoimentos.

> **Daniel Devaneon (7 "gostei")**
> Sou diagnosticado com depressão crônica e transtorno de personalidade e me trato com psicólogo e psiquiatra. Já pensei num monte de bobagens, mas felizmente aqui estou eu, vivo, postando essa mensagem.
> Para você que está lendo isso e passa pelos mesmos problemas, não se sinta isolado e não ache que Deus não olha para você. Você não é o único nessa situação e tampouco Deus te esqueceu. Deixe Ele trabalhar em sua vida, mas

> também procure ajuda médica, pois é importantíssimo! Deus abençoou e capacitou pessoas para isso, então não tenha medo de procurar esse tipo de ajuda; é sua vida na reta. Orar é importante, mas agir é tanto quanto.
> Deus abençoe sua vida, Ariovaldo. Valeu pelo vídeo. (BF – #45 Ansiedade e depressão)

Há quem conte nos testemunhos que sofre com depressão e nunca imaginou que outro cristão passasse por tal problema. Já alguns usuários apontam que a cura é possível através da intervenção profissional, aliada a Deus. É o caso do comentário de Carolina Rosineli, que afirma: "osso [ouso] dizer que o trabalho de terapia + igreja foram fundamentais na minha recuperação" no vídeo de Ariovaldo.

Por outro lado, há quem, em seu testemunho, reclame dos remédios. Jaqueline dos Anjos disse, no vídeo de Fabiana Berttoti, que o uso de antidepressivos apenas a deixava grogue. 'Obedeci em tudo o que Ele [Deus] me ordenou, sem questionar. E quando Ele houve por bem, me curou!", comentou. Ela, no entanto, orienta que se procure um médico e também terapia.

Isa Macedo conta que procurou ajuda de familiares por conta de depressão na adolescência. Estes não a encaminharam para um profissional por acreditar que esta doença era resultado de falta de Deus. Isa conta que "Deus me deu um sonho que eu tinha de voltar para sua casa, e ai sim eu encontrei a alegria verdadeira".

O depoimento também é uma ferramenta para questionar os argumentos dos *vloggers*:

> **Lídia Azevedo (159 "gostei")**
> Idependente de ser pecado ou não gostaria de discordar em alguns pontos. Eu sou de familia evangélica tive essa mesma criação. Desde criança(10 anos) me masturbo e sempre ouvi da minha mãe que era pecado, que não podia, que eu nao ia ser sexualmente plena depois etc e nada disso me impediu de me masturbar. Hoje sou casada sou MUITO feliz sexualmente, tenho 0 dificuldades para atingir um orgasmo. Enquanto muitas das minhas amigas que se reprimiam e nao se tocavam tem problemas pra isso, nao conseguem gozar e o casamento vai muito mal por isso. (Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação).

Há quem diga também que o vídeo de Bertotti sobre homossexualidade é descabido, porque não retrataria a realidade. "Prá ser sincero não tenho visto igreja nenhuma destratar homosexual e sim os Cristão,a Igreja e a Bíblia Sagrada ser destratados por Eles , logo acho seu video totalmente fora de contexto e descriminatorio aos cristão", disse Sofisticata Informática.

O depoimento é uma estratégia de argumentação que aparece com frequência nos comentários analisados. Torna público porção da vida privada, dando

acesso limitado à algumas instâncias desta vida. Quem testemunha procura corroborar sua argumentação a partir de sua própria experiência. É, certamente, uma tentativa de compartilhar experiências.

3.3.3.6 Reelaboração por descrédito

Trata-se da desvalorização dos argumentos que suportam determinada intervenção. Há ainda quem saliente, por exemplo, que a confissão religiosa emburrece. Outros apontam que a "ignorância" é fruto de lavagem cerebral.

Sergio Mendes classifica o vídeo de Fabiana Bertotti sobre a masturbação como "show de desinformação e ignorância". Já Gilberto Oliveira diz que "sempre que cristãos tentam falar sobre sexo ou coisas do tipo dá merda". Também "Sinceramente, primeiro vídeo que vejo no seu canal, e sinceramente acho que você deve focar no 'não pode porquê tá escrito na bíblia que não pode', é mais bonito, HONESTO e evita espalhar inverdades por aí :D", comentou Maucon Rodrigues.

3.3.4 Intervenções

Tratam-se de proposições semânticas com a intenção de corrigir determinado pensamento ou comportamento. Nos cinco vídeos sobre questões psicológicas e sexualidade, encontrou-se intervenções doutrinárias, exclusão e modelos mistos, conforme sua fundamentação.

3.3.4.1 Intervenção doutrinária

São momentos em que um usuário corrige outro a partir de argumentos bíblicos ou doutrinários. Pode ocorrer entre religiosos e, também, entre não religiosos e fiéis. Ariovaldo Jr., Fabiana Bertotti, Felipe Cruz e Yago Martins o fazem com frequência em seus vídeos.

Em "#45 – Ansiedade e depressão", Ariovaldo Jr. critica a confissão positiva, apontando-a como besteira e perda de tempo, por sua ineficiência. Por fim, defende que "dentro da vida da igreja a gente pare de tratar ansiedade e depressão como problemas que são típicos de pessoas fracas ou que não estão firmes na fé", salienta Ariovaldo. Por sua vez, Fabiana orienta que antes de se criticar o depressivo, se busque entender a situação dele.

É possível encontrar situações onde um usuário corrige a visão doutrinária do *vlogger*,. Em alguns casos, outros usuários os defendem, como mostram os excertos abaixo:

> **Castro Castro (editada pelo autor do comentário)**
> Se a depressao ataca os crentes para que serve DEus Fabiana? Crente que tem DEus e feliz demais. jamais tem depressao ou doencas... voce como crista tem que ver alguns pontos em seus videos e cuidado com que vai falar.
>
> **Victor Hugo S. Costa (2 "gostei")**
> Fabiana, admiro sua paciência em lidar com tantos comentários desnecessários e desprovidos de bases sólidas (científicas). Quanta gente ignorante e cheia dos palpites. Gente, vai estudar, por favor! Antes de abrir a mente para abordar uma temática que você não tem um conhecimento profundo. DEPRESSÃO é fisiológico! [...]
> Agora quando um indivíduo é depressivo e não acredita em um ser superior e salvador a tendência é que o mesmo tenha um agravamento do quadro, alguns chegando a cometer suicídio, pois se veem sem esperança. Agora afirmar que depressão é falta de fé, coisa do capeta, me poupe! Sua ignorância sim, é coisa do capeta.
> #Ignoranciameirrita
>
> **Castro Castro**
> falo outra vez crente que e entegue a Jesus Cristo nao tem depresssao... mais isso e so para que tem DEus de verdade.. sera que nao entra na cabeca de vocês. (FB – Crente tem depressão?)

3.3.4.2 Exclusão

No vídeo sobre a homossexualidade publicado no canal Dois Dedos de Teologia, há quem defenda que o cristão só pode ser amigo do gay que está tentando mudar sua sexualidade. O usuário James Dean é um dos que defendem esta postura. Contudo, é questionado por interlocutores evangélicos e de confissão religiosa não identificada.

> **James Dean**
> legal.... tudo mto bom... mas.... como assim "tenho amigos e amigas homossexuais"?? A menos que sejam os tais "que lutam contra esse desejo" um crente não deveria ter amigos que cometem pecados contra Deus e quando confrontados com a bíblia optam por continuar tendo esses comportamentos pecaminosos... Isso não é só o homossexual... é tbm o fofoqueiro, o invejoso, o que xinga palavrão e etc... Dizer que vc convive com eles de algum modo, ok! Agora amizade??? Amizade com o mundo é inimizade para com Deus rapaz... Amiguinho do mundo? Inimigo de Deus rapaz! (....)
>
> **Caroline Cortizo**
> Amigo, Jesus comia com pecadores, por qual motivo não devemos comer? Existe uma completa diferença entre ter amigos que pecam, até porque também pecamos mesmo como cristãos e ter amizade com pessoas que se dizem cristãs (irmãos na fé) mas não tentam abandonar seus pecados, quaisquer que sejam. [...] Não é porque você não apoia a prática de pecados

> por qualquer pessoa que deve excluir os nãos cristãos do seu ciclo social. Pelo contrário, eles são os que mais precisam de bons exemplos, aconselhamento e ajuda. Abraço.
>
> **Oexgay. com**
> Não acredito que li tudo isso... Ai!!! Se todo "crente" fosse assim, jamais toparia ser crente. O que fizeram com sua mente jovem...
>
> **Alberto Dudena**
> Pecado é ser intolerante! (Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja).

3.3.4.3 Intervenções mistas

São proposições que elencam mais um tipo de fundamentação. Um exemplo é o comentário do usuário Bruno Augusto em “Crente tem depressão?”, de Fabiana Bertotti. O autor usa tanto elementos científicos como religiosos para argumentar. Diz que a depressão é considera cientificamente como “doença da alma”, porque não haveria causa fisiológica.

Deste modo, remédios teriam efeitos paliativos. O que explica a depressão? Para Bruno, “quando nos encontramos em meio ao medo, a tristeza ou desespero profundo, abrimos brechas no mundo espiritual que dão legalidade para que espíritos opressores possam tocar em nossas vidas e nos oprimir”. A explicação do autor é religiosa. O uso de noções da ciência, por outro lado, procura trazer o caráter científico a sua proposição.

3.4 Considerações da análise

O discurso dos *vloggers* acerca da sexualidade não difere do pensamento geral protestante. Fabiana Bertotti, Felipe Cruz e Yago Martins têm uma argumentação sobre a homossexualidade que em muitos pontos é semelhante à de Silas Malafaia, mas sem a virulência característica do pastor. O corpo é percebido com ambiguidade: pode ter prazer, mas dentro do casamento heterossexual. O sexo torna-se até mesmo uma *performance* religiosa, visto que representaria Cristo e a Igreja.

Qualquer outra forma de exercício do prazer é uma perversão desta representação religiosa. A sexualidade assume um aspecto religioso, a partir do qual é possível adorar tanto a Deus quanto ao diabo. Não há discussão sobre o padrão e quem não se adequa pode ter sido “chamado” para o celibato. Nos comentários, esta moral sexual também transparece.

A maior parte dos questionamentos à tal noção vêm de quem é considerado culpado por este padrão moral. São os homossexuais, os não-religiosos e outros, que criticam a restrição das possibilidades de experimentar a si. Mais interessante, contudo, é a conflituosa identidade dos atores que se assumem “gays cristãos”. Equilibrando duas identidades que, em alguns momentos se chocam, têm pelo menos duas formas de se expressar.

Há aquele que luta contra seus desejos, renunciando-os para agradar a Deus. Por outro lado, há quem concilie a homossexualidade com a religião sem nenhum problema e, também, sem chegar a frequentar igrejas inclusivas. Em certo sentido, ambos sentem-se acolhidos pela comunidade religiosa – seriam comunidades diversas?

A discussão sobre a ansiedade e depressão já envolve menos polêmica. Os *vloggers* assumem o caráter patológico da depressão e indicam tratamento médico. Contudo, propostas diversas se fazem presentes nos comentários, ecoando até mesmo a teologia da prosperidade. Para estes, o depressivo dificilmente é cristão verdadeiro.

O “verdadeiro cristão” é uma construção semântica que varia de acordo com o que cada religioso – e até mesmo, não religioso – acredita. Para alguns, é restringir a sexualidade vivida de modo indigno e renunciar aos prazeres. Para outros, é amar sem limites e aceitar os diferentes modos de ser. E, justamente por ser uma construção semântica que diverge, torna-se muitas vezes recurso de vigilância e tentativa de exercitar poder. Os quadros 3 e 4 (próxima página) apontam sentidos relacionados às questões do corpo e dinâmicas de sua circulação.

A análise aponta que o sentido circula em uma dinâmica específica. A partir de um tema específico – que pode ser agendado pelo *vlogger* ou pelos próprios usuários -, se problematiza um fato social e comportamentos relacionados. Esta problematização traça ideais, que podem ser revisados por influência de outros aspectos da circulação de sentido. A partir dos ideais, são estabelecidas proibições em relação a determinados comportamentos.

Quadro 3 - Sentidos sobre as questões psicológicas e sua circulação.

Problematização	A presença do sofrimento na vida de cristãos.	O sofrimento é uma condição inescapável em um mundo caído e condenado.
Ideais	Cristão verdadeiro não enfrenta depressão ou sofrimento, já que estes podem apontar falta de fé e consagração.	Cristão verdadeiro enfrenta o sofrimento como algo permitido por Deus que pode o ensinar.
Interdições	Sofrer ou enfrentar depressão, o que demonstra falta de fé e consagração.	Criticar quem sofre, apontando que trata-se falta de fé. Não ajudar estas pessoas.
Reelaborações	Depressão e sofrimento são questões fisiológicas. Sofrimento ensina e deve ser aproveitado. O mundo é caído e cheio de dores e enquanto aqui vive-se, se sofrerá.	Depressão e sofrimento são falta de fé e manifestam falta de entrega à Deus. Deus não deixa o verdadeiro cristão sofrer. Depressão só pode ser curada espiritualmente.
Intervenção	Desconsidera as reelaborações como engano do diabo. Depressivo é exortado a voltar a ter fé. Ciência não explica a doença.	Quem critica o depressivo não é cristão. Ansiedade e depressão são passíveis a todos. Libertação disto só encontra-se no céu. Depressão pode ser tratada por medicamentos.

Produzido pelo autor.

Quadro 4 - Sentidos sobre a sexualidade e sua circulação.

Problematização	Existência de diversas formas de exercício da sexualidade, como a masturbação, o sexo pré-marital e a homossexualidade, contrários à vontade de Deus.	Existência de críticas ao livre exercício das diversas formas de sexualidade, por um modelo repressor e arcaico.
Ideais	Sexualidade exercida no casamento heterossexual.	Sexualidade exercida em liberdade e diversidade. Todos devem ser livres.
Interdições	Masturbação, sexo pré-marital ou com mais de um parceiro, homossexualidade.	Repressão da sexualidade. Todos devem ser livres para exercê-la como bem entender.
Reelaborações	Bíblia precisa ser atualizada, há erro de interpretação. A ciência apoia a diversidade e a masturbação é melhor fundamentada. Tratam-se de instintos humanos.	Crítica à ideia de verdade científica, apontamento de males advindos da liberdade e diversidade sexual, apelo ao ideal religioso de sexualidade, à Bíblia e outros.
Intervenção	Repressão por meio de críticas, apelo a outras fontes como “médicos cristãos”, exclusão da convivência daqueles que não se adequam.	Apelo à ciência e empiria, entre outras fontes. Críticas e ridicularização. Aponta-se a contradições performáticas e hipocrisias de religiosos.

Produzido pelo autor.

As interdições apontam instâncias para vigilância. No YouTube tal vigilância é realizada considerando o que e como os usuários escrevem. Para fazer frente as proibições, se reelaboram ideais e interdições. Estas reelaborações acabam fundamentando comportamentos desviantes, que são reconhecidos pela vigilância. Daí, intervenções são realizadas para tentar corrigir tais ações. Este é um processo complexo, que envolve diversas hibridizações – tanto na forma como conteúdo.

Cabe lembrar que, conforme Bauman (2003), a uma resposta específica esperada de um comunitário. Apesar das diversas identidades disponíveis, há uma série de expectativas em relação a seus comportamentos e escolhas. Se a resposta for diferente da esperada, a exclusão é uma das intervenções que se pode esperar. No entanto, hoje o exílio – voluntário ou obrigatório – tem ares antiquados.

Divergentes e sem-facção[32] formam hoje um novo modelo. Se alguém é expulso de uma comunidade religiosa por sua sexualidade, tem condições de se inserir em outra que negocie estes dois valores. A hipervisibilidade certamente contribui, pois disponibiliza diversas facetas e modos de ser, diversas reelaborações daquilo que é interditado. Deste modo, o sentido acerca de algo se transforma.

Também se pode destacar que os *vlogs* pesquisados operam uma certa reconfiguração do poder pastoral. Sibilia (2008) destacou o caráter confessional das mídias sociais na internet e aponta que a confissão poucas vezes reflete um empoderamento do sujeito. Para compreender melhor esta dinâmica, é preciso lembrar que para Recuero (2011), o que se diz nas mídias sociais é considerado quando um usuário quer avaliar outro. Quando se testemunha, se dá alguma visibilidade para questões privadas e se torna suscetível a avaliação de conformidade ou não com um modelo social.

No entanto, quem se abre na internet não perde o controle sobre sua vida privada: apenas troca as paredes de tijolos por vidros. São processos complexos, mas que parecem refletir uma tentativa de tornar comunicável uma experiência autêntica e

[32] A ficção, como produção semântica atrelada a um contexto histórico e social, dá sinais de mudanças nos modos de viver. Na série *Divergente*, Veronica Roth descreve um experimento social que envolvia uma Chicago futurista, quase apocalíptica. A sociedade é dividida em cinco facções, reunidas em torno de habilidades específicas: Abnegação, Audácia, Amizade, Erudição e Franqueza. Aqueles rejeitados em sua iniciação, os sem-facção, viviam à margem da sociedade, carecendo de esmolas oferecidas pelos comunitários da Abnegação. Ser um divergente (apto a mais de uma facção) é correr o risco de não ter sucesso em uma seleção e ser rejeitado pelas comunidades. Na obra, após uma série de disputas divergentes e sem-facção tomam o poder, construindo assim uma sociedade mais justa, são os heróis. Um enredo diverso do exílio a que Dorian Gray relegava seu retrato, que denunciava sua inadequação à sociedade vitoriana.

a amalgamar na moral e na tradição. Parece que o depoimento – e até mesmo a hipervisibilidade – expressam uma tentativa moderna de reconstruir a figura do narrador. Contudo, o retorno do narrador nos padrões de Benjamin parece impossível, já que se vive em outro modelo social.

O que tem-se então? É inegável que as experiências pessoais estão disponíveis publicamente – embora não tornem-se públicas. É possível que esteja se formando uma forma atualizada de narração, que tem reconstruído o modo como a sociedade se vê e constituiu-se. Os resultados deste fenômeno, no entanto, são difíceis de se prever.

A Paris com casas de vidro certamente estranharia a experiência hipervisível das mídias sociais. Sem derrubar paredes, a sociedade organizou-se em um modelo em que a publicação do privado é cada vez mais comum. Diante disto, há quem alega uma diluição de fronteiras entre mundo público e privado. Cabe salientar, contudo, que os limites ainda são constantemente vigiados.

As próprias configurações de privacidade de mídias sociais como o Facebook demonstram estas fronteiras. Pode-se estratificar o público que tem acesso ao que se publica. É possível falar em um imperativo hipervisível, mas não na perda do controle do acesso por parte do sujeito. Quando ele perde o controle do acesso ao seu mundo privado, certamente alguma violência está envolvida.

A *porn revenge*[33] exemplifica esta dinâmica. Quando se envia uma foto íntima a alguém, se pretende que o acesso esteja restrito a ela. Há um pacto não escrito que envolve o sigilo destas publicações. Quando este compromisso é rompido, se violenta a vítima.

Este novo modelo social tem influenciado a formatação das identidades dos comunitários virtuais. Manifesta-se, também, como um modo descentralizado de controle, em que deixa de operar uma instituição central de poder e se passa a uma "autorregulação" de usuários. Deste modo, cada mídia social tem seu próprio estatuto, criado e rediscutido pelos próprios comunitários. Esta economia se torna ainda mais complexa quando as identidades sociais se somam àquela das mídias sociais.

Esta discussão segue no próximo capítulo. Nele, é apresentada a análise dos vídeos relacionados à vida pública do religioso. Que ideais, interdições e reelaborações se manifestam nos *vlogs* e nos comentários postados? A partir da

[33] A pornografia de vingança é o compartilhamento criminoso de fotos íntimas da vítima por parte de ex-namorados ou namoradas.

análise dos últimos cinco vídeos e seus 216 comentários, são apontados aspectos a respeito da circulação do conteúdo religioso relacionado à vida pública do fiel.

4 – RELIGIÃO E SOCIEDADE

No YouTube, o sentido circula em uma dinâmica específica. No último capítulo, a análise apresentou algumas construções semânticas sobre a vida privada circulam nos *vlogs* religiosos. Foi encontrada uma estrutura em que contextos sociais são problematizados, acabam estabelecendo ideais, modelando comportamentos desejados e o que não se pode fazer. A isto, são interpostas reelaborações que permitem comportamentos "desviantes". Estas reelaborações, por sua vez, serão alvo das intervenções.

Discute-se neste capítulo os sentidos presentes na relação entre religião e sociedade. A partir da análise de cinco vídeos e seus comentários se procura demonstrar dinâmicas de circulação e temáticas presentes. Também, se observa se a estrutura de circulação de sentido encontrada nos vídeos já analisados também se manifesta aqui.

4.1 A vida pública do religioso

Uma grande polêmica envolveu o Projeto de Decreto Legislativo 234, do ano de 2011. Proposto pelo então deputado goiano João Campos (PSDB), tira efeito de artigos de uma resolução do Conselho Federal de Psicologia que orientam a ação do psicólogo em relação a orientação sexual. O projeto afirma que a entidade profissional usurpou competências do Legislativo. Contudo, a proposição foi tachada como "cura gay".

Além de deputado, João Campos é pastor evangélico da Assembleia de Deus. Embora o projeto não elenque argumentação religiosa, foi rechaçado como tal. A sociedade contemporânea experimenta tensões entre a religião e mundo secular. Quando se considera que o religioso parece buscar onipresença por meio da mídia, a resultante deste processo parece pouco previsível. Tudo depende de como religioso e não-religioso dialogam, como apontou Habermas.

Habermas (2013) explica que o 11 de setembro de 2001[34] foi o estopim da tensão entre religião e sociedade secular. De um lado, grupos religiosos que repudiam símbolos da modernidade globalizada como o próprio inimigo encarnado. Do outro, a

[34] De acordo com Luiz Bernardo Leite Araújo, professor da UFRJ que escreve a apresentação de *Fé e Saber* (HABERMAS, 2013), a entrega do Prêmio da Paz pela Associação de Livreiros da Alemanha ocorreu cerca de um mês após o fatídico 11 de setembro. O atentado às torres gêmeas do World Trade Center, assim como o sequestro de aviões comerciais matou mais de três mil pessoas.

sociedade estadunidense que erige um discurso de vingança que remete a trechos bíblicos. Este discurso, entretanto, não levou a um clamor por uma vingança exercida na guerra[35].

Segundo o autor, as comunidades religiosas de nossa sociedade – que Habermas define como pós-secular – só são consideradas razoáveis quando entendem "o encontro cognitivamente dissonantes com outras confissões e religiões", adaptam-se à autoridade científica e adeque-se "às premissas do Estado constitucional, que se fundam em uma moral profana". (HABERMAS, 2013, p. 7).

A própria liberdade religiosa está ligada a uma pacificação do pluralismo de visões de mundo. O Estado exige do crente uma divisão de sua identidade entre a identidade do religioso (mundo privado) e a do cidadão (esfera pública). E não somente sua identidade deve se adaptar: também precisam mudar os discursos. Entretanto, este não é um processo sem perdas – também para a sociedade secular (HABERMAS, 2013).

> São eles que têm de traduzir as suas convicções religiosas para uma linguagem secular antes de tentar, com seus argumentos, obter o consentimento das maiorias. [...] Mas a procura por argumentos voltados à aceitabilidade universal só não levará a religião a ser injustamente excluída da esfera pública, e a sociedade secular só não será privada de importantes recursos para a criação de sentido, caso o lado secular se mantenha sensível para a força da articulação das linguagens religiosas. Os limites entre os argumentos seculares e religiosos são inevitavelmente fluidos. Logo, o estabelecimento da fronteira controversa deve ser compreendido como tarefa cooperativa em que se exija dos *dois* lados aceitar também a perspectiva do outro. (HABERMAS, 2013, p. 15-16, itálico no original).

Tais limite e fronteiras são construídos pela circulação de sentido. É preciso entender que o papel da comunicação não se mostra somente no exercício do consenso. Está nos interditos – que, de certo modo, também são consenso; tabus são fruto de consenso – e na própria circulação de ideias e sentidos.

---

[35] Habermas (2013) ainda aponta um consequente interesse pela religião, mesmo que temporário. É "como se o estonteante atentado fizesse vibrar uma corda religiosa no mais íntimo da sociedade secular, as sinagogas, as igrejas e as mesquitas se viram subitamente lotadas de toda parte" (op. cit., p. 2). Habermas lembra que, embora o luto e essa "conexão instável" com a religião tenham tomado conta do país, isto não estimulou um clamor por guerras (a autoproclamada Guerra contra o Terror, organizada pelos EUA e aliados pouco tempo após os atentados, é muito mais o fruto de uma política externa que resposta a um clamor da população daqueles países). Provavelmente, quem buscou alguma religião procurava conforto e sentido. Cabe relembrar que, conforme Weber – comentado por Pierucci (2003) – a ciência não pode trazer sentidos, já que opera numa instância que não considera um imperativo teleológico.

Habermas (2013), partidário da democracia, aponta que é necessário que os dois lados se ouçam. É preciso que as maiorias (sociedade secular) se disponham a ouvir as minorias religiosas em seus argumentos. Por outro lado, é preciso disposição destas minorias em traduzir seus conceitos religiosos na linguagem secularizada e conviver com o Estado e as outras visões de mundo. Quando isto não é obedecido, atentados como o 11 de setembro se tornam comuns.

Quando elabora a ideia de tradução das ideias religiosas para que estas sejam consideradas pela sociedade secular, Habermas faz um diálogo com sua teoria da ação comunicativa. A proposta - que define a racionalidade comunicativa como um padrão eticamente mais elevado que a racionalidade instrumental - considera que a verdade é aquilo que é consensualmente compreendido como verdade.

Existem dois modos de empregar a capacidade de fazer proposições, explica Habermas (2012). Uma disposição instrumental, que procura determinado interesse; uma disposição que procura o entendimento comunicativo. O ato comunicativo é a argumentação entre pares comunicacionais que buscam atingir um consenso. Para tanto, atendem algumas condições específicas.

Eles se respeitam (retidão normativa), são verdadeiros com o outro e entendem que o interlocutor também está sendo verdadeiro (veracidade). Por fim, se considera que o par é capaz de entender, para isto, ambos devem utilizar uma mesma linguagem, que seja conhecida por todos participantes do ato comunicativo. Não existem códigos secretos que impedem o entendimento (inteligibilidade). (HABERMAS, 2012).

A tradução dos conteúdos religiosos para uma argumentação secular está diretamente ligada à pretensão de validade da inteligibilidade. Não é portanto, apenas uma exigência da sociedade secular: é condição para uma democracia, fruto do próprio potencial de conflito e, também, modo para que se encontre consenso. Diante disto, não é estranho que as religiões exerçam, cada vez mais uma apropriação da racionalidade técnica (e de dinâmicas de outros campos) - em um processo que parece aprofundar a desmagificação do mundo.

4.2 Análise dos vídeos

Cinco vídeos compõem a análise deste capítulo. Do *vlog* Bíblia Freestyle, “#46 – Missão integral” e “Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?”. Dois Dedos de Teologia participa com a postagem “Religião e política

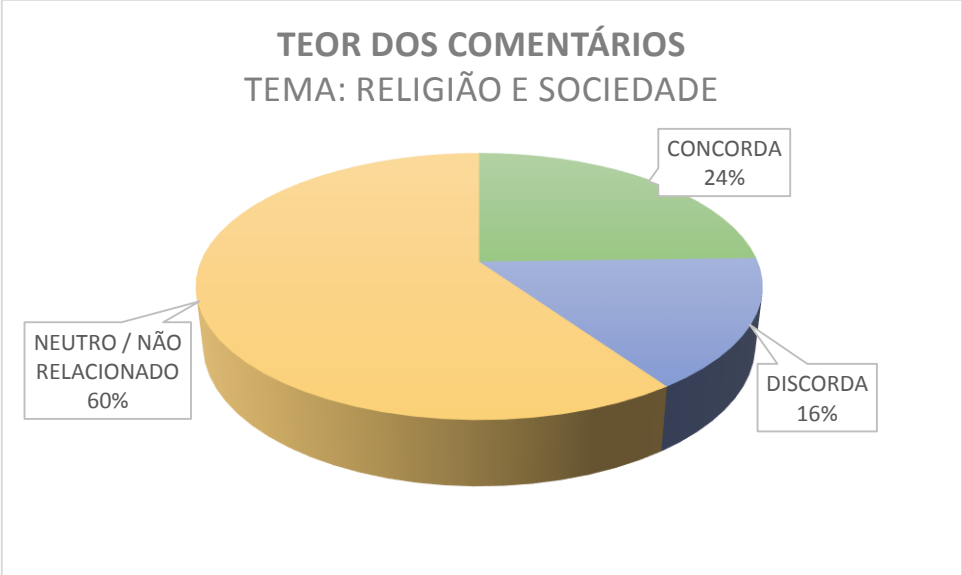
no Estado laico". Por fim, de Fabiana Bertotti os vídeos "O cristão e a política" e "Você é um crente legal?".

Foram analisados 216 comentários, com a participação de 146 pessoas. O perfil de quem comenta pode ser visto no Gráfico 8. Já o teor destes comentários é apresentado no Gráfico 9. Importa apontar que os vídeos aqui analisados têm como temática comum a relação entre religião e sociedade em diversas instâncias.

Gráfico 8 - Participação por confissão religiosa nos vídeos que discutem as relações entre religião e sociedade.

Produzido pelo pesquisador.

Gráfico 9 - Teor dos comentários em vídeos que discutem as relações entre religião e sociedade



Produzido pelo pesquisador.

4.2.1 Ideais

A partir da análise, pode-se dizer que os vídeos e comentários também contextualizam e problematizam questões sociais. É possível identificar a presença de dois tipos de ideais: aqueles que tratam da ação da igreja protestante e dos religiosos na sociedade civil, aqueles relacionados à política e aos políticos e de organização de Estado.

4.2.1.1 Igreja protestante em sociedade

Em geral, percebe-se uma decepção em relação às instituições religiosas protestantes, tanto da parte de fiéis como daqueles cuja confissão religiosa não foi identificada. As críticas, entretanto, estão ligadas a organização institucional de igreja. A noção de igreja como comunidade não é criticada, o que dá indícios que este é um modelo melhor recebido ou desejado.

Questiona-se contradições entre o que é pregado e atitudes. A maioria dos comentários, por exemplo, conota lamento por uma igreja que não cumpre seu dever-ser. Até mesmo as críticas dos não-religiosos acusam uma lacuna em relação as obrigações das igrejas, daquilo que elas mesmo pregam. E que ideais são construídos a partir desta problematização?

Em seu *vlog*, Ariovaldo Jr. defende a missão integral como uma proposta que seria biblicamente “ortodoxa”. Tal proposição daria condições para que igreja e fiéis tornem-se agentes de transformação do mundo. Neste sentido, cabe destacar que a doutrina cristã pressupõe um mundo perdido e sem muitas condições de ser transformado. A missão integral, explica o pastor, é a ideia de um evangelho integral que não apenas provê salvação ao homem, mas também muda as condições em que ele vive.

Se a justiça do Reino de Deus não se manifesta por meio dos cristãos, diz Ariovaldo Jr., não há verdadeira conversão e sim hipocrisia. O pastor aponta que tal proposta é importante porque prioriza aqueles que são desprezados pelos sistemas econômicos, órfãos e viúvas. O *vlogger* ainda diz acreditar numa pregação que trate do homem integralmente, que “tire a pessoa do inferno e tire o inferno da pessoa”.

Além de operar justiça social, os fiéis também têm de ser amáveis, aponta Fabiana Bertotti em “Você é um crente legal?”. Tal comportamento melhoraria a recepção dos não-religiosos a pregação. A proposição de Fabiana encontra apoio em muitos usuários. Jairla Silva é uma delas: “vamos deixar de ser uns xatos...e saber

falar do amor Deus de maneiras diferentes". Ela é outros *youtubers* salientam que a pregação deve salientar o amor de Deus e não ser acusatória.

Por sua vez, Felipe Cruz e Yago Martins afirmam que o discurso dos religiosos deve ser traduzido enquanto se argumenta na vida em sociedade. Esta tradução ainda deve manifestar-se em relação aos poderes públicos. Yuri diz que em uma democracia plena há diversas pessoas com diferentes cosmovisões que precisam debater em um terreno comum. O religioso que é contra o aborto precisa de argumentos que possam ser apreciados também pelo não religioso.

Neste sentido, Yuri reproduz a ideia de Habermas (2013) acerca da relação entre comunidades religiosas e sociedade pós-secular. "A gente precisa, também, como religioso, entrar no debate comum. Se alguém chega no Senado dizendo que quer aprovar tal lei porque o Espírito Santo mandou, ele vai ser alvo de risada", salienta. Yuri diz que é possível que seja necessário entrar na pressuposição do outro e, a partir de então, mostrar as falhas da argumentação daquela proposição.

O *vlogger* diz que não há, atualmente, uma 'jesuscracia' no Brasil, mas sim uma democracia representativa em que os religiosos têm seus representantes, assim como outros grupos. É preciso, contudo, argumentar no terreno comum. Lamenta, contudo, a postura de ateus e agnósticos que não aceitariam a cosmovisão cristã para discutir, partindo diretamente a ridicularização ou exclusão. "Estado não é ateu, é laico. [...] Todo mundo tem papel", diz.

Traduzir a argumentação, diz Felipe, é essencial para viver em sociedade. A tradução em relação aos poderes públicos deve manifestar-se também. Um presidente cristão deve defender sua candidatura a partir da aplicabilidade de suas propostas e não sobre sua fé. Já o Legislativo, onde existem bancadas diferentes e o contraditório é importante, abre espaço para candidaturas que defendam posições religiosas específicas, salienta.

Um presidente cristão deve defender sua candidatura a partir da aplicabilidade de suas propostas e não sobre sua fé. Já o Legislativo, onde existem bancadas diferentes e o contraditório é importante, abre espaço para candidaturas que defendam posições religiosas específicas, salientam os *vloggers*. "Todas as religiões devem ter acesso à voz política", diz Yuri. Já Felipe diz que o cristão também tem de aprender a ouvir pontos de vista a partir da visão do outro. Agir de modo diverso, diz Yuri Martins, é burrice.

O fiel ainda deve estar atento as questões políticas. Estar alienado politicamente não torna alguém mais santo, comenta Fabiana Bertotti. “Você só é mais besta”, pontua. Quem não se atenta, aponta Fabiana, perde muito, inclusive no que se relaciona a leis que estão relacionadas a fé do indivíduo e questões éticas. “Estar atento à política é uma obrigação também do cristão”, diz a vlogueira em “O cristão e a política”.

Fabiana Bertotti ainda lembra que a Bíblia exige respeito às autoridades constituídas e está ligado a isto uma necessidade de orar pelos representantes políticos. Quem não ora pelas lideranças políticas está “meio que sem direito de descer a lenha nele depois”, comenta. Do mesmo modo está quem não acompanha os projetos e a execução das promessas de campanha.

No entanto, isto não se reflete numa obrigação de cristãos candidatarem-se para cargos eletivos. Aponta que José e Daniel não podem ser citados como exemplos bíblicos para corroborar candidaturas, visto que teriam sido colocados por Deus em posição de autoridade por sua integridade e caráter. Quem quer se candidatar deve pensar se vai fazer a diferença, diz. No entanto, Fabiana diz não ter restrições a cristãos na política.

Fabiana se diz desiludida com a política e que não espera solução para esta, já que espera um “outro Reino”. “Não se esqueça [...] que a gente tem um reino espiritual a buscar e ajudar a construir e isto é mais importante que tudo”, reforça. Ainda orienta que, quem quer ir para política mas sabe que pode se corromper deve decidir servir a Cristo e não a homens. Mas, o que se entende por política nos *vlogs*?

5.2.1.2 Ideal de política, políticos e organização do Estado

Em “O cristão e a política”, Fabiana Bertotti distingue “política” do que chama de “politicagem”. A politicagem seria a má atuação de gestores públicos e políticos. Fabiana ainda diz que é papel do cristão escolher líderes mais íntegros. Diz também que Jesus não era alienado politicamente e que a escolha em quem votar deve ser feita com consciência e oração.

Fabiana diz que é preciso escolher candidatos pela idoneidade, caráter, princípios e histórico. “Essa pessoa escolhe pela vida? Essa pessoa é honesta? Essa pessoa tem uma família e se valoriza com os valores que você valoriza?”, questiona. Para Yuri Martins, do “Dois Dedos de Teologia”, desenha o que seria o candidato em

que votaria. Este político não defende bandeiras históricas da esquerda e é conservador.

> Rapaz, se o cara tiver uma proposta de governo boa, se o cara defende vida, se o cara defende o casamento como está na Constituição, se o cara é contra o aborto, se o cara defende privatização em massa, se o cara defende a abertura do mercado, ele pode ser da igreja de Satanás, ele tem o meu voto, eu não tou nem aí. (Yuri)
> _ Sabe por quê? Porque a graça comum age desta forma. Deus vai guiar para que o propósito dele seja cumprido. A nossa função aqui é tentar buscar aquelas pessoas que pensem em conformidade com as escrituras e, às vezes meu amigo, Deus vai usar o ímpio pra agir conforme ele deseja. (Felipe). (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico – Anexo E).

Felipe e Yago começam seu vídeo destacando quatro formas de Estado: o teocrático, o confessional, o laico e o ateu. Segundo eles, o Estado laico teria surgido a partir da Reforma Protestante, numa busca por separar as esferas religiosa e política. Definem o Estado laico como aquele onde não há espaço para um Estado religioso ou uma igreja estatal, uma noção que teria sido influenciada pelo neocalvinismo holandês.

No Estado laico, segundo os vlogueiros, a religião é uma formação social que não possui questões transcendentais. Já no Estado ateu, seria uma formação cerceadora. “Esta separação entre igreja e Estado é saudável, a gente não pode querer linkar as duas coisas senão você vai acabar caindo num tipo de despotismo, seja do lado da igreja, seja do Estado”, comenta Felipe Cruz no vídeo. No entanto, salienta que religião e política não estão separados.

A cosmovisão religiosa, explica Felipe, influencia o modo de ver a política. Yuri destaca a presença de religiosos exercendo seu direito civil de participar politicamente. Ele critica o que classifica como um “movimento de esquerda” que entende que a argumentação religiosa não é suficiente para que bancadas evangélicas ou grupos religiosos, por exemplo, defendam um ponto de vista específico. Segundo Felipe, esta separação torna válidas apenas as cosmovisões ateísta, agnóstica e, no máximo, a deísta, mas nunca a cristã.

Isto, salienta Yuri, é a separação entre cidadãos, a partir da qual alguns podem expressar suas crenças – ou não-crenças – e deixa-las influenciar as questões públicas e outros, relega-las ao privado. Yuri diz, até mesmo, numa separação de castas entre religiosos e não-religiosos. Aponta que a relação entre religião e política

é saudável, tendo participado em grande parte da construção do Estado democrático e modelo de governo – que teria sido apropriado do governo presbiteriano.

Yuri cita também a influência religiosa no fim do tráfico negreiro. Felipe aponta que Habermas diz que é impossível separar o conhecimento da sociedade ocidental do cristianismo. Este teria trazido bases morais que influenciaram a construção de direitos fundamentais. Felipe diz ainda que, para Habermas, a religião ainda é fonte para tais questões.

O religioso querer participar da política é nada mais do que buscar o cumprimento de seu direito constitucional, concluem. Por fim, perguntam porque o ateu não pode conviver com os princípios da religião, do modo que esta estaria convivendo com os princípios ateístas. Indicam para leitura o livro *Estado e religião*¸ de Wallace Tesch Sabaini.

Popeye Sangreto comenta em “Religião e política no Estado laico” que religiosos não podem querer que toda sociedade assuma seu estilo de vida e crenças:

> **Popeye Sangrento (2 “gostei”)**
> O religioso tem o direito de pensar o mundo com a sua própria crença, o que ele não tem direito é o de IMPOR a sua visão do mundo, a sua crença, aos outros, como no caso do casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a marginalização de outros tipos de religiões ou religiosos. (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

Há também, nos comentários, ideais de regimes políticos. Vitor Nascimento dos Santos comenta em “O cristão e a política” apoiar uma monarquia brasileira.

> **Vitor Nascimento dos Santos**
> Eu sou monarquista, Fabi.
> E milito em prol da monarquia, fazendo com que as pessoas conheçam o que é o Regime Monárquico.
> E porque seria melhor que uma República.
> O Império do Brasil foi o período que o Brasil era um dos países mais desenvolvidos do mundo. (Fabiana Bertotti – O cristão e a política).

4.2.2 Interdições

Diante daquilo que é o dever-ser, estabelecem-se proibições. Na análise dos vídeos deste capítulo, percebe-se a presença de um outro tipo de interdição: a político-ideológica.

4.2.2.1 Interdição político-ideológica

Percebe-se nos comentários e nos vídeos restrição a determinadas correntes filosóficas e políticas. É comum encontrar rejeição à esquerda política. Em “O cristão e a política”, Fabiana Bertotti diz que ter sido “comunistazinha” quando mais nova. A época, teve interesse em filiar-se a um partido político, contudo foi proibida pela mãe, que entendia que política não é “coisa de crente”. A proibição que recebeu da mãe é sintomática e expressa algo que também manifesta-se nos outros vídeos e comentários.

Entre os religiosos também há divergência sobre a participação da religião na política. Laurita Lins comenta que não concorda com uso do altar para propaganda política. Contudo, “também concordo em pessoas Cristãs no meio político, pois só assim vai ter pessoas para impedir no congresso as leis que prejudica o povo de Deus”, diz em “O cristão e a política” (Fabiana Bertotti).

Destaca-se ainda que a maioria dos religiosos aponta que o voto deve respeitar os princípios religiosos. Neste sentido, há o apoio à bancada evangélica por parte de alguns. É o caso de S SOUZA, que comenta que “temos que ter pessoas cristãs na política sim, pois muitas leis que hoje não foram aprovadas foi pela bancada evangélica”. (Fabiana Bertotti – O cristão e a política). A política se mostra, portanto, como espaço de representação e luta pelos “princípios cristãos”.

Contudo, aponta Fabiana Bertotti, quem quer se candidatar deve pensar se vai fazer a diferença, diz. Ela lembra, porém, que a pessoa está voluntariamente entrando num ambiente “contaminado pela corrupção”. Isto é, para Fabiana, diferente de viver num mundo que é “corrompido”, já que estar neste mundo não é uma opção. Adentrar à política como candidato, contudo, seria. “Pra que você quer mesmo ser político? Não minta para mim que Jesus vai queimar você!”, brinca.

Não é obrigatório, contudo, votar em um cristão. “Pode ser que um crente vá às urnas e se candidate e ser uma pessoa que eu jamais votaria, sei lá, uma pessoa que é incoerente com a sua fé, um crente que toma posições de esquerda, posições socialistas”, diz Felipe. Por sua fala, o *vlogger* aponta uma crítica à esquerda política, que pode ser até anticristã. Esta forte rejeição também se manifesta nos comentários:

> **João Paulo (1 like)**
> Interessante que esses esquerdistas são quem mais carrega dogmas (socialismo,marxismo,faminismo,gayzimo,direito dos manos, maconismo etc etc) e são exatamente eles os mais intolerantes com o Cristianismo..

> Obviamente pois os valores cristãos apresenta resistência a toda essa demência e lixo moral defendido por eles.
> Aos cristãos: JAMAIS deixem que te convençam que a bancada evangélica/católica ou que pastores/evangélicos/padres/católicos nao deve se misturar com a politica ou assumir a presidência, pois é uma ideia ditatorial, anti-democrática,até criminosa que certamente vem de um MAL INTENCIONADO!! (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).
>
> **Diego Nunes (3 "gostei")**
> [Para Fabiana Bertotti] era comunistazinha? votava não. (Fabiana Bertotti – O cristão e a política).

Neste sentido, um usuário discorda de Ariovaldo Jr., que afirmou que a missão integral tem um afastamento do marxismo e da teologia da libertação. Dilson David aponta que Ariovaldo Ramos, um dos grandes nomes desta vertente teológica no Brasil, flerta com Marx. Ainda diz que o mundo não tem conserto, teologicamente dizendo.

> **Dilson David**
> Ariovaldo Ramos, diferente do que foi falado no vídeo, tem certa simpatia com o marxismo sim! E nas palestras destes teólogos percebe-se proximidade com a teologia da libertação! O mundo jaz no maligno, querer transforma-lo é algo teologicamente incabível, devemos anunciar o reino de Deus, que é nosso lugar! (Bíblia Freestyle – Missão integral).

Os *vloggers* do Dois Dedos de Teologia denunciam que se opera um projeto político de desinformação em relação aos candidatos religiosos. Segundo Felipe e Yuri, quando se aborda um político religioso, apenas se pergunta sobre a laicidade do Estado e o casamento gay. Marina Silva e Marcelo Crivella, que seriam vítimas desta estratégia. Isto, dizem, gera a política nos púlpitos.

Como haveria pouco espaço, alguns candidatos apelariam para as igrejas, utilizando-se dos parlatórios para divulgar propostas, dentro de cultos. Felipe e Yuri repudiam esta atitude no ponto de vista teológico e dizem que igreja não é espaço para esta ação. Isto desvirtuaria o papel do culto público. Contudo, dizem que politicamente, esta ação não traz danos à democracia, já que outros grupos também fazem reuniões para angariar votos.

Citam a visita de Dilma Rousseff a uma Assembleia de Deus em São Paulo, em que a então candidata à Presidência da República citou um versículo bíblico ("Feliz a nação cujo Deus é o Senhor"). Apontam que é uma estratégia política, mas não atenta à democracia. Felipe então faz um trocadilho com o versículo: "Triste a nação em que o PT é o gestor", disse. Dizem também que as igrejas não deveriam aceitar

políticos indo a seus cultos e pedindo votos, mas não é um atentado à democracia. Ainda dizem que um pastor pode defender um candidato, embora entendam que isto pode desvalorizar a imagem da igreja a que pastoreia. “Igreja e religião são esferas da sociedade”, afirma Felipe.

Esta interdição também se manifesta em seu polo oposto. Critica-se e questiona-se a participação de religiosos na política. A agenda religiosa na política, apontam alguns usuários, deveria ser impedida, já que esta “quer se impor” socialmente.

> **Ricardo mendes Alves (1 “gostei”)**
> (5:11) “Jesus vai queimar você” Que coisa lamentável. É o que o crente tentará fazer quando eleito e deter poderes, se misturar religião e política!
>
> **Marisa Eduardo (1 “gostei”)**
> Engraçado. Acho que você não assistiu ao vídeo ate o fim, só viu essa parte, porque ela em nenhum momento diz ser a favor de um CRENTE se candidatar, MAS alertou como votar conscientemente.
>
> [...]
> **Ricardo mendes Alves**
> [...] Há evangélicos formando soldados de um exército “simbólico” [Gladiadores do Altar, da Igreja Universal do Reino de Deus] aqui mesmo no Brasil, a ku klux klan, também começou assim e se divertiram muito com isto. A crítica é saudável e antes de tudo, necessária! [...]. (Fabiana Bertotti – O cristão e a política).
>
> **Gustavo Ribeiro (editado pelo usuário)**
> [...] Sabemos muito bem que a bancada evangélica do Congresso é grande e sempre querem passar projetos com base religiosa ou não deixar passar projetos que eles não concordam pois a "religião não permite", mesmo o projeto sendo coerente e baseado em fatos, estatísticas e estudos. E sabemos também que isso fere a liberdade religiosa na "Casa do Povo" pois o presidente da câmara, evangélico, permite cultos evangélicos enquanto nega e marginaliza os do candomblé e variados. (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).
>
> **joaquim silva**
> Ficar quieto enquanto os cristão cagam na política e na sociedade em geral? É nessa sociedade que eu vivo, e a hipocrisia cristã é nojenta... Cristãos não fazem o bem, cristãos fazem o que está escrito na bíblia independente de ser certo ou não, e isso é doença, uma doença que só pode ser curada com a racionalidade... (Bíblia Freestyle – Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

4.2.2.2 Interdição doutrinária

Elencam-se elementos doutrinários para impedir alguma ação. Nos comentários de “O cristão e a política”, por exemplo, Jonas Kakaroto cita Ellen White (em seu livro “Conselhos para a Igreja e Obreiros Evangélicos”), escritora muito

respeitada no adventismo, para dizer que Deus quer que seu povo se desligue de discussões políticas.

A participação de pastores na política é desmotivada por Fabiana Bertotti e pelos *vloggers* do Dois Dedos de Teologia. Fabiana diz que pastores não deveriam se candidatar, visto que sua função é espiritual e demanda tempo e dedicação. Com uma candidatura, não teria condições de cuidar da igreja que pastoreia. Felipe e Yuri afirmam que é difícil que alguém consiga ser pastor e político ao mesmo tempo. Entendem que ambas atividades exigem bastante esforço e o ideal é que o pastor que se candidate afaste-se do pastorado.

Contudo, não são contra pastores que utilizem o título em campanhas eleitorais. Do mesmo modo, apontam, podem fazer candidatos que são professores, delegados, pais-de-santo. Teologicamente, contudo, entendem que não é saudável. Nos vídeos, ainda há ocorrências desta espécie de intervenção, contudo, utilizada de forma ambígua. Robson Soares respondeu ao vídeo "#46 – Missão Integral", da Bíblia Freestyle dizendo: "Prefiro o Evangelho do filho de Deus!!!".

4.2.3 Reelaborações

Trata-se da argumentação que busca questionar ou desacreditar interdições, como visto no último capítulo. Nos vídeos analisados agora, percebe a ocorrência de reelaborações "morais", como apresentado adiante.

4.2.3.1 Reelaboração "moral"

Postula-se que se está resguardando questões morais e o respeito ao próximo para, deste modo, desvalorizar alguma interdição. Nos comentários de "Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?", vídeo do canal Bíblia Freestyle, se vê tal situação:

> **Adriano Fonseca (7 "gostei")**
> De boa meus amigos, não querem acreditar em Deus, vao ver um video de algum filosofo ateu ou ler Nietzsche, nada melhor que cada um na sua e com os seus, respeitar a liberdade alheia é um valor admirável em qualquer religião (ou não-religião). [...]. (Bíblia Freestyle – Rapinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

4.2.3.2 Reelaboração doutrinária

Na análise, percebem-se momentos em que se recorre à doutrina para desconstruir uma interdição. Em “O cristão e a política”, Fabiana Bertotti critica a alienação política, dizendo que ela não torna alguém mais santo. “Você só é mais besta”, pontua. Quem não se atenta, aponta Fabiana, perde muito, inclusive no que se relaciona a leis que estão relacionadas a fé do indivíduo e questões éticas. “Estar atento à política é uma obrigação também do cristão”, diz.

Neste sentido, Patrick Silveira comenta também no vídeo, apontando que, em “Fundamentos da Educação Cristã”, Ellen White diz não haver erro em aspirar cargos deliberativos e legislativos. Patrick argumenta que o “cristão pode se candidatar, mas para tal deve ser puro como José e Santo como Daniel”. (Fabiana Bertotti – O cristão e a política).

A reelaboração doutrinária também pode questionar a argumentação de um *vlogger*. Em resposta ao apelo pela amabilidade dos cristãos, proposto por Fabiana Bertotti, alguns usuários utilizam aspectos teológicos e doutrinários para demonstrar que tal posição não é completamente correta.

> **ellen giordane (7 “gostei”)**
> Olá crente legal,
> gostaria de lhe dizer algo:
> Jesus não foi um crente legal!
> João Batista não foi um crente legal!
> Pedro, Paulo, João, Tiago, Felipe, Tomé, Marcos, Mateus, Matias, Lucas, ..(ap.)
> não foram crentes legais!
> [...]
> Palavras doces não traz a consciência do pecador que ele precisa se arrepender não isso deixa é o crente mimado com espírito de BIBA!!
>
> **Tayná Teles (4 “gostei”)**
> Quem traz a consciência do pecado é o próprio Espírito de Deus! O que adianta falar falar e falar se antes a pessoa não tiver uma experiência com o amor de Deus? [...]
>
> **Gladstonier (2 “gostei”)**
> Tayná, talvez você esteja certa e Paul Washer errado, Paul Washer é um pastor que muitos odeiam sua mensagem quando ouvem pela primeira vez, pois é forte, implacável, destrói o ego, nas depois passam a gostar, visto que depois que o ego é destruído sobre espaço para humildade... Palavras doces e belas afagam o ego, palavras duras curam a alma. Crentes não devem ser tristes, pois alegria maior que servir a Cristo não tem, mas a falta de falar do pecado e de toda a sua consequência tem afastado pessoas de uma conversão verdadeira... (Fabiana Bertotti – Você é um crente legal?).

Há ainda quem procura corrigir o que seria um erro de Fabiana. Rodrigo Serafim diz “Unica parte que achei "controverso" foi dizer que TODOS somos filhos de Deus”. Vinicius Carvalho aponta que “só é filho [de Deus] quem e Nova criatura e vive em espírito e em verdade”. Referem-se a uma fala da *vlogger*, que aponta que todos são filhos de Deus.

Em “Rapinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?”, Ariovaldo Jr. procura rebater um vídeo que viralizou nas mídias sociais. Este material critica a posição de teístas, denunciando incoerências destes. O *vlogger* diz que as mídias sociais são, de tempos em tempos, palco de postagens “que acabam por estereotipar aqueles que creem e aqueles que não creem, tentando tachar todas as pessoas que pensam diferente de nos mesmo, como idiotas”.

O vídeo que Ariovaldo tenta refutar diz, em primeiro lugar, que caso Deus falasse pessoalmente com uma pessoa, é difícil que esta saiba se está ou com problemas mentais. Diz também que a suposta experiência de alguém com o divino não é argumento comprobatório da existência metafísica. Também critica o grande número de denominações religiosas e suas diversas visões. Assim, caso Deus estiver se comunicando com estes fieis, sua mensagem é contraditória e confusa.

A verdade, diz o vídeo que Ariovaldo questiona, é uma só e tão universal como a matemática. Deste modo, se Deus realmente tivesse uma mensagem importante, usaria um método claro e preciso para expressá-la, dizem. O vídeo de Ariovaldo intercala trechos da postagem ateísta e uma fala em que o *vlogger* tenta refutar os argumentos.

Ariovaldo aponta que Deus se manifesta através da cultura humana. Salienta que toda sociedade tem a noção de divindade. Contudo, desejos e projeções humanas não estariam relacionados. Assim, Ariovaldo busca rebater o argumento que a crença em Deus é um delírio.

Em seguida, ele aponta que argumentar pela existência de Deus a partir da “experiência” pessoal é infantil. O divino se revelaria a partir da história humana e da Bíblia. Segundo Ariovaldo, a maioria dos teístas concorda que a escritura cristã tem “alta intensidade”. Ainda afirma que o grande número de seguidores de religiões não é argumento suficiente para comprovar a existência de Deus.

O *vlogger* também diz no seu vídeo que a diversidade religiosa não questiona a existência de um Deus único. A ideia de Ariovaldo é que o divino é superior ao homem e, deste modo, o homem nunca pode compreende-lo racionalmente de modo

total. Um Deus que pudesse ser racionalizado pelo ser humano seria, conforme Ariovaldo, uma criação nossa.

As diferenças doutrinárias, concorda, podem confundir quem busca a Deus. No entanto, a incoerência também existiria no ateísmo, diz Ariovaldo. Critica o que chama de “ateu catequista”, que milita contra o teísmo. Em seguida, aponta que a disputa entre judeus e muçulmanos é um argumento histórico em favor da existência divina. Diz que aqueles povos disputam por quem é digno da herança: a terra palestina.

Ariovaldo salienta que o modo como as pessoas percebem Deus é afetado por sua cultura. Diz que o evangelho foi trazido por Deus por meio de Cristo, sendo praticamente uma doutrina alienígena. Deste modo, o cristianismo não poderia ser inflexível e o fiel deve extrair os princípios morais da Bíblia e os aplicar para sua própria cultura. A construção religiosa só chega próximo à verdade, diz, quando está baseada nos ensinamentos de Cristo.

Só existe um Deus, diz Ariovaldo. A existência de diversos olhares sobre este Deus não o faria menos real. E por que a mensagem do evangelho teria sido entregue ao humano e não a um ser mais perfeito? Ariovaldo explica que Deus criou o homem com possibilidade de escolha e de pensamento, de modo semelhante a si mesmo. Não haveria um ser superior e, ao mesmo tempo, igual.

Um evangelho pregado por um ser mais elevado, argumenta o *vlogger*, seria recebido pela força de quem o prega e não por desejo. A verdade não precisa ser apresentada por coerção, diz Ariovaldo. Quem deseja conhecer a Deus deve usar o próprio cérebro e ler as escrituras, aconselha. No vídeo, Ariovaldo ainda critica a ciência como conhecimento questionável.

4.2.3.3 Reelaboração científica

Argumenta-se com elementos científicos para colocar alguma posição em descrédito. Em “Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?”, percebe-se uma ocorrência nos comentários.

> **Rodrigo Goes (1 “gostei”)**
> Argumentos bons seguido de fé racional,logo a conclusão é tão obvia que o ateismo precisa ser contrario a arqueologia a historia e por um bom senso no minimo tosco....God bless

Ivan Lanza
Nem arqueologicamente a biblia é confiavel, mas outra não é pq existiram cidades e pessoas de verdade na biblia que ela é real, se for assim vingadores é real pq se passa em nova iorque.

Rodrigo Goes
+Ivan Lanza
nosssss rs

Pedro Purcino (1 "gostei")
+Ivan Lanza legal que as mesmas referências usadas pelos ateus, escavações, documentação, etc, quando não beneficiam seu ponto de vista não são confiáveis XD, doce e inebriante ironia. (Bíblia Freestyle – Rapinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?).

4.2.3.4 Reelaboração por empiria

São argumentações fundamentadas na experiência própria, apresentada por testemunho. Procuram desconstruir um ideal e tem caráter de argumentação comprobatória.

Gutierre Vellardo
[...] Eu já fui ateu e sempre estudei muito, e me apoiando sempre na ciência para tentar explicar que Deus não existia e que todo o moralismo cristão estava errado, mas na verdade eu estava apenas olhando para um falso cristianismo, onde as pessoas buscam seus próprios interesses, onde corinho de fogo é forró, mas rock evangélico é do diabo, onde oque importa é estar vestido de terno e gravata, procurando ter o melhor dessa vida, Porque Deus quer que a gente coma o melhor dessa terra. (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

4.2.4 Recomendações

Não se encontrou, nos vídeos e comentários deste capítulo, propostas de intervenção. Contudo, se percebe outra dinâmica: a solicitação de recomendações e sugestões. Estas recomendações têm caráter de interdição. Quando alguém as pede, está solicitando, na verdade, que se restrinjam os limites em que pode atuar. Também servem como agendamento de determinadas discussões.

Um exemplo é a indicação de livros por parte de Felipe Cruz e Yago Martins no Dois Dedos de Teologia. É uma dinâmica também presente quando se discute, com os *vloggers*, a respeito de candidatos e preferências políticas:

James Dean
kkk o Yago citou todas as coisas que o Pastor Everaldo defende

Dois Dedos de Teologia (1 "gostei")
O Yago gostaria muito de votar nele se ele entendesse o que defende :(

James Dean
poxa

> eu tbm queria votar nele mas to vendo que nenhum crente vai votar
>
> **Vinicius Gralato Junior (1 “gostei”)**
> +James Dean
> Eu vou. E acho que todo cristão deveria, visto que é o único que defende os valores que nós defendemos.
>
> **Leandro R.S (1 “gostei”)**
> O prr. Everaldo parece ser fake...massa de manobra, oposição criada. Ele não entende o que diz...fica claro nos debates ele lendo e repetindo feito papagaio quando se trata de Livre Mercado. Acho que foi uma sacada do PT pra desviar votos... (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).
>
> **Angela Almeida**
> Fabiana o que você acha sobre a Marina Silva no Brasil? Você acha que ela vai ser presidenta? E a Dilma o que você acha dela? Porque todo mundo estão revoltados contra a Dilma Russef! Porque será isto? (Fabiana Bertotti – O cristão e a política).

4.3 Imagem da Igreja Protestante

Como apontou-se anteriormente, a autoridade da igreja sobre o mundo temporal reduziu drasticamente com o projeto moderno. Se antes fazer críticas públicas ao cristianismo era atitude que podia formar párias, hoje a discussão do religioso é promovida em todas instâncias sociais: até mesmo dentro da religião. Durante a análise realizada nesta dissertação, foi possível observar algumas imagens relacionadas às denominações protestantes.

Encontram-se diversas críticas a instituição religiosa. Tanto religiosos como não-religiosos comentam os defeitos da igreja. Os religiosos, contudo, institucionalizam as críticas, afastando de si a responsabilidade pelos problemas nas denominações. Sempre que se aponta algum defeito, este é do outro.

4.3.1 Falta de cuidado com o fiel

Entre os religiosos que comentaram os vídeos, há uma ideia que a igreja não tem cuidado de seus membros. É o que se percebe no comentário de Paula Belissa em um dos vídeos de Fabiana Bertotti:

> **Paula Belisa**
> Da minha própria experiência posso dizer que depressão é doença espiritual sim, PORÉM, o que se faz hoje nas igrejas é como dizer pro faminto "Que o Senhor te abençoe, vai em paz" mandando-o embora de mãos vazias. (Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?).

Uma das razões do desinteresse das instituições religiosas com seus membros, explicam quem comenta, é a confissão positiva. Esta visão teológica estaria esvaziando a noção de pastoreio, enquanto a substitui por uma relação interessada, em que se aproveita da fé alheia:

> **Igor Horsts (5 “gostei”)**
> Os problemas que os líderes não tratam na igreja né!
>
> **Vinicius Ferreira (8 “gostei”)**
> +Igor Moreira Falou tudo, hoje a igreja só fala de vitória, de fogo, e esquece de cuidar das pessoas. Querem ofertas, campanhas e não tem
>
> [...]
>
> **lenilsen nascimento (4 “gostei”)**
> Jéssica, existem mais evangélicos com depressão do que podemos imaginar. E, além das pressões da família, igreja, trabalho, estudos... Temos também os problemas que Igor e Vinicius ressaltaram, ou seja, hoje em dia, a "liderança" está esquecendo o verdadeiro sentido da palavra PASTOREIO. Existem poucos pastores e muitos "artistas" e aproveitadores da fé alheia e isso tem causado um grande estrago no emocional das pessoas. [...]. (Ariovaldo Jr. – Ansiedade e depressão).

Contudo, é possível dizer que há também apoio a confissão positiva. Quando o vídeo questiona esta percepção teológica, alguns usuários questionaram os *vloggers*. Encontra-se também, nos comentários, religiosos lamentando o preconceito dentro da comunidade religiosa. É o caso de Luiz Carlos Sodré Jr., que é evangélico e buscava ajuda para abandonar a homossexualidade. Mesmo assim, diz ter sofrido preconceito:

> **Luiz Carlos Sodré Júnior Sodré (391 “gostei”)**
> Eu sou homosessexual, sou cristão evangélico e entendo que Deus não se agrada dessa prática, por isso resolvi obedecer a Deus e buscar a minha libertação. Aceitei a Cristo há 18 anos, era um adolescente quase entrando pra fase adulta. Minha vida na igreja estava indo muito bem, era ciente de que gostava de homens e que Deus não se agradava, e sempre orei e jejuei muito para Deus me ajudar,me libertar, fazer um milagre na minha vida, porém tudo começou a dar errado quando resolvi me abrir com minha família,e levado pela minha mãe, confessar ao pastor da igreja minha fraqueza. Bastou pouco tempo para todo mundo ficar sabendo e logo tornar minha vida insuportável dentro da igreja, mas ainda lutei dos 16 anos até os 19, mesmo sofrendo dentro da igrejas com pessoas me difamando... [...]. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

Entre aqueles cuja confissão religiosa não pode ser identificada, também há a ideia de que a igreja protestante é preconceituosa. No mesmo vídeo, comentou-se:

> **Michele Thain (50 “gostei”)**
> Vejo muitas pessoas aqui falando que ser gay é escolha... gostaria de saber quem que escolhe passar pelo preconceito? [...] Só esqueceram de focar no mais importante da mensagem: "Não devemos excluir um irmão em Cristo por ele ser diferente de nós". Ao inves de toda polemica q é escolha ou biologico vamos realmente focar no que é importante!
>
> **Maxson Mackenzie (3 “gostei”)**
> Ou seja, cristâos ...por favor sejam mais cristaôs, ne gente? [...]. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

A teologia inclusiva, contudo, também não escapa de críticas. Luiz Sodré Jr., que denunciou que sofreu preconceito em sua denominação, diz que as igrejas que apoiam o sexo homossexual não têm a presença de Deus.

> **Luiz Carlos Sodré Júnior Sodré (391 likes)**
> [...]. Também frequentei igrejas evangélicas "gay", porém quem tem intimidade com Deus sabe que Ele não está ali, nem precisa ler na bíblia que pra Ele é abominável, basta não sentir a presença Dele, ou aquele frio no seu Espírito que você que já teve experiência com Deus sabe como é, pra constatar que lá Ele não está.. [...].(Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

4.3.2 Contradição entre pregação e ação

Entre os usuários cuja confissão religiosa não pode ser identificada, é maior a parcela de críticas à igreja. Há, contudo, um foco nos membros e contradições entre seu discurso e suas ações. Em determinados comentários, as críticas foram diretamente a algum usuário que teria sido desrespeitoso. A seguir, dois exemplos:

> **Wesley Batista (1 like)**
> [...] sabe o mais ridículo? É que muitos crentes tipo ela, vem em uma rede social julgar a bancar o crente santo, mas por trás faz até coisas piores.
> E pecado não tem tamanho, tudo é pecado e deu. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).
>
> **Pâle enfer (1 like)**
> +EUDES JUNIOR Esse chupa foi p mim ?kkk Se foi é outra prova de q vc é só um crente fazendo crentice, ou seja se considera moralmente superior por ser cristão mas faz coisas opostas ao que prega sua religião. Acho no minimo penoso um ser humano perder tempo vigiando a moral alheia enquanto a própria moral se pode ver de longe que está precisando de cuidados. (Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais).

Destaca-se também uma crítica feita por um usuário, não evangélico. Embora goste da liturgia e ensino destas denominações, repudia a pressão pela conversão. Também se encontra quem defenda que a isenção fiscal e a desobrigação em dizer a origem do dinheiro possibilitam enriquecimento ilícito de alguns pastores.

E Go
[...] Gosto da igreja evangélica, de aprende com as histórias da bíblia e tal. Mas é uma chatice quando vem aquele irmãozinho me chamando pro grupo jovem, ou me chamando pra sentar lá na frente ou aceitar Jesus. Me sinto pressionado. Enfim! [...]. (Bíblia Freestyle - #45 – Ansiedade e depressão).

WANDER6722 (1 like)
[...] PELO QUE SEI, ESSA ISENÇÃO É ESTENDIDA A TODOS OS BENS DAS 'IGREJAS", O QUE CRIA UMA CASTA DE PESSOAS QUE SIMPLESMENTE ESTÃO ACIMA DE TODAS AS OUTRAS PORQUE REPRESENTAM "DEUS" E NÃO PRECISAM "DAR A CÉSAR" O QUE OS SIMPLES MORTAIS SÃO OBRIGADOS A DAR.
Acho que não tem melhor negócio que fundar uma igreja. (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

4.4 Aplicabilidade da ética cristã

A ideia de uma argumentação religiosa secularmente lógica e acessível está presente, de certo modo, nos cinco vídeos analisados neste capítulo. Quando Ariovaldo Jr. convoca a igreja a assumir para si a proposta da Missão Integral, chama para a "manifestação da verdadeira igreja do senhor Jesus Cristo nos nossos dias". (Bíblia Freestyle - #46 – Missão Integral). Em certo sentido, propõe uma aplicação prática da ética cristã entremeada ao evangelismo.

É uma proposição religiosa que justifica a existência da instituição religiosa com estratégias que, não necessariamente, passam por uma argumentação prosélita ou militante. A igreja que trata do órfão e da viúva é aquela que tem uma relevância prática que justificaria sua isenção fiscal e existência. Uma discussão semelhante aparece nos comentários do vídeo "Religião e política no Estado laico", do Dois Dedos de Teologia.

WANDER6722 (1 "gostei")
[...] Além de não pagar imposto também não precisam justificar a origem do dinheiro, o que dá margem a vários tipos de suspeitas sobre o enriquecimento de líderes religiosos. [...]

João Paulo (editado pelo usuário)
+WANDER6722
1 Qualquer instituição sem fins lucrativo e com trabalhos sociais... no PLANETA nao paga imposto. [...].

WANDER6722
[...] Igreja sem dono, movida por uma comunidade, sem que exista uma pessoa física como proprietário e que destine suas arrecadações para ações de caridade e suas próprias obras (templos, hospitais, escolas, universidades) = não devem pagar impostos.

> (Como nenhuma outra organização com esse mesmo funcionamento, deve pagar.) (Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico).

A aplicabilidade da ética cristã ainda se faz presente nos vídeos “Rapidinha #11 – Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?” (Bíblia Freestyle) e “Você é um crente legal?” (Fabiana Bertotti). Fabiana convida os cristãos que assistem a seu vídeo a pregarem o evangelho sem acusações e de um modo amável. Isto, aponta a vlogueira, atrairia mais pessoas a Cristo. Uma pregação que demonstre “que ser crente não é uma coisa chata, não é ser duro, não é falar de maldição pras pessoas. Você pode ser um “crente legal” e falar do quanto a palavra da salvação traz esperança, traz alegria e traz de novo a vida que você perde pecando”, diz.

Ariovaldo Jr. discutiu, em alguns momentos, as atitudes de religiosos, com objetivo de refutar um vídeo ateísta. Um argumento se destaca: “uma pessoa realmente temente a Deus é aquele que extraindo os princípios morais que as escrituras contam a respeito de Cristo, e de sua igreja, aplique estes princípios em sua própria cultura”. Deste modo, o *vlogger* refuta o fundamentalismo e propõe uma atualização de conceitos religiosos.

Em “O cristão e a política”, Fabiana Bertotti defende que o cristão tem obrigação de sentir-se responsável pela sociedade em que vive. Esta responsabilidade política envolve conhecer os candidatos para quem se vota e observar se defendem os princípios bíblicos. A participação na política se revela como um modo secular de defender doutrinas religiosas, com uma argumentação laica.

O Projeto de Decreto Legislativo de João Campos, que abre este capítulo, é um exemplo desta dinâmica. Para defender tratamentos de reorientação sexual, a proposta questiona a legalidade dos artigos regulamento do Conselho Federal de Psicologia. A discussão é promovida a partir de alegações jurídicas e a argumentação religiosa não se faz presente.

O que se destaca no vídeo “Religião e política no Estado laico”, do Dois Dedos de Teologia, é a orientação dos *vloggers* para que se procure traduzir os argumentos para uma língua comum com a sociedade secular. O fato de se citar Habermas no vídeo aponta para o fato de que o religioso sabe sim argumentar socialmente, quando há interesse em fazê-lo.

Contudo, se percebem nos comentários ecos de uma proposta fundamentalista. As críticas à Fabiana chegam próximas de acusa-la de maquiar o

evangelho. O que a análise revela é o bilinguismo e a conflituosa identidade de quem é de uma comunidade religiosa. Se é a permanência na comunidade depende do respeito às suas normas restritas, esta, por sua vez, se relaciona com a sociedade secular.

Daí vem o bilinguismo e a identidade que se divide. Se a argumentação na comunidade obedece argumentos religiosos, fora dela, é preciso traduzi-los. O religioso combina, em sua identidade, sua confissão, filiação comunitária e, também, seu lugar na sociedade civil. Neste sentido, a relação entre religião e sociedade secular é uma negociação complexa.

Quadro 5 - Sentidos sobre a vida pública do religioso.

	RELIGIOSOS	**NÃO-IDENTIFICADO E NÃO-RELIGIOSOS**
Problematização	Politicagem domina o cenário político do país. Partidos de esquerda lutando contra a família e questões doutrinárias. Mundo caído e condenado.	Intervenção excessiva e relações problemáticas entre religião e política.
Ideais	A igreja deve fazer diferença na sociedade, ser verdadeira e socialmente útil. O cristão não pode ser alienado politicamente e deve contribuir. Religião e política podem ser saudavelmente associados.	Estado verdadeiramente laico, sem participação política da religião.
Interdições	Varia entre total restrição à política ou rejeição a ideias de esquerda. Religioso pode participar da política, mas só se for fazer a diferença, mas é bom evitar porque é antro de corrupção.	A religião pode pensar a sociedade do modo como quiser, contudo, não tem direito de impor seus dogmas e posições. Relações entre religião e Estado devem ser mínimas.
Reelaborações	A Bíblia coloca os cristãos como agentes do Reino que devem fazer justiça social e diferença. A política é o campo onde pode-se lutar contra desmandos da esquerda.	Estado laico contém a religião como esfera social, mas não a dá eminência. Igrejas têm de pagar impostos e não devem ter direito à isenção.
Intervenção OU Recomendação	Solicitam-se recomendações em quem votar, no porque votar etc.	Não sugere-se intervenções, embora reforce-se o interdito.

.

Produzido pelo autor.

No entanto, também é naturalizada. O religioso consegue caminhar entre suas identidades com certa facilidade. Do mesmo modo, quando entende, a mídia elenca

elementos religiosos, os reconfigura e disponibiliza em produtos diversos. A discussão democrática sobre uma questão como aborto convida também líderes de igrejas para opinar. Embora existam tensões e elas se manifestem, há uma constante negociação de sentidos. Reelaboram-se crenças religiosas e, também, seculares.

Neste capítulo discutiu-se os aspectos e temáticas ligados a circulação do sentido em relação as relações entre religião e sociedade e a vida pública do religioso. Descobriu-se duas novas dinâmicas, as interdições político-ideológicas e também as reelaborações morais. Ainda se percebeu que os usuários religiosos costumam pedir recomendações aos *vloggers* quando não têm certeza sobre os limites de algumas interdições.

O próximo capítulo apresenta um apanhado geral do que foi discutido nesta dissertação e, a partir dos resultados de análise, aponta as dinâmicas de circulação do sentido no YouTube. Por fim, avalia-se as hipóteses apresentadas no início deste trabalho.

5 – CRENÇAS EM REELABORAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS

Esta dissertação se assenta na ideia de uma modernidade ambivalente. Embora o sentido religioso tenha perdido sua eminência, continua presente. A mídia passa a apresentar a tradição, assumindo parte de seu aspecto hermenêutico, a partir de diversos interesses - como apontam Thompson (1998), Hoover (2006) e Moreira (2008). É preciso considerar que tais autores apontam que a tradição é apropriada pelas mídias tradicionais. Contudo, a análise aponta que o sentido religioso também se manifesta no YouTube. A própria tradição continua a se manifestar, ainda que recorrendo a outras alternativas e formas de transmissão. Dentre estas novas formas, as mídias sociais têm se destacado.

Recuero (2009), Santaella (2013) e Santaella e Lemos (2010) apontam a evolução e dinâmicas específicas destes espaços. Destaca-se o caráter a*lways on*, que está relacionada à quase ubiquidade das mídias sociais hoje. Nelas, o sentido religioso se manifesta com frequência. Seja porque alguns usuários são estimulados pelo imperativo de confessar-se destes espaços ou pela entrada das próprias instituições religiosas nestes espaços.

No YouTube não é diferente. Esta mídia, nascida na Web 2.0 e como rede monomodal 2.0, hoje adaptou-se às expectativas do modelo 3.0. Tem dinâmicas de legitimação próprias, conforme discutem Burgess e Green (2009). Mas, que tipo de legitimação é este? Importa dizer que o modelo weberiano (legitimidade tradicional, carismática e técnica) apresenta alguns problemas ao pressupor que algo é legítimo porque seu procedimento o é. Além disto, tratam-se de modelos ideais, quase nunca encontrados em sua forma pura.

Portanto, é preciso considerar a legitimidade a partir de outras perspectivas. Keen (2012) aponta que as mídias sociais operam a circulação de imagens de si em grande escala. Recuero (2011) destaca que está envolvida certa capitalização social, onde há também outra lógica de circulação, conforme Burgess e Green (2009). Ao usuário que cumpre determinadas expectativas, pode ser conferida a celebrização, a autoridade ou popularidade.

Nas mídias sociais, é possível perceber outros modelos de legitimação. A análise aponta que um *vlogger* religioso é avaliado pelo modo como fundamenta suas proposições, a proximidade entre o que defende e aquilo que os outros usuários acreditam e, também, por sua aparência moral e física. Cada uma destas categorias

está ligada a um valor específico. A fundamentação, por exemplo, está ligada à credibilidade informativa de um *vlog*.

O modo como se argumenta nos vídeos, o conhecimento empírico dos *vloggers* sobre determinado tema e suas fontes de informação são avaliados nesta categoria. A fundamentação está ligada ao conteúdo e a intencionalidade deste. A informação precisa ser verdadeira e útil, mas ainda deve estar encadeada em uma sequência lógica, hierarquizada ou não. Estes fatores podem tornar a informação de um *vlog* credível.

O conteúdo de um vídeo deve ser próximo aquilo que os usuários acreditam. A análise aponta que nos *vlogs* analisados, usuários religiosos avaliaram o quanto o que defendem Ariovaldo Jr., Fabiana Bertotti, Felipe Cruz e Yago Martins está próximo das doutrinas em que acreditam. Outra categoria ligada à legitimação que a análise aponta é a aparência. O modo como um *vlogger* parece ser moralmente – e fisicamente – é considerado pelos usuários, porém, em menor importância.

Burgess e Green (2009) apontam que a eminência dos *vlogs* no YouTube está ligada a noção de autenticidade. Não se trata da autenticidade nos termos de Benjamin (1987), pois praticamente nenhum produto audiovisual seria visto como original nos limites estabelecidos pelo autor. O autêntico nos *vlogs* parece estar ligado à pressuposição que um canal e seus vídeos têm ligação com o mundo atual e são uma espécie de testemunho histórico. As categorias de legitimação (fundamentação, proximidade e aparência) estão necessariamente ligadas à noção de atualidade (aqui, em oposição à virtualidade) dos vídeos.

Em nossos dias, a noção de autêntico deixa de estar ligada a aura do original, nascido de uma produção única e cultuável. Obras em série ou em corriqueira exposição também podem ser autênticas, desde que exista uma relação de causalidade com a vida pessoal de seu produtor. Se o *vlogger* está sendo “verdadeiro” em seus depoimentos e comentários de seu cotidiano, é bem avaliado. Mesmo que seja fruto de um projeto experimental como *LonelyGirl15* era.

A primeira hipótese apresentada nesta dissertação apontava a que as mídias sociais têm dinâmicas próprias e complexas de legitimação. Quando há conteúdo religioso envolvido, este empresta parte de sua autoridade a quem o defende. Considerando-se os resultados da análise – em especial, a categoria de proximidade -, percebe-se que tal hipótese é verdadeira.

Santaella e Lemos (2010) comentaram que as interfaces das mídias sociais estão relacionadas a modos de sociabilidade. Deste modo, cada atualização no *layout* do YouTube influenciaria na forma como os usuários se relacionam. A análise encontrou indícios da relação entre interface e sociabilidade. É comum, por exemplo, marcar (utilizando *tags*) os usuários a quem se quer responder, o que impede que a mensagem se perca entre outras respostas feitas a um comentário.

Há ainda modos específicos de se debater, o que corrobora os comentários de Burgess e Green (2009). Nos 625 comentários analisados, foi possível categorizar três modos de argumentar no YouTube: o ataque, a citação e a restrição identitária. O ataque é a crítica ao modo como se escreve, ao autor do comentário ou dos posicionamentos defendidos e à inteligibilidade. Pode ser realizado por meio de ridicularização do oponente, ou por *haters* e *trolls*.

Por sua vez, as citações podem ser doutrinárias, científicas ou empíricas. É importante destacar que a hipertextualidade do YouTube manifesta-se especialmente nesta forma de argumentação. É comum que usuários postem em seus comentários alguns *links* que corroboram aquilo que procuram defender. Destaque para a citação empírica, que ocorre quando um usuário compartilha experiências pessoais para fundamentar seus pontos de vista.

Por fim, há a restrição identitária. Ela acontece quando um usuário faz determinado comentário em um *vlog* onde, por suas características pessoais – credos, gênero etc. – "não deveria estar comentando". Restringe-se quem pode assistir e quem pode comentar a partir do grupo em que esta pessoa faz parte. A pesquisa ainda apontou algumas dinâmicas na circulação de sentido no YouTube.

Um sentido surge quando se contextualiza um comportamento ou fato social. Estes comportamentos são problematizados e, a partir desta revisão contextual, são estabelecidas proposições do que é ideal, do "dever-ser". A partir do relacionamento amoroso entre duas pessoas, por exemplo, surge a noção religiosa do casamento monogâmico, heterossexual e com sexo pós-marital. Todo tipo de matrimônio que não respeite tais condições é interditado.

As interdições envolvem instâncias de vigilância e controle de comportamentos. Em um contexto em que a ideia de visibilidade é valorizada, as mídias sociais também são espaço em que atuam mecanismos de vigilância e controle, como lembram Sibilia (2008) e Keen (2012). As interdições são dinâmicas da circulação de sentido que operam tal vigilância e controle.

E como funciona este processo? A segunda hipótese desta pesquisa aponta que as mídias sociais assumem um caráter de agenda e confessionário, onde se valoriza o que parece autêntico. A análise aponta que elementos da vida privada dos usuários são publicados como eles como forma de fundamentar suas argumentações. Sobre estes comentários, se percebem instâncias de vigilância. Outros usuários leem estes textos e, a partir daí, reagem a eles com críticas ou elogios. Interdições e intervenções são possíveis somente pela vigilância e controle. Os apontamentos de Keen (2012) e Sibilia (2002, 2008) apontam tendências que manifestaram-se na análise.

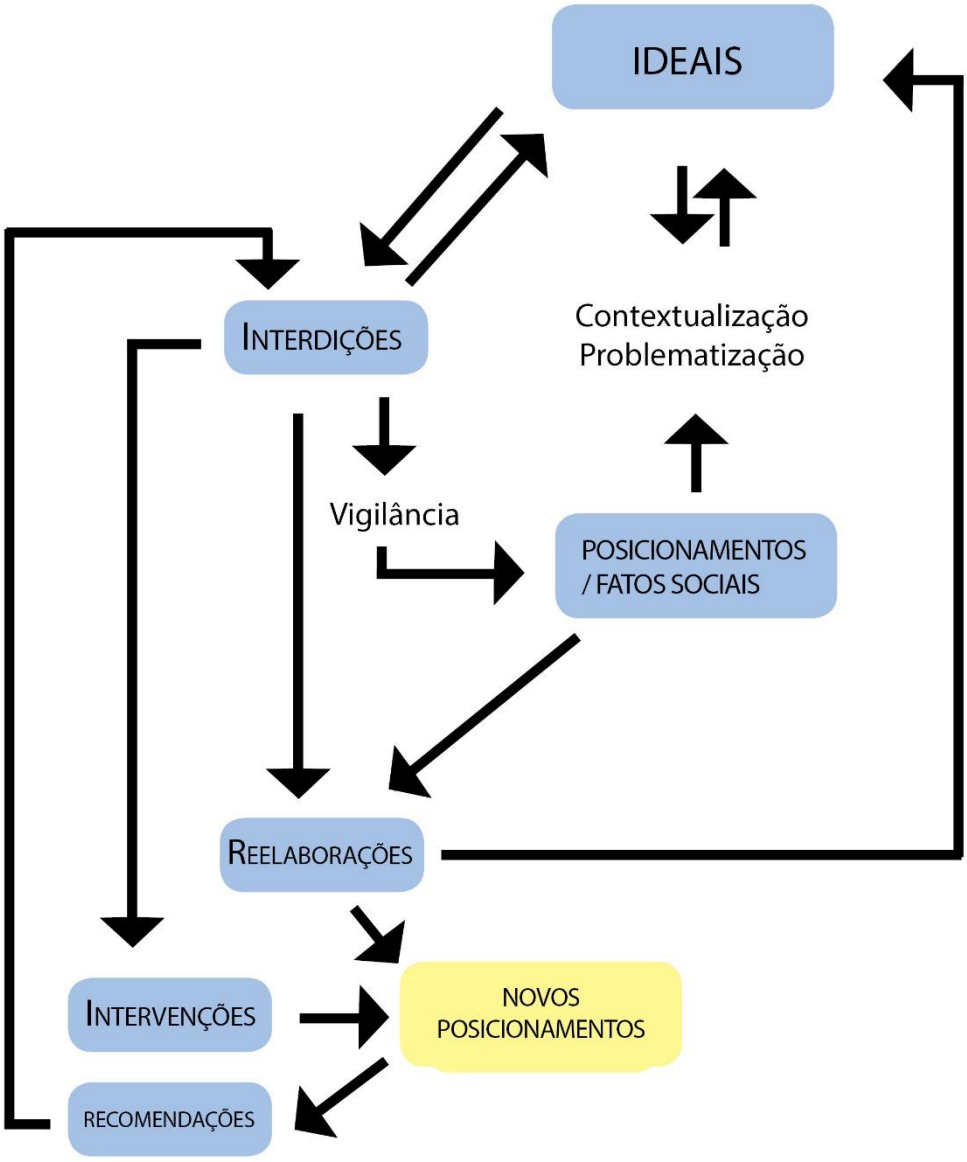
É preciso destacar que as intervenções não são inquestionáveis: são reelaboradas na comunidade do YouTube. O sentido é considerado de outra forma, a fim de responder às proibições. “O casamento correto é o heterossexual? Mas e o amor entre iguais? Davi e Jônatas eram um casal gay”. Estas reelaborações são interpostas com intervenções.

As intervenções são punições ou restrições para quem defende determinada reelaboração. Em alguns momentos, na presença de comportamentos novos, os usuários podem solicitar aos *vloggers* esclarecimentos sobre as interdições. Esta dinâmica foi considerada como solicitação de recomendações. A Figura 2 procura representar esta dinâmica em um esquema.

Esta forma de circulação do sentido parece confirmar a terceira hipótese apresentada. A terceira hipótese compreende que a religiosidade tornou-se uma responsabilidade pessoal, restrita ao mundo privado do indivíduo. No entanto, o conteúdo religioso ainda pretende-se universalista, envolvendo também instâncias da vida social. Neste caso, a hipótese foi comprovada parcialmente. A religiosidade é sim compreendida como responsabilidade pessoal, mas fora da comunidade religiosa. A análise aponta que dentro da comunidade religiosa a responsabilidade é compartilhada.

Isto porque, em muitos momentos, se interveem para que um comunitário obedeça às interdições a que está submetido. Embora existam reelaborações, elas não são feitas por todos os religiosos. O próprio mecanismo das recomendações, que procuram suprir uma lacuna na lista de intervenções, aponta que a responsabilidade é pessoal fora da comunidade. Dentro, um religioso acaba vigiando se o outro se adequa ao ideal de verdadeiro cristão.

Figura 2 - Circulação do sentido religioso no YouTube



Fonte: produzido pelo autor.

É possível apontar que esta hipótese também é parcialmente verdadeira entre quem está fora da comunidade religiosa. É possível perceber uma proposta de universalidade do conteúdo religioso, que legisla tanto sobre vida privada como vida pública do fiel. A cosmovisão cristã, como os *vloggers* do Dois Dedos de Teologia apontam, altera o modo de se pensar todo o mundo social e pessoal. Sob este prisma, os apontamentos de Fergusson (2004), Habermas (2013) e Hoover (2006), fazem sentido a partir desta análise.

Como quarta hipótese, foi proposto que as condições do diálogo no YouTube estão ligadas às condições que são estabelecidas pela própria comunidade. Ainda,

que determinadas formas de argumentar e tipos de usuários não são bem aceitos naquela mídia social. A análise demonstrou que o modo como uma proposição é fundamentada é avaliado pelos usuários do YouTube. *Trolls* e *haters* são rejeitados, enquanto também se restringe a participação daqueles que não têm a mesma identidade comunitária. Neste sentido, os resultados da análise concordam com o que dizem Burgess e Green (2009).

Diante destes resultados, é possível considerar que o sentido religioso no YouTube é constantemente reelaborado, o que formata também novos modelos ideais. É importante considerar, como aponta o esquema, que a uma constante inter-relação entre cada dinâmica. Os ideais influenciam as interdições, assim como são por elas influenciados. Se a sexualidade só pode ser vivida no casamento heterossexual e monogâmico, como apontam os vídeos, são estabelecidas interdições às possibilidades que não se adequam.

No entanto, se uma das interdições impede que um casal que brigue constantemente viva sua sexualidade, o ideal se altera. A noção de casamento que permite o livre exercício sexual é aquela em que os cônjuges têm verdadeira cumplicidade. Outra dinâmica que se inter-relaciona é a contextualização / problematização e os ideais existentes. Noções pré-concebidas podem influenciar a contextualização. Tem-se, aqui, um problema na origem do sentido.

Afinal, se o modo como se contextualiza o mundo pode ser fruto de um ideal e, ao mesmo tempo, influencia a formatação de outro, é difícil demarcar onde inicia tal processo. Há alguns argumentos em favor da precedência dos ideais. A cultura e a moral são exemplos. O contexto cultural e moral são princípios fundantes de uma comunidade, como sinaliza Bauman (2003). Se uma comunidade organiza-se em torno de restrições identitárias e de possibilidades de escolha, suas interdições não surgem especificamente dos comportamentos.

Contudo, este aspecto acaba permitindo advogar em favor da origem fática, em comportamentos ou ações. A comunidade já está consolidada, mas seus ideais nasceram perante o contato às possibilidades. O tabu que envolve o incesto surge porque há o incesto. O mecanismo das recomendações, que aponta-se nesta pesquisa, demonstra isto. Frente às novas possibilidades que os ideais e interdições não tratam – o gay cristão que vive em celibato, por exemplo – pede-se que se esclareça o assunto.

Os resultados desta análise não permitem definir a fundação do sentido na problematização a partir dos ideais ou dos próprios comportamentos ou fatos. Não é possível afirmar, frente aos dados, em que circunstâncias cada uma destas situações ocorre. Tal indagação poderá ser respondida em pesquisa futura.

Na mídia social, o sentido religioso circula e é transformado. As crenças são questionadas tanto por religiosos e não-religiosos e, a partir daí, são reelaboradas e formam novos ideais. Cada ideal aponta para intervenções específicas, que são questionadas e reelaboradas. Um complexo modelo de circulação de sentido.

A modernidade não pressupõe uma secularização completa, mas sim novas instâncias do mito e do religioso. A mídia, como destacou Hoover (2006) e Thompson (1998), torna-se lugar privilegiado que elenca elementos da tradição, os reorganiza e disponibiliza em novos formatos. Neste sentido, as mídias sociais têm um caráter duplo: é tanto lugar de disponibilizar o religioso como de assumir-se – ou não – religioso. É mais uma instância em que se sobrepõem mundo privado, mundo social, a religião e o projeto moderno: um lugar de negociações.

Esta pesquisa permitiu compreender que há dinâmicas próprias envolvidas na legitimação nas mídias sociais. Quando se tratam de *vlogs* religiosos, parte da autoridade da tradição é transmitida aos vlogueiros. Trata-se, todavia, de uma legitimidade corriqueiramente posta à prova, podendo ser destituída ao primeiro sinal de agressão de um contrato com quem assiste.

A legitimidade se manifesta em duas instâncias: na comunidade – a reputação, a influência de agendar assuntos – e também particularmente. Há quem trate os *vloggers* como verdadeiros líderes religiosos. No entanto, apresentar uma visão teológica diversa pode levar a perda desta autoridade individual. Coletivamente, a legitimação também se dá por elementos como quantidade de visualizações, “gostei” etc.

O não-religioso respeita o *vlogger* que elenca argumentos leigos para defender algum tema. Pode-se até citar a Bíblia, desde que ela seja mais um indício de uma proposta e não o único. Esta é, talvez, uma das razões de um maior apreço por Felipe Cruz e Yago Martins que por Fabiana Bertotti. Cabe lembrar também que Fabiana parece representar, em alguns momentos, também alas mais fundamentalistas da religião evangélica.

Esta legitimação pela tradição religiosa está intimamente ligada à segmentação de conteúdo. Quem valoriza o vlogueiro evangélico pela sua pregação

é quem simpatiza com o discurso daquela religião. Percebe-se que os *vloggers*, embora não restrinjam o público, têm como público alvo os protestantes. Em muitos momentos, se trabalha com um estereótipo de quem assiste.

Um exemplo disto é o vídeo sobre masturbação de Fabiana Bertotti. Na maior parte do tempo, a *vlogger* dirige-se a um público masculino, como se tal prática fosse exclusiva de determinado sexo. Quando se considera os títulos de algumas postagens, isto também é percebido com certa clareza. O nome “O cristão e os homossexuais”, por exemplo, dá a entender que existem duas classes específicas: aqueles de religião cristã e os gays. Desconsidera-se, nestes títulos, que alguém possa assumir as duas identidades.

Quem assiste os vídeos também faz a distinção quando é interessante. A segmentação surge como recurso argumentativo, algo que permita questionar a não-crença de alguns interlocutores. Estes *vlogs* são apenas para quem é religioso ou também seriam recursos de evangelização? Aparentemente, a comunidade religiosa restringe o acesso a estes vídeos.

O *vlog* também participa de agendamentos e é agendado. Diversos temas são sugeridos por pedidos de quem acompanha os canais e o debate se amplia no fórum. Contudo, as mídias sociais – e também o *vlog* e seu fórum – também têm caráter de confessionário. O privado é exposto, a fim de corroborar com alguma argumentação, buscar ajuda, ou por outros interesses. Sobre estes comentários, manifesta-se a avaliação da comunidade virtual. Esta dinâmica certamente tem reconfigurado as relações e a vida social.

Outro tipo de narrador tem surgido. Sai o modelo benjaminiano e surge o narrador personagem, que mantém seu espaço e revigora um projeto de modernidade hipervisível. Há certa sede pela experiência do autêntico, que movimenta os *vlogs* e as mídias sociais com diversos comentários biográficos. É um processo a partir do qual as identidades se reelaboram e estão em constante reconfiguração. É a reelaboração de sentidos.

Em um mundo em que há uma noção cada vez mais privada do religioso, o conteúdo das pregações e doutrinas ainda quer legislar sobre todas as instâncias da vida social. Assim, a religião ainda se manifesta – institucionalmente e também por meio dos fiéis – e discute sobre a sociedade, militando politicamente a favor de determinadas posições. E, em certo sentido, até se anseia que as igrejas se manifestem mais fortemente na sociedade.

Quando se critica a postura hipócrita das denominações, se lamenta as lacunas criadas quando estas não cumprem o seu “dever ser”. Este imperativo, contudo, é diverso: para os fiéis, a religião tem um objetivo, que é diverso daquele que outras instâncias sociais creem que a igreja tem. Está expresso em alguns momentos um anseio para que as instituições respondam com trabalhos sociais - e relevância social, em termos seculares - a vantagens como a isenção fiscal.

Ainda se destaca que a comunidade do YouTube estabelece as condições de diálogo naquela mídia social. O debate é qualificado, mas em alguns momentos é entrecortado por questões ligadas ao funcionamento do fórum. Em alguns momentos, o debate estende-se para fora do YouTube – alguns vídeos de Fabiana Bertotti, por exemplo, foram respondidos por vídeos publicados no Facebook. Em todo este processo se fazem presentes negociações que permitem o diálogo e, até mesmo, se comunicar sentido.

Referências bibliográficas

ALBURQUERQUE JÚNIOR, D. M. A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética revelar e silenciar no discurso cristão. **Bagoas**. 2011, vol. 5, n. 6, p. 69-89. Disponível em < http://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2328/1761>. Acesso em 14 jul. 2014.

ALVES, A. C. B. **A gestão estratégica das informações obtidas nas mídias sociais virtuais como vantagem competitiva para microempresas**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Mídia e Cultura). Faculdade de Informação e Comunicação. Universidade Federal de Goiás. 2014.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política:** Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional; USP, 1976.

BÍBLIA FREESTYLE. 1 Corinthians 1. **Bíblia Freestyle**. 20 de maio de 2015. Paráfrase de Ariovaldo Jr. Disponível em <http://bibliafreestyle.com.br/1co/1>. Acesso em 04 jun. 2015.

BÍBLIA ONLINE. 1 Coríntios. **Bíblia**: Nova Versão Internacional. s/d. Disponível em <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1co/1>. Acesso em 04 jun. 2015.

BISOGNIN, T. R.; FINATTO, M. J. B. Escrita no Orkut: vocabulário mais utilizado e aproveitamentos do internetês para o ensino da língua portuguesa. In: COUTO, E. S.; ROCHA, T. B. (Orgs.). **A vida no Orkut**: narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2012.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. In: COHN, G. *et alli*. **Campo da comunicação**: caracterização, problematização e perspectivas. João Pessoa: UFPB, 2001. p. 11-40.

BRAIT, B. Enunciação e intersubjetividade. **Letras** (Universidade Federal de Santa Maria), v. 33, p. 37-50, 2006.

BRASIL. **Pesquisa brasileira de mídia 2015:** hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2014. Disponível em < http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf> . Acesso em 21 abr. 2015.

BUENO, W. C. Auditoria de imagem na mídia. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMPOS, L. S. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, São Paulo, n.61, p. 146-163, março/maio 2004. Disponível em:<http://bit.ly/leonildo>. Acesso em 07 jan. 2013

CELLA, J. R. G. A crítica de Habermas à ideia de legitimidade em Weber e Kelsen. 2005. Trabalho apresentado no XXI Congreso Mundial de Filosofia del Derecho y Filosofia Social: Derecho y Justicia em una Sociedad Globalizada, Granada, 2005. Disponível em < http://www.cella.com.br/conteudo/Habermas-IVR-01.pdf>. Acesso em 10 ago 2015.

DELEUZE, G. Post-sciptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. **Conversações**: 1972-1990. São Paulo: 34, 1992.

DORNELLES, J. P. **O fenômeno Vlog no Youtube**: análise de conteúdo de vloggers brasileiros de sucesso. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2014.

FERGUSSON, D. **Church, State and Civil Society**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FOUCAULT, M. Aula de 19 de fevereiro de 1975. In: _____. **Os anormais**: curso no College de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Omnes et singulatim: por uma crítica da razão política. **Novos estudos**, v.26, mar. 1990. Disponível em: <http://www.novosestudos.com.br/v1/files/uploads/contents/60/20080624_omnes.pdf >. Acesso em 23 jun. 2013.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de conteúdo. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GÉLIS, J. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, A.; COURTRINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História do corpo**: da Renascença às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2008.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade. v. 1. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Fé e saber**. São Paulo: Unesp, 2013.

_____. **Teoria do agir comunicativo**: racionalidade da ação e racionalidade social. v. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTLEY, J. Utilidades do YouTube: alfabetização digital e a expansão do conhecimento. In: BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

HOOVER, S. M. **Religion in the Media Age**. s/l: Taylor & Francis e-Library: 2006.

IBGE. **População jovem no Brasil**. 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/>. Acesso em 29 jan. 2014.

KEEN, A. **Vertigem digital**: porque as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KLEIN, A. **Imagens de culto e imagens da mídia**: interferências midiáticas no cenário religioso. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MARTINO, L. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: COHN, G. (et ali). **Campo da comunicação**: caracterização, problematização e perspectivas. João Pessoa: UFPB, 2001.

MOREIRA, A. S. O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea. **Estudos de Religião**, ano XXII, n. 34, jan/jun. 2008 p. 70-83. Disponível em <http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/220/228>. Acesso em 28 set. 2014.

OLIVEIRA, F. R.; SIGNATES, L. A economia de si na comunidade religiosa: performances comunicativas. **Fragmentos de Cultura**, v. 24, n. 4, out/dez. 2014, p. 493-503. Disponível em <http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/view/3348/1945>. Acesso em 30 mai. 2015

PIERUCCI, A. F. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: USP: Editora 34, 2003.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROLNIK, S. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. S. (Org.). **Cultura e subjetividade**: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TROELTSCH, E. **Protestantism and progress**: a historical study of the relation of Protestantism and Modern World. Crown Theological Library, v. XXXVII. New York: Willians & Norgate, 1912.

VALANTASIS, R. Construction of power in ascetism. **Journal of the American Academy of Religion**, v. 63, n. 4 (inverno de 1995).Disponívelem: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1465468?uid=2&uid=4&sid=21102361459441>. Acesso em 23 jun. 2013.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 15 ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004.

YOUTUBE. Estatísticas. **Sala de Imprensa**. 2015. Disponível em < https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>. Acesso em 30 mai. 2015.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

Anexos

Anexo A – Bíblia Freestyle – #45 – Ansiedade e depressão

#45 – Ansiedade e depressão	Canal: Bíblia Freestyle

Olá, meu nome é Ariovaldo Jr. e este é o episódio de número 45 da Bíblia Freestyle. Muitas pessoas me viram falando de ansiedade e depressão, mas ainda assim têm insistido para que eu fale um pouco mais do assunto. Então, atendendo a pedidos, o tema desta semana é exatamente este.

Será que aquelas que são consideradas as doenças da alma e também o mal do século são coisas a que os cristãos de verdade são totalmente imunes? Procurar auxílio de um terapeuta ou de um médico é algo que demonstra falta de fé ou falta de confiança no poder de Deus?

Como já falei em outras ocasiões, a questão da confissão positiva, ou seja, a sua vida é moldada pelas palavras que você utiliza, é pura besteira e pura perda de tempo. Pensamento positivo não possui poder sequer para segurar uma diarreia, quanto mais para mudar uma coisa na vida do homem.

Inclusive, na palavra de Deus encontramos diversas circunstâncias em que homens passaram por diversos momentos de desespero, angústia e até mesmo depressão. E aí então vem aquele questionamento: será que os cristãos nos dias de hoje, quando são assolados por este tipo de problema, estão realmente em pecado ou estão sendo amaldiçoados por alguma razão?

Só nos Salmos já posso citar dezenas de passagens em que os salmistas se encontravam profundamente angustiados e tristes. O livro de Jó então nem se fala, ele é praticamente um tratado a respeito do quanto aquele homem estava angustiado com tudo de ruim que havia atingido a sua vida e, ao contrário do que os cristãos no dia de hoje dizem, Jó não era uma pessoa que estava em pecado ou que tinha alguma coisa na sua vida que desagradava a Deus, muito pelo contrário.

Esse discurso de que havia algo errado na vida de Jó era o papo daqueles amigos que foram colocados ao lado dele para ficarem dando maus conselhos e para você ver como Deus não se agradava do conselho desses caras, quando Jó teve a sua situação transformada, todas as doenças, todos os problemas que estavam sobre ele foram jogados na vida daqueles caras que deram péssimos conselhos.

A grande verdade é que diversos homens que possuíram em si o Espírito Santo de Deus passaram por muitas circunstâncias de constrangimento, de ansiedade, de depressão, de tristeza, coisas que no dia de hoje têm se tornado muito comum, mas muita gente ignora, que isto na verdade não tem nada de novo. Ezequiel, Jermias, Davi, Jacó e até mesmo o nosso próprio senhor Jesus que passou por maus bocados quando estava ali às vésperas da crucificação. Todos esses passaram por momentos de tristeza profunda e intensa.

O apóstolo Paulo, inclusive, em II Coríntios fala claramente que todas circunstâncias difíceis da caminhada cristã é para que a gente se lembre que somos vasos de barro que transportam uma grande glória que não vem de nós mesmos, mas sim de Deus. Ou seja, a angústia, o sofrimento, a perseguição, a depressão e todas estas coisas podem atingir cada um de nós. Aliás, desconfie daquele que nunca teve problema algum. Este provavelmente ou não está vivendo pelo caminho do evangelho ou é um mentiroso.

Há cerca de três anos passei por um problema pessoal muito grave. Eu me sentia cansado, desanimado para as coisas e a verdade é que acordar ou não para mim não fazia diferença alguma. Não era uma vontade de morrer, mas também não era uma vontade de viver. Então, incentivado pela minha família, eu resolvi procurar auxílio médico e depois de fazer um *check up*, com trocentos exames e muitas coisas que são compatíveis com minha idade, acabei descobrindo que eu não tinha problema físico algum.

O médico então me diagnosticou com princípio de depressão, situação que eu achei tão engraçada que acabei rindo na cara do médico. Eu falei pra ele “pô cara, aqui é Coríntia, eu sou homem, não tenho estas coisas, estas frescuras aí”. Então o médico insistiu bastante comigo e me desafiou a tomar o medicamento durante alguns dias, para que a gente pudesse fazer uma análise mais minuciosa sobre o meu problema.

Topei logo de cara e passei a tomar o medicamento e fazer o acompanhamento, segundo a sugestão daquele profissional. O que aconteceu foi que, depois de exatos treze dias, o sentimento que eu tive foi como se eu tivesse acordado pela primeira vez. Percebi então que o estresse na minha vida estava me afetando de maneira tão profunda e tão complicada que eu já não mais percebia estas pequenas sutilezas que faziam muita diferença no meu dia a dia.

Com alguns meses de acompanhamento e com a persistência no medicamento que me foi receitado, eu comecei então a identificar qual era a natureza do estresse na minha vida e, para minha surpresa, eram coisas tão simples, era apenas a minha família e a igreja. Como eu não posso matar nenhuma das duas, então eu tenho de aprender a lidar com as duas de maneira que não me afete a ponto de me desesperar a respeito da minha própria vida. Nestes últimos anos então, tenho aprendido a lidar melhor com isto de maneira que tenho cuidado um pouco melhor de mim mesmo.

O ponto que defendo é que dentro da vida da igreja a gente pare de tratar a ansiedade e depressão como problemas que são típicos de pessoas fracas ou que não estão firmes na fé. Isto é um problema sério e a ajuda médica é imprescindível. É burrice demais desprezar a materialização do milagre de Deus através do conhecimento dos especialistas e dos medicamentos criados, para que a gente possa alcançar cura nesta que é uma doença tão comum nos dias de hoje.

Se tomar remédio para os problemas de nossa mente é algo que seja inconveniente, então também deveríamos considerar como inconveniente tomar remédios para as doenças do nossos corpo, né? Então, quando você tiver com dor de cabeça, só ora, não toma medicamento nenhum. Quando você tiver com câncer, fica orando, entende, não faz tratamento, não faz

quimioterapia nem nada, quando você sair no sol, não passa bloqueador solar, pra quê ficar usando estas cosias? Você não tem fé? Você acha que Deus não vai te proteger do sol?

Como a gente não é burro a este ponto, então nós temos de saber aproveitar todas as coisas que Deus nos deu. A maior parte das pessoas que me procuram e falam que tem passado por tristezas que não sabem explicar, sem medo de errar, eu aconselho que procurem ajuda profissional especializada: psicólogos, terapeutas, psiquiatras e pessoas da área médica.

O evangelho é mais do que suficiente para nos libertar de todas as coisas? Sem sombra de dúvida. Mas da mesma maneira que a nossa carne ainda é afetada pelas coisas deste tempo em que vivemos, da mesma maneira a nossa mente pode ser afetada pelas pressões da vida.

Não tenho dúvida de que a vida em comunidade é um momento terapêutico e que pode aliviar boa parte das dores desta vida, mas quando o incêndio em nós é muito grande, não faz sentido algum desprezar a ajuda profissional que é a materialização do milagre de Deus, para que nós possamos ter uma vida melhor, uma vida mais tranquila e focada naquilo que realmente é importante no Reino de Deus.

Eu espero ter colaborado com o seu entendimento no assunto, se você gostou deste ou de outro dos vídeos dá um *like* aqui embaixo, compartilhe com seus amigos e naõ se esqueça de se inscrever no canal. Agradeço a todos aqueles que me têm enviado sugestões de temas, que têm me acompanhado no Facebook, escrito uma série de coisas lá, eu demoro mas respondo, sem sombra de dúvidas, agradeço de coração e te espero aqui de novo semana que vem.

Anexo B – Bíblia Freestyle - #46 – Missão Integral

#46 - Missão Integral	Canal: Bíblia Freestyle

Muita gente da internet, já ouviu falar da missão integral, mas também a muita informação equivocada e um monte de pessoas associando as ideias da missão integral com conceitos que não tem nada a ver com ela, seria ela uma visão marxista ou mais um movimento tipo G12, alguma coisa do tipo, que tal aprender um pouco sobre o assunto ao invés de dar ouvidos a tudo que os “hacker” de internet dizem.

Existe um ditado entre os acadêmicos que diz que a teologia é inventada na Europa, deturpada no EUA e experimentada na América latina, pois exatamente neste senário encontramos 99% de toda a concepção teológica existente e vigente nos dias de hoje. A maior parte de nossa teologia vem de alemães e ingleses, mas isso não significa que não haja teólogos de outras nacionalidades ou que não haja pensadores do reino de Deus espalhados por outros lugares da terra. Em 1974 ocorreu uma das mais expressivas conferencias de missões da atualidade, na cidade de Laussane, na Suíça, mais de 4 mil pessoas representando 151 nações se reuniram para discutirem os rumos da evangelização mundial, até ai, nada de novo ne? Mas as grandes surpresas da conferência de Laussane foram os latino-americanos que trouxeram até então ideias revolucionárias, teologia da libertação e a teologia da missão integral. Você sabe a diferença entre as duas teologias? Então vamos por partes.

A teologia da libertação de cunho liberal, traça um paralelo estreito entre o marxismo e o reino de Deus e como a maior parte dos países latinos americanos estavam sofrendo nas mãos de governos militares e ditatoriais, essa teologia acabou sendo abraçada por muitos religiosos, principalmente padres católicos.

Já a teologia de missão integral, também possui uma visão de engajamento e transformação de toda sociedade, porém a partir de uma visão bíblica ortodoxa, ou seja a missão integral não é marxista, nem capitalista e nem na verdade ligada a nenhum sistema econômico construído pelos homens, mas ela trata da necessidade de que a igreja e os homens sejam agentes de transformação, através do evangelho em qualquer tipo de sociedade. O slogan desafiador da missão integral é: O evangelho todo para o homem todo, para todos os homens. Ou seja, não se trata de engajamento político ou afiliação a partido de extrema esquerda, se trata de priorizar o pobre, o órfão a viúva, e aqueles que são desprezados em qualquer sistema econômico. Pois se dizemos que o evangelho chegou até nós, porem a manifestação da justiça do Reino não atinge aqueles que estão ao nosso redor, então na verdade nós nos tornamos exatamente iguais aqueles doutores da lei, que não entram no céu e ainda impedem outros que entrem, passada a década de 80 então o marxismo se mostrou como algo utópico e inatingível. A queda do muro de Berlin e o fim da União Soviética, foram aquela última pá de terra, em cima daqueles que acreditavam que o marxismo tinha alguma coisa a ver com a vontade de Deus. Ai você pode pensar: “nossa, finalmente agora chegou o tempo da missão integral né?” Então, infelizmente não é bem isso que aconteceu, novamente

as igrejas latino americanas optaram por aquilo que era mais fácil, por aquilo que funcionava, e agradava as multidões. E então abraçamos uma nova teologia vindo dos EUA, e que foi feita diretamente no inferno, conhecida como teologia da prosperidade.

Percebeu como as teologias da prosperidade têm crescido principalmente nos últimos 20 anos? Então... mas a boa notícia é que a teologia da missão integral não morreu, no mundo inteiro a homens e mulheres engajados com a missão de traduzir o amor de Deus em ações inspiradoras, e transformadoras. Ou seja uma pregação do evangelho de base ortodoxa que não é focada apenas na salvação do indivíduo, mas também na transformação de toda a sociedade. Ela não é apenas uma mensagem que te tira do inferno, mas ela também tira o inferno de você. Se desejar saber mais sobre a teologia da missão integral ou o pacto de Laussane, dá uma olhadinha nos links que eu deixei abaixo na descrição desse vídeo. Esta é a minha fé, e a de tantos outros homens que estão engajados na luta pela manifestação da verdadeira igreja do senhor Jesus Cristo nos nossos dias.

Eu espero ter colaborado um pouco com o seu entendimento sobe o assunto e se você gostou desse vídeo, dá um like aqui embaixo e escreva-se no canal para receber atualizações. Compartilha o vídeo com seus amigos e eu te vejo aqui de novo na semana que vem. Valeu!

Anexo C – Bíblia Freestyle – Rapidinha #11

Rapidinha #11 - Seria a crença em Deus irracional pela atitude dos teístas?	Canal: Bíblia Freestyle

Olá, meu nome é Ariovaldo júnior e a muitos anos tenho dedicado meu tempo, tentando esclarecer dúvidas a respeito da fé em Deus e em Cristo Jesus. Porem de tempos em tempo, surgem novas modas, novos vídeos em redes sociais, que acabam por estereotipar aqueles que creem e aqueles que não creem. Tentando tachar todas as pessoas que pensam diferentes e nos mesmo, como idiotas. Para tentarmos combater esse tipo de pensamento, estou gravando esse vídeo. Espero que você aproveite e espalhe pelos seus amigos.

"Deus não se revelou para mim. Mesmo que ele se revelasse, não tenho certeza como poderia estar confiante de que não fosse algum tipo de delírio, reforçado pelos meus desejos ou pela minha cultura."

A existência de Deus enquanto criador e a nossa condição enquanto criatura, até seria percebida facilmente por ambas as coisas que foram citadas neste vídeo. Deus se manifesta pela cultura, por isso a noção de uma divindade, existe em absolutamente todas elas. Porem nossos desejos ou projeções nada tem a ver com a existência ou não de Deus. Qual o sentido logico de uma coisa está ligada a outra?

"Oh, confie em mim, você saberá. Deus se revelou para mim.

_ Para mim também. –oh sério? Prazer em conhece-lo.

– Eu senti Deus em meu coração.

– Deus fala comigo. Eu tenho uma estreita relação com Deus.

– Eu também, amem! – viu só? Deus é silencioso.

– Ele fala com todos nós. Certo! Não podemos todos estarmos errados.

– Você só precisa abrir a porta quando ouvir Deus bater.

– Todos nós temos uma estreita relação com Deus, e você também pode!"

Citar um relacionamento pessoal de alguém com Deus, como argumento a favor de sua existência, é no mínimo infantil. Temos razoes muito mais concretas para crermos em Deus. A história da igreja apesar de todos os perrengues apontam para a revelação de Deus através das escrituras, e da história da humanidade, e alta intensidade das escrituras cristãs é um ponto em comum entre todas as religiões teístas. Outra burrice é que, se todos nós acreditamos em Deus, então é porque ele existe! Usar um argumento tolo desses é um golpe baixo para tentar desmerecer aqueles que racionalmente consideram Deus como real. Inverta o argumento e veja se algum ateu ira gostar, tipo: coma merda! Milhões de moscas não podem estar erradas.

"Protestante - apenas aceite Jesus Cristo como seu senhor e salvador.

Mulçumano - Ei, ei ei, espere um momento ai! Jesus, que a paz esteja com ele, foi um profeta, mas ele não era Deus!

Protestante - sim, ele é. A única maneira de ser salvo é pela fé em Jesus Cristo.

Católico - Bom, não somente a fé. Fé sem obra está morta.

Metodista – não tão rápido. Todas as nossas justiças são como trapos imundos para Deus.

Universalista - isso não importa, Deus ama a todos nós, todos nós vamos para o paraíso e veremos a verdade então.

Batista –você acha que até Hitler foi para o paraíso?

Universalista - até Hitler.

Batista - Me desculpe, mas Hitler tem que queimar!

Protestante – humm, não se ele se arrependeu.

Batista – Hitler vai para o inferno e também aquele cara que me cortou no transito essa manhã, vocês todos foram cegados por Satanás!"

A diversidade religiosa dos teístas não é uma falha na questão da existência de Deus. Para começar, se Deus pudesse ser compreendido completamente por alguma criatura, então logicamente ele seria pequeno demais para ser Deus, pressupondo a existência de um Deus, toda a tentativa de se explica-lo racionalmente, irá ser obviamente submetida e incompleta. E se o contrário fosse possível, então Deus seria uma criação de nossa imaginação.

"Mórmon - Jesus visitou os índios e amaldiçoou os negros.

Metodista - como é que é?

Mórmon - e eu vou ter meu próprio planeta depois que eu morrer. "

A doutrina mórmon, na verdade se quer, pode ser se chama de cristã. Ela é baseada na ideia plantada por um sujeito chamado Joseph Smith Jr. Em 1830. Ele se auto proclamou profeta e trouxe um outro livro, que nada tem a ver com a história da igreja e com os livros escritos pelos homens que testemunharam a existência de Jesus Cristo. E essa questão dos negros não serem salvos, realmente os mórmons afirmavam isso. O que pode ser comprovado pelo próprio livro de mórmon, Nefi capitulo 5, verso 21. Duvida? Dá uma pesquisada no Google ai.

"Cientologista - Não se Xenu escapar de seu vulcão-prisão.

Metodista- como é que é?

Pentecostal - Uguli scull gukutalu ladabedabe kaka suuulop.

Hindu – ouuummmmganapeteinamãhã.

Teísta- Eu acredito que posso responder isso de uma vez.

Pentecostal – RA RRÁÁÁ OKATCHITCHLA!!!"

As divergências doutrinarias a respeito das interpretações das escrituras, e também os achismos criados pelos homens realmente podem confundir alguém que deseja genuinamente conhecer a Deus. Mas é bom lembrar que a incoerência também existe por parte de quem é ateu. Tá chovendo pessoas que dizem não crer em Deus, porem dedicam suas vidas a combater a sua existência, eu não perco meu tempo combatendo os unicórnios voadores que defecam arco-íris. Se eles não existem, eu apenas ignoro o assunto, ou seja, nem todo o ateu é babaca, só porque existe esse tipo de babaca que vive de catequisar outros para o ateísmo.

"Judeu - Nós judeus somos o povo escolhido.

Mulçumanos - Escolhidos para o quê? Para roubar as terras de outros povos?

Judeu - Aquela terra foi legitimamente dada para nós por Deus.

Mulçumano– não foi!

Ateísta- Tá certo, todo mundo se acalme! Coloque o jato no chão. ”

A guerra entre judeus e palestinos é mais um ponto histórico a favor da existência de Deus, ambos os lados afirmam serem descendente de Abraão, o que a bíblia aliás, confirma. A questão nada mais é do que uma briga sobre quem afinal é merecedor da herança, e se isso é um argumento pra tentar defender a ideia de que Deus não existe, sinto muito. Foi o pior argumento que já vi!

“Ateísta - se Deus está falando com todos vocês, parece que ele está contando para vocês coisas muito diferentes e contraditórias. Talvez essa discrepância bastante gritante possa ser explicada se examinarmos o fato que se relacionamento com Deus parece ser precisamente moldada pela cultura na qual vocês cresceram, e na versão predominante do Deus o qual ensinaram vocês a acreditar!

Aeeee! Finalmente alguma coisa de inteligente neste vídeo. Realmente a percepção das pessoas a respeito de Deus é contaminada com a sua cultura, exatamente por isso que o cristianismo real, não pode ser tratado como o conjunto doutrinário inflexível. Cristo trouxe ao homem preceitos que não são deste mundo, Ou seja um evangelho praticamente alienígena e uma pessoa realmente temente a Deus é aquele que extraindo os princípios morais que as escrituras contam a respeito de Cristo, e de sua igreja, aplique estes princípios em sua própria cultura.

“Ateísta- É claro que há exceções, mas tipicamente a religião obedece fronteiras, enquanto a verdade, não.”

Parabéns novamente, o próprio cristo afirmou que ele era verdade. Oque entendemos a respeito dele, ou seja a construção religiosa só chega perto da verdade, quando está de acordo com o que a pessoa de Jesus representou.

“Nos EUA, Deus é Jeová. Enquanto que na Índia, Deus é Vishnu. A verdade não se comporta dessa maneia. Nos EUA, 2+2 são 4, e na Índia, 2+2 também é igual a 4.

Ai batemos de frente numa questão primordial, por acaso seria o ateísmo uma linha de pensamento onde a imaginação espacial é limitada? Se 2 + 2 tem o mesmo resultado em qualquer lugar no mundo, então porque este vídeo consideraria com que a manifestação de Deus no EUA trata-se de um Deus diferente do que se trata na Índia? Poh! só existe um Deus. A percepção zoada das pessoas a respeito dele, não o faz menos real.

“Ateu – se a mensagem de Deus para nós fosse tão grave, tão vitalmente importante, então por que ele não falaria conosco de uma maneira precisa e clara, de modo que todos nós entraríamos em um acordo tão evidente como um simples problema de matemática, no qual houvesse uma concordância universal”.

É... mais ou menos, porque esse rigor cientifico e matemático que o ateísmo idolatra é muito questionado, há 500 anos sabemos que a terra é o centro do universo, há 50 anos sabíamos que todos os corpos do universo, estão debaixo da regra da física clássica. E a dois minutos você sabia que a ciência era a verdade inquestionável.

“Humano- em vez de confiar em sua mensagem preciosa, para ser espalhada por seres humanos falíveis e corruptíveis? Por que Deus todo-poderoso permite a continuação de tais falsidades amplamente difundidas em seu nome, o que ele corrigiria sem esforço algum, ou que nem precisaria corrigir em primeiro lugar, porque um ser perfeito teria feito certo desde o início? ”

Relevando esse detalhe da ciência não ser tão absoluta, como muitos defendem, ainda sim se Deus criasse um ser perfeito, matematicamente previsível, ele estaria criando um robô a liberdade de ações e de pensamentos e inclusive a liberdade de fazer esse tipo de questionamento, é porque Deus criou superior, ou seja alguém similar a si mesmo. Oque as escrituras dizem a respeito desse Deus é que ele considera tanto o homem que criou, que ele fez questão de se fazer homem, para que seu ensino pudesse ser propagado por alguém igual, desde quando a verdade para que seja a verdade, precisa ser apresentada pelo uso da força, ou seja, por alguém superior que vem e a impõe? Cuidado com o que dizem, a respeito da fé por ai, cuidado também com o que os religiosos dizem, tentando te empurrar um pacote baseado em experiências pessoais.

Se você deseja ter conhecimento de Deus, se inspire em outras pessoas, mas eu recomendo que você possa ler a escrituras e busque-o por si mesmo. Você tem celebro ai dentro dessa sua cabeça, então use-o pelo amor de Deus! Valeu.

Anexo D – Dois Dedos de Teologia – O homossexual na igreja

O homossexual na igreja	Canal: Dois Dedos

FELIPE – A gente já fez vídeo neste canal aqui dizendo porque nós somos contra o casamento gay.

YAGO – E já gravamos um vídeo resposta ao canal Põe na Roda que gravou um vídeo rebatendo certas críticas cristãs à prática da homossexualidade.

FELIPE – Devido a estes vídeos e comentários em outros lugares, como Facebook por exemplo, a gente ganhou o nome de intolerante, de homofóbico, tirano...

YAGO – Até gay.

FELIPE – Este vídeo de hoje vai ser para tratar uma questão que não havia sido tratada nesta temática da homossexualidade que é...

YAGO – Como a igreja deve tratar os homossexuais, tanto aqueles que adentram os seus arraiais quanto aqueles que estão fora dele.

FELIPE – Então se você conhece um homossexual, tem algum amigo ou quer entender melhor como funciona..

YAGO – Ou é homossexual, por que não?

FELIPE – Ou é homossexual e quer entender como funciona, como a cosmovisão cristã lida com a homossexualidade.

YAGO – E como a igreja tem de lidar com isto de um modo mais prático...

FELIPE – Acompanhe a gente aí o vídeo de hoje vai ser mais pastoral do que qualquer outro que a gente fez aqui neste canal.

YAGO – Dois Dedos de Felipe tá rouco pra caramba.

FELIPE – Dois Dedos de Cosplay do Pato Donald.

YAGO – Uma das coisas que a gente encontra muito por aí quando a gente fala de homossexualidade, movimentos LGBTTTLWHJ...

FELIPE – Bate aí.

YAGO – É uma confusão que as pessoas têm em mente, tanto quando criticam como quando são criticados ou quando ouvem alguém criticando é confundir uma crítica que é feita pelos evangélicos ao movimento político, que recebe dinheiro público, que é financiado por certos ideais e uma crítica que é feita a indivíduos, e a seres humanos enquanto pessoas e enquanto imagem de Deus.

Então quando a gente levanta alguma crítica ao movimento LGBT, à prática homossexual, a Jean Wyllis, a casamento gay você não tem que entender por isto que a gente está criticando, de alguma forma violenta, a pessoa homossexual. Ou que a gente está de certa forma se opondo à própria figura ali de um ser humano. Querendo já dizer isto aí pro pessoal que disse que a gente é a favor de espancamento na rua, que a gente não relaciona com gay, ou que a gente não olha pra gay. Porque a galera olha pra gente, a gente já tá mau afamado neste sentido, já acredita que por a gente ser contra casamento gay a gente é do tipo que

quando passa um homossexual na rua fala “ei bicha”, ou “pei matei um gay”, se é que fala isto ainda. Isto é anos 90.

FELIPE – Mas isto aí é uma compreensão muito pueril do que a gente busca tratar neste canal porque se tal coisa fosse verdade de fato nós seríamos homofóbicos, mas isto não se verifica na realidade, pois quase toda semana nós recebemos pelo menos um inbox de uma pessoa lutando contra atrações homossexuais e desejando e pedindo aconselhamento e estas pessoas são muito bem tratadas. Eu tenho amigos homossexuais, amigas, e eu conheço pessoas que lutam contra o desejo de praticar atos homossexuais até hoje e nem por isto eles deixam o meu ciclo de convivência, nem por isto deixo de falar com ele ou coisas do tipo.

YAGO – Também tenho alguns conhecidos homossexuais, que tão lutando contra a prática. Na minha adolescência eu tive muitos amigos homossexuais, acho que eu tive mais amigos homossexuais do que os que não eram, por mais que isto vai ser motivo de zoação pra vocês todos, mas tanto homens quanto mulheres eu tive muitos amigos, conheço um pouco da realidade tanto de gente fora da igreja quanto de gente dentro da igreja, que luta contra isto e que alguma forma precisa de ajuda e aconselhamento a respeito de sua sexualidade.

FELIPE – E este é exatamente o propósito, é o núcleo que a gente quer entrar neste vídeo. Você que está assistindo agora, pode ser que você seja homossexual e não se agrade com esta prática ou com estas atrações que você sente ou você pode ser uma pessoa que precisa conhecer mais desta questão para poder aconselhar pessoas que estão ao seu redor ou que chegam até você.

Então, o ponto principal que a gente precisa abordar aqui é: homossexualidade não é um pecado especial.

YAGO – É um pecado tão ruim quanto qualquer outro na área sexual que a gente conheça.

FELIPE – E o grande problema que surge é porque as pessoas de algum modo procuram estigmatizar o pecado da homossexualidade. Parece que a pessoa pode ter sido assassino, pode ter sido um ladrão, qualquer tipo de pecador na face da terra, mas se a pessoa for homossexual, meu Deus, parem as máquinas, nada mais pode ser feito. Agora é só a misericórdia do Espírito Santo e não pode falar mais nada. E não é assim que funciona.

A gente compreende que o pecado da homossexualidade é uma deturpação da atração sexual pelo mesmo sexo. É isto que Paulo vai dizer em Romanos 1, na verdade nada mais é que o amor a si mesmo, é uma idolatria do eu e é um pecado que deve ser tratado como qualquer outro. Então o primeiro ponto é: se você acredita que a homossexualidade é mais difícil, mais complicada ou algo do tipo, você pode parar de achar isto porque talvez isto te leve a dificultar mais as coisas.

É um pecado que gera consequências talvez mais profundas do que outros, mas não é um pecado que é mais difícil, porque todo pecado só é lavado e redimido através do sangue de Cristo e ele é poderoso para curar qualquer tipo de problema que você tenha, de modo espiritual ou físico, redimir qualquer tipo de pecado que você tem.

YAGO – O motivo pelo qual o pecado da homossexualidade é tratado como especial hoje, é tido como se fosse um pecado maior é justamente por causa de dois motivos. Primeiro motivo: a gente vive em uma sociedade que sim, é preconceituosa contra os homossexuais, você vê fazendo piada na rua contra os homossexuais, é uma prática especialmente maltratada por muitas pessoas e até mesmo dentro da igreja.

Eu não vou citar nomes, vai que alguém que assiste me conhece de lá, eu fiz parte de determinado grupo social de cristãos em que tinha, naquele ambiente, um homossexual que passava com frequência, um travesti, eu não sei qual a nomenclatura correta, era um macho que se vestia de mulher, era um cara de cabelo grande e roupa de mulher tá, não mudou de sexo, sabia que era homem. E sempre que ele passava, a galera fazia piadinha, a galera criticava, a galera zoava aquela pessoa e este é um tipo de prática que existe um preconceito, um asco especial, por parte até mesmo de muitos cristãos ao homossexual.

Você não vê pessoas fazendo piadinha com quem faz sexo antes do casamento. Um casal passa de mãos dadas evidentemente sexualizados dentro do seu relacionamento e ninguém faz piada com aquilo ali. Às vezes rola inveja dos crentão, mas com o homossexual isto acontece. Você vai na igreja, a gente vai falar de igreja agora a pouco, mas o cara que é ex-homossexual tem mais dificuldade de fazer amizade com homens ali do que talvez um ex-assassino, um ex-traficante, porque era o que eu encontrava na igreja que eu congreguei. O cara que era ex-viciado em crack tinha mais amigos do que aquele que era ex-homossexual, então este é um fator que faz com que a homossexualidade seja vista desta forma, em especial como um pecado pior, o que é algo infelizmente, muito ruim, e que precisa ser tratado no seio da igreja.

O segundo motivo é porque a homossexualidade é um tipo de pecado que recebe dinheiro estatal, que tem grupos políticos a favor dele, que recebe dinheiro público para fazer eventos. Você não tem a parada do sexo antes do casamento, você não tem a parada da lascívia, não tem a parada da preguiça, não tem a parada do orgulho, você tem a parada pró-movimento gay.

Isto faz com que haja uma amálgama na mente das pessoas que o movimento homossexual, da prática homossexual, do movimento político pró-homossexual e do indivíduo que por algum motivo tem atração pelo mesmo sexo acaba sofrendo aquele ódio, aquela ira, às vezes coisas que caberiam ao movimento político e não à pessoa. E acaba que a homossexualidade é tratada como um pecado homossexual por estes dois fatores, na minha opinião.

FELIPE – E perceber isto não é prerrogativa da nossa cosmovisão cristã. Na verdade, gays, homossexuais de direita, assim autodenominados, como Smith Hays, que ganham notoriedade nos meios de comunicação da internet percebem isto de modo mais amplo e lutam contra isto. Eles lutam contra esta percepção de que o homossexual deveria ser uma minoria protegida pelo Estado ou que o casamento gay deveria ser permitido, eles percebem que isto é uma falácia, é uma bobagem, e tentar suplantar isto na mente das pessoas é uma ideia que provem na verdade, de um grande cisma cultural.

A cosmovisão cristã, aqui na verdade, está notando uma coisa que uma visão coerente acerca destes pontos políticos que o Yago falou também percebe. Passado este primeiro momento, a gente percebe o porquê o homossexualismo não é um pecado pecadão e como a gente deve enxergar o homossexualismo, talvez os motivos que levam esta questão do homossexualismo ser uma questão mais complicada, a gente separou umas perguntas que comumente são feitas a nós pelo inbox ou por outros meios de comunicação, por pessoas que sentem atrações homossexuais e de como elas podem lidar com isto a partir do cristianismo.

YAGO – Uma das perguntas que a gente separou é: existe a possibilidade de eu parar de sentir isto por outros homens, ou por outras mulheres, ou pelo mesmo sexo do que eu?

FELIPE – Sim, existe a possibilidade de você numa mais sentir estas atrações homossexuais.

YAGO – E é bom que até você busque isto com oração, com aconselhamento e com algum trato pessoal sobre isto.

FELIPE – Mas é importante você compreender que por ser pecado sexual a gente precisa olhar para outros exemplos. Um ano que passa sei lá, vinte, trinta anos da sua vida se masturbando, é muito provável que ele tenha grande dificuldade de abandonar esta prática, de abandonar esta busca por sites pornográficos e coisas do tipo. Uma pessoa que passa parte de sua vida adulterando é capaz de ter muitas dificuldades de lidar com esta atração por outras pessoas mesmo estando dentro de um relacionamento sério.

Uma pessoa com atração sexual ocorre do mesmo modo. Uma pessoa que passa boa parte de sua vida com envolvimentos sexuais vai ter dificuldade em olhar para outras pessoas que não sejam do mesmo sexo. Então, é importante a gente deixar este mito de acreditar que ah, Deus vai, em um estalar de dedos, fazer com que tudo volte à normalidade. É bem possível que ele possa fazer isto mesmo e é capaz de que para algumas pessoas isto possa acontecer.

YAGO – Eu conheço muitas pessoas que realmente não têm mais desejo homossexual, são casados, têm filhos e são felizes.

FELIPE – Mas é possível também que você lute a vida toda contra isto. Um homem que passou muito tempo, sei lá, sendo ensandecido por outras mulheres, sendo garanhão de todas elas, pode por exemplo ter de lutar toda vida para não desejá-las sexualmente. O homem que passou boa parte da vida na masturbação provavelmente vai lutar o resto da sua vida e tomar cuidado para não ficar sozinho e ter a tentação de acessar um site pornográfico. Para não ceder à busca pelo prazer fácil, dentre outras coisas. Então o homossexualismo precisa ser visto como esta deturpação da sexualidade humana que talvez tenha que ser enfrentada pelo resto da vida.

YAGO – Outras pessoas também mandam perguntas dizendo pra gente “olha, mas eu nunca quis ter este sentimento, nunca desejei ter estes desejos”, se é que você me entende.

FELIPE – De alguma forma é natural.

YAGO – É, “isto já veio em mim, eu nasci com isto. Será que isto é pecado mesmo?”. Pra ser sincero, a gente não sabe bem porque é que umas pessoas são homossexuais e outras não. A gente tem um ou outro caso que a pessoa é homossexual porque foi violentada na

infância ou algo do tipo, mas a gente sabe que no fim das contas tudo é por causa do Pecado, com P maiúsculo, que afeta todos de forma diferente. Ninguém tecnicamente nasce gay, da mesma forma que ninguém nasce heterossexual, a gente nasce homem, a gente nasce mulher, porque isto é algo biológico, algo físico do corpo humano, a sexualidade das pessoas vai se formando à medida que ela vai crescendo, vão amadurecendo, a sexualidade da pessoa é tipo um fenótipo, é a relação entre o genótipo e a sociedade e as coisas à sua volta e ao mundo, você vai construindo isto.

Os homossexuais sempre dizem que eles nasceram gays, mas o hétero é hétero porque a sociedade assim o transformou, é uma coisa engraçada que a gente ouve por aí.

FELIPE – Dois pesos e duas medidas.

YAGO – Pois é. A gente não sabe o que é. Tudo é muito intricado, tudo é muito profundo e eu acho que na psicologia, na filosofia, na sociologia ninguém entendeu ainda profundamente como é que a sexualidade se manifesta especificamente na vida das pessoas. E é por isto que as pessoas têm a impressão que nasceram gays, ou que a homossexualidade é natural, porque a pessoa tem a impressão que nasceu gay assim como eu tenho a impressão que nasci hétero porque desde de quando eu lembro da minha sexualidade, ela se manifestou de modo heterossexual, então acaba que pouco importa se você sente que isto é natural, se você percebe que veio do seu nascimento ou não – que é algo que discordo que venha, tanto a hetero quanto a homossexualidade se manifesta socialmente de uma forma a partir de quem nós somos.

FELIPE – Porém, independente da orientação sexual de uma pessoa ser direcionada pela forma como ele vive, com quem ele convive, por sua formação psicológica, intelectual e social, a Bíblia nos estabelece um padrão moral bem definido pela heterossexualidade. Então, parece ser um trauma da pós-modernidade, que quando você fala que o padrão moral de uma pessoa é errado, isto é discurso de ódio. Não é assim que funciona.

Quando nós, através da cosmovisão cristã tentamos dizer que o padrão moral de Deus é este, e que o seu padrão moral está errado por este ou aquele motivo, nós estamos fazendo por um ato de amor e não um ato de ódio. É por um ato de amor que um pai deseja mudar seu filho, é por um ato de amor que um irmão deseja repreender o outro irmão, então quando a gente diz que a Bíblia tem um padrão moral, um padrão ético pela heterossexualidade, isto não é um discurso de ódio, pelo contrário, é um discurso de amor pela percepção de que isto é o padrão da criação de Deus.

Foi assim que Deus planejou o que deveria ser a humanidade e o desvio disto é necessariamente uma forma pecaminosa de se utilizar a sexualidade que foi criada por Deus. Por ter sido criada por ele, é ele quem define como aquilo deve melhor ser utilizado.

YAGO – E acaba que sim, existem muitos homens que trazem este discurso cheio de ódio ou com voz de ódio ou que fala coisas absurdas a respeito do homossexual. Até mesmo muitos políticos ícones da direita, eu sou uma pessoa que me considero de direita, falam da homossexualidade de uma forma risível, manifestam suas posições políticas com evidente preconceito. Você ver um cara que é contra o casamento gay que até discursa bem sobre isto

mas quando você vê no YouTube falar disto ele diz “ah, o brasileiro não gosta de gay. Se o cara quer ser gay que seja gay no canto dele”. E o cara confunde as coisas pra caramba e isto é um problema muito grande do discurso político.

Mas, voltando ao assunto que a gente tava falando agora a pouco, no fim das contas, pouco importa se a homossexualidade vem de nascimento ou não. A gente acredita que não, a gente falou agora que não. Mesmo se viesse, na escritura muitos pecados são naturais ao ser humano e a gente nasce com determinados pecados.

FELIPE – Como por exemplo...

YAGO – Orgulho.

FELIPE – Preguiça.

YAGO – O homem nasce já amaldiçoado a não querer trabalhar a não querer trabalhar, por causa da maldição ali no Éden. A mulher já nasce amaldiçoada a sentir tentada a dominar o seu marido de alguma forma. Agostinho escreveu nas confissões que aos três anos o pecado começou a se manifestar em sua vida. Por exemplo, quando você vê uma criança malcriada na rua, a criança no restaurante sobe em cima da mesa, derruba os pratos, faz uma bagunça o que é que você diz, qual é a linguagem popular. É uma criança malcriada né.

FELIPE – Ou danado né.

YAGO – Ou danado.

FELIPE – Você já condena logo o pivete ao inferno.

YAGO – Pois é. A criança é malcriada. Por que? Porque você imagina que a criança tem de ser bem criada para ser educada. Por que se a criança for deixada no canto dela ela vai ser ruim? Porque é a tendência natural daquele que já nasceu é a maldade, a natureza do ser humano é a impiedade, é ser uma pessoa ruim. O pai e a mãe, bem criando a criança, têm a função de lapidar aquele pequeno demônio para que ela se torne um adulto socialmente aceito.

FELIPE – A nossa personalidade, até por ter sido afetada pelo pecado, e a nossa moral, por também ter sido afetada por ele, é completamente depravada, então ela tende naturalmente a ir ao pior de todos os mundos se ela não for bem tratada.

YAGO – Então se o seu pecado da homossexualidade é natural, boa sorte, a maioria dos pecados também o são. Mesmo que o seu não seja necessariamente natural, como a galera propaga por aí.

FELIPE – Se fosse para utilizar este argumento uma pessoa poderia dizer que ah, mas a poligamia também é natural, a masturbação também é natural, nem por isto estes atos deixam de ser pecaminosos.

YAGO – Outras pessoas perguntaram pra gente se eles deveriam buscar ajuda psicológica ou de pessoas próximas ou algo do tipo.

FELIPE – Sim e não. Sim, você precisa buscar ajuda de pessoas mais próximas necessariamente, de preferência o pastor de sua congregação, a pessoa que tá mais próxima de você, aquela pessoa que recebeu a confiança orgânica da igreja para poder cuidar de pessoas assim. Compreende-se, pelo menos no sentido mais amplo, de que esta pessoa vai estar mais preparada a poder lidar com o seu caso.

YAGO – Com muito cuidado, claro. A gente vê muitos casos de pessoas que vão abrir seu coração a respeito deste assunto com outras pessoas que pareciam de confiança e na verdade tudo virou uma rede de fofoca e a pessoa acaba sendo execrada por uma igreja que não tem mais autoridade para cuidar daquilo. Vai com cuidado, mas sim, converse com alguém.

FELIPE – Converse olhando para poder ver quem está ao seu redor de verdade, quem não vai se escandalizar a partir do momento que você disser a palavra “gay”, veja pessoas que são maduras na fé, que não necessariamente são pessoas que são muito velhas na fé, talvez isto não esteja caminhando lado a lado.

Procure pessoas que estejam junto, próximo, que sejam pessoas que busquem verdadeiramente a palavra de Deus e se abra com elas, conte verdadeiramente das suas dificuldades, da sua luta, você não vai conseguir viver o cristianismo só e muito menos evitar o problema de um pecado que talvez seja muito forte na sua vida, que gere atrações muito fortes. Então, você precisa de uma pessoa em quem você possa confiar.

Quanto a questão da pergunta do psicológico, se você precisa de um psicólogo ou algo do tipo, talvez sim. Mas o cuidado aqui ainda precisa ser maior. Porque o fundamental é que você consiga encontrar um psicólogo cristão para poder lhe ajudar e acompanhar nesta caminhada, porque existe um certo tabu na mente das pessoas. Se a pessoa tem uma orientação homossexual e você quer ajudá-la a ter uma orientação homossexual, tudo bem, beleza. Agora se uma pessoa tem uma orientação homossexual e você quer ajudá-la a abandonar esta orientação, meu Deus. Você...

YAGO – Parem as máquinas.

FELIPE – Você é um nazista, um terrorista psicológico. Então você precisa encontrar um psicólogo que seja sério e não alguém que já tenha sido doutrinado pelo esquerdismo. Você precisa de uma pessoa que o ajude quando você disser que eu quero sair desta orientação homossexual e passar a ter uma orientação heterossexual, esta pessoa possa de fato compreender, esta pessoa possa de fato o ajudar. E não tentar doutrinar-lhe para que você prossiga na sua orientação homoafetiva. Então é fundamental que você tenha ajuda, mas talvez não necessariamente a ajuda de profissionais, mas a ajuda sentimental e espiritual neste caso talvez seja mais importante uma pessoa que está do seu lado e você sinta-se de fato protegida com alguém do seu lado.

YAGO – Outra questão que as pessoas perguntam pra gente é “eu deveria me afastar daquelas pessoas que geram em mim desejo homossexual, ou os meus amigos que são homossexuais, como é que eu devo me relacionar com eles?”.

FELIPE – Esta pergunta, na verdade, é extensiva a toda pessoa que conhece o cristianismo, é regenerado pelo Espírito Santo e agora precisa tomar uma decisão entre o antigo caminho e o novo caminho, mas parece que se torna muito difícil você decidir isto quando o assunto é a homossexualidade. Uma pessoa que era, por exemplo, baladeiro, que vivia em festa, vivia em *rave*, em micareta, chega pra você e faz a pergunta, “e aí, eu devo deixar de ir nestas festas?” e você prontamente responde: claro. Você precisa abandonar estes locais porque estes locais o lembram do pecado, estes locais o vão tentar.

Mas quando o homossexual pergunta “olha, eu vivo em boates gays, eu vivo com amizades gays, eu devo me afastar destas coisas?”, você vira, vixe, e agora? É óbvio que esta pessoa precisa se afastar, mas necessariamente esta pessoa se afastando destes locais e destas pessoas não vai precisar se colocar numa clausura. Talvez ela precise sim contar da sua novidade de vida para estas pessoas, mas ela vai ter de perceber até que ponto ela influencia e até que ponto ela está sendo influenciada.

YAGO – Existe uma linha muito tênue entre se assentar na roda dos escarnecedores de Salmo 1 e ser amigo de pecadores em Lucas 15 como Jesus o foi.

FELIPE – Num primeiro momento é importante você ver que você está caminhando, que você está tomando do leite espiritual, você ainda é um bebê na fé, talvez você conte a sua história, fale da mudança de vida que aconteceu com você mas você precisa de fato dar um tempo com aquelas amizades, com aquelas pessoas e manter um contato menos constante.

Porque talvez você se torne um paradigma, você se torne um exemplo de uma pessoa que por desejo próprio, por vontades próprias desejou mudar, desejou seguir um caminho diferente e encontrou em Cristo uma satisfação tão plena e tão magnífica que jamais encontrou nem mesmo nas suas atrações sexuais mais fortes e isto só é possível quando você de fato tem amigos que concordam com sua orientação que você deseja buscar pra sua vida, que podem lhe ajudar na sua caminhada cristã como que para qualquer outra pessoa.

Qualquer pessoa que inicia numa jornada cristã vai necessitar de pessoas que lhe alimentem espiritualmente, que lhe fortaleçam, que o ajudem, que andem de braços dados pra que você não se torne simplesmente uma palha mas um bambu que consegue envergar sem quebrar. Então preciso me afastar? Sim. Talvez por um tempo, talvez não definitivamente, mas você precisa dar um tempo, respirar e de amizades que fortaleçam a sua caminhada com Cristo.

YAGO – E aqui já fica uma mensagem aos cristãos que não são homossexuais, que são membro de igreja, e talvez homossexuais que são membros de igreja e estão lutando contra isto, cara, vença o seu preconceito, vença talvez esta repulsa que a sociedade colocou em você àquele que é homossexual. Quando a gente encontra os homossexuais que estão na igreja e são colocados no ostracismo ou só consegue amizade com mulher.

Cara, isto é um saco. O que o cara mais precisa é de um padrão de masculinidade para seguir. O que o cara mais precisa é de pessoas que o amem, que vivam o cristianismo de verdade e o ajudem a, isto vai soar mal, na internet tudo vira preconceito, mas pessoas que o ajudem a se comportar como homem, entendeu. O cara talvez veio de um momento em que ele anda como mulher, se veste como mulher, ele fala como mulher, ele usa entonação, voz e gestos como se ele fosse uma pessoa afeminada, uma pessoa que possa chegar pra ele e dizer “cara, fala mais grosso, cara para de fazer isto com a mão”, porque isto que este cara precisa naquele momento.

E além disto é de amor, aquele cara que dá um abraço nele. Olha cara, isto vai soar muito politicamente incorreto, mas homossexualidade não passa por toque, por contato, tá bom? Dá um abraço no cara que é gay tá, tocar nele, sair com ele pra um lugar, sai vocês dois, sai com os jovens da igreja, vão fazer uma coisa legal, porque não. “Ah, as pessoas vão ficar

dizendo que eu tou saindo com gay". Que diga, meu irmão. Sua obrigação como cristão é poder olhar para este pessoal que está precisando de ajuda e poder olhar como uma pessoa amiga, ajudar, não tratar o cara como doente contagioso porque esta é uma visão que zoa com o nome de Cristo.

FELIPE – Então se você é homofóbico, você tá tão pecaminoso como a pessoa que ainda pratica os atos de homossexualidade.

YAGO – Você tá mais para fariseu de Lucas 15 xingando Jesus por andar com prostituta e pecador do que um próprio pequeno Cristo que senta com aqueles que querem mudar de vida a fim de ser amigo e comer com eles.

FELIPE – Pois é, igreja não é lugar de homofobia. Se um gay entra na sua igreja, o seu papel como cristão é acolhe-lo, é conversar com ele, é pregar a sã doutrina, a palavra de Deus e falar pra ele o que Cristo fez naquela cruz e não ficar torcendo o nariz porque o cara fala com jeitinho, porque o cara tem a mão torta. Crie vergonha na cara, vai ler sua Bíblia, vá colocar sua cara no pó, seu joelho em oração e aprenda a amar o homossexual.

YAGO – Porque se Jesus não tivesse tido este amor por você você tava aonde hoje? Entendeu? Não é porque o cara tem um pecado que é socialmente mal visto que você vai deixar de se relacionar com a pessoa. Isto é uma falta de, de, é falta de tanta coisa,...

FELIPE – Falta de amor, caráter...

YAGO – Falta de vergonha.

FELIPE – Por fim, outra pergunta também muito feita é: "e eu vou poder sentir atrações heterossexuais?".

YAGO – Eu vou poder me casar um dia?

FELIPE – Ou eu vou ter que levar uma vida de celibato porque tenho que lutar constantemente contra estas atrações homossexuais e não consigo sentir o oposto?

YAGO – Bem, esta é uma questão que no fim das contas vai ter de ser visto caso a caso, a gente não tem como dar uma resposta geral pra todo mundo. Talvez você se livre do desejo homossexual, case com uma bela moça, tenha muitos filhos, tenha atração por um rapaz, caso você seja moça, tenha muitos filhos. Talvez você precise lutar uma batalha ferrenha até o fim de suas vidas.

Eu conversei com um homossexual uma vez e foi muito tocante para mim. "Yago, eu luto contra isto há muitos anos, eu luto contra isto desde a adolescência, é muito difícil, eu já, nestes trinta, quarenta anos que eu luto contra a homossexualidade eu cheguei a cair três vezes". E se você for comparar com outros pecados, tipo, luta contra a masturbação, cair três vezes em trinta anos. É um cara que, isto aí, querido, continue na luta. Mas teve o suficiente para o cara ser visto na maioria das igrejas como uma aberração.

A gente não está acostumado com lidar com pessoas que caem no pecado. Mas ele disse "eu luto para ter desejos heterossexuais, eu quero me casar com uma moça, constituir família e tal mas se preciso for, Yago, eu tou disposto a ser solteiro, a ser celibatário o resto da minha vida, eu só quero honrar a meu Jesus". E parafraseando Cristo, nem entre os heterossexuais encontrei tamanha fé. Era um cara que evidentemente sentia desejos

homossexuais mas estava disposto a amar a Cristo acima dos seus desejos, acima daquilo que ele sentia.

Então cara, talvez lute pelo melhor caso, talvez você consiga uma boa vida lutando com estes desejos, mas talvez seja uma luta constante. E cara, a vida é uma guerra, a vida é uma luta, a vida é morrer pra si mesmo, a mensagem do evangelho é esta. Negar a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir a Cristo. Se você precisa negar os seus desejos homossexuais, faça, a vida é isto, a vida cristã é isto, é uma coisa constante. E o poder de Deus, como diz Paulo, se aperfeiçoa a cada dia na nossa fraqueza.

FELIPE – Então três pontos que a gente precisa lembrar quando a gente fala sobre a possibilidade da pessoa que sente atrações homossexuais poder sentir atrações heterossexuais. Primeiro deles é casamento não resolve. Não acredite que tipo, você luta todo momento contra o desejo homossexual, agora já sei, o que é que eu vou fazer, vou pegar aquela moça, aquele rapaz da igreja que gosta de mim, vou casar com ele o mais rápido possível, porque aí na força eu vou conseguir sentir atrações heterossexuais.

Eu já vi notícias sobre isto, conheço casos assim, acredite...

YAGO – Véu e grinalda não vão conseguir mudar seu coração.

FELIPE – Então se você luta por exemplo, contra masturbação antes do casamento e não vence este pecado fora, vai ser muito difícil vencer dentro também. Porque casamento não muda as coisas, não existe mágica no casamento, quando você dá aquele sim no altar, Deus não joga um pó de pirimplimplim lá de cima...

YAGO – Sobe uma aura em volta de si.

FELIPE – E de repente as coisas mudam como que por mágica. Não meu amigo! É trabalho duro! Antes do casamento. Se você não teve isto mudado antes em você, casamento não faz mágica cara.

YAGO – E se você for casar com alguém, pelo amor de Jesus Cristo, conte para esta pessoa sobre as suas lutas, tá? Por favor. Faça a pessoa saber, sabe, diga, olha, eu tenho esta dificuldade, eu tou lutando, eu tenho isto, veja se a pessoa tem maturidade para lidar. Se ela vai lhe deixar quando descobrir agora, melhor que ela deixe logo meu chapa.

FELIPE – Se ela não teve maturidade para lidar com esta questão, também não vai ter no futuro.

YAGO – Então é melhor que ela saiba agora disto e se ela desejar se manter firme com você, dizer “não, a gente vai lutar junto contra isto e vamos lá batalhar”, beleza. Se a pessoa vai sair correndo, então foi na hora certa.

FELIPE – E se você não falar, você está correndo o risco talvez de acabar com a felicidade de outra pessoa que talvez não tenha maturidade para lidar com isto, ela é pecadora assim como você e não tem culpa de não ter esta maturidade e você poderia ter tido um relacionamento com outra pessoa que poderia ter tido esta maturidade e esta pessoa não vai ficar infeliz do seu lado.

YAGO – Segunda coisa?

FELIPE – Segunda coisa que o celibato é sim uma opção mas para aqueles que tem o dom do celibato. É muito fácil, tipo a, casar é a regra, celibato, não, cara, todos dois necessitam que você seja movido pelo Espírito Santo. Casamento não é um mar de rosas e celibato não é um mar de ferro. Então tem pessoas que são movidas pelo Espírito Santo para as duas coisas, umas se fazem celibatárias por causa do evangelho, mas os que se casam também se casam por causa do evangelho.

Então, se você tem o dom pra seguir a vida celibatária e você acredita que esta batalha contra os desejos homossexuais só vai ser vencida neste campo, então converse com pessoas, tenha isto por certeza, ore sobre isto e siga este caminho. Mas, e agora vamos entrar no terceiro ponto, pode ser sim que você venha a ser sanado espiritualmente destas atrações homossexuais e venha a constituir uma grande e bela família cheia de filhinhos pimpões pulando pela sua casa.

Eu conheço casos assim, de pessoas que sentiam atrações homossexuais, que viveram a homossexualidade durante um bom tempo de suas vidas mas que, através do poder do Espírito Santo estas pessoas foram regeneradas e hoje estão casadas ou estão em vias de casamento e muito felizes e muito contentes com a obra que somente Deus, somente o Cristo poderia ter feito em suas vidas.

Então nós temos três caminhos, nós temos três conselhos para poder dar acerca disto, acreditamos que isto deve cobrir boa parte das dúvidas das pessoas que enfrentam a homossexualidade ou daquelas que desejam ajudar quem enfrente esta situação.

YAGO – E se mais dúvidas surgirem, você manda pra gente por inbox, manda por e-mail o que for, que se der material suficiente a gente fala mais sobre o assunto, se Deus assim permitir.

FELIPE – A regra pra igreja é: acolha os homossexuais.

YAGO – Amem.

FELIPE – Por favor. Amem como um ser humano, como uma pessoa que foi criada à imagem de Deus, uma pessoa que pela qual Deus deseja que seja salva. Então não discrimine, não seja homofóbico e não caia na falácia de acreditar que esta pessoa nasceu assim, ou é assim mesmo, ou é um pecado acima dos outros porque isto é bobagem, isto não é bíblico e isto não é cristão.

E você sabia que pode ser o nosso patrão?

YAGO – Patrão, aquele que manda 1500 mensagens no WhatsApp o dia inteiro!

FELIPE – Meu Deus.

YAGO – Com um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, você pode fazer parte do seleto grupo de gente querida, que conversa sobre Jesus, que recebe making off das gravações, que recebe profecias da minha esposa em áudio no WhatsApp.

FELIPE – Meu Deus, o que é que tá acontecendo aqui?

YAGO - ... consulta teológica express comigo meia noite no celular. Oh vantagem do caramba, vai fazer uma diferença tremenda esta consulta [risos]

Mas é isto?

FELIPE – Posso comer carne de porco, Yago?

YAGO – Sim.

FELIPE – Graças a Deus.

YAGO – Você faz parte do nosso grupo no Facebook secreto dos patrões e lá no grupo a galera te adiciona no WhatsApp que eu nem sei quem é o dono do grupo. Entre em pátrio.cm e coloque Dois Dedos de Teologia e colabore com a propagação da teologia nacional aqui nesta interweb deliciosa de meu Deus.

FELIPE – Então é isto aí pessoal, tchau tchau, na próxima segunda-feira 10h da manhã.

YAGO – E quarta-feira agora, Racionalizando.

FELIPE – 10 h da manhã, mesmo horário, mesmo canal. Tchau tchau.

Anexo E – Dois Dedos de Teologia – Religião e política no Estado laico

Religião e política no Estado laico	Canal: Dois Dedos

FELIPE – Política e religião ninguém discute, mas e quando junta as duas coisas?

YAGO: Se política e religião são os dois assuntos mais difíceis de tratar hoje em dia, junto com futebol, e se a gente for conversar sobre a visão política da religião? Hoje, no Dois Dedos de Raio Privatizador.

FELIPE – Para o Batista!

YAGO - Nós estamos perto do período das eleições, tá chegando aí outubro e a galera está se digladiando na internet sobre quem vai ser a salvadora da pátria.

FELIPE – Ou o salvador da pátria.

YAGO – Mas o Aécio tá bem embaixo nas pesquisas...

FELIPE – Tá, qual o apelidinho? Aécio Never.

YAGO – [risos]

Então começam na internet os debates a respeito de como religião e política se relacionam. Você tem Marina, que é uma evangélica, você tem um candidato a presidente que é pastor, o Pastor Everaldo, e começam os infidáveis debates de internet a respeito de como o religioso pode ou não pode se relacionar com o debate político-público.

FELIPE – Afinal de contas, a religião e a teologia têm uma coisa a contribuir com este debate político? A teologia tem um lado público? Ou ela deve somente na relação privada dos indivíduos ficar restrito.

YAGO – É certo que uma pessoa se chame pastor alguma coisa como candidato? É certo que um candidato vá em alguma igreja buscando voto e buscando aquele público?

FELIPE – É certo o pensamento cristão ser colocado como uma política pública e ser exercido por alguém do Poder Executivo ou do Poder Legislativo, por exemplo? Vamos começar tentando entender que o conceito de quatro tipos principais de Estado.

O primeiro deles seria o Estado teocrático, que é aquele onde a religião ou o livro sagrado é quem dita as regras que aquele Estado vai seguir. Um exemplo disto são alguns Estados que seguem o Islamismo como sendo a religião que guia o exercício daquele poder estatal.

YAGO – Como por exemplo certos Estados em que o líder precisa ser um líder islâmico, um aiatolá e tudo mais.

FELIPE – O segundo modelo de Estado que a gente precisa separar aqui é o modelo confessional. É aquele Estado que ele é regido por regras de direito, por regras positivadas, mas ele confessa explicitamente uma determinada religião, uma determinada fé.

YAGO – Como a religião oficial do país.

FELIPE – Exemplo destes países confessionais são Alsácia-Lorena, Mônaco, Costa Rica, Malta.

YAGO – Temos também um outro tipo de Estado, que é aquilo que é mais comum ao Estado brasileiro, que é o Estado laico. O termo laico vem de leigo, o que significa que o Estado

não é sacerdotal, ele é leigo, ele é feito por pessoas que não necessariamente precisam confessar uma religião oficial nem é um Estado regido por leis de um livro religioso qualquer. Um exemplo de Estado laico é o Brasil de hoje e a maioria das democracias representativas do mundo.

FELIPE – O que a maioria das pessoas desconhece é que o próprio conceito de Estado laico surge, em grande parte, da própria Reforma Protestante e da ideia da separação e da independência entre estas duas esferas. Nem a religião pode tomar conta do Estado e assim exercer o seu poder religioso nas mãos do déspota, que assim seria, e nem o Estado pode tomar conta da religião e manipulá-la como uma marionete.

YAGO – No Estado laico, não existe papel para que exista um Estado religioso ou uma igreja estatal. Estas duas esferas estão separadas uma das outras o que é algo que bebe muito do caipirianismo, da visão de Herman Dooyeweerd, que são membros do neocalvinismo holandês que eram pessoas protestantes que estavam pensando político.

E temos também um quarto tipo de Estado que é o Estado ateu, que não é uma invenção de cristão, o ateísmo de Estado realmente existiu como por exemplo na Rússia comunista, na Coreia do Norte, Cuba e vários outros países que combatiam o cristianismo, viam o cristianismo, a família tradicional e etc. como uma forma de opressão burguesa e queria então acabar com a ideia de Deus, eram Estados ateus.

FELIPE – Para o Estado laico, basicamente, a religião nada mais que do que uma formação social, ela não possui elementos transcendentais. O Estado ateu segue uma filosofia naturalista e ele nega o transcendente a ponto de reconhecer que a religião é apenas uma construção que prende o indivíduo, que limita o indivíduo e a única coisa que pode limitar o indivíduo de acordo com esta teoria é o próprio Estado.

Então ficou claro, por isto que a gente visualizou, esta separação entre igreja e Estado é saudável, a gente não pode querer misturar as duas coisas e tentar linkalas, porque você vai terminar caindo num despotismo, seja do lado da igreja, seja pelo lado do Estado. Agora, o problema é que se igreja e Estado estão separados, religião e política não estão. Religião e política andam lado a lado, porque você que é religioso tem a sua cosmovisão e ela influencia diretamente o modo como você pensa política.

YAGO – Quando você tem, por exemplo, um Estado como o Brasil, você encontra sim uma forte separação entre igreja e Estado, não existe igreja estatal nem um governo religioso, mas o que a gente encontra, é de fato, religiosos exercendo o seu direito civil de se envolver com política da mesma forma como o não religioso possui o direito civil de se envolver com política. Nós temos um país em que nós temos uma certa liberdade para isto. Qual é o problema, no entanto.

A gente tem um grupo de pessoas que se manifestam, principalmente nas alas mais de esquerda do país, contra o envolvimento de religiosos na política. São pessoas que são contra a bancada evangélica, são contra o religioso usar sua fé como argumento contra alguma lei ou algo do tipo, são contra até mesmo que a igreja se coloque protestando certas

manifestações políticas. Isto é um problema muito grande quando certo grupo religioso é proibido, é aconselhado e é tido como escuso de seus direitos civis.

FELIPE – Porque quando você faz este tipo de separação, parece que as únicas cosmovisões válidas para que se pense política seriam a cosmovisão de um ateu, de um agnóstico ou no máximo de um deísta e a cosmovisão cristã, e as cosmovisões religiosas de modo geral estariam excluídas disto. Como se o religioso não pudesse pensar política ou como se as cosmovisões ateístas e as demais que eu citei aqui não tivessem também seus dogmas.

YAGO – De fato, o que a gente tem quando você diz que o religioso não deveria usar sua fé para pensar política, que a fé do religioso deveria ser simplesmente algo pessoal que não afeta a esfera pública é dizer que os únicos pressupostos e o único padrão ético que pode afetar a esfera pública é os pressupostos e o padrão ético ateísta e darwinista naturalista. Você está criando uma separação entre dois tipos de cidadãos, o cidadão que pode aplicar sua cosmovisão ao mundo e o cidadão que é proibido de pensar de acordo com a própria cosmovisão e os próprios pressupostos, você tá dizendo que o único pressuposto que é politicamente aceitável é o pressuposto ateu e não o religioso. Você tá criando uma separação de castas entre membros da sociedade. Você está dizendo que o religioso ele não tem o direito de tentar pensar o mundo de acordo com a própria crença enquanto você ateu tem o direito de pensar o mundo de acordo com a própria crença e impedir que outros o façam.

FELIPE – Esta ideologia de que existe uma supremacia de cosmovisões é uma bobagem, é como se você dissesse que o ateu é filosoficamente ou intelectualmente superior ao religioso, o que é uma tolice quando a gente olha e vê quantos nomes e quantos grandes nomes não galgaram a política exercendo cosmovisões cristãs, cosmovisões religiosas de modo geral, quantos filósofos não engradeceram em muito o conhecimento que temos hoje acerca de filosofia e etc.

YAGO – Dizer que igreja e Estado não deveriam se relacionar é muito correto até. Dizer que religião e política não deveriam vir junto é uma bobagem, porque quando você vai olhando para a história, foi o fato de religião e política terem se relacionado que nos deu muitos progressos. Muito da democracia que temos hoje veio do envolvimento entre religião e política. Muito do nosso modelo de governo veio do modelo presbiteriano de governo.

O fim do tráfico negreiro iniciou porque um religioso chamado William Wilberforce, influenciado pelas pregações do seu pastor John Newton, que escreveu aquele hino Amazing Grace, aquele hino famoso, percebeu que o tráfico negreiro era uma coisa que desagradava a Deus e então ele tentou influenciar a política à sua volta para acabar com isto por motivos religiosos.

FELIPE – O próprio Habermas vai falar isto por diversas vezes, de que é impossível você separar o atual conhecimento histórico, sociológico, filosófico e político da humanidade em especial no Ocidente do cristianismo. Foi o cristianismo que serviu bases morais e os alicerces intelectuais para que nós hoje pudéssemos pensar coisas como direitos fundamentais, direitos constitucionais aplicados a todos os povos. É a moral cristã que contribuiu para este pensamento e continuamos a nos nutrir na mesma fonte, como diz o próprio Habermas.

YAGO – Se você quer impedir que religião e política se relacionem, você está querendo destruir toda base moral e política que guiou muitos dos grandes tratados históricos que a gente tem, direitos fundamentais e várias coisas. Você está indo contra aquilo que acabou com o tráfico negreiro.

FELIPE – Você vai contra a liberdade do indivíduo, vai contra homens como John Locke por exemplo.

YAGO – Você está dizendo que apenas o ateu tem o direito de pensar política conforme sua própria cosmovisão. Você está sendo um completo preconceituoso em dizer que religião e política não deveriam se relacionar. Mas aí homens como Marcelo Semer vão argumentar dizendo que a ética do religioso não está aberta ao escrutínio público, já que a ética daquele que é religioso é pautada por um livro qualquer, que tem padrões morais absolutos que não estão abertos para serem negociados.

FELIPE – Este pensamento, por si só, ao meu ver, é absurdo, porque ele pressupõe de que o pensamento da cosmovisão ateísta não possui dogmas políticos que devem ser respeitados e considerados acima de qualquer outro, por exemplo, você tem uma Declaração Fundamental dos Direitos Humanos, promulgada pela ONU, ratificada por inúmeros outros Estados e nações que defendem dogmas como direito à vida, direito à liberdade, direitos inalienáveis, direitos que não se podem perscrutar contra o próprio ser humano. Então se você defende que a vida tem valores, que a liberdade tem valor, como é que você pode dizer que é só o religioso que possui dogmas morais que não são debatidos em escrutínio público?

YAGO – Você encontra por exemplo muitos liberais e libertários que vão dizer que os direitos fundamentais são vida, liberdade e propriedade, tipo de dogma que está sendo pregado e também está disponível ao escrutínio público.

FELIPE – É um tipo de pressuposto do Estado moderno, afinal de contas este pensamento não era exercido na época do surgimento da política, então se existem dogmas do pensamento político, você vê que isto não é privilégio do religioso, de defender seus padrões morais indiscutíveis e indebatíveis, pelo contrário, o religioso pode sim debater. A questão é que os fundamentos do religioso são fundamentos teístas. É óbvio.

O fundamento do religioso vão ser fundamentos não teístas, mas isto não impede de o religioso usar racionalidade no exercício de seus argumentos. É como se você considerasse que qualquer religioso é um fidelista cego, sem nenhum tipo de fundamentação ou uma razão, o que é uma bobagem.

YAGO – Em uma democracia plena, você tem várias pessoas de cosmovisões diferentes, de visões e pressupostos de mundo muito diferentes tendo de debater em comum em relação a uma temática e estes tem obrigação de tentar conversar de modo, em um terreno comum, de modo a serem compreendidos, é algo que vai ser um pouco semelhante à apologética cristã, e você vai acabar tendo de se esforçar para, se você é contra o aborto, por exemplo, por motivos religiosos, conseguir encontrar argumentos comuns para aquele que discorda de seus argumentos e tem argumentos não religiosos.

E talvez entrar na pressuposição do outro e tentar mostrar, dentro da pressuposição do outro, como a ideia dele se desfaz, se esfacela. Não largando, claro, a crença na própria pressuposição. O ponto é: a gente precisa também, como religioso, entrar no debate comum, se alguém chega no Senado dizendo que quer aprovar tal lei porque o Espírito Santo mandou ele vai ser algo de risada, porque não é o que acontece no Brasil hoje, por mais que vocês tenham medo que é o que aconteça e que vire uma jesuscracia.

O que a gente tem hoje no Brasil é um modelo representativo em que as pessoas têm seus representantes lá, os religiosos têm seus representantes para defender seus interesses, os ateus têm seus representantes para defender seus interesses, as feministas, seus representantes, os gays têm o Jean Williams então todo mundo tá lá defendendo seus interesses e as pessoas têm de entrar no debate comum, ninguém vai chegar no Senado, abrir a Bíblia e dizer “nós precisamos ser contra o casamento gay por Levítico diz que é pecado”. A gente gravou um vídeo de quase meia hora sobre o casamento gay tentando mostrar, descendo ao pressuposto do outro que não é cristão e falando num território comum porque que a gente é contra o assunto.

O que a gente não encontra muitas vezes na verdade é ateus e pessoas de outras cosmovisões fazendo isto. Tentando entrar dentro do pressuposto cristão e dentro do pressuposto cristão tentando mostrar como algumas ideias se desfacelam para, sendo assim, pressupocionalistas políticos, lidar com a nossa cosmovisão e tentando chutar para fora do balde aquilo que a gente tá defendendo publicamente. Ou num terreno comum, de modo mais evidencialista, com as evidências do que a gente diz lidar com nossos argumentos também.

É assim que o debate político cresce: é você lidando com as evidências externas do argumento da pessoa, lidando com os argumentos internos da pressuposição dela, então todo mundo nesta loucura política, neste embate constante de ideias e então crescer para um terreno comum e não tentar expulsar alguma cosmovisão da sociedade, excluindo esta cosmovisão de vez, porque a ética dela é diferente ou algo do tipo. O Estado não é ateu. O Estado é laico, o que significa que todo mundo tem papel nesta sociedade, sendo religioso ou não e não só os não-religiosos.

FELIPE – Traduzir o seu pensamento e a sua cosmovisão para a cosmovisão do outro é um requisito básico para convivência em sociedade.

YAGO – E para qualquer debate sério.

FELIPE – A medida de que você tem uma diversidade de grupos, de crenças, de etnias, de culturas dentro de um mesmo país você tem que começar compreender e traduzir os seus pressupostos e pontos de vista. Dentro disto que o Yago falou, por exemplo, a gente tem um outro paradigma aqui que é esta relação de tradução dos pressupostos em relação aos poderes públicos.

Por exemplo, quando você tem um camarada que vai se candidatar a um cargo no Poder Executivo ele tem de traduzir os pressupostos dele em questão de aplicabilidade, governar, ele vai ser um governador, um presidente, um prefeito, ele vai exercer o modo como ele enxerga a sociedade para a sociedade. Já quando você olha para o legislativo, a coisa muda

um pouco de figura, porque lá existem bancadas: então quando você elege um camarada para estar lá, a divergência de ideias é saudável, porque você vai ter a bancada ruralista, a bancada evangélica, a bancada gay, a bancada da reforma agrária, dos sem-terra, são bancadas diferentes que defendem pressupostos distintos e estão lá mesmo para tentar aprovar lei que não seja concordada por todo mundo, mas que para o bem comum vai ser aprovada. Que de acordo com o bom senso coletivo, com o senso de política, com as diretrizes da nossa Carta Magna, vão ser aplicadas. Então você vê que no sistema político você tem formas diferentes de como a cosmovisão deve ser empenhada e colocada na prática.

YAGO – É como por exemplo nas escolas onde eu vou pregar o evangelho. Para quem não sabe, eu trabalho, meu emprego entre aspas, é ir em escolas aqui de Fortaleza e de outros locais do Nordeste levar o evangelho para os alunos, é o que eu faço todos os dias. E o que acontece? Eu vou para colégios públicos e eu tento pregar em colégios públicos. O que eu escuto? “Você não pode entrar aqui porque o Estado é laico então não pode ter nenhuma manifestação religiosa”.

Quando eu vou em colégios particulares, eles dizem: “Você pode entrar aqui, porque o Estado é laico. Então nós podemos ter todas as manifestações religiosas. Então você vai no colégio particular você tem o grupo do católico, do umbandista, o grupo espírita, o grupo dos evangélicos e tem lá a reunião dos ateus, tão lá estudando Dawkins, porque tem, qual o problema, porque o Estado é laico, todo mundo tem o direito, que está lá dentro daquela instituição privada e o modo como aquela instituição privada aplica a laicidade de Estado dentro daquela instituição”.

No colégio público você tem um laicismo diferente, é uma laicidade que exclui todo mundo. Então, outra vez na política do Brasil: o Estado é laico, então logo o religioso não pode se envolver, o que é uma aplicação muito errada do sentido de laicidade, de laicismo, como você quiser chamado. É uma aplicação muito errada de ter um Estado não-religioso, um Estado que é leigo, não sacerdotal. Todos os representantes de todas as religiões devem ter acesso à voz política. Membros de qualquer grupo religioso, ético, social, cultural, o que for, devem ter espaço para o debate público e colocar sua cosmovisão em pauta e falar dentro da cosmovisão do outro e ter pessoas falando dentro de sua cosmovisão para que o debate aconteça.

FELIPE – Talvez o problema disto tudo seja esta grande concepção naturalista, que já é pressuposta na nossa sociedade, de que não existe verdade, logo, se não existe verdade, o mais correto seria o pluralismo e a aceitação geral. Mas ora, se você entende que existe uma verdade, você deve entender também que dentro de todas estas cosmovisões só uma delas é verdadeira. Então compreender isto e ter isto como pressuposto talvez seja fundamental para você ouvir o outro e se dedicar a conhecer mais da cosmovisão do outro. Isto vale para o cristão também. Não que o cristão esteja criticando seu próprio ponto de vista, sua própria cosmovisão, mas que ele possa entender mais o mundo sob o ponto de vista do outro.

YAGO – Nós não podemos arrogar sermos pressupocionalistas mas na verdade sermos dogmáticos burros.

FELIPE – Exatamente.

YAGO – No lugar de sermos pessoas que compreendem o papel das próprias pressuposições, da pressuposição do outro, compreende apenas a própria pressuposição, tem ela como verdade absoluta e esquece o mundo, esquece de argumentar.

FELIPE – Isto é fideísmo, isto é errado;

YAGO – Isto é burrice. É um tipo de dogmatismo que se arroga de pressupocionalismo mas não é. Não é nada mais do que burrice e falta de conhecimento do outro.

É como no caso, por exemplo, de pessoas se levantarem contra pessoas se chamarem pastor fulano de tal no seu, na sua candidatura política. Pastor Everaldo. E muitas pessoas criticarem, ah, porque aquele se coloca como pastor o Estado é laico, você não pode se dizer pastor, para estar ali falando porque isto vai contra a laicidade do Estado.

FELIPE – Pelo contrário, nós nos opomos ao ponto de vista de uma pessoa usar a sua prerrogativa religiosa e exercer isto dentro de uma campanha política não como cidadãos, não como pensadores políticos, não no nosso pensamento político, na verdade, mas como cristãos.

YAGO – O nosso ponto é que ninguém consegue ser um bom pastor e um bom político ao mesmo tempo. O cara tem muito tempo para ser pastor: tem de preparar sermão, visitar ovelha e tudo o mais. E político também é uma coisa muito difícil, tem de estar lá presente para ser um bom político. Então são dois ofícios que nunca vão conseguir se bater, eu sempre penso que o cara não deveria ser pastor e político, deveria ser pastor ou político. Não é feio que um pastor largue um pastorado, se ele entende que é o tempo dele, para exercer um cargo público.

FELIPE – Mas a questão é que politicamente, pensando assim, o pastor tem tanto direito de usar esta titulação como o general, o capitão, o pai-de-santo, o padre, o professor,

YAGO – Dona da coxinha, tio da tapioca.

FELIPE – A questão é que a laicidade do Estado assim o permite. Ele é conhecido por isto, ele é o pastor Zezinho? Mas vá lá, pastor Zezinho. Ele é conhecido como pai-de-santo João? Vá lá, pai-de-santo João. Agora, teologicamente pensamos que não é saudável este tipo de titulação.

YAGO – Por exemplo, você encontra religiosos se candidatando e toda conversa que você encontra deste religiosos é sobre casamento gay e Estado laico.

FELIPE – E aborto, sobre como ele se posiciona para poder defender o casamento dos gays e o casamento dos gays, e o casamento dos... e assim.

YAGO – Você encontra Marina Silva nos seus debates. Sempre perguntam sobre Estado laico e religião e preconceito e casamento gay porque parece que esquecem que a mulher tem uma série de discussões políticas diferentes, centenas de páginas sobre diversos assuntos. E só querem saber o que ela tem a dizer sobre gays e Estado laico porque ela é evangélica.

FELIPE – E ficar batendo repetidamente neste assunto é tentar criar uma falácia de uma ideia no imaginário das pessoas que estão assistindo aquilo de “tá vendo, ele é contra isto, ele é contra isto, ele é contra isto”, e esquece que a pessoa tem um programa político.

YAGO – Este é um tipo de manipulação e isto é um projeto de desinformação social. Por exemplo, tem o caso do Marcelo Crivella no debate da Band quando ele foi questionado a respeito de casamento gay e de turismo gay e ele comentou a respeito do assunto e disse que preconceito de fato era só perguntarem para ele de Estado laico, de questões de gays e aborto e não falarem dos mais de duzentos projetos que ele propôs na Câmara e porque ele era um candidato evangélico só tratarem ele como um tipo de fanático religioso.

FELIPE – É por conta destas coisas que a gente está falando aqui que certos políticos terminam tentando usar o púlpito das igrejas para angariar votos e fazer suas pregações em meio aos cultos públicos.

YAGO – De fato, é mais um daqueles assuntos que a gente discorda teologicamente, a igreja não é um espaço para que candidatos vão divulgar seu projeto de governo, não é um espaço para políticos irem lá simplesmente conseguirem votos para si, mas, pensando não teologicamente mas politicamente, eles não cometem nenhum erro democrático em tentar angariar o voto dos evangélicos.

FELIPE – Não há nenhum tipo de dano à democracia você tentar angariar isto. Por exemplo, se há uma reunião de filosofia de um clube de pensamento político e você coaduna com aquelas ideias e quer ir lá angariar votos, qual o problema disto? Agora, teologicamente, a gente acredita que é muito errado.

YAGO – É, porque vai contra a nossa teologia e a nossa doutrina em relação ao culto. Mas como cidadãos, como pessoas que estão indo a qualquer ambiente de reunião falar com os membros daquele grupo religioso, filosófico, político, acadêmico ou o que for, não tem nada de errado num Estado democrático a pessoa angariar votos naquele grupo que está se reunindo ali.

É triste ver tantas pessoas se opondo a estas coisas dizendo que isto é um golpe à democracia. Que é um golpe contra o Estado laico. Claro que não é. Até mesmo a Dilma ir lá na Assembleia de Deus dizer que “feliz a nação cujo Deus é o Senhor”, está dentro do jogo político.

FELIPE – Triste é a nação cujo PT é o gestor.

YAGO – [risos]

FELIPE – O pensamento político grego já dizia que a política é a arte do possível, então meu amigo, se é possível você ir lá e angariar votos, vá. Aquilo que é possível de você fazer você vai lá e exerce, você tenta, você vai atrás. A política é a arte do possível não só na sua execução, mas também na sua tentativa de eleição, na sua tentativa de alcançar o poder.

YAGO – O que não deveria ser possível é o político ser aceito dentro de um culto crisão para angariar votos, mas, democraticamente, não tem nada errado nisto aí.

FELIPE – Aí, nesta mesma linha de pensamento, surgem alguns pastores que apoiam determinados candidatos e que defendem eles veementemente dentro do culto público. Mais uma vez: nós não acreditamos que isto possa ser contra nenhum tipo de instituto democrático, pelo contrário, o pastor, o presidente daquela assembleia religiosa ele é um cidadão, ele pode definir, ele pode ter seus candidatos. Agora, teologicamente, nós não cremos que o lugar para

defender aquele candidato seja o culto público, aquela assembleia cristã, porque isto termina, de um modo ou de outro, mais ou menos, vinculando aquela igreja ao candidato.

YAGO – Mas a gente não se coloca contra que um pastor ou líder religioso defenda um candidato, que apareça na propaganda política daquele candidato, o que ele tá fazendo é de alguma forma usando a imagem que ele possui como defensor de uma ideia defendendo um candidato.

O problema, que a gente tem de olhar com cuidado, é o quão ético é que um pastor, que recebeu destaque por causa de sua ação ministerial, use este destaque que recebeu pra angariar votos para alguém, ou então, este pastor, que a sua posição social sobre determinado político não se confunda com a posição da igreja, que a igreja é obrigada a votar naquela pessoa ou algo do tipo. Aí tem uma pequena questão ética mais complicada, mas que democraticamente, novamente, não é forma alguma um ataque à democracia ou um ataque ao Estado laico.

FELIPE – Porque se a gente ver que a igreja e a religião são esferas de uma composição da sociedade, não tem porque eu tentar limitar esta esfera para fora do pensamento político, aquela esfera vai ter sua influência, vai ter sua posição. Como o Yago diz, a gente tem de avaliar é até que ponto a esfera religiosa não está englobando a política e rompendo aquele conceito de Estado laico que a gente explicou no começo do vídeo.

Isto vai definir também o porquê que o crente não precisa votar somente no crente. Se estas esferas se comunicam, se a religião se vincula com a política em relação ao pensamento do ponto de vista ideológico, então crente não necessariamente vota só em outro crente. Pode ser que o crente vá aí às urnas e se candidate como sendo uma pessoa que eu jamais votaria, sei lá, uma pessoa que é incoerente com a sua fé. É um crente que toma posições de esquerda, um crente que toma posições socialistas. Talvez eu preferiria votar num ímpio que fosse um conservador em relação à moral do que um crente que tenha pressupostos socialistas.

YAGO – Rapaz, se o cara tiver uma proposta de governo boa, se o cara defende vida, se o cara defende o casamento como está na Constituição, se o cara é contra o aborto, se o cara defende privatização em massa, se o cara defende a abertura do mercado, ele pode ser da igreja de Satanás, ele tem o meu voto, eu não tou nem aí.

FELIPE – Sabe por quê? Porque a graça comum age desta forma. Deus vai guiar para que o propósito dele seja cumprido. A nossa função aqui é tentar buscar aquelas pessoas que pensem em conformidade com as escrituras e, às vezes meu amigo, Deus vai usar o ímpio pra agir conforme ele deseja.

YAGO – Na filosofia reformacional holandesa costuma-se usar muito a terminologia momentos de verdade, é quando o ímpio acaba tropeçando sem querer no princípio bíblico, ele acaba encontrando uma verdade que provém da atuação da graça de Deus no mundo e da imagem de Deus que existe no ser humano, mesmo que deturpada, faz com que o mesmo homem ímpio, talvez ateu, talvez de uma religião pseudocristã, defenda um padrão moral, um padrão ético muito parecido com aquilo que o cristianismo defende.

Eu não tou preocupado em ter crentes lá. Eu estou preocupado em que tenha uma boa política que seja boa para a sociedade. No meu caso, eu acredito que esta boa política não é nada mais que a aplicação dos princípios bíblicos na política, mas eu posso defender também no terreno comum no debate público.

FELIPE – A hipérbole que o Yago usou, sobre a questão de votar na pessoa que seja membro da igreja de Satanás, encontra uma representação muito nítida do Antigo Testamento. Nomes como Nabucodonosor e Ciro, por exemplo, foram usados dentro do tempo dos profetas para fazer a vontade de Deus. O próprio Nabucodonosor, por diversas vezes, recebeu testemunho do grande Deus na vida até chegar o ponto de se arrepender pelos seus pecados e de reconhecer que realmente existia um Deus sobre si muito maior do que o grande reino e suas posses. Então Deus pode sim usar o ímpio, até mesmo aquele ímpio que adora à Satanás.

YAGO – Claro que eu como religioso, e eu como religioso dentro do espaço democrático tenho este direito, preferiria votar num religioso cristão da teologia mais pura possível e tudo o mais.

FELIPE – Óbvio.

YAGO – É o que eu preferiria. Mas, dentro do campo do possível, como vai ser o modelo político greco-romano, entre alguém da igreja do demônio, vou usar a mesma hipérbole, que defende um programa político correto e um crente esquerdista que defende o casamento gay e o fechamento do mercado, por exemplo, eu prefiro votar no cara que tem um plano de governo correto e aplica melhor os princípios cristãos mesmo que sem ter o mesmo princípio por trás do que um cara que se arroga cristão mas vai defender coisas que estão fora daquilo que eu acredito dentro da minha cosmovisão que seja o melhor para o país.

É por isto que eu discordo de Milton Ribeiro quando diz que a religião deveria ser trazida para ser mera opção pessoal, que não deveria afetar a esfera pública ou algo do tipo. Até mesmo a Ana Paula Valadão, no vídeo que está bombando dela na internet, profetizando que a igreja vai chegar na política, por mais que ela esteja meio louca naquele vídeo, por mais que ela esteja indo contra princípios bíblicos, profetizando algo que não tá muito de acordo que está na escritura, que ela esteja cometendo erros teológicos, beleza, mas ela está exercendo seu direito constitucional de desejar uma representatividade de seu grupo social no campo político.

FELIPE – O que há de errado nisto, meus amigos?

YAGO – Absolutamente nada, ela está no seu direito.

FELIPE – Ela pode ter se expressado teologicamente errado, ela pode ser do ponto de vista cristão muito infeliz na utilização de suas palavras, mas politicamente falando, qual é o problema?

YAGO – O problema é que você deseja a sua representatividade na política e não a nossa. E tudo bem, o jogo político pode ser definido nisto também, você buscando representatividade nas suas ideias, eu buscando na minha e a gente não necessariamente se odiando por isto, mas tentando lutar, e lutar ideologicamente, e lutar politicamente, intelectualmente, mesmo nos amando mutuamente para chegarmos a ideias comuns a fim de

que o máximo de felicidade e de bondade e de ética correta seja aplicada no nosso país e na nossa sociedade.

FELIPE – O conceito de tolerância, deste ponto de vista, é muito deturpado. É como se tolerância é só quando você adere aos pressupostos de outra pessoa e não quando você consegue conviver com eles. Porque que o ateu não pode conviver com os pressupostos cristãos do mesmo jeito que o cristão tem sobrevivido aí com os pressupostos ateus durante tanto tempo?

YAGO – Dentre deste contexto, qual é o livro da semana, senhor Felipe Cruz de Melo?

FELIPE – O livro da semana é diferente, é especial, é mágico, é místico, é mirabolante...

YAGO – É a bíblia do diabo?

FELIPE – Estado e religião, de um rapaz que tem um nome muito difícil, Wallace Tesch Sabaine. Na verdade este livro é a monografia do Wallace que foi transformada em livro aqui pela Universidade Mackenzie, pela Editora Mackenzie, é fininho, é simples, e ele é um bom ponto de partida para quem quer começar a entender o ponto de vista jurídico da relação entre Estado e religião, da relação entre direito de liberdade religiosa, do pensamento religioso, da liberdade de ideias, o conceito da proteção constitucional de exercício da religião e um pouquinho assim, bem pincelado, também de longe, não foi este o interesse do Wallace, mas ele acabou respondendo isto em alguns momentos, como o cristão lida com a relação entre igreja e Estado. Então é simples, é novidade, é da Editora Mackenzie, a gente nunca tinha indicado um livro aqui da Mackenzie, e como sempre o *link* vai estar nas descriciones.

YAGO – E você sabia que pode ser o nosso patrão? Agora, por causa do patrion, a gente vai se organizar para ter dois vídeos por semana aqui no canal e se organizar para termos *hangouts* aqui todo mês, nós dois conversando com vocês e tentar fazer *hangouts* com pregadores famosos que vocês indicarem e isto tudo patrocinado por vocês, investindo para receber conteúdo de volta para vocês, com a concordância verbal toda errada, mas é isto aí, conheça o nosso patrion, clica no link aqui que vai aparecer no nosso vídeo que você vai ser levado para a nossa página que você pode contribuir mensalmente com um dólar, dois dólares, cinco dólares, porque não, receber prêmios por isto e ainda receber de volta um conteúdo muito melhor neste canal cada vez com mais qualidade, cada vez mais gratuito, por mais que seja possível.

Então acesse aí, patrion, manda vídeo para os amigos, curte o canal, é nois, é dez, é show, é mil.

Anexo F – Fabiana Bertotti – Crente tem depressão?

Crente tem depressão?	Canal: FB

Oi, oi, oi, tchuchucos da Fabi, olha nois aqui ‘tra vez. Tava lendo uns comentários antigos nos posts e eu vi que por causa deste vídeo aqui [refere-se ao vídeo Admiração, do canal dela] algumas pessoas achavam que eu era mineira. Ai as pessoas começaram a perguntar de onde eu era. E eu fiquei pensando, mas bá, tche, tão fácil saber de onde eu sou [sotaque sulista], oh xente, tá vendo não? [sotaque baiano]. É uma coisa fácil de perceber, uai! [sotaque mineiro].

De onde você acha que eu sou? Fabi brasileira. Eu tenho uma facilidade com sotaque, gente do céu, é só eu ficar assim ó, dez minutos com alguém que já tou falando igual, entende? Quando eu fui para o Rio de Janeiro o povo achava que eu era carioca porque eu tava ali “aí ou” fácil, fácil de pegar este sotaque. Mas quando eu vou para o oeste, a família do meu marido, rha, fico falando rroda, barriga, igual eles. Mas eu não vou contar de onde eu sou, você vai ter de adivinhar aqui nos comentários. Na verdade, é que eu me sinto um pouco de cada canto e meio que de lugar nenhum também e, como eu pretendo morar no céu, também não tou ligando muito para esta história de onde eu sou sabe.

Hoje eu vim aqui para falar sobre um negócio que me atormentou esses dias. Uma menina me escreveu, e ela estava muito chateada porque a mãe dela já tem alguns meses que está muito, muito triste, foi diagnosticada com depressão e algumas pessoas da igreja dela disseram que a mãe dela precisava orar mais, que a família toda precisava orar mais, que depressão é uma doença do inimigo. Ai, ai [suspira], ignorância atrevida.

Olha, é mesmo, de uma certa maneira, todas as doenças não foram provocadas por Deus e o diabo está por trás de todas, mas dizer que uma pessoa que tem depressão não pode procurar ajuda médica porque ela precisa orar mais, além de uma ignorância sem tamanho, é uma tremenda falta de educação. Só quem já passou pelo problema, ou tem familiares que sofrem do problema, que sabem a angústia que é você lidar com uma pessoa que simplesmente não tem vontade de viver.

Depressão pode ser provocada por um grande trauma, por um momento ruim da vida, que uma pessoa está num momento depressivo, mas ela não é originalmente depressiva, ou por alterações químicas no cérebro. Eu queria perguntar para estas mesmas pessoas que falaram eu a depressão dela não existe, é falta de fé, se quando ela tem um enfarto, ataque cardíaco, ela ao invés de procurar um médico, um desfibrilador, ela vai primeiro orar.

Veja, é claro que em todos os momentos a gente precisa orar e buscar a Deus. Mas Deus deixou pessoas sábias, médicos, terapeutas, pessoas que podem nos ajudar a minorar estes problemas do dia-a-dia que a muitas vezes a gente mesmo causou.

A gente vive num mundo de pecado, nem tudo é como a gente gostaria que fosse, às vezes a gente não provoca a doença que tem mais ela vem porque está no gene, é o avô, a mãe, o pai, alguém sambou ali na história e, enfim, tou num mundo de pecado, tou sujeita a isto.

Mas antes de você falar um negócio deste para alguém que está com depressão, primeiro vai calçar as sandalhinhas dela. Depressão é uma doença, assim como muitas doenças. E tem tratamento, e tem terapia, e tem maneira de amenizar o sofrimento que esta pessoa vive.

Então você que me escreve aí, você que tem este problema na família, ou talvez é você que está me vendo que tá sentindo-se muito triste já tem meses, já tem dias, às vezes foi por causa de um grande trauma que você viveu, ou uma grande perda, ou não, você é assim desde criança e ninguém nunca levou você a sério, talvez você tenha depressão. Então, tá na hora de procurar ajuda, um médico, talvez você tenha que tomar medicação, talvez você precise fazer terapia, conversar com um psicólogo. Ninguém é doido por falar com psicólogo não. Eu já fiz terapia. Eu não sou doida. Tá vendo? Eeeh!

Mas, se você continua achando que isto é um problema do capeta eu sugiro a você que vai orar também, orar pra Deus curar essa sua ignorância, neguinho, porque ignorância também é coisa do capeta que fica botando na cabeça da gente e a gente não consegue entender as coisas, né.

Mesmo na Bíblia a gente tem personagens que sofreram com depressão, uma tristeza, uma vontade de morrer. Não é pecado ser doente, não é pecado ter uma doença, embora muitas vezes nós a provoquemos. Mas existe tratamento, existe sabedoria que Deus deu, então procure, porque sofrer de um mal tendo a cura a sua disposição, aí também né...

Tem muita gente que fica ali atolada no pecado sabendo que tem Cristo pra resolver os problemas dela. Tá dodói, vai pro médico, hein. E vai orar pra se cuidar também, aprender a se cuidar pra evitar ficar dodói também.

Combinado? Dica da doutora Fabi.

Um beijo pra você, boa semana, curta e compartilhe – não se esqueça! Beijo!

Anexo G – Fabiana Bertotti – O cristão e a masturbação

O cristão e a masturbação	Canal: FB

Oi, oi, oi, tchuchucos da Fabi. Mais um vlog pra gente conversar. Menino, eu tava doida pra gravar este vlog e eu gravei e deu errado, porque eu não vi que a câmera não estava funcionando, porque eu gravo sozinha e daí eu já tinha gravado este assunto e quando eu fui ver eu não tinha gravado. Porque muita gente pede este assunto que é um assunto meio picante [muda a entonação]. Vamos falar hoje de masturbação. Tem gente que fica com vergonha só de ouvir esta palavra. Faz o seguinte. Se tiver com muita vergonha pega este vídeo e vai ver num lugarzinho separado... não, não, se você ficar muito sozinho talvez você tenha outras tentações. Então faz o seguinte... chama a família, vamos todo mundo conversar sobre o assunto, tá bom?

Este assunto de masturbação é assim, um dos mais pedidos no Face, nas mensagens, e tem uma galera que super, "ai, diz aí sobre masturbação". Mas eu tenho a impressão de que a maioria das pessoas que pedem sobre este assunto já tem uma opinião formada a respeito, mas enfim, opiniões, o que são opiniões, vou dar mais uma, a minha. E foi muito engraçado, porque bem dentre uma semana e outra que eu gravei o vídeo, eu tava lendo um livro e ele falava de uma escola na Espanha que tinha começado, que implantou aulas de masturbação e deu o maior xabu na comunidade porque alguns eram a favor, porque era o tal do auto-descobrimento, e outros eram contra que se gastasse dinheiro público para professores ensinarem como se masturbar. O que eu fico imaginando também como é que seriam as avaliações desta aula, aula prática, teste, como a pessoa teria se saído bem ou não, fiquei ali pensando sobre o assunto.

Mas o fato de tanta gente falar sobre isto mostra que tanta gente está fazendo isto, ou está querendo fazer isto, ou já fez, porque tem a ver com sexualidade, e sexualidade sempre é um assunto que deixa a gente assim – uooou -, a flor da pele. A maioria das coisas que você busca ler ou ouvir sobre masturbação, você vê muitos médicos, muitos especialistas dizendo assim: "se masturbe porque é uma forma de se autoconhecer, se descobrir, conhecer você mesmo". Cá pra nós, eu acho isto uma bobagem, porque no fim você vai conhecer o tamanho da sua genitália e quanto tempo você leva pra entrar no clima – entendeu? -, pra gozar. Então masturbação, na minha concepção, não é a maneira mais adequada pra você se conhecer, se descobrir. Desde criança os instintos sexuais afloram e é uma curiosidade natural esta questão de se tocar, da criancinha, já desde pequeno, faz isto – as crentes não haha.

Mas, a masturbação, falando assim tecnicamente, é você usar suas mãos ou outro objeto para você se acariciar, se excitar sexualmente e chegar ao orgasmo. Se você levar em conta que o sexo, planejado por Deus, a atividade sexual era pra ser feita dentro do casamento, entre um homem e uma mulher, e diz lá na Bíblia conjunção carnal – ou seja, os dois juntos em

uma só carne, pênis, vagina, tal, o processo você já sabe né, sem aulas práticas da tia Fabi aqui agora...

Então a masturbação é um ato solitário, não é sexo em si mesmo, você vai lá no banheiro escondidinho, debaixo do edredom enquanto sua mãe não chega e vai lá naquela luta, cinco contra um, tá, chega ao orgasmo. Só que isto tem vários problemas. Embora a maioria dos especialistas, dos médicos digam que não, que é uma forma de se descobrir, quando você conversa com médicos cristãos e, principalmente, terapeutas que acompanham famílias, que aconselham famílias, você vê um grande prejuízo da masturbação. A começar fisicamente, que a partir do momento que você, homem, está com a sua mão pressionando seu pênis para ter uma ejaculação rápida, um prazer efêmero, o sexo com uma mulher pode não ser tão prazeroso depois. Porque a sua mão é muito mais forte, muito mais apertada, faz com muito mais vigor a pressão sobre o seu pênis do que uma vagina, então você corre um sério risco e assim, não é um nem são dois, de casais que escrevem falando que têm problemas porque o homem não sente prazer com a vagina da mulher. E tipo, né, você ficar ali com a tua mão, uhuuu, e depois não gostar de uma vagina, tipo... sem falar que a pressão constante dos dedos da mãos sobre os vasos sanguíneos que são delicados no pênis, isto pode causar sérios problemas físicos depois e você pode ter problemas de ereção no futuro, quer dizer, você está aí todo garanhão se acabando no banheiro com aquela revista, aquele filminho pornográfico e aí no futuro você, tipo, vai brochar. Perdeu, playboy.

E ai também tem o caso das mulheres que também escrevem muito e se masturbam muito, só que tá bom, vai lá, se masturba, e diz, “ah, não quero perder a virgindade e por isto eu me masturbo”. OOI? Conversa, né fia? Virgindade vai muito além do hímen. Tem a ver com pureza sexual, com pureza mental, de intenções. Então, tipo assim, você fica se masturbando para não perder a virgindade, tipo, ahn? E pra mulher é um problema também, que a partir do momento que ela sabe onde liga o botãozinho e ela vai lá e rapidinho consegue se masturbar e chegar ao orgasmo, quando ela tiver um parceiro sexual, o seu marido, a dificuldade de ter paciência com ele, de mostrar os caminhos do seu corpo, de onde você sente prazer vai ser maior porque você já sabe como se resolver sozinha e tipo, sexo é uma atividade a dois, de cumplicidade, de prazer mútuo, de descobrimento mútuo, não é uma coisa pra fazer sozinho escondido no banheiro, melecar a mão, depois lavar e sair, uhul, meio decadente isto.

Ai Fabi, não quero me masturbar, mas eu não me agüento, eu faço isto sempre. Bom, aí nós temos algumas coisas pra dizer. Pra começar, vamos evitar o que te leva à masturbação freqüente, porque a masturbação se torna um hábito e ela pode mudar a sua personalidade, sabia? Você fica tão obcecado com aquilo que você quer toda hora, que você pensa naquilo toda hora, que você não tem mais vida além daquilo, seu negócio é ir se masturbar, e você fica dependente daquilo que, claro, né, é bom gozar, quem não gosta, e a partir do momento que você faz aquilo toda hora sozinho, é um negócio rápido, sem qualidade e, como o autor colocou no livro, banaliza tanto o sexo – sexo já tá super banalizado, né? – Mas quando você estimula que o jovem se masturbe, você faz disto ainda mais banal e pobre. E o sexo é pra ser uma coisa

rica e cheia de significado! Inclusive para você, crente, porque foi Deus que inventou o sexo, olha que coisa boa! [com entonação como se falasse pra crianças rs].

Daí você não quer mais se masturbar e diz, “ai Fabi, eu não me agüento, já tou com a mão chega estar calejada’. Então para. Para. Começa também levantando da cama assim que acorda, porque este negócio de ficar debaixo da coberta ali, daí vai, a mão escorrega, é um negócio que menino, chega parece que tem ímã. Então, levantou, saí da cama! Medida assim de segurança. Tenta hoje. Tipo Alcoólicos Anônimos, um dia de cada vez, hoje não vou botar a mãozinha onde não é pra botar a mãozinha.

Ah, mas “ai Fabi, não quero mais me masturbar”. Mas aí tu fica se acabando nestes filmes pornográficos, no celular, nestas revistas destas mulher tudo pobrinha que não tem roupa, assistindo estes filmes de roteiro ótimo, trilha sonora, ótimos atores... só que nunca. Ai você fica assistindo isto, é óbvio que você vai se masturbar, é óbvio que você vai pensar em fazer sexo... aliás, pensar em fazer sexo não né, porque masturbação tecnicamente nem é sexo. Então para de ver pornografia. “Ah, mas é mais forte que eu”. Ah, para vai! Já falei isto uma vez num vídeo e vou repetir. Você está com vontade de fazer cocô no meio da praça. Você segura ou você faz ali, abaixa as calças? Não, você segura. Afinal de conta, são instintos mas você tem um cérebro para dominar os seus instintos. Uooou. Então, cortar a pornografia, ainda mais com a facilidade da pornografia online, é um dos primeiros passos que você tem de dar para evitar a masturbação.

Se você sabe onde você é mais tentado, ai, a noite quando chega da faculdade, corta, cria outro hábito no lugar. Veja, que a maioria, muitos médicos dizem que é uma coisa saudável, que você faz para se conhecer, que tem problema nenhum, mas nós cristãos sabemos que nem tudo que eu posso me convém. E o sexo é uma coisa linda e pura demais, pra você ficar se acabando no banheiro, debaixo de algum lugar, na cama, fazendo afoito, se matando com as mãos, sendo que tem um casamento com sexo – ALELUIA! – que espera por você. Pode ser que todo mundo diga – ah, todo mundo faz, é normal – mas você não é todo mundo. Você é um cristão, que supostamente quer ser puro, ter pensamentos elevados, esperar pelo que Deus fez pra você. Se é assim, tá na hora de enfrentar este problema antes que ele vire um vício. E se ele virou um vício, talvez até procurar ajuda profissional, porque tem coisa muito melhor do que se matar no cinco a um, né?

Eu ia falar para vocês comentarem sobre a sua experiência, mas... acho que você não vai querer né, mas se você quiser, o espaço dos comentários está aberto. A gente se vê no próximo vídeo, curta, compartilhe e se inscreva no canal.

Anexo H – Fabiana Bertotti – O cristão e a política

O cristão e a política	Canal: FB

Oi, oi, oi, tchuchucos. Sabe que eu tava tentando fazer uma faixa, do tipo “vote em mim”, para gente poder falar de políticos hoje. Não. Gente, eu tenho de confessar pra vocês que no passado eu quis muito entrar pra política, é assim, a partir dos quinze anos assim, eu era meio comunistazinha, sabe, eu queria entrar no partido da minha cidade, um professor super incentivou pra eu ser candidata à vereadora, e tinha um partido forte que estava recrutando na escola, e eu pensei, gente, eu vou.

E eu gostava de política, gosto bastante ainda, mas minha mãe não deixou, né, porque falou que não era coisa de crente. Ai eu não fui, fiquei frustrada e devo confessar que, quando eu vi a Dilma subindo a rampa do Palácio da Alvorada, na Esplanada, no dia da posse [chorosa], me deu um comichãozinho e eu pensei “podia ser eu, a primeira presidenta do Brasil”. Vocês votariam em mim? Vai, diz que vota! Vota na Fabi!

E agora que estão chegando as eleições, aí no Brasil, tá um burburinho, pessoas debatendo, e crente pode se meter com política?, não pode? Muita gente perguntou deste assunto então eu resolvi falar sobre crente e política.

Gente, pra começar, você é cidadão deste planeta, certo? A gente tem aquela coisa assim, a do mundo, eu não sou do mundo. Então você é de onde? Você é da Terra, filho, logo você está envolvido nestas questões que têm a ver com a realidade do seu bairro, do seu estado, do seu país. Um crente, antes de tudo, deve ser responsável politicamente. Porque a gente começa a falar mal de política e confunde política com politicagem, que é aquela baderna que acabam fazendo e às vezes dá tudo na mesma mesmo.

Só que o crente se esquece que ele é responsável socialmente falando. A Bíblia diz “daí a César o que é de César, daí a Deus o que é de Deus”. Uma clara demonstração de que o que é devido ao governo, ao governo se vê. A gente tem também citação em Pedro, em Romanos falando para respeitar as autoridades instituídas porque a gente não é um bando de rebelde sem causa, ai, se tem política eu sou contra. Foi o Che Guevara que disse “si hay gobierno, soy contra”. Acabou se dando mal lá na Bolívia né.

Não tem um problema um crente de que se atenha a questões políticas. Mas, vale lembrar também que na hora de ser responsável em relação à política, não vale nada você ficar criticando quem gosta de política, ficar descendo a lenha porque são as coisas deste mundo e nós não somos deste mundo e nem se lembra pra quem votou para deputado na última vez, nem pra presidente. Nem pra vereador.. vereador muito menos né.

Ai a pessoa não sabe para quem votou, não cobra de seus representantes, não é socialmente ativo e vem dizer que isto é responsável, que é mais crente, você acha que você é mais crente que os outros porque está alienado? Você não é mais santo... Você só é... mais besta. Porque se você não se envolve, se você não está atento às questões do seu país, você perde muito, inclusive em ficar atento às leis que dizem respeito a sua fé, que podem influenciar

no culto, que pode influenciar em leis que têm a ver com ética, que têm a ver com liberdade cristã, então estar atento à política é uma obrigação também do cristão.

Agora, isto não quer dizer que ele tenha que se candidatar por exemplo. Não que isto seja proibido. E aí as pessoas começam a falar, “ah, mas lembra de Daniel, lembra de José, que tiveram cargos políticos”. Gente, imagina né, Daniel panfletando “aê, galera de Babilônia, vote em mim, Nabucodonosor tem o meu apoio!”, imagina José “gente, é o seguinte, eu sou o segundo do governador, do Faraó aqui, vote em mim, vou dar ali, ó, tenho estocado trigo que eu guardei por sete anos, se você votar em mim”. Não né. Eles não fizeram campanha, eles foram colocados naquelas posições por sua integridade, por seu caráter, no caso de Daniel ele foi meio que obrigado mesmo né.

Então não adianta comparar estes exemplos que a gente tem de governantes importantes com os políticos atuais que vão fazer campanha. Uma coisa para a gente pensar bastante, para o crente que quer se candidatar pensar, é se ele realmente vai fazer diferença lá. Porque sejamos sinceros. Quanta diferença você vai conseguir fazer lá dentro, em uma casa que muitas vezes é supercontaminada com corrupção, por né, estes problemas tudo aí que a gente sabe. Às vezes é mais vantagem a gente atuar politicamente fora do que estando lá dentro, do que tendo que se contaminar.

É uma coisa a se pensar. “Ah, então quer dizer que a gente não dá pra se meter em nada que tem corrupção?”. Não é isto. Às vezes a gente tá no mundo que é de pecado, tem um monte de gente fazendo coisa errada e a gente é obrigada a estar nele, mas você precisa voluntariamente se candidatar e ter que correr tantos riscos para a sua fé e para a sua ética para ter um cargo político? E daí vale aquela pergunta: pra quê mesmo que você quer ser político? Não minta pra mim que Jesus vai queimar você. É.

Porque tem um monte de eu conheço que quer ser político só pra mamar nas tetas do governo, não está minimamente interessado no bem estar social e ainda USA O PÚLPITO para fazer campanha, gente! Uó, né? Que vai descer fogo do Malaque e vai consumir este negócio. Onde já se viu usar o púlpito de igreja pra fazer campanha? Peraí né gente, lugar sagrado, o objetivo é outro.

Sem falar de uns candidatos aí que fica aí falando “irmão, porque crente tem de votar em crente” e fica usando a Bíblia, manipulando a Bíblia pra forçar outras pessoas menos instruídas a votar nele porque ele é da mesma igreja. Que ó né. Aí você de repente é pastor e quer se candidatar. Um pastor escreveu pra mim, querendo se candidatar, o que eu achava, como se fosse muito importar a minha opinião, né?

Mas eu fico pensando. Pastor, se o senhor é pastor e tem uma função espiritual de cuidar de seu rebanho, de cuidar de sua igreja, e você vai se envolver com política, que vai demandar supertempo, que vai demandar superdedicação, você vai ter tempo para as coisas espirituais e continuar se dedicando à sua igreja? Acho que não.

Agora, é bom lembrar, o crente lembrar, que o respeito às autoridades constituídas é um dever como cristão. Porque é fácil falar mal, mas quantos de nós ora pelo prefeito de sua cidade, pelo governador, pelo presidente. Se você não ora pelo seu líder você já está meio que

sem direito de descer a lenha nele depois. Se você não acompanha os projetos dele, quais foram as promessas, se ele tá cumprindo, você também está meio sem direito.

E na hora de votar, você não precisa votar em quem é da sua igreja, em quem é crente como você, porque muitas vezes só quer usurpar deste curral político que é o meio protestante, que é o meio evangélico, mas não tem nada da filosofia evangélica de ser. Escolha seu candidato pela idoneidade, pelo caráter, não pelo partido, por ser mais famoso, por ser mais bonito ou por parecer mais santo. Escolha pelos projetos que ele já realizou, procure saber quem são os candidatos de sua região, saber o histórico deles.

Nós, como cristãos, temos a obrigação de escolher líderes mais corretos, mais íntegros para compor a alta coorte do nosso país, para compor a Câmara, o Senado, é nossa obrigação escolher as pessoas pelo seu caráter. “Ah, mas meu candidato é superlegal mas não tem chance de vencer”. Você só vai votar por quem tem chance de vencer? Não, você vai votar porque como cristão escolhe por princípios. Escolhe por caráter. Escolhe por histórico.

Esta pessoa apoia a vida? Esta pessoa é honesta? Esta pessoa tem uma família e se valoriza com valores que você valoriza? A gente tá cansado de tanta corrupção, de tanta sujeira, de tanta coisa suja. Nosso país é conhecido como um dos mais corruptos. Isto é nojento. Agora, você como cristão fica aí achando que política é toda suja mas também não faz a sua parte em eleger candidatos honestos. Ou então vota com estes crentes safados que quer só se misturar com aquela banda de roubalheira e finge que é crente pra conseguir voto dentro da igreja pra depois se misturar com os agentes do capeta lá no Congresso também.

Você é crente, você tem de ajudar a construir o seu país e colocar no poder pessoas que sejam idôneas. Se não venceu, beleza, mas a sua parte você fez, que foi escolher pessoas que valham a pena ser votadas. Agora, tem solução? “Ah, Fabi, então vamos todo mundo se envolver em campanha, virar cabo eleitoral”. Olha, de verdade, minha opinião é que não tem solução. Porque eu acredito num outro reino, acredito que Jesus tá voltando, acredito que aqui na Terra a coisa tá degradada e vai de mal a pior mesmo, mas...

Cristo quando esteve aqui várias vezes teve de se esquivar da multidão que queria colocar ele em posição política efeitava e ele mostrou para a gente que não é este o interesse dele. Era estabelecer um outro reino, um outro governo. Ainda assim ele respeitou as autoridades constituídas da sua época, e deu um grande exemplo mostrando não estar alienado ao que acontecia ao seu ponto, as situações que as pessoas sofriam.

As eleições estão chegando. Você que é crente escolha com consciência, mas escolha com oração também. Você tem a chance de colocar no poder pessoas que vão se importar com os outros cidadãos, com os seus irmãos. Mas não se esqueça: querendo ou não ser candidato, sendo candidato ou não, que a gente tem um reino espiritual a buscar e ajudar a construir. Isto é mais importante do que tudo. Se de repente você está querendo entrar na política mas você sabe que a política pode te corromper, você sabe que estando lá dentro você pode deixar os seus valores, bom, mais importa servir a Cristo que aos homens.

Espero que a nossa discussão tenha feito você refletir um pouquinho sobre isto. E me conta a sua opinião, afinal de contas, você pode discordar de mim. Aqui embaixo, nos

comentários, você pode escrever o que você pensa, marcar os seus amigos e continuar esta conversa. Vamos conversar mais a respeito disto.

Dá joínha para curtir, compartilha e se inscreva no canal para não perder nenhum vídeo.

Voltando: vote em mim! Não, não vota em mim não, mas você pode comprar o meu livro, tem o *link* aqui embaixo, eu vou contar pra você de quando eu queria ser política tá? Compre o Submissa aqui na lojinha e ajude a divulgar o meu trabalho.

Um beijo!

Anexo I – Fabiana Bertotti – O cristão e os homossexuais

O cristão e os homossexuais	Canal: FB

Oi, oi, oi, sejam bem vindos ao vlog da Fabi. Tem uma mensagem subliminar ali atrás, aquele ponto cor de rosa (o fundo é uma prateleira de livros desfocada), acho que tá embaçado né, é meu livro. Meu marido me falou pra eu fazer uma coisa útil neste espaço, e uma coisa útil é vender o meu livro e se você não conhece o meu livro, pode acessar aqui em baixo, e tem um link pro meu blog, e você pode comprar meu livro Submissa: todos tem um dono. Lancei faz só um ano, sou escritora independente [hj assinou com uma editora] –funga como se fosse chorar – e você pode comprar lá e depois me contar o que achou, tá bom?

Outro dia eu tava falando em uma palestra e uma mãe veio dizer o que fazer com a filha que era gay, era lésbica, que por amor à igreja e por amor à sociedade, a tudo que representava, ela expulsou a filha de casa, a filha tinha apenas 15 anos, e ela me perguntou, mandou um bilhete perguntando se tava certo. Pois é, as pessoas me perguntam este tipo de coisa. Eu procurei a pessoa responsável pra identificar a mãe lá no meio, e a gente conseguiu no final do dia, ela conseguiu achar a pessoa e esta mãe veio dizer pra mim que não podia acatar ou ter em casa uma pessoa gay. Já muitas pessoas me perguntaram a respeito disto, eu sempre ficava, ah, não vou falar deste assunto porque gera tanta polêmica, porque... mas quer saber, eu vou falar também...

Queria saber o que é que vai na cabeça de uma pessoa que se diz cristã maltratar uma pessoa, discriminar e expulsar do seu meio por causa dela ser gay. Ah, então a Fabiana acha que a Bíblia... nãh, para aí, parou, parou.

Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Eu Fabiana, cristã evangélica, adventista do sétimo dia, que acredito que a Bíblia é regra de fé e tudo mais, você também está ciente disto, acredito que práticas homossexuais sejam pecados. Ponto. Só um ponto.

Agora, se eu tenho amigos homossexuais, tenho. Alguns, muito queridos, muito amáveis, muito divertidos. Ah, então você apóia os homossexuais? Eu apoio qualquer ser humano.

Esse é um assunto delicado, principalmente quando a gente fala em âmbitos de igreja, porque as pessoas se acham santas demais para conviver com os pecados, aí elas acham que expulsar as pessoas, maltratar, falar mal, cochichar, discriminar, expulsar do seu convívio é mais santo do que acolher, do que ir até estas pessoas.

Veja, eu não tou dizendo que eu seja a favor de práticas homossexuais. Mas eu tenho amigos gays, por exemplo, que não vivem em práticas homossexuais. Eles têm atração física por outros homens ou outras mulheres, no caso de mulheres, e eles não prática sexual com estas pessoas por entenderem que não é da vontade de Deus. Embora a vontade esteja dentro delas.

Eu não sei explicar todos os fatores que fazem uma pessoa hétero ou homossexual. Tem aí fatores psicológicos, fatores hormonais, fatores de criação, têm traumas e tem por experimentação. Tem gente que adora experimentar né. Experimenta *spaghetti,* experimenta outro sexo, experimenta... enfim, tá uma modinha assim também, todo mundo tem que ser gay, daqui a pouco vai ser proibido ser hétero.

A questão não é esta. A questão é que você não é mais cristão do que aquela pessoa que tem uma opção – sei lá como se chama isto de verdade, se é opção. Enfim, a questão é que se você é cristão você não está seguindo a Cristo discriminando, rejeitando uma pessoa porque ela vive de modo diferente.

Ah, mas você apóia práticas homossexuais... não, eu não apoio homem transar com homem, mulher casar com mulher, pelo simples fato que eu sigo a Bíblia e a Bíblia diz que é pecado. Ponto.

Daí eu tratar mal estas pessoas, rejeitar, não viver com elas? Isto não é ser cristão.

Estas mesmas pessoas esquecem que o Jesus que elas pregam, que elas defendem para agredir estas pessoas, é o mesmo Jesus que naquele tempo andava com as pessoas excluídas da sociedade. Andou com prostituta, andou com coletor de impostos, andou com pessoas que não eram consideradas dignas naquele tempo e naquela sociedade.

De repente você vai estar aí tacando pedra, resolveu que virou mal de mim e não fala mais comigo. Mas para e pensa só um tiquinho: tem pecadinho e pecadão, gata / gato? Não tem. Existem diferentes consequências para os atos pecaminosos, beleza, é outra história, mas na hora do frigir dos ovos, de botar na conta, pecado é pecado. Falar mal dos outros é pecado, prática homossexual é pecado, discriminar as pessoas é pecado, matar alguém é pecado, comer demais é pecado – aaain.

Você não tem o direito de sair condenando uma pessoa, fazer piadinhas infames, destratando e se justificando na Bíblia para isto. O Deus da Bíblia é um Deus de amor. A menos que você for um cara santo, transladado, tá santo e tá fazendo o que assistindo vídeo do YouTube né?

Eu ia falar sobre isto porque eu sei que existe muito tabu, as pessoas têm um receio de falar no assunto. Nas igrejas é um problema quando se trata, ai, pode ou não pode homossexual... Gente, um ser humano é um ser humano. Você não tem o direito de impedir que uma pessoa entre na sua igreja porque ela é homossexual ou não, que ela dê o testemunho dela por ser homossexual ou não.

Existem pessoas que dizem ter gostado por um tempo, se arrependido disto, voltado, mas o problema é que ela chega na igreja e encontra pessoas tão ruins, condenando e às vezes o pecado é mais confortável né.

Eu quero dizer pra você, você pode até ficar bravo comigo, mas desculpa, você que maltrata um homossexual, que faz piadinha infame, que discrimina, você não é mais cristão ou mais santo que ele, ou ela. E se você é crente você é uma pessoa que se considera do bem, de Deus, peça orientação a Deus para saber como lidar com essas pessoas.

Porque todo mundo quer amor, todo mundo quer se bom tratado, e se e o seu amigo gosta de menino, gosta de homem, a tua amiga gosta de menina e quer ouvir uma palavra de conforto, de alento, ame esta pessoa, não precisa compactuar com as práticas dela, não precisa apoiar e dizer – ó, beleza, é isto mesmo, vamos lá, o mundo é arco-íris. Não é isto. Mas você também não precisa jogar pedra nela.

De repente a pessoa sofre um dilema terrível para lidar com esta escolha que ela fez ou com esta herança que ela recebeu e você com seu comportamento só mostra pra ela que ser cristão não vale a pena. Tendeu?

Simplificando: a Bíblia não apoia a prática homossexual, de relação sexual, mas a Bíblia condena veementemente destratar ou maltratar outra pessoa, ainda mais se ela está

buscando a Deus, se ela está procurando na igreja ou na comunidade, um alento, um refrigério para encontrar com Jesus. Não vai ser você um tropeço no meio do caminho né? Combinado então?

Se você gostou deste vídeo você dá joínha aqui embaixo, ajuda a compartilhar e divulgar. Se você quiser ver os outros *vlogs*, é só olhar aqui embaixo, está tudo separado por *playlist*. Olha que pessoa organizada, gente! Um beijo pra você e até nosso próximo encontro.

Anexo J – Fabiana Bertotti – Você é um crente legal?

Você é um crente legal?	Canal: FB

Oi, tá esperando oque? Que eu diga que é lindo, Santo? Não! Você é pecador, você pecou e a bíblia está dizendo que todos pecaram e carecem da glória de Deus. Sim! Você pecou, é pecador e não merece. Não merece mas Jesus morreu por você, não devia mas morreu por você também. Mas você o que que faz? Você continua pecando, pecando e pecando e você acha que merece a salvação? Não! Você não merece. E faz o seguinte, se você acha que tem alguma chance de você fazer o que é certo, então comece a guardar a lei. É o mínimo que você pode fazer para compensar à Cristo pelo sacrifício que ele fez por você. Mas não! Você não guarda a lei, e sabe o que você faz? Você peca de novo! E você está ai tentando fazer o que é certo pra poder ir pro céu, deixa te falar uma coisa, a lei não te salva. Você está condenado! E o salário do pecado você já sabe o que que é, é a morte, Você tem que morrer! Mas sim, existe salvação pra você, mas muito difícil porque você é pecador desgraçado, mas existe a salvação que é Cristo, Jesus que morreu na cruz por você. Mas já que Cristo morreu por você o mínimo que você pode fazer, é tentar guardar a lei pro poder agrada-lo em gratidão por tudo que ele fez por você. E você quer saber como ser salvo e o plano da salvação? Então você leia a bíblia e se você não entender então você leia de novo, porque não é mesmo pras pessoas assim como você! Mas esse é o plano da salvação e é isso que eu vim falar pra vocês hoje, a verdade, você pecou, você é um desgraçado, Jesus teve que morrer no seu lugar, pra poder te livrar do pecado e agora você fica ai pecando, mas se você quiser parar de pecar, você tem um caminho, um mapa pra poder seguir a verdade e fazer o que é certo! Tá? Essa é a verdade da mensagem da salvação.

Oi, oi, oi! Tchutchucos! Eu vim aqui falar pra você hoje que é pecador. É porque assim a bíblia diz que todos nos pecamos e carecemos da gloria de Cristo. Pois é, eu e você somos pecadores, mas deixa eu te contar uma boa novidade; Jesus Cristo já morreu, ele já pagou o preço do pecado porque o salário do pecado é a morte, se você peca você tem que morrer pra pagar o pecado, mas olha só, Cristo pagou pelo seu pecado então agora você é livre, e porque você é livre, você quer agradece-lo por todo esse sacrifício que ele já fez por você. E uma maneira de agradece-lo é fazer o que ele te pede, que é guardar a lei, a lei santa, pura que ele deixou para te proteger, pra te guardar. É difícil fazer tudo certo, ele sabe disso, por isso ele deixou instrução pra você, ele deixou a bíblia. Te orientando, porque ele sabe quando você cai tem pra onde voltar, porque ele te ensina a como fazer o certo, como fazer a vontade dele. Porque antes mesmo de você pecar ela já tinha um plano maravilhoso elaborado pra você que é filho dele! Nós somos todos filhos deste pai celestial que nós ama, que se importa com agente, que não está preocupado com nada que você fez no passado, desde que agora você o aceite, queira ser filho dele, queira obedece-lo, queria ficar do ladinho dele. E você não sabe como fazer isso porque se acha pecador demais? Todo mundo é pecador demais! Então ele deixou sua palavra e você pode falar com ele, pode orar, você pode falar diretamente com Deus do

universo que vem até aqui, do nosso tamanho do nosso mundinho contaminado pelo pecado pra dizer que te ama, que está te esperando, quer você do lado dele, não é maravilhoso?

A mesma verdade pode ser falada de uma maneira ou de outra, a sua língua pode ser usada para abençoar ou amaldiçoar. A mensagem é a mesma, vai depender do jeito que você vai falar para as pessoas.

Eu quero fazer uma campanha com você! Porque a maioria das pessoas as vezes não conseguem vir a Cristo, porque a mensagem que elas recebem é de crentes não muito legais, de pessoas querem falar só da dor da dificuldade e do quanto elas são pecadoras. Pois bem a gente é pecador mesmo, mas tem um Deus que já ofereceu a salvação. Então eu quero convidar você pra fazer parte do meu time de crente legal, é isso mesmo, #crentelegal, pra quando você for pregar para seus amigos ou falar ao mundo, pra pessoas que você conhece. Você pode mostrar que ser crente não é uma coisa chata, não é ser duro, não é falar de maldição pras pessoas. Você pode ser um “crente legal” e falar do quanto a palavra da salvação traz esperança, traz alegria e traz de novo a vida que você perde pecando.

Quem está comigo na campanha “crente legal”? levanta a mão, e twitta com a “hashtag” e põe no face com a “hashtag”. Vamos criar um movimento de pessoas que conhecem a salvação e sabe que ser de Cristo é ser um “crente legal”, combinado?

Curta e compartilhe com seus amigos e se inscreva no canal pra não perder mais nenhum vídeo hein?! e espero por você na próxima semana.